

CARLA MARIA BASTOS DOS SANTOS

**OS SUFIXOS -ÇÃO E -MENTO NA CONSTRUÇÃO
DE NOMES DE AÇÃO E DE PROCESSO:
CONTRIBUIÇÕES À PRÁTICA LEXICOGRÁFICA**

PORTO ALEGRE

2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA**

**OS SUFIXOS –ÇÃO E –MENTO NA CONSTRUÇÃO
DE NOMES DE AÇÃO E DE PROCESSO:
CONTRIBUIÇÕES À PRÁTICA LEXICOGRÁFICA**

CARLA MARIA BASTOS DOS SANTOS

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. SABRINA PEREIRA DE ABREU

PORTO ALEGRE

2006

CARLA MARIA BASTOS DOS SANTOS

**OS SUFIXOS –ÇÃO E –MENTO NA CONSTRUÇÃO DE NOMES DE AÇÃO E DE
PROCESSO: CONTRIBUIÇÕES À PRÁTICA LEXICOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, Especialidade Teoria e Análise Lingüística.

Aprovada em outubro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. MARIA DA GRAÇA KRIEGER (UFRGS e UNISINOS)

PROF^a. DR^a. ELISABETH ALVES (UnB)

PROF. DR. MATHIAS SCHAFF FILHO (UFRGS)

PROF^a. DR^a. SABRINA PEREIRA DE ABREU (UFRGS) – orientadora

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo, que guia a toda a verdade e tem revelado Jesus.

A Jesus, companhia constante e que deu acesso ao Pai.

A Deus, o Pai, pelo seu grande amor, pois vêm dele as oportunidades, o suprimento e a sabedoria. E tem me presenteado ao colocar pessoas especiais perto de mim. Agradeço a cada uma dessas pessoas, pois em muito contribuíram para a realização deste trabalho:

À Prof^ª. Dr^ª. Sabrina Pereira de Abreu, que tem me proporcionado reflexões sobre as questões lexicais e que, com seriedade e competência, orientou esta dissertação.

À Prof^ª. Dr^ª Elisabeth Alves, à Prof^ª. Dr^ª. Maria da Graça Krieger e ao Prof. Dr. Mathias Schaff Filho, que se dispuseram a contribuir com este trabalho, participando da Banca Avaliadora.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Vera, que têm sido base sólida, exemplo e incentivo a sempre ir além.

À D.Wanda e à Ângela, que partilharam comigo cada dia do período de Mestrado e têm me dado o suporte necessário para a realização deste estudo.

À Prof^ª. Dr^ª. Avani de Oliveira, à Prof^ª. Dr^ª. Gisela Collischon, ao Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt, à Prof^ª. Dr^ª. Laura Quednau e à Prof^ª. Dr^ª. Valéria Monaretto, docentes do Mestrado em Estudos da Linguagem, área de Teoria e Análise Lingüística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao Prof. Dr. Fernando Setembrino Cruz Meirelles, ao Prof. Dr. Antônio Carlos Stringhini Guimarães (*in memorian*), à Prof^ª. Dr^ª. Sara Viola Rodrigues, à Simone da Costa

Saldanha e demais dirigentes da UFRGS, que, por valorizarem a qualificação dos servidores, permitiram-me afastamento do trabalho para a realização do Mestrado.

À Rízia, à Reicla, à Cláudia e à Graciela, que com sua compreensão têm me apoiado e com seu crescimento têm me ensinado a, mais e mais, depender de Deus.

Ao Erasmo, ao Moisés e ao Celso, que têm me sustentado com oração, ensino e ajuda prática.

À Daniela, à Patrícia, à Luciane, à Evelyne e à Carla, colegas do Mestrado, e também à Núbia, ao Leandro e à Célia, por participaram das discussões sobre Morfologia Construcional.

À Margarete, à Helenara, à Cláudia, ao Rodrigo, à Márcia e aos demais colegas-amigos da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, que têm participado deste importante momento da minha carreira profissional.

Muito obrigada.

RESUMO

A metalexicografia, como abordagem reflexiva e crítica da prática lexicográfica, leva ao aprimoramento e à atualização da obra dicionarística. Nessa perspectiva, e por reconhecer a necessidade de embasamento lingüístico à elaboração dos verbetes afixais, o presente estudo visa trazer uma contribuição ao fazer lexicográfico mediante a observação e análise dos verbetes de –ção e de –mento. Esses sufixos, embora concorrentes na nominalização verbal, podem construir palavras sobre a mesma base aparente. Adotando como referencial teórico o modelo de Morfologia Construcional (CORBIN, 1987), especialmente em sua adequação descritiva, e aplicando-o a um corpus de 1.225 palavras recolhidas no Novo Dicionário Aurélio (2004) e do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2004), identificamos a existência de formas homônimas em português: os sufixos –ção₁, °–ção₂ (possível de ser atestado), –mento₁ e –mento₂ e as terminações –ção₃ e –mento₃. Os sufixos –ção₁ e –mento₁ constroem nomes deverbais com o sentido intrínseco (e predizível) de “ação ou processo de V”, em que as noções de “ação” e de “processo” dependem da subcategorização verbal (da base) e nominal (da nova palavra), segundo Borba (1996 e 2003). Algumas palavras assim construídas podem assumir novas nuances de sentido, relativas a processos semânticos derivativos (CHAFE, 1979). A partir dessa análise, sugerimos que essas e outras informações específicas que caracterizam cada um dos sufixos estudados sejam incorporadas aos respectivos verbetes afixais, considerando que muitas delas não são contempladas nos registros lexicográficos atuais. Em conformidade com a fundamentação teórica adotada, apresentamos, então, uma proposição dos verbetes de –ção₁ e de –mento₁ para dicionários vernaculares.

ABSTRACT

The metalexigraphy, as a reflexive and critical approach to the lexicographical practice, leads to the perfecting and updating of the dictionary work. In view of that, and recognizing the need of a linguistic base for the elaboration of the affixal article, the present study aims to bring a contribution to the lexicographical practice by means of the observation and analysis of the articles of *-ção* and of *-mento*. These suffixes, although competitive in the verbal nominalization, can build words on the same apparent base. Adopting as theoretical referential the model of Constructional Morphology (CORBIN, 1987), especially in its descriptive adequateness, and applying it to a corpus of 1.225 words extracted from the *Novo Dicionário Aurélio (2004)* and from the *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2004)*, we identified the existence of homonymous forms in Portuguese, namely: the suffixes $-ção_1$, $^o-ção_2$ (possible of being attested), $-mento_1$ and $-mento_2$ and the terminations $-ção_3$ and $-mento_3$. The suffixes $-ção_1$ and $-mento_1$ build deverbal nouns with the intrinsic sense (and predictable) of "action or V process", in which the notions of "action" and "process" depend on the verbal subcategorization (of the base) and nominal (of the new word), according to Borba (1996 and 2003). Some words built this way can assume new sense extensions, relative to derivative semantic processes (CHAFE, 1979). From this analysis, we suggested that these and other specific informations which characterize each one of the studied suffixes may be incorporated to the respective affixal article, considering that many of them are not contemplated in the current lexicographical registrations. In accordance to the theoretical basis adopted, we have presented a proposition of the organization for affixal articles of $-ção_1$ and of $-mento_1$ for general use dictionary.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Lexicologia, lexicografia e metalexigrafia	24
Quadro 02 – Observações quanto à identificação de –ção e de –ação no DEH	39
Quadro 03 – Propriedades gerais de –ção e de –mento	53
Quadro 04 – Sufixos –ção e –mento: propriedades convergentes	57
Quadro 05 – Especificidades do emprego de –ção	62
Quadro 06 – Especificidades do emprego de –mento	67
Quadro 07 – Características da Morfologia Construcional	69
Quadro 08 – Localização dos afixos nos níveis do Componente Lexical	72
Quadro 09 – Equação de uma RCP	75
Quadro 10 – Conteúdo de uma RCP (CORBIN, 1987, p. 502)	75
Quadro 11 – Acionamento de Regras Menores	78
Quadro 12 – Modalidades de aplicação de uma operação derivacional, segundo Corbin (1987, p. 503)	85
Quadro 13 – Informações Lexicais Afixais	85
Quadro 14 – Hierarquia das unidades gramaticais, segundo Chafe (1979)	88
Quadro 15 – Subcategorização verbal	90
Quadro 16 – Processos semânticos derivativos dos verbos, segundo Chafe (1979)	92
Quadro 17 – Subcategorização nominal, segundo Borba (2003)	94

Quadro 18 – Exemplo de concretização, conforme Borba (1996 e 2003)	95
Quadro 19 – Processos semânticos derivativos dos nomes	96
Quadro 20 – Organização dos dados conforme as bases aparentes	114
Quadro 21 – Classificação de –ção e de –mento em conformidade com a identificação das bases	115
Quadro 22 – Equação de uma RCP	124
Quadro 23 – Reconhecimento de RCPs e casos de homonímia	126
Quadro 24 – RC associada à RCP ₁	131
Quadro 25 - Paralelo entre as matrizes subcategoriais e a aplicação de regras construcionais	133
Quadro 26 – OS associada à RCP ₁	140
Quadro 27 – RSM ₁ associada à RCP ₁	145
Quadro 28 – RSM ₂ associada à RCP ₁	148
Quadro 29 – Informações lexicais afixais de –ção ₁ e de –mento ₁	161
Quadro 30 – Proposição do verbete de –ção ₁	193
Quadro 31 – Proposição do verbete de –mento ₁	196

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quantitativo do corpus recolhido	111
Tabela 02 – Quantitativo de palavras do corpus com remissivas “m.q.”/“V.”	111
Tabela 03 – Classificação das palavras conforme bases aparentes	129
Tabela 04 – Classificação das palavras construídas pela RCP ₁ conforme as matrizes de manutenção da subcategoria da base	140
Tabela 05 – Classificação das palavras construídas pela RCP ₁ conforme as matrizes de alteração da subcategoria da base por processo semântico derivativo resultativo	144
Tabela 06 – Classificação das palavras construídas pela RCP ₁ conforme as matrizes de alteração da subcategoria da base por operação de concretização	147
Tabela 07 – Noções semânticas atualizadas nos Nc construídos pela RCP ₁ a partir da aplicação da RSM ₂	147
Tabela 08 – Sentido predizível e sentido convencional dos nomes construídos pela RCP ₁ , conforme a subcategoria nominal inicial	149
Tabela 09 – Remissões a outras OMs constantes nos verbetes de palavras construídas com –ção ₁ e com –mento ₁ recolhidas no NDA e no DEH	150
Tabela 10 – Identificação de –ção ₁ no NDA e no DEH versus sua descrição na fundamentação teórica	166
Tabela 11 – Marca categorial de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	167

Tabela 12 – Representação fonológica de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	168
Tabela 13 – Referência à RCP/Relação Categórica de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	169
Tabela 14 – Referência à RCP/Operação Semântica de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	170
Tabela 15 – Referência à RCP/Paradigma Morfológico de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	172
Tabela 16 – Traços diacríticos de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	173
Tabela 17 – Restrições particulares de –ção ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	175
Tabela 18 – Identificação de –mento ₁ no NDA e no DEH versus sua descrição na fundamentação teórica	178
Tabela 19 – Marca categorial de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	180
Tabela 20 – Representação fonológica de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	181
Tabela 21 – Referência à RCP/Relação Categórica de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	182
Tabela 22 – Referência à RCP/Operação Semântica de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	183
Tabela 23 – Referência à RCP/Paradigma Morfológico de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	184
Tabela 24 – Traços diacríticos de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	186
Tabela 25 – Restrições particulares de –mento ₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional	187

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

A	Alomorfia
Adj	Adjetivo
af	Afixo
AI	Aplicador de Idiossincrasias
D	Disponibilidade
DEC	Dicionário Explicativo e Combinatório
DEH	Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.7
DUP	Dicionário de Usos do Português do Brasil
MST	Modelo Sentido-Texto
N	Nome
Na	Nome abstrato
Naa	Nome abstrato de ação
Nae	Nome abstrato de estado
Nap	Nome abstrato de processo
Nc	Nome concreto
NDA	Novo Dicionário Aurélio, versão 5.0
OD	Operação Derivacional
OM	Operação Morfológica

OS	Operação Semântica
PM	Paradigma Morfológico
RC	Relação Categorical
RCEP	Regras de Construção da Estrutura das Palavras
RCES	Regras de Construção de Estrutura Semântica
RCM	Règles de Construction des Mots
RCP	Regra de Construção de Palavras
RCS	Restrições Categorias e Semânticas
RSM	Regra Semântica Menor
SIL	Seleção e Inserção Lexical
T	Truncamento
TST	Teoria Sentido-Texto
V	Verbo
Va	Verbo de ação
Vap	Verbo de ação-processo
Ve	Verbo de estado
Vp	Verbo de processo
Vpp	Verbo de processo pronominal
X	variável

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 POR UMA METALEXICOGRAFIA CONSTRUTIVA	20
1.1 TEORIA LEXICOLÓGICA VS. PRÁTICA LEXICOGRÁFICA	20
1.2 ABORDAGEM METALEXICOGRÁFICA	23
1.3 AS DEFINIÇÕES DE –ÇÃO E –MENTO EM VERBETES DICIONARÍSTICOS ..	26
1.3.1 Dicionários teóricos	28
1.3.1.1 Quanto ao DEC	28
1.3.1.2 Quanto ao DUP	30
1.3.2 Dicionários vernaculares	33
1.3.2.1 Quanto ao NDA	34
1.3.2.2 Quanto ao DEH	36
RESUMO DO CAPÍTULO	45
2 DISCUSSÕES TEÓRICAS ACERCA DE –ÇÃO E DE –MENTO	49
2.1 OS SUFIXOS –ÇÃO E –MENTO	50
2.1.1 –ção e –mento: sufixos nominalizadores	50
2.1.2 –ção e –mento: propriedades convergentes	53
2.1.3 –ção e –mento: propriedades divergentes	57
2.1.3.1 O sufixo –ção	58

2.1.3.2 O sufixo –mento	63
2.2 A DESCRIÇÃO SUFIXAL SEGUNDO A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL ...	68
2.2.1 Os sufixos e sua localização no léxico	70
2.2.2 A participação dos sufixos na construção das palavras	74
2.2.2.1 O emprego dos sufixos nas RCPs	74
2.2.2.2 A atuação dos sufixos nas Regras Menores	77
2.2.3 A identificação dos sufixos	80
2.2.3.1 Os sufixos e a associação entre forma e sentido	80
2.2.3.2 As informações lexicais afixais	83
2.3 CRITÉRIOS PARA A DESCRIÇÃO DOS SUFIXOS	87
2.3.1 A subcategorização das bases	88
2.3.2 A subcategorização das palavras construídas	92
RESUMO DO CAPÍTULO	97
3 METODOLOGIA	101
3.1 SELEÇÃO DO CORPUS	101
3.1.1 Caracterização do NDA	102
3.1.2 Caracterização do DEH	104
3.2. METODOLOGIA DE RECOLHA E SELEÇÃO DOS DADOS	107
3.2.1 Extração dos dados	107
3.2.2 Organização dos dados	112
3.2.2.1 Categorias analíticas	112
3.2.2.2 Subcategorização das bases e das palavras construídas	116
RESUMO DO CAPÍTULO	119
4 ANÁLISE DOS DADOS	123
4.1 FUNDAMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS	123
4.1.1 O reconhecimento de RCP e a homonímia entre os formantes	124

4.1.2 Informações relativas aos itens afixais	130
4.1.2.1 Quanto à marca categorial	130
4.1.2.2 Quanto à representação fonológica	131
4.1.2.3 Quanto à referência à RCP a que se associam os sufixos	131
4.1.2.4 Quanto aos traços diacríticos	151
4.1.2.5 Quanto às restrições particulares	156
4.2 ANÁLISE DOS DADOS	162
4.2.1 Análise dos verbetes de –ção₁ no NDA e no DEH	162
4.2.1.1 O item afixal –ção ₁	163
4.2.1.2 As informações lexicais afixais de –ção ₁	166
4.2.2 Análise dos verbetes de –mento₁ no NDA e no DEH	176
4.2.2.1 O item afixal –mento ₁	177
4.2.2.2 As informações lexicais afixais de –mento ₁	179
4.3 PROPOSIÇÃO DOS VERBETES DE –ÇÃO₁ E DE –MENTO₁	188
4.3.1 Proposta de verbete de –ção₁	189
4.3.2 Proposta de verbete de –mento₁	193
RESUMO DO CAPÍTULO	196
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
REFERÊNCIAS	206
ANEXOS	210
ANEXO A – Verbetes relativos a –ção e a –mento (no NDA e no DEH)	211
ANEXO B – Palavras com –ção recolhidas no NDA e no DEH	219
ANEXO C – Palavras com –mento recolhidas no NDA e no DEH	231

INTRODUÇÃO

Apresentamos, aqui, um estudo dos sufixos –ção e –mento na construção de nomes de ação e de processo em português. A pesquisa assume um enfoque metalexigráfico na medida em que se concretiza pela reflexão crítica que advém da análise e da comparação da obra lexicográfica. Através desta investigação pretendemos fornecer material para a constante atualização e aprimoramento da Lexicografia a partir da reflexão sobre o léxico atual e, em especial, sobre seu registro dicionarizado, contribuindo, assim, com o fazer lexicográfico. Para tanto, consultaremos dois dicionários eletrônicos da Língua Portuguesa, ambos editados em 2004: o *Novo Dicionário Aurélio*, versão 5.0 e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0.7.

Concordamos com Biderman (2004), quando defende a inclusão de “*morfemas derivacionais e elementos de composição*” (e dentre eles os sufixos) como entradas lexicográficas, argumentando que “eles podem servir não só à criação de palavras novas como também a um melhor entendimento da constituição do léxico” (BIDERMAN, 2004, p. 187)¹. Entendemos que o registro lexicográfico de tais elementos permite um conhecimento mais aprofundado da língua, tanto aos usuários, que utilizam o dicionário como instrumento de consulta, quanto aos especialistas que adotam as obras dicionarísticas como fontes de dados e de informações para pesquisas no âmbito dos estudos lingüísticos.

Em razão disso, observamos verbetes de entradas afixais em obras lexicográficas vernaculares. Constatamos que tais verbetes mostram-se problemáticos, pois não contemplam

¹ Biderman (2004, p. 187) diz: “*Consideremos primeiro unidades menores que a palavra: morfemas derivacionais e elementos de composição. Até há alguns anos atrás, os dicionários não costumavam incluir esses elementos mórficos. De fato, não constituem unidades integrantes do patrimônio lexical. É, porém, útil para o consulente a inclusão destes formantes do léxico; eles podem servir não só à criação de palavras novas como também a um melhor entendimento da constituição do léxico.*”

todas as informações relativas à identificação, definição e exploração das propriedades dos respectivos itens constantes na nomenclatura dicionarística.

Para examinar o problema, faremos um recorte no universo de elementos afixais da língua, privilegiando os sufixos e, dentre estes, restringimo-nos a –ção e a –mento. A seleção de tal objeto de análise teve como critérios produtividade e proximidade semântica. Em termos de produtividade, esses dois sufixos são reconhecidos como nominalizadores altamente produtivos (ROCHA, 2003, p. 127). De outra parte, quanto ao que chamamos aqui de “proximidade semântica”, salientamos o fato de –ção e –mento serem identificados como sufixos concorrentes² (ROCHA, 2003, p. 112).

Se, por um lado, detectamos problemas nos verbetes sufixais, tal como se apresentam nas obras lexicográficas disponíveis na língua, então nos comprometemos, de antemão, com a proposição de alternativas de soluções às questões que serão levantadas. Em última instância, como um exercício metalexigráfico construtivo, a investigação que ora iniciamos deve culminar na proposição de textos lexicográficos que contemplem as informações necessárias à caracterização adequada dos dois sufixos estudados.

Partimos do pressuposto de que os verbetes dos elementos afixais devem conter informações de caráter específico, não-aleatório, em conformidade com as propriedades lingüísticas dos afixos descritos através de modelos teóricos adequados, os quais deverão ser responsáveis por proporcionar informações relevantes aos verbetes afixais, tanto em relação às propriedades dos formantes, quanto aos seus usos possíveis. Nesse sentido, é indispensável que identifiquemos quais são as informações relevantes e necessárias que devem constar nos verbetes sufixais. Assumindo a hipótese de que há traços formais e/ou semânticos responsáveis pela caracterização dos sufixos, perguntamo-nos quais são os aspectos que identificam –ção e –mento e se esses traços estão nas bases das palavras a serem construídas ou nos próprios elementos afixais.

Assim considerando, no primeiro capítulo salientaremos a natureza metalexigráfica da presente dissertação: após situarmos a lexicografia e a metalexigráfica no quadro dos estudos lingüísticos com ênfase no léxico, analisaremos, como prática metalexigráfica, os verbetes dos sufixos –ção e –mento nas obras dicionarísticas (Capítulo 1).

² Segundo Rocha (2003, p. 112), os “*SUFFIXOS CONCORRENTES são aqueles que, embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo tipo e/ou função*”. Voltaremos a essa questão no Capítulo 2, seção 2.1.2.

Os questionamentos e as reflexões acerca dos verbetes afixais analisados remetem-nos a um novo capítulo, onde traremos discussões teóricas sobre os dois sufixos (Capítulo 2). Nosso objetivo, ali, será descortinar a posição da gramática e da literatura especializada quanto a –ção e a –mento e, a partir daí, apresentar pressupostos teóricos que fundamentarão nosso trabalho. Em conformidade com Corbin (1987), pontuaremos noções da Morfologia Construcional que possam ser aplicadas especificamente ao estudo dos sufixos e, depois disso, recorreremos a Borba (1996 e 2003) e a Chafe (1979), no intuito de fundamentarmos a análise semântico-categorial da base verbal das palavras com –ção e com –mento, bem como dos nomes assim formados, verificando se há, aí, acepções de sentido possíveis de serem atualizadas pelos sufixos estudados.

No Capítulo 3, apresentaremos a metodologia adotada nesta pesquisa, revelando os procedimentos de seleção do corpus, de recolha e seleção dos dados (com ênfase nas características da extração eletrônica) e de organização dos dados, quando retomaremos as propostas teóricas apresentadas no capítulo anterior. A aplicação dos modelos teóricos adotados repercutirá tanto na identificação dos formantes de palavras –ção e –mento, como na elaboração de matrizes conforme as propriedades semânticas das bases e das palavras construídas com tais formantes.

O Capítulo 4 será reservado à aplicação dos fundamentos teóricos e dos procedimentos de análise. A identificação das características de –ção e de –mento à luz dos pressupostos teóricos anteriormente apresentados evidencia a relação entre os capítulos desta dissertação, permitindo a análise sistematizada dos verbetes desses sufixos em dois dicionários vernaculares, o que culminará, então, na proposição de verbetes de cada um desses dois sufixos. Como fechamento do trabalho, o Capítulo 5 trará as considerações finais, sendo seguido pelos anexos desta dissertação.

1 POR UMA METALEXICOGRAFIA CONSTRUTIVA

O objetivo maior deste Capítulo é revelar a natureza metalexigráfica da presente dissertação e, nesse sentido, encaminhar o trabalho ao estudo dos elementos afixais –ção e –mento. Para tanto, num primeiro momento procuraremos identificar as disciplinas Lexicologia e Lexicografia, enfatizando alguns aspectos que as distinguem e a forma como elas se relacionam (seção 1.1). A partir daí, teceremos algumas considerações acerca da metalexigrafia, salientando seu lugar nos estudos lingüísticos e as características da abordagem metalexigráfica (seção 1.2).

Na terceira parte do capítulo, dando início à prática metalexigráfica, faremos uma breve apresentação da descrição lexicográfica dos sufixos –ção e –mento, objeto de análise da presente dissertação (seção 1.3). Consideraremos o posicionamento de dois dicionários teóricos, o Dicionário Explicativo e Combinatório, proposto por Igor Mel'čuk e Zholkovsky, e o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco da Silva Borba. Culminaremos, então, com a descrição de –ção e de –mento em dicionários vernaculares, aqui representados pelo Novo Dicionário Aurélio e pelo Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

1.1 TEORIA LEXICOLÓGICA VS. PRÁTICA LEXICOGRÁFICA

Destinamos a presente seção a uma reflexão acerca de duas disciplinas que têm em comum o fato de se ocuparem com a descrição do léxico, fazendo-o, porém, de modo distinto. Falamos, aqui, da Lexicologia e da Lexicografia, procurando salientar a relação entre elas. É bem verdade que a lexicografia é historicamente anterior à lexicologia, posto que remonta aos

glossários latinos medievais³ (BIDERMAN, 2001, p. 17). Entretanto, foi com o desenvolvimento da lexicologia que o léxico recebeu tratamento científico, sendo investigados, também, os seus princípios gerais e mecanismos de sua estruturação (BARBOSA, 1986, p. 82 e 84).

Como “disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada”, a lexicologia envolve o “estudo complexo de fenômenos de fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática” (LORENTE, 2004, p. 19 e 20). De fato, é vasta a abrangência dos estudos lexicológicos e, da mesma forma, não são poucas as áreas de conhecimento que lhe fazem fronteira⁴. O que deve ser salientado com relação à lexicologia é, especialmente, a sua contribuição aos estudos lingüísticos a partir da proposição de diferentes perspectivas teóricas e da apresentação de modelos relativos a dados lexicais, que podem ser resultado da formulação de hipóteses sobre o léxico ou da sua interface com a lexicografia:

Desse modo, o lexicólogo, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos qualitativos ou quantitativos de um universo lexical, com bases empíricas, e, a partir desses dados, propor modelos que busquem descrever sua natureza e funções. (BARBOSA, 1986, p. 84)

As “bases empíricas”, mencionadas pela autora, referem-se diretamente aos dados dispostos nos dicionários, resultantes da prática lexicográfica, cujo “fundamento se baseia na representação da informação associada às unidades lexicais” (LORENTE, 2004, p. 29). A apresentação das informações vinculadas a cada elemento lexical envolve, também, a classificação desses, que deverá seguir critérios previamente estabelecidos. A definição de lexicografia aponta, assim, a duas direções: à prática dicionarística e à análise do fazer lexicográfico, como nos diz Niklas-Salminen (1997):

La lexicographie peut se définir à la fois comme le domaine qui a pour but de mettre en oeuvre les techniques pour confectionner des dictionnaires et comme la discipline qui propose une réflexion sur les méthodes qu'exige la confection des dictionnaires. On peut donc dire que la lexicographie est à la fois *une pratique* et *une science*. (NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 94)

Vemos que o autor considera tanto a confecção de dicionários, que caracteriza a lexicografia como uma “prática”, quanto a reflexão dos métodos utilizados, o que faz da lexicografia também uma “ciência”. De forma semelhante, Dubois (2001, p. 367) define a

³ Tais glossários são caracterizados por Biderman (2001, p. 17) como “listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antigüidade clássica e da Bíblia na sua interpretação”.

⁴ Conforme Biderman (2001, p. 16), entre as ciências que fazem fronteira com a Lexicologia, encontramos a Semântica, a Dialetoлогия, a Etnolingüística, e mesmo a Psicolingüística e a Neurolingüística.

lexicografia como “a técnica de confecção dos dicionários e a análise lingüística dessa técnica”.

Quanto à primeira parte dessa definição, a lexicografia é identificada como “a ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p. 17), sendo considerada por Lorente (2004, p. 29) como “a vertente aplicada da lexicologia”. Não podemos ignorar que, nesta concepção, a dupla lexicologia/lexicografia assume valores dicotômicos relacionados, respectivamente, à proposta teórica e à prática dessa proposta. Isso fica ainda mais evidente nas palavras de Martínez (2003, cap. 1.3), para quem “la diferencia entre lexicología y lexicografía hace referencia al estudio del marco teórico y al estudio del proceso de construcción de diccionarios de lengua general”.

Lara (2004) chama atenção ao fato de que a lexicografia não é uma teoria descritiva de análise de dicionários: enquanto ciência lingüística, ela os antecede, sendo caracterizada mais como uma metodologia que leva à construção de dicionários. Conforme o autor, “a lexicografia não *estuda um objeto*, mas oferece os métodos e os procedimentos para criá-los” (LARA, 2004, p. 149, grifo do autor).

Termos como “técnica”, “aplicação”, “arte” e “prática” circundam a identificação da ciência lexicográfica. Considerar apenas essa vertente prática da lexicografia, entendendo como seu objetivo final a confecção de repertórios lexicais, é decretar sua dependência direta de outras disciplinas lingüísticas, negando-lhe a autonomia científica. Fernández (2003, p. 34) diz que “essa manera de concebir la lexicografía niega, de entrada, su carácter científico, haciéndola subsidiaria de otras disciplinas capaces de desarrollar su propio ámbito teórico-metodológico basado en el conocimiento científico del lenguaje”⁵.

Vemos que o distanciamento entre teoria e prática revela um aspecto frágil da lexicografia. A carência de embasamento teórico a essa prática, que é vista em muitos dicionários, resulta em problemas que afetam a obra lexicográfica. É isso que leva Biderman (1978, p. 137) a declarar que “a lexicografía constitui, na verdade, uma antiga prática com pequena ciência”. Fato é que a lexicografia vai além da elaboração de dicionários, assumindo, também, a responsabilidade de análise da técnica dicionarística, segunda parte da definição apresentada por Dubois (2001), pois é necessária a fundamentação teórica à prática lexicográfica.

⁵ Registramos nosso agradecimento à Prof^a. Dr^a. Enilde Faustich, da UnB, por ter-nos enviado o texto de Fernández (2003).

Assim, embora com características distintas, que as identificam e consolidam como ciências linguísticas, lexicologia e lexicografia não se opõem entre si, antes, apóiam-se mutuamente, como “atividades complementares” (BARBOSA, 1986, p. 84). Um estudo lexicológico isolado, que não se fundamenta numa aplicação (que poderá ser lexicográfica), corre o risco de ser por demais genérico e superficial; por outro lado, a prática lexicográfica sem uma base teórica que a sustente gera inadequações e mesmo problemas de incoerência interna que podem pôr em xeque a validade da respectiva obra. É de suma importância, então, a relação entre o aspecto teórico e a abordagem prática.

Posto que a lexicologia ocupa-se do léxico de forma ampla, a vertente da lexicografia relacionada à análise dos dicionários aponta à demanda de estudos científicos especialmente voltados à prática lexicográfica. A lexicografia deixa de ser, então, simplesmente uma disciplina subsidiária da lexicologia, passando a desenvolver, com autonomia, seus próprios estudos, identificados como metalexicográficos. É sobre tal abordagem que trataremos na próxima seção.

1.2 ABORDAGEM METALEXICOGRÁFICA

Vimos, na seção anterior, que a lexicografia não é apenas uma técnica de elaboração de dicionários e que tampouco mostra-se como aplicação concreta da lexicologia. Ambas caracterizam-se como disciplinas de descrição do léxico, considerando-o, porém, de forma distinta. A definição de lexicografia abrange tanto um aspecto prático (o fazer dicionarístico), quanto o desenvolvimento teórico que o sustenta:

comprende la actividad práctica de la recolección del material léxico y la redacción de repertorios lexicográficos, fundamentalmente diccionarios; pero también la teoría general que orienta el trabajo práctico y todo un inmenso caudal de investigaciones que tienen por objeto al diccionario (FERNÁNDEZ, 2003, p. 38)

Essa dupla abrangência da lexicografia é corroborada pelo fato de estender-se, também, à Terminografia, definida por KRIEGER (2004, p. 332) como “lexicografia especializada”:

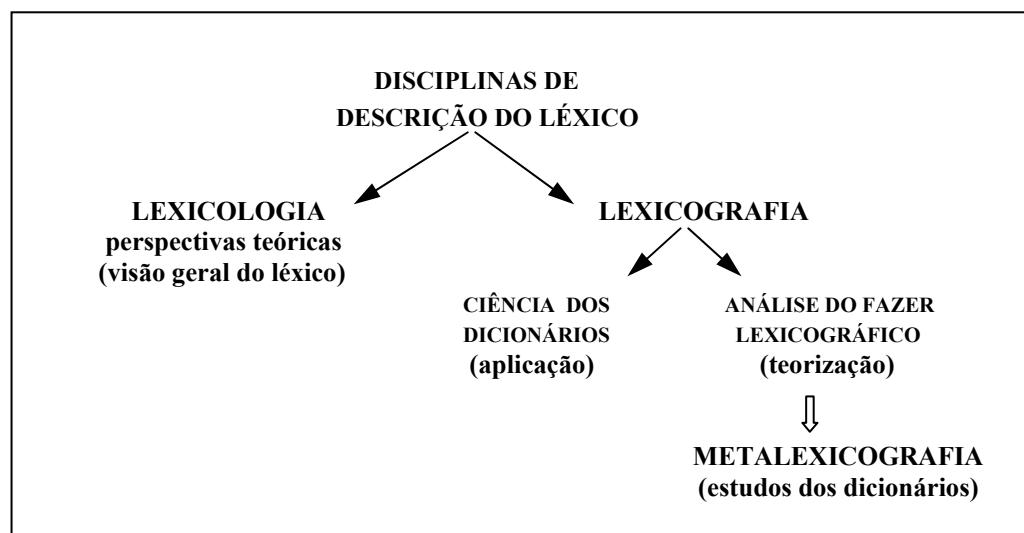
a Terminografia não é apenas como uma atividade prática, mas uma moeda de duas faces, tendo em vista que oferece subsídios teóricos para o estabelecimento de diretrizes metodológicas às aplicações terminológicas. Isso explica-se, pois diante da complexidade do fazer que toma a si, a Terminografia impulsiona importantes reflexões, particularmente, sobre os problemas de identificação e tratamento das terminologias. (KRIEGER, 2004, p. 332)

Se a terminografia, além da atividade prática, desenvolve também um aspecto teórico específico, ao tratarmos aqui acerca da lexicografia, verificamos que, de fato, há necessidade de uma abordagem dos dicionários que não se limita à sua confecção e que, por outro lado, tende a ser mais específica e dirigida ao fazer lexicográfico do que a teorização geral sobre o léxico. É identificada, então, a abordagem metalexigráfica:

Teoría lexicográfica, lexicografía teórica o metalexigráfica serán las denominaciones más usuales para ese componente teórico de la lexicografía, que muchos autores comienzan a emplear para diferenciarlo tanto de la práctica concreta o confección de diccionarios, como del ámbito disciplinario también afín, pero claramente diferenciado por sus objetivos y métodos, de la lexicología. (FERNÁNDEZ, 2003, p. 36, grifo do autor)

A metalexigráfica, então, como um ramo da lexicografia vem preencher a lacuna deixada pela necessidade de reflexão teórica específica sobre a prática dicionarística. O estudo lexicográfico requer uma maior especificidade e detalhamento da abordagem teórica do seu objeto do que o proposto pela lexicologia, dada a amplitude de abrangência desta.

Apresentamos de forma esquemática, no quadro a seguir, a localização dessas disciplinas de descrição do léxico que temos abordado:



Quadro 01 – Lexicologia, lexicografia e metalexigráfica

No Quadro 01, observamos que Lexicologia e Lexicografia são duas disciplinas do léxico. Enquanto a lexicologia é reconhecida como uma abordagem teórica do léxico, que se dá por uma visão ampla do seu objeto, a lexicografia revela-se por seu caráter aplicado e pela teorização dessa prática. O aspecto teórico aí desenvolvido volta-se especificamente ao fazer lexicográfico, identificado como metalexigráfica.

Conforme Fernández (2003, p. 43), são os estudos metalexigráficos desenvolvidos principalmente a partir da segunda metade do século XX que garantem à lexicografia a sua consolidação como disciplina científica autônoma⁶. É de se salientar, ainda, que no âmbito da metalexigrafia, muito mais do que a crítica às obras lexicográficas, situam-se tanto os princípios metodológicos que regem a confecção dos dicionários, quanto o estudo descritivo e histórico das obras dicionarísticas (FERNÁNDEZ, 2003, p. 44).

Hernández (2002, cap. 2.3) salienta que para Bergenholtz e Tarp (1995, p. 31)⁷, a metalexigrafia se ocupa basicamente de três aspectos ligados ao dicionário: seu uso, sua avaliação e a pesquisa sistemática dos dicionários. A observação do dicionário quanto ao seu uso pode apontar a novos modelos de acesso à informação. A avaliação dos dicionários requer o estabelecimento de critérios para sua realização e, em decorrência de tal avaliação, a revisão e atualização da obra lexicográfica avaliada. A abordagem sistemática, por seu turno, resulta na proposição de novas teorias e de novas metodologias lexicográficas.

De fato, não é pequeno o leque de abrangência da metalexigrafia, como nos mostra Quesada (2001):

La metalexigrafia estudia aspectos tales como la historia de los diccionarios, su estructura, su tipología, su finalidad, su relación con otras disciplinas (lexicología, sociolingüística, semántica, estadística e informática), la metodología de su elaboración y la crítica de diccionarios. (QUESADA, 2001, cap. 1.4.1)

Uma vez que compete à metalexigrafia todo estudo que de alguma forma se refira ao dicionário, entendendo-se este como obra de consulta em que são descritos os sentidos e usos das palavras (FERNÁNDEZ, 2003, p. 47), percebemos que é necessária (e mesmo inevitável) a relação da lexicografia/metalexigrafia com outras disciplinas. A interface da lexicografia com outras disciplinas lingüísticas não se traduz em “dependência” da lexicografia em relação a outras áreas, como já esclarecemos no que diz respeito à sua relação com a lexicologia.

É importante não esquecermos que o estudo metalexigráfico é, por princípio, associado à prática dicionarística. O dicionário, por sintetizar o produto de investigações de diversos campos do saber, seja nos itens repertoriados, seja nas informações veiculadas nos seus verbetes, constitui-se não só num instrumento de consulta que, na medida do possível, quer-se completo, a fim de atender às necessidades dos usuários da língua, mas apresenta-se,

⁶ Isso explica o fato, referido na seção 1.1, de a lexicologia ter se firmado como ciência antes da lexicografia, embora esta tenha suas origens nos glossários medievais.

⁷ BERGENHOLTZ & TARP. *Manual of Specialised Lexicography*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins: 1995.

também, aos olhos dos lingüistas e especialistas da linguagem, como fonte de pesquisa dos fenômenos lingüísticos.

Entendemos necessário trazer à discussão teórica neste capítulo as questões relativas à lexicologia, à lexicografia e, em especial, à metalexigrafia por ser sob a abrangência dessa última que enveredaremos nesta dissertação. A abordagem metalexigráfica que almejamos não se contenta em apontar problemas nos dicionários consultados, trazendo duras críticas aos registros lexicográficos que sabemos serem resultado de trabalho sério de equipes profissionais competentes. Queremos salientar aqui que este estudo metalexigráfico quer-se construtivo. Os comentários a serem feitos e os questionamentos que traremos levam-nos à busca de respostas, explicações e alternativas de soluções a serem propostas como contribuição ao fazer lexicográfico atual, em especial, ao registro de informações nos verbetes afixais.

O estudo metalexigráfico a que nos propomos tem por objeto de análise duas entradas afixais, as dos sufixos –ção e –mento, empregados na formação de substantivos deverbais na língua. Face ao que foi exposto, aqui, na próxima seção observaremos a descrição lexicográfica desses sufixos, dando início, assim, à nossa investigação.

1.3 AS DEFINIÇÕES DE –ÇÃO E DE –MENTO EM VERBETES DICIONARÍSTICOS

Antes de nos ocuparmos especificamente com a descrição de –ção e de –mento nos verbetes dicionarísticos, cumpre-nos tecer alguns comentários acerca do texto lexicográfico, que é identificado, nos termos de Lara (2004, p. 134), como “uma elaboração racional, informada e educada da língua”, um “fenômeno verbal complexo” (LARA, 2004, p. 135).

É bem verdade que, dadas a natureza dinâmica da língua, de um lado, e as características inerentes às obras lexicográficas, como o seu limite formal e a constituição do seu corpus, de outro, o real lexicográfico não reflete a totalidade do real lingüístico (CORBIN, 1987, p. 24). Ainda assim, os dicionários caracterizam-se como uma fonte de informação à disposição dos lingüistas, uma vez que permitem acesso objetivo às unidades lexicais⁸ e, da mesma forma, aos elementos que as compõem.

⁸ Corbin (1997, p. 81) define unidade lexical “comme une séquence linguistique associée ou associable de façon stable, hors contexte, à un sens et porteuse d’une catégorie qui l’autorise à occuper dans des énoncés une position syntaxiquement atomique”.

Entendendo que os elementos mórficos não são “unidades integrantes do patrimônio lexical”, Biderman (2004, p. 187) salienta a relevância de tais formantes⁹ no léxico, pois permitem uma melhor compreensão da constituição deste. A autora faz menção a “morfemas derivacionais” e a “elementos de composição”, distinguindo os formantes que geram palavras novas na língua daqueles que revelam empréstimos, seja do latim ou de outra língua moderna (BIDERMAN, 2004, p. 188). Frente à falta de sistematização na classificação desses elementos, a autora questiona a identificação de muitas unidades como elementos de composição, quando o melhor seria “identificar e manter aqueles que podem ser classificados assim” (BIDERMAN, 2004, 189).

De fato, veremos nesta seção que –ção e –mento nem sempre são apresentados como sufixos nas obras lexicográficas consultadas. Além disso, nem sempre se comportam conforme a classificação recebida, posto que não são claros os critérios adotados pelos dicionários examinados nesta dissertação no que se refere à distinção entre uma e outra modalidade de elementos mórficos. Tal problema revela a carência de fundamentação teórica por parte de alguns dicionários.

Tendo em vista as definições de –ção e de –mento em verbetes dicionarísticos, ressaltamos ainda que para Lara (2004) há espécies diferentes de lexicografia, uma que “atende às necessidades da taxonomia lingüística” e outra que “serve às necessidades do dicionário social” (LARA, 2004, p. 150). De forma semelhante, consideramos a existência de diferentes tipos de dicionários. Nesta dissertação, destacamos, de um lado, os dicionários teóricos, que assumem um caráter específico, coerentes com uma proposta teórica que os fundamenta e, de outro lado, os dicionários vernaculares, de caráter geral e que visam, não raro, à satisfação das necessidades dos usuários da língua. Isso faz com que a presente seção seja estruturada em duas partes: primeiramente nos ocuparemos dos dicionários teóricos (seção 1.3.1), verificando se há e como se dá o registro dos formantes das palavras no Dicionário Explicativo e Combinatório (MEL’ČUK e ZHOLKOVSKY, 1984) e no Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002); depois desses, abordaremos a descrição de –ção e de –mento nos dicionários vernaculares (seção 1.3.2), permitindo-nos uma descrição mais detalhada do que é disposto no Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) e no Dicionário Eletrônico Houaiss

⁹ Ao longo desta dissertação, daremos preferência ao termo “formante”, usado pela autora (BIDERMAN, 2004, p. 189), abrangendo segmentos de diferentes naturezas que formam as palavras, o que inclui sufixos, terminações ou quaisquer outros elementos de composição. Empregaremos o termo “sufixo” apenas em situações específicas, pois, como veremos na seqüência desta dissertação, nem todas as palavras terminadas por –ção ou por –mento são, de fato, construídas por sufixação.

da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2004), visto que o corpus para análise na presente dissertação é fornecido justamente por esses dois dicionários.

1.3.1 Dicionários teóricos

Os dicionários teóricos se caracterizam por serem claramente fundamentados numa teoria lingüística. Eles são ancorados em pressupostos teóricos que se refletem na sua organização e, inclusive, na apresentação das definições dos verbetes. O compromisso com a teoria que o sustenta é, no caso de um dicionário teórico, mais relevante do que as necessidades dos falantes da língua, ou, mais especificamente, de eventuais consulentes leigos.

Como veremos, nesses dicionários não há entradas relativas aos formantes das palavras da língua. A informação sufixal, por exemplo, é descrita apenas no corpo dos verbetes das palavras sufixadas. Isso decorre do fato de que tais obras visam a objetivos específicos. Dois dicionários teóricos serão considerados aqui: o Dicionário Explicativo e Combinatório (doravante DEC), proposto por Igor Mel'čuk e Alexandre Zholkovsky (1984), que trata apenas de um grupo pequeno de vocábulos a partir do comportamento desses na língua, considerando os aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonológicos (seção 1.3.1.1); e o Dicionário de Usos do Português do Brasil (doravante DUP), de Francisco da Silva Borba (2002), que se propõe a descrever o emprego das diferentes acepções das palavras na língua, explicando-as pelas suas possíveis valências¹⁰ (seção 1.3.1.2).

1.3.1.1 Quanto ao DEC

Como um dicionário teórico, o Dicionário Explicativo e Combinatório (DEC), de Igor Mel'čuk e Alexandre Zholkovsky (1984), é claramente fundamentado na Teoria Sentido-Texto (TST), que assume três postulados básicos, apresentados por Mel'čuk (1997, p. 4 - 6): (1) a língua é um sistema de regras que estabelecem a correspondência entre um conjunto infinito de sentidos (de Representação Semântica – RSem) e um conjunto infinito de textos (com uma Representação Fonética – RFon); (2) o Modelo Sentido-Texto (MST), como instrumento da

¹⁰ Valência, conforme Borba (1996, p. 15), é a “rede de dependências contraída pelos argumentos com relação ao predicado”.

descrição das línguas, deve reproduzir a correspondência entre o que um locutor quer exprimir e o texto que veicula esse sentido; (3) os sintagmas e as palavras são as unidades básicas (respectivamente, máxima, na Representação Sintática – RSint, e mínima, na Representação Morfológica – RMorf) da descrição lingüística.

A TST caracteriza-se como um estudo conjunto que se faz teórico e prático (de caráter lexicográfico), resultando na elaboração do dicionário. Devido à sua natureza explicativa e combinatória, o dicionário desempenha papel importante nessa teoria. São as informações semânticas constantes em cada verbete que garantem o caráter explicativo do modelo, ao qual se junta o caráter combinatório dado pelas informações sintático-lexicais. Todas essas informações relativas à unidade lexical (de cunho semântico, sintático, morfológico e fonológico) devem ser descritas no dicionário, que se quer exaustivo, capaz de permitir a construção de expressões que correspondam a qualquer possibilidade de uso e que apresenta a língua como um todo indivisível e não como fragmentos isolados (como, por exemplo, somente o aspecto semântico ou somente seu aspecto morfológico).

Uma vez que o modelo prioriza a possibilidade de expressão de um sentido através de todos os textos que o traduzam, a consequência lexicográfica disso é que, no caso do DEC, a definição se dá por paráfrase, quando o sentido dos lexemas é desdobrado em sentidos mais simples, por decomposição semântica, que, por um lado, aponta aos primitivos semânticos e, por outro, evita a definição sinonímica que faria redundar em circularidade entre as definições. Citamos as palavras de Mel'čuk (1997):

la sémantique Sens-Texte se consacre avant tout à la décomposition sémantique du lexique de la langue étudiée. Cette décomposition est effectuée selon des règles et des critères rigoureux, qui interdisent, entre autres, les cercles vicieux dans les définitions lexicographiques. En procédant de cette façon, nous tomberons inévitablement sur des **primitives sémantiques**, c'est-à-dire les sens langagiers indécomposables à l'intérieur de la langue. (MEL'ČUK, 1997, p. 31)

Assim, para definir um nome deverbal, não seriam usados outros deverbais de mesma base ou mesmo de base distinta, mas o próprio verbo. Em outros termos: a definição de uma nominalização nunca remete a outras formas nominalizadas, mas diretamente à ação verbal. De fato, Benoit & Leray (2001), ao refletirem sobre o MST, citam a nominalização, identificada por [S₀], como um “derivado sintático”, que conecta semanticamente um lexema a outro da língua, relacionando-os paradigmaticamente. Tal fenômeno é ilustrado pela nominalização de *acheter* (*comprar*), que resulta em *achat* (*compra*) na equação: “S₀ (*acheter*) = *achat*”.

Percebemos que, num dicionário desse tipo, definições meramente remissivas não são consideradas. Elas não só inexistem lexicograficamente, pois não há, no DEC, remissões como “V.” ou “m.q.”¹¹, como são criticadas, dado o caráter explicativo da TST que recorre à paráfrase explicativa dos itens lexicais e não à sinonímia. Ao associar um nome a um verbo, a exigência teórica é que seja informada, de forma clara, à qual acepção do respectivo verbo está-se referindo, evitando-se, assim, definições genéricas e, conseqüentemente, vazias.

Como vimos, esse dicionário teórico parte de noções lexicológicas claras e busca exaustividade e precisão nas descrições lexicográficas, a ponto de apresentar-se, na sua edição francesa, em quatro volumes que abrangem pouco mais de 500 palavras. Os elementos mórficos, porém, não são analisados como entradas separadas. Caso semelhante poderá ser observado na próxima seção, quando nos ocuparemos com outro dicionário teórico, elaborado especificamente para o português.

1.3.1.2 Quanto ao DUP

O Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUP), de Francisco da Silva Borba (2002), é nitidamente um dicionário teórico. A necessidade de uma teoria que oriente a construção de gramáticas e de dicionários é enfatizada pelo próprio autor, segundo o qual, dicionário é entendido como “arrolamento de como as regras da gramática estão sendo aplicadas termo a termo” (BORBA, 2003, p. 303). Para apresentarmos o DUP, recorreremos à declaração do seu autor:

Dado que, num dicionário de língua, o grosso da informação para o uso é, na verdade, de natureza semântica, sendo o sintático o suporte, só haverá condições de indicações controladas para o uso se se montar uma teoria gramatical que amarre a sintaxe e uma teoria contextual, que amarre a semântica. A primeira já foi feita (Borba, 1996). A segunda tem, pelo menos, seu roteiro, nessa tentativa de tipologia contextual. (BORBA, 2003, p. 140)

Percebemos aí a referência a duas obras teóricas que fundamentam a prática lexicográfica: de um lado, *Uma Gramática de Valências para o Português* (BORBA, 1996), como uma “teoria que amarra a sintaxe”; de outro lado, uma “teoria contextual, que amarra a semântica”, em referência à obra *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*

¹¹ As formas remissivas “V.” (ver) e “m.q.” (mesmo que) são encontradas, com relativa frequência, no Novo Dicionário Aurélio e no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, respectivamente, como será mencionado nas subseções 1.2.2.1 e 1.2.2.2.

(BORBA, 2003). A primeira obra mencionada aborda as relações de dependência entre os termos, relações essas que explicam as nuances de sentido possíveis na língua mediante a união da gramática de valências com a gramática de casos¹². A segunda obra, por seu turno, enfatiza a questão semântica, que se dá a partir do contexto de aplicação da unidade lexical, justificando, assim, o título do dicionário, pois é o uso que possibilitará a significação das palavras.

A diferença prática deste em relação a outros dicionários é que o DUP não trabalha com as palavras estanques, isoladas do seu contexto. Pelo contrário, ao dicionarista interessa verificar o comportamento das palavras nos textos e nos contextos em que são aplicadas (BORBA, 2003, p. 45), tentando “captar a significação ou sentido, isto é, a interpretação que cada item recebe dentro de sua ambiência” (BORBA, 1996, p. 139, grifos do autor).

Como dicionário teórico que prioriza o uso das palavras na língua, os afixos não são apresentados como entradas lexicais, já que não têm autonomia lexical. Eles são formas presas¹³ que interessam ao lexicógrafo – especialmente no caso dos sufixos derivacionais – por permitirem a ampliação e o enriquecimento do léxico (BORBA, 1996, p. 100)¹⁴. Conforme a proposta teórica do DUP, “os afixos acrescentam traços semânticos [às bases] ou alteram o valor do conjunto” (BORBA, 1996, p. 80), desempenhando papel importante na significação léxica. Além disso, eles podem, inclusive, ter “muitas acepções e muitas nuances significativas na maioria das vezes associadas às bases” (BORBA, 1996, p. 102).

Quanto à produção lexical, e em especial à estrutura mórfica formada por derivação, a atenção está centrada na combinatória dos afixos, sempre trabalhando com a palavra completa. Nos termos do autor: “por exemplo, verificar em que contextos se equivalem [...], em que contextos se contrastam [...], como se especializam os resultados” (BORBA, 1996, p. 80). Ilustrando casos de resultados que se especializam, cita *encanamento* e *encanação*, em que o

¹²A respeito da gramática de valências e da gramática de casos, o autor diz: “*E este aparato teórico (mais ou menos eclético) servirá para mostrar as relações sintático-semânticas no léxico, ou melhor, é um modelo centrado no léxico e, idealmente, tentará descrevê-lo por meio de regras de combinação, que dispensam as regras de estrutura frasal, como as de reescrita. Essa orientação norteará a montagem do dicionário de usos do português contemporâneo (do Brasil).*” (BORBA, 1996, p. 15)

¹³ Conforme Câmara Jr. (2001, p. 69), formas presas são aquelas “que só funcionam ligadas a outras (como *pro-de* proscreever, *prometer* etc.)”.

¹⁴ O autor explica as noções de ampliação e de enriquecimento do léxico: “o léxico se amplia pela simples criação de novas palavras e se enriquece quando as palavras são criadas para novas necessidades de comunicação” (BORBA, 1996, p. 82).

primeiro é identificado com o sentido de “tubulação que compõe a rede de água e esgoto”¹⁵ e o segundo assume o sentido de “preocupação, inquietação”¹⁶.

A especialização semântica de uma palavra resulta da sua relação com outras do contexto em que é aplicada, ou seja, ela está associada à contextualização (BORBA, 2003, p. 151). E, como salienta o autor, “a contextualização está sujeita a regras sintáticas” (BORBA, 2003, p.148), pois “o [aspecto] semântico é uma consequência do sintático” (BORBA, 2003, p. 152). Voltamos, assim, ao “suporte sintático” da informação semântica, conforme a declaração apresentada no início desta seção. Para sermos claros: voltamos à gramática de valências, que traz a fundamentação teórica ao DUP.

De fato, nesse dicionário os verbetes são organizados conforme a classificação das respectivas palavras e, no caso das palavras lexicais, considerando-se as suas matrizes valenciais (BORBA, 2003, p. 322). Em função disso, já na Apresentação do DUP são retomados, ao que nos interessa aqui, os grupos em que se classificam os verbos, bem como a classificação dos nomes, numa alusão direta à proposta teórica dada na gramática de valências de Borba (1996). Quanto aos verbos, a Apresentação do dicionário cita a classificação desses em verbos de ação, de processo, de ação-processo e de estado (BORBA, 2002, p. vii). De forma semelhante, os nomes (substantivos) são classificados em concretos e abstratos (BORBA, 2003, p. viii)¹⁷, sendo que dentre esses últimos encontramos as formas nominalizadas com –ção e com –mento, de que tratamos nesta dissertação.

Ainda que, não raro, as nominalizações são possibilitadas pelo emprego sufixal, lembremos que não encontramos no DUP entradas específicas aos sufixos. Isso é coerente com a proposta da obra lexicográfica em questão, que, em conformidade com sua fundamentação teórica, focaliza a palavra em uso, em que a significação é dada a partir da sua contextualização.

Depois do que foi observado quanto aos dicionários teóricos, faremos menção aos dicionários vernaculares (seção 1.3.2), que não se mostram comprometidos com um modelo lingüístico específico, mas, como dicionários da língua geral, buscam ser completos, trazendo o maior número possível de entradas lexicais e mesmo subentradas, e suficientes, atendendo às necessidades dos seus usuários quanto ao esclarecimento de dúvidas sobre as palavras e ao

¹⁵ A abonação do sentido mencionado se dá por: “*Na Argentina... quase todo encanamento ainda é feito com tubos de metal (VEJ)*” (BORBA, 2003, p.80).

¹⁶ A abonação do sentido mencionado se dá por: “*Velhas encanações... Que papo idiota. Velhas encanações... Mário às vezes era um idiota completo (BL)*” (BORBA, 2003, p.80).

¹⁷ A subcategorização dos verbos e dos nomes proposta por Borba (1996 e 2003), que é aplicada no DUP, será retomada no Capítulo 2 desta dissertação, respectivamente nas subseções 2.3.1 e 2.3.2.

conhecimento da língua. Veremos, na próxima seção, que os dicionários vernaculares apresentam inclusive entradas de formantes das palavras, ainda que esses não apareçam isoladamente na língua, por serem formas presas.

1.3.2 Dicionários vernaculares

Uma das diferenças dos dicionários vernaculares em relação aos teóricos é o fato de incluírem entradas específicas aos formantes, sejam eles afixos ou simplesmente terminações de palavras. Dado o objetivo dessa dissertação, abordaremos, nesta seção, como dois dicionários vernaculares, o Novo Dicionário Aurélio (doravante, NDA) e o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (doravante, DEH), nas versões eletrônicas de 2004, definem *-ção* e *-mento*. É importante ressaltarmos a elevada frequência desses formantes nos dois dicionários eletrônicos consultados¹⁸: o NDA traz 3.692 verbetes de substantivos terminados em *-ção* e outros 1.874 com o sufixo *-mento*; o DEH, com um corpus ainda maior, tem 4.491 entradas de substantivos terminados em *-ção* e 2.762 entradas terminadas em *-mento*.

Apresentaremos, especificamente, as entradas referentes a esses dois formantes em cada uma das obras lexicográficas mencionadas: primeiramente analisaremos a abordagem do NDA (seção 1.3.2.1) e, em seguida, a abordagem do DEH (seção 1.3.2.2). Observamos que, nesses dois dicionários, os verbetes de *-ção* apresentam poucos dados e não são identificados como “sufixos” na caracterização das respectivas entradas. Tais verbetes remetem sempre às entradas *-ão*, que, essas sim, recebem tratamento sufixal. Em razão disso, trabalharemos, também, com os dados dispostos nos verbete de *-ão*, que são mais completos em termos de informações.

¹⁸ Além de *-ção* e *-mento*, são identificados outros formantes de menor frequência, mas também produtivos na língua, que participam na construção de nomes de ação/processo, fugindo, entretanto, da abrangência da presente pesquisa, tais como *-ura*, *-agem*, etc. Tais sufixos poderão ser considerados, na medida em que se fizerem necessários para que sejam alcançados os objetivos do estudo que pretendemos aqui.

1.3.2.1 Quanto ao NDA

Antes de analisarmos as entradas específicas a –ção e a –mento no NDA, convém salientarmos que tanto essas quanto outras entradas a que elas remetem e que, em razão disso, também serão abordadas aqui, são antecedidas pelo sinal Δ , o qual, conforme consta no campo Ajuda/Verbetes/Cabeça do Verbetes, “indica elemento de composição: prefixo, sufixo, infixo”. Entretanto, ao buscarmos os respectivos verbetes, veremos que apenas em alguns deles, como em –mento, é expressamente informado tratar-se de “sufixo nominal” (após os dados etimológicos). Ainda que na entrada específica a –ção conste o sinal Δ , vemos que, no verbete, ele não é reconhecido como um sufixo.

Apresentamos, a seguir, o verbete –ção, conforme consta no NDA:

Δ -ção
 [Do lat. *-tione* (do acus. do lat. *-tio*, *Ḍn í s* < *-t-*, do part. pass., ou supino, + lat. *-io*, *Ḍn í s*.] 1. V. -ão³.

Como é possível observar, o verbete remete diretamente à terceira entrada do formante –ção nesse dicionário, apresentando unicamente dados etimológicos da forma –ção. É informado que a origem latina, em *-tione*, provém do caso acusativo, sendo resultado do acréscimo do segmento *-t-*, do particípio passado, à terminação *-io*, *Ḍn í s*.

Buscando por –ão, em atendimento à remissão feita no verbete mencionado, verificamos a existência de três entradas homônimas nesse dicionário. Em todos os três respectivos verbetes, somos informados que são “sufixos nominais”. São apresentados, ainda, os dados etimológicos de cada um, o sentido que lhe é atribuído, as formas equivalentes em que constam na língua e exemplos. Uma vez que em -ão¹ é priorizada a idéia de aumentativo e em -ão² são apresentadas as noções de “proveniência”, ‘origem’; ‘característica’; ‘ofício’, ‘profissão’; ‘relativo a’, ‘partidário de’, ‘adepto de’”, trazemos, aqui, apenas a terceira entrada, -ão³, que é a única incluída na abrangência da presente pesquisa:

Δ -ão³
 [Do lat. *-io#ne* (do acus. do lat. *-io*, *o#n í s*.) Sufixo nominal 1. = ‘ação’ ou ‘resultado da ação’: *arranhão*, *pução*. [Equiv.: *-ção*, *-ição*, *-(s)ão*: *nomeação* (< lat.); *absolvição*; *extensão* (< lat.), *agressão* (< lat.).]

Ao analisarmos o referido verbete, podemos constatar o que segue:

a) Os dados etimológicos apresentados coincidem com o que foi informado na entrada de –ção, sem o segmento -t-, do participípio passado.

b) É explícita a sua natureza sufixal, nesse caso, responsável pela formação de substantivos.

c) O único sentido atribuído ao sufixo, de “‘ação’ ou ‘resultado da ação’”, confere com aqueles mencionados pelos gramáticos e teóricos, como veremos na seção 2.1 desta dissertação.

d) Os dois exemplos citados, *arranhão* e *puxão*, referem-se ao resultado (efeito) da ação dos respectivos verbos¹⁹.

e) Como formas equivalentes, são apresentadas –ção, –ição e -(s)são, com um exemplo de cada uma delas. Nos mesmos moldes de –ção, as outras duas formas são registradas como entradas lexicais neste dicionário²⁰, quando são expressas a sua origem latina e a remissão a –ão³.

Observamos que não é especificado se os “equivalentes” mencionados se referem a variações alomórficas do sufixo, a inclusões de elementos parasitas²¹ ou mesmo a inclusões de elementos da base a que são adjungidos. Além disso, chama-nos atenção a ausência de –ação ao lado de –içã. De fato, na obra lexicográfica em questão, -ação, como elemento de composição, não constitui entrada específica²². Observaremos que a situação apresentada no *Dicionário etimológico*, a que aludiremos na seção 2.1.3.1, é exatamente o contrário do que é exposto no NDA: há uma entrada –ação, em que é identificado tratar-se de um sufixo nominal (CUNHA, 1999, p. 7), enquanto que não há uma entrada –içã.

A mesma estrutura e praticamente as mesmas informações constantes no verbete de –ão³ do NDA são encontradas no verbete de –mento, nesse dicionário, como se observa:

Δ -mento

[Do lat. *-mentum*, *i.*] Sufixo nominal 1.= ‘ação ou resultado da ação’; ‘coleção’: *ferimento*; *fardamento*. [Equiv.: *-imento*: *aparecimento*, *corrimento*, *crescimento*.]

¹⁹ Observando o registro lexicográfico de *puxão*, temos por definição “*ato ou efeito de puxar com força; puxada*” (NDA). Nesse mesmo dicionário, o sentido específico de “ação” do verbo é apresentado somente no verbete de *puxação* (“*ação de puxar(-se)*”). Já no DEH, é *puxamento* que traz a definição de “*ação, processo ou efeito de puxar; puxação*”, enquanto *puxão* permanece com o sentido de “*ato ou efeito de...*”.

²⁰ Os verbetes de –içã e de -(s)são apresentados no NDA constam no Anexo A desta dissertação.

²¹ Corbin (1987, p. 238) define segmentos parasitas como “*accidents formels, sans aucune fonction morphologique ou sémantique apparente, dont une grammaire ne peut rendre compte que de façon ad hoc*”.

²² Assim, *nomeação*, ainda que terminando em –ação, é citado como exemplo de –ção.

Analisando o verbete, vemos a etimologia e a natureza desse elemento de composição, identificado expressamente como um sufixo nominal. Da mesma forma que em *-ão*²³, o verbete traz apenas uma acepção, entretanto, nesse caso são apresentados diferentes sentidos: ao sentido de “ação ou resultado da ação”, une-se a noção de “coleção”. Entendemos que os dois exemplos que se seguem, *ferimento* e *fardamento*, sejam relacionados a cada um desses sentidos²³. Os sentidos apresentados no verbete aplicam-se a diferentes categorias de base: *ferimento* tem base verbal e *fardamento*, como “coleção de fardas”, tem base nominal. No verbete em questão, porém, são tratados sem que tal distinção seja mencionada.

O único equivalente identificado no verbete é *-imento*, que tem uma entrada específica nesse dicionário, onde simplesmente é mencionada a sua equivalência com *-mento*. Outros três exemplos são apresentados, todos adotando o sentido de “ação ou resultado da ação” de um verbo. A escolha dos exemplos revela uma desnecessária coincidência: unicamente a palavra que ilustra o sentido de “coleção”, e somente ela, não termina em *-imento*, mas em *-amento*, forma essa não relacionada como entrada lexicográfica no NDA.

A não-inclusão das formas *-amento* e *-ação* como entradas no NDA com o mesmo *status* das atestadas *-imento* e *-ição* revela a arbitrariedade desta obra dicionarística no que se refere à seleção das entradas lexicográficas. Em última instância, este fato evidencia a carência de uma proposta teórica que fundamente as decisões que foram tomadas quanto à seleção das entradas e, da mesma forma, quanto às informações constantes no interior dos verbetes.

Convém, agora, passarmos à descrição de *-ção* e de *-mento* no DEH, que coincide com o NDA ora abordado por também ser um dicionário vernacular, editado em versão eletrônica de 2004. Lembremos, porém, que o DEH tem um número maior de entradas, como veremos na próxima seção.

1.3.2.2 Quanto ao DEH

Tendo já observado os dados do NDA relativos a *-ção*, *-ão* e *-mento*, passaremos, agora, às considerações descritas no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (DEH) sobre esses mesmos formantes, aos quais juntaremos as entradas *-ação*, *-eção* e *-ição* constantes nesse dicionário. Todas as entradas que serão trazidas aqui são antecedidas pelo

²³ Como veremos na seção 2.1.3.2, a palavra *fardamento* é citada também por CUNHA (1999), como exemplo de *-mento* com sentido de “coleção”.

sinal □, indicando “alteração de classe gramatical”, conforme o campo “Ajuda/Conhecendo o dicionário/Símbolos” do DEH.

Como nas entradas a serem abordadas na presente seção encontraremos a identificação de “sufixo” ou de “elemento de composição” ou ainda de “terminação”, é necessário verificarmos como a obra lexicográfica em questão classifica cada um desses elementos. No “Campo do conteúdo ou das definições”, incluído em “Ajuda/Conhecendo o dicionário/Detalhamento do verbete”, a seção sobre os elementos mórficos é subdividida em: (a) os “elementos formadores do vocabulário da língua”, que incluem os “sufixos” e “os que são classificados simplesmente de elementos de composição antepositivos, interpositivos e pospositivos”; e (b) as “terminações”, identificadas como “partículas originalmente sem significado próprio e por vezes tomadas como sufixos”. A localização de tais dados na Apresentação do DEH pode ser visualizada abaixo²⁴:

DEH

→ AJUDA

→ CONHECENDO O DICIONÁRIO

→ DETALHAMENTO DO VERBETE

→ 5 CAMPO DO CONTEÚDO OU DAS DEFINIÇÕES

→ 5.5 SOBRE ELEMENTOS MÓRFICOS

→ 5.5.1 ELEMENTOS FORMADORES DOS VOCÁBULOS DA LÍNGUA

→ **SUFIXOS**

→ **ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO** (antepositivo, interpositivo, pospositivo)

→ 5.5.2 **TERMINAÇÕES** (sem sentido próprio)

Ao que nos importa, aqui, os verbetes do DEH diferem daqueles do NDA basicamente em dois aspectos: (a) informam que –ção e –mento são formadores de substantivos abstratos, oriundos/derivados de radicais verbais; e (b) não expressam a paráfrase do sentido das palavras construídas pelos sufixos, como, por exemplo: “ação de V”. Seguindo a mesma estrutura da seção anterior, começaremos descrevendo a entrada –ção no DEH e aquelas a ela associadas. Depois disso, trabalharemos com o verbete de –mento.

²⁴ Mantivemos aqui a numeração sequencial apresentada no DEH (5; 5.5; 5.5.1; 5.5.2), que se justifica pelo fato de que o “Campo do conteúdo ou das definições” é o quinto item citado em “Conhecendo o dicionário / Detalhamento do verbete”.

Se compararmos as informações de uma obra lexicográfica com as da outra, verificaremos que os verbetes do DEH trazem mais informações do que os do NDA. Assim acontece já ao observarmos o verbete de –ção:

-ção

□ **terminação 1** ocorre em aumentativos por mera convergência fonética [ver -ão (5) em raros casos como *calção*, *mação*]; 2) em pal. substantivas e/ou adjetivas por mera convergência fonética [ver -ão (2) em casos como *brabanção*, *cação* etc.]; 3) em palavras como *braganção*, *forção*, *monção*; ver -ão (3); 4) ver, por fim, em -ão (1), como suf. de subst.fem. abstratos, com a flexão de pl., oriundos de rad. verbais, quase todos do supn., as séries (1) e os indicados em -ção da série (2); os subst.fem. abstratos referidos em (4) *supra*, quer da série (1), quer da série (2), potencializam adj. em *-cional* (ainda que redundantes - tipo *educação: educativo: educacional, retenção: retentivo: retencional*), que, por sua vez, potencializam a constelação mórfica *-ismo: -ista: -ístico*, bem como (não raro tb. redundantemente) a constelação *-izar: -ização: -izante: -izável* etc.; p.ex.: *educação: educacional: *educacionalismo: *educacionalista: *educacionalístico*, bem como **educacionalizar: *educacionalização: *educacionalizante: *educacionalizável* (por sua vez, fonte de **educacionalizabilidade...*); *retenção: retencional: retencionalismo: retencionalista: retencionalístico*; tais constelações não proscovem, potencialmente, f. mais contractas, p.ex.: *educação: educacionismo: educacionista: educacionístico, educacionar: educacionação: educacionante: educacionável* etc., *educacionizar: educacionização: educacionizante: educacionizável* etc.; para a form. de subst. der. de verbos, ver o que se diz em –ação. [grifo nosso]

Como se observa, no DEH são apresentadas quatro acepções diferentes, sempre com referência a uma das seis acepções do verbete de –ão desse mesmo dicionário, seguidas de exemplos: (1) em aumentativos, remetendo à quinta acepção de -ão; (2) em palavras substantivas e/ou adjetivas, como na segunda acepção de -ão; (3) em nomes flexionáveis em gênero e número²⁵, como em -ão³; e (4) como “sufixo de substantivos femininos abstratos, com a flexão de plural, oriundos de radicais verbais”, remetendo à primeira acepção de –ão, especialmente às duas primeiras séries constantes ali.

Tanto quanto o NDA, também o DEH não identifica –ção como sufixo. Aqui ele é identificado como uma “terminação”, ou seja, um segmento “sem significado próprio”, conforme definição da Apresentação do dicionário, já mencionada. Na quarta acepção, porém, a referida “terminação”, como consta no início do verbete, é apresentada como “sufixo”, que é definido na Apresentação como um dos tipos de “elementos formadores do vocabulário da língua”.

É exatamente a quarta acepção de –ção que interessa diretamente ao nosso estudo, uma vez que há evidências, ali, de tratar-se de sufixo nominalizador. São identificados dados da

²⁵ A terceira acepção do verbete não traz nenhuma identificação, a não ser os exemplos e a remissão a -ão (3). A explicação que apresentamos provém justamente da terceira acepção do verbete de –ão no DEH.

formação de palavras, como a categoria da base (verbo) e a categoria da palavra derivada (substantivo). Observamos, ainda, que através do verbete somos informados de que os nomes abstratos construídos por *-ção* flexionam em número²⁶.

Como particularidade desse sufixo, as palavras por ele formadas podem ser base para outras a serem construídas, já que “potencializam adjetivos em *-cional*” (*educar_V / educação_N / educacional_A*). A cadeia de derivação que se segue a partir daí leva à construção de novo verbo, agora em *-izar*. Embora haja alusão à terminação *-ização*, não é explícita a possibilidade de *-izar* potencializar a construção de nomes com *-ção*²⁷.

Ao final do verbete consta remissão à entrada *-ação* no que se refere à formação de substantivos derivados de verbos. Verificamos que este dicionário traz entradas específicas também a *-eção*²⁸ e a *-ição*, os quais, embora abordando particularidades na derivação deverbal, remetem a *-ação*. Qualquer uma dessas três entradas é identificada, não como sufixo ou como terminação, mas simplesmente como “elemento de composição”, definido como um outro tipo de “formadores de vocábulos”, segundo a Apresentação de DEH.

Do que vimos até então no verbete relativo a *-ção* no DEH, chegamos a algumas constatações, que apresentamos no quadro a seguir:

-ção	⇒	TERMINAÇÃO		
-ção (4) (de substantivo abstrato)	⇒	TERMINAÇÃO	e	SUFIXO
-ação	⇒	TERMINAÇÃO	e	ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO

Quadro 02 – Observações quanto à identificação de *-ção* e de *-ação* no DEH

O quadro sintetiza as informações sobre a identificação de *-ção* no DEH: logo na cabeça do verbete consta tratar-se de uma “terminação” (sem sentido próprio), mas na sua quarta acepção revela-se como um “sufixo” (ainda na abrangência da “terminação”, o que, conforme o texto de Apresentação, nos parece contraditório) e, ao final, remete ao “elemento de composição” *-ação*.

²⁶ Como veremos na seção 2.1, os gramáticos e teóricos consultados nesta pesquisa não mencionam a possibilidade de flexão em número das palavras construídas com *-ção* e com *-mento*.

²⁷ Na seção 2.1.3.1, veremos que alguns linguistas salientam a preferência pelo uso de *-ção* com verbos em *-izar*.

²⁸ Como veremos no Capítulo 2, seção 2.1, nenhum dos gramáticos e especialistas consultados, ao tratarem do sufixo *-ção*, mencionam a terminação *-eção*.

Quanto às entradas lexicográficas do DEH –ação, –eção e –ição, cabe-nos tecer algumas considerações sobre as informações veiculadas nos respectivos verbetes, os quais são incluídos no Anexo A²⁹:

a) É apresentada estrutura interna dos referidos elementos, em especial no que toca a –ação e –ição, que são formados pela respectiva vogal temática verbal, acrescida a –ção. Chama-nos atenção o fato de serem revelados, nesses verbetes, os dados etimológicos que levam à formação do –ção em português, os quais não constam no verbete de –ção.

b) É expresso que “em princípio, qualquer verbo português da 1ª conjugação tem um substantivo nessas condições”. Da mesma forma, qualquer verbo de 3ª conjugação tem substantivos em –ição. Aos verbos de 2ª conjugação, a possibilidade de terem substantivos em –eção é reconhecida como uma “tendência regularizadora”, pois “não poucos substantivos de verbos da 2ª conjugação portuguesa se fazem em –ição”.

c) A possibilidade de formação de substantivos com –ação, –eção e –ição, ainda que não atestados, “depende em parte do decisor, quase sistematicamente aceito pelo ouvinte ou legente, que, no inusitado ocasional, percebe certa matização de intenções”³⁰. Percebemos aí um aspecto pragmático que se reflete, de um lado, na questão de aceitabilidade das palavras não conhecidas previamente, mas formadas em conformidade com as regras da língua, e, de outro lado, em alterações de ordem semântico-pragmática.

d) É enfatizado que “no informal de várias regiões da língua” há uma tendência de formação de substantivos em –eção a partir de verbos da 2ª conjugação, sendo apresentados 16 exemplos no respectivo verbete, dos quais apenas dois são palavras atestadas nesse mesmo dicionário: *lambeção*, que tem como única acepção, no seu verbete específico, “m.q. lambição”; e *moeção*, cuja única acepção é “m.q. moedura”.

e) Somente quando tratando de –eção é salientado que os substantivos “de ação derivados de radicais verbais” são de gênero feminino. Nas entradas lexicais –ação e –ição, esses são apresentados como “formadores de substantivos verbais de ação”, sem informação quanto ao gênero gramatical das palavras.

f) No verbete relativo a –ação, são mencionados fenômenos como: (a) construção de palavras com “outro sufixo de igual fim”, em que a palavra com –ção não é atestada, dada a

²⁹ Incluímos no Anexo A também os verbetes de –oção e de –ução trazidos no DEH, embora os mesmos não tragam informações novas e relevantes a este estudo, a não ser a sua participação em “formas fortes especiais” de origem latina.

³⁰ Citação extraída do verbete de –ição do DEH.

existência de outra (como nos exemplos *casamento* e *beliscadela*); e (b) casos de “coexistências semanticamente distintas”³¹ de palavras criadas com outros sufixos (como *chupação*: *chupadela*: *chupamento*). Observamos, entretanto, que *beliscadela* e *chupação*, dadas como palavras existentes, não são atestadas na obra lexicográfica em questão. – Uma vez que os outros dois verbetes remetem às explicações constantes na entrada relativa à –ação, entendemos que tais considerações valham também a –ção e a –ição.

Após essa análise dos verbetes em que –ção aparece antecedido da vogal do tema verbal, não podemos deixar de buscar a entrada –ão, a que somos remetidos por aquela quarta acepção apresentada em –ção (Quadro 02). Verificamos que há uma única entrada lexical –ão nesse dicionário, apresentada como “terminação” (não como “sufixo”) e que agrupa as palavras formadas com –ão em cinco classes. Somente o primeiro grupo é de interesse aqui, por abranger “substantivos femininos abstratos” construídos a partir “de radicais verbais”³², como visualizamos a seguir (a íntegra do verbete consta no Anexo A):

-ão

□ **terminação** segundo os padrões *são* ('sadio') < lat. *sanu-*, *can* (*cam*, *cã*) ('canino') < lat. *cane-* e *leçon* (*leçom*) < lat. *lectione-*, tornados todos *são/cão/lição*, enquanto seus pl. basicamente se mantiveram - *sãos* < lat. *sanos*, *cães* < lat. *canes* e *leções/lições* < lat. *lectiones*; até antes do sXVI, havia em port. term. outras, que convergiram foneticamente para *-ão* no curso desse século; na atualidade, as pal. em *-ão* podem ser grupadas em cinco classes: 1) *-ão substantivo verbal* trata-se de subst. femininos abstratos, com a só fl. de pl., de rad. verbais, na quase totalidade do supn.; oriundos de *-io, iónis* clássico, lat. vulg. *-ione-* > *-om* (*-on*, *-õ*), pl. *-iones* > *-ões*, no curso do sXVI o sing. converge foneticamente para a term. geral nasal nominal *-ão*, mantendo a fl. de pl. original *-ões*: ocorre com a term. *-ção*, a rigor formada do *-t-* final do supn. + o suf. *-ione-*, que evolui para *-çom/-ções* > *-ção/-ções*; essa evolução faz com que, nos v. da nossa 1ª conj. (quase todos provindos da 1ª conj. lat.), o rad. do supn. se confunda com o rad. verb. geral (pois se trata, na imensa maioria dos casos, de v. regulares), daí deprendendo-se que, por princípio, qualquer v. da 1ª conj., no tema (isto é, seu rad. geral + a vogal temática *-a-*), gere seu subst. verb. (isto é, de ação, de abstração da ação) com *-ção*; o princípio só não é realmente de todos os v., porque a form. de subst. verbais sofre a influência de vários outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim (como *-mento*, *-ura*, *-gem* etc., além da der. regressiva e da presença de *-ão* como suf. agente e paciente ou instrumental, ver [3]; daí, a existência potencial ou virtual de um sem-número de subst. verbais (de quaisquer conj.) não dicionarizados, mas cujo valor de intercurso *ad hoc* é conespícuo entre falante e ouvinte nas situações verbais (orais ou escritas) pertinentes; eis um exemplário (em que se omite o suf.): (1ª conj.) *abalroa-*, *abana-*, [...]; (2ª conj.) *absolvi-*, *mordí-*; (3ª conj.) *abri-*, *adi-*, [...]; o fato é que suf. tornado formador de subst. de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do v. originador, *-ção* apresenta-se precedido das vogais temáticas *-a-*, *-e-*, *-i-* (da

³¹ As citações apresentadas em (a) e em (b) foram extraídas do verbete de –ação no DEH.

³² As demais classes apresentadas não se atualizam em –ção, referindo-se, respectivamente, a: (2) –ão nominal; (3) –ão nominal verbal, com flexão em gênero e número; (4) –ão empréstimo; (5) –ão aumentativo. Além dessas, há, ainda, (6) a “duplicação mórfica do plural” que, na verdade, não constitui um sexto grupo de palavras em –ão, não justificando, então, ter sido apresentado como um novo item.

1ª, 2ª e 3ª conj., respectivamente), bem como das vogais -o- e -u-; destarte, remete-se para -ação, -eção, -ição, -oção e -ução; [grifos nossos]

Conforme o verbete, após ser revelada a evolução da “terminação” -ão para -ção, este, sim, será identificado como “sufixo tornado formador de substantivo de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do verbo originador”.

Novamente é salientado que qualquer verbo de 1ª conjugação pode formar palavras em -ção. Se nem todas essas palavras são atestadas no estágio atual da língua é, segundo o verbete, devido à existência de (1) palavras com “outros sufixos para o mesmo (aproximativamente) fim” (dentre os sufixos citados não foi incluído -ção), seja (2) palavras construídas por derivação regressiva, ou (3) pela “presença de -ão como sufixo agente e paciente ou instrumental”. Uma vez que consta entre parênteses a palavra “aproximadamente”, referindo-se à finalidade dos demais sufixos formadores de substantivos deverbiais, podemos depreender daí que há diferenciações semânticas entre os sufixos citados, o que justifica a coexistência de palavras distintas sobre uma mesma base. O verbete também aborda a limitação lexicográfica, pois reconhece “a existência potencial ou virtual de um sem-número de substantivos verbais (de quaisquer conjugações) não dicionarizados”, mas que contam com a aceitabilidade dos locutores/interlocutores quanto ao uso dessas palavras não atestadas.

Após observarmos o verbete de -ção e aqueles a ele relacionados, é indispensável ao objeto dessa dissertação que nos voltemos ao verbete de -mento. Diferentemente de todas as outras entradas lexicográficas do DEH trazidas aqui, -mento é logo de início identificado como um “sufixo” e não como terminação. O verbete, parcialmente reproduzido a seguir, pois consta integralmente no Anexo A, é estruturado a partir de duas acepções do sufixo.

-mento

□ **sufixo 1)** de orig. lat. vulgar *-mentu*, **formador de substantivos der. de verbos**, tornado extremamente fecundo, com as term. *-amento* em verbos da 1ª conj. e *-imento* em verbos da 2ª e 3ª conj. (exemplificados, não exaustivamente, a seguir, em a, b e c): a) *abafamento*, *amontoamento*, [...]; b) *abastecimento*, *adoecimento*, [...]; c) *abstraimento*, *afligimento*, [...]; é evidente a fecundidade deste suf., que, ademais, **concorre com outros formadores de subst.**, como *-ção*, *-dade*, *-ura*, *-eza* etc., de modo que subst. de tais form. tendem a ser abundantes na língua, por vezes **com matizes semânticos diferenciais muito pequenos**, na dependência das intenções dos usuários decisores; 2) com semelhante tipo de form. - isto é, subst. **conexos** com verbos, há uns quantos como puros cultismos, isto é, latinismos cujos v. não se representam em port. (ou se representam por outros cog.): *adimplemento* (*ad* + *im* + *pleo,es,évi,plétum,plére* 'encher' + *-mentum*), [...], *jumento* (**jugumentum*, de *jungo, is, junxi, junctum, jungère* 'meter no mesmo jugo, jungir, ajoujar'), [...]; são puros latinismos, ainda, *memento* ('lembrete', imperativo do v. *meminisse*), *omento*, *sarmento*, *tomento* e *tormento*; *escarmento* é de étimo controverso [grifos nossos]

Como vemos, a primeira acepção do verbete, apresenta –mento como “formador de substantivos derivados de verbos”, identificando, assim, uma categoria da base (verbo) e uma da palavra construída (substantivo)³³. Vemos que o próprio verbete remete à produtividade desse sufixo quando salienta que ele é “tornado extremamente fecundo”, sendo expresso em português sob a forma de duas diferentes terminações às palavras construídas, conforme a conjugação do verbo de base: -amento (para verbos da 1ª conjugação) e –imento (para verbos de 2ª e 3ª conjugações). Os substantivos mencionados como exemplos, entretanto, são agrupados pelas três conjugações dos respectivos verbos de base.

É abordada, também, a possibilidade de concorrência do sufixo com “outros formadores de substantivos, como –ção, -dade, -ura, -eza etc.”³⁴. Embora reconhecendo a existência de “matizes semânticos diferenciais muito pequenos”, não há maiores reflexões quanto a essa distinção semântica entre os sufixos que lhes garanta a existência como unidades lingüísticas discretas e produtivas. O único comentário apresentado refere-se à “dependência das intenções dos usuários decisores”, revelando não só a aceitabilidade das palavras criadas por parte dos interlocutores, mas também a influência de fatores de ordem pragmática na construção e aplicação das palavras na língua.

Na segunda acepção do verbete, chama atenção o fato de que a expressão “substantivos derivados de verbos”, usada anteriormente, é substituída por “substantivos conexos com verbos”. Surge, então, a necessidade de fundamentação teórica que permita discutir se os exemplos apresentados são, de fato, palavras com o “sufixo” -mento ou palavras simplesmente com a “terminação” -mento (sem que tal segmento seja caracterizado como sufixo).

Os exemplos apresentados nessa segunda acepção são organizados em três formas distintas: (a) vários exemplos de substantivos que constituem “puros cultismos”, acompanhados, entre parênteses, da sua origem latina, com a respectiva conjugação do verbo de base e dos sentidos prováveis em português; (b) cinco palavras identificadas como “puros latinismos”; e (c) uma de “étimo controverso”. Observamos que o critério de distinção utilizado é de ordem etimológica, sem reflexões quanto ao caráter semântico ou formal das palavras.

A expressão “puros cultismos” é explicada, nesse mesmo verbete, como “latinismos cujos verbos não se representam em português”. Entretanto, o primeiro exemplo apresentado,

³³ Concluimos, então, que não é considerada a possibilidade de atualizar o sentido de “coleção” (citado no NDA), uma vez que a categoria da base deveria poder ser um substantivo.

³⁴ Observamos que nem todos os sufixos mencionados formam substantivos a partir de verbos: -dade, por exemplo, exige uma base adjetiva (e não verbal, como mencionado no início desse mesmo verbete).

‘*adimplemento*’, revela, na sua entrada lexical no DEH, ser derivado morfológica e semanticamente do verbo ‘*adimplir*’³⁵ que, por sua vez, tem origem latina e é atestado nesse mesmo dicionário³⁶. O exemplo dado é, pois, um substantivo formado sobre uma base verbal com o sufixo –mento, razão pela qual deveria ser, antes, um exemplo da primeira acepção do verbete de –mento. A classificação proposta naquela primeira acepção, por sua vez, mostra-se insuficiente diante de tal substantivo, uma vez que esse tem por base um verbo de 3ª conjugação, e, em função disso, a forma nominalizada deveria terminar em –imento (como ‘*afligimento*’ e ‘*cobrimento*’), e não em –emento.

Observando a relação de exemplos de “cultismo” citados, encontramos substantivos de diferentes formações, como: (a) palavras sufixadas a partir de base verbal (‘*adimplemento*’, já mencionado); (b) substantivos deverbiais formados por derivação regressiva (‘*experimento*’); (c) palavras que se caracterizam como base para verbos denominais (pigmento)³⁷; e (d) palavras que não têm base verbal e, até o estágio atual, não formam verbos atestados na língua (jumento).

Reconhecidos esses quatro tipos diferentes de substantivos terminados em –mento, constatamos que apenas no primeiro grupo temos –mento como um sufixo, em conformidade com a classificação proposta no início do verbete e em consonância com as condições referidas na primeira acepção. Nos demais casos, próprios da segunda acepção apresentada, temos o elemento de composição –mento (que poderia ter aparência de sufixo) ou simplesmente a terminação –mento. Fica, então, o questionamento acerca da procedência dessa segunda acepção num verbete específico de “sufixo nominal”.

Esse não foi o único problema levantado a partir da análise dos verbetes do NDA e do DEH que empreendemos nesta seção. Vimos que tanto numa quanto na outra obra consultadas não há uniformidade na seleção das entradas lexicográficas, especialmente no que concerne às

³⁵ Na sua entrada específica no DEH, *adimplemento* é definido como “ato, processo ou efeito de adimplir; cumprimento de uma obrigação; adimplência”.

³⁶ Quando da comunicação “OS SUFIXOS -ÇÃO E -MENTO NA CONSTRUÇÃO DE NOMES DE AÇÃO/PROCESSO EM PORTUGUÊS: UM ESTUDO METALEXICOGRÁFICO” no IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e Instituto de Letras/UERJ, em agosto de 2005, diante do questionamento acerca da possibilidade de origem do substantivo no verbo latino “*pleo, pletum, plere*” (encher), salientamos a natureza sincrônica deste estudo e, em especial, do conhecimento linguístico dos falantes da língua. Foi do consenso dos próprios participantes que o falante recorre a “adimplir”, existente em português, antes de remeter à etimologia latina. Junta-se a tal argumento o fato de o verbo original latino ser prefixado (por *ad + im*, conforme consta no verbete analisado) e sabermos, de antemão, que o prefixo “*empresta ao radical uma nova significação*” (BECHARA, 2004, p. 338), levando-nos, então, à origem em “*adimplèo, es, évi, étum, ére, de ad- + implère*”, que consta, nesse dicionário, como etimologia do verbo português “adimplir”.

³⁷ Diferenciamos as formações (b) e (c) conforme Bechara (2004, p. 371): “*os substantivos tirados de verbos denotam ação [como em (b) que, no caso, denota processo], enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância [como em (c)]*”.

formas mencionadas como equivalentes a –ção e a –mento. Além disso, verificamos que não é clara a identificação dos formantes no DEH: a classificação dos mesmos não é uma aplicação coerente das definições propostas na Apresentação desse dicionário. A remissão de –ção a –ão nas duas obras consultadas, bem como diferenças apresentadas nas acepções de –mento, revelam a dificuldade de chegarmos à identidade dos sufixos em questão através das informações constantes nos respectivos verbetes desses dicionários vernaculares.

Nesta terceira seção do Capítulo 1 da dissertação, procuramos mostrar como –ção e –mento são apresentados nas obras lexicográficas. Fazemos questão de lembrar, aqui, que os dicionários teóricos não nos possibilitaram análise mais detalhada por não trazerem entradas específicas aos elementos afixais. Ativemo-nos, então, aos verbetes dos referidos sufixos em dicionários vernaculares. Verificamos que em tais obras há insuficiência de informações específicas sobre os itens definidos: se por um lado, o DEH exhibe verbetes com mais dados do que o NDA, por outro lado, falta-lhe apresentar com clareza o sentido tanto de –ção, quanto de –mento, o que, à semelhança do NDA, poderia ser definido por paráfrase do tipo “ação de V”.

Além disso, quando analisamos os verbetes dos sufixos focalizados nesta dissertação, observamos que não raro há um distanciamento entre os dados apresentados nos verbetes e a classificação proposta na respectiva obra lexicográfica. Tal problema revela o quanto é necessária uma fundamentação teórica nas obras lexicográficas vernaculares. É a partir de um embasamento de cunho lingüístico que poderão ser tomadas decisões relativas à organização tanto da macroestrutura do dicionário (na identificação das unidades léxicas), quanto da sua microestrutura (na coerência interna das definições). É sobre isso que trataremos no próximo capítulo.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo defendemos a relevância da abordagem metalexigráfica, salientando ser justamente sob esse enfoque que desenvolveremos nossa pesquisa. Para tanto, seccionamos o capítulo em três partes, abordando, num primeiro momento, a relação entre lexicologia e lexicografia, depois, situando e caracterizando a metalexigráfica, para então partirmos para a observação e análise dos verbetes de –ção e de –mento nas obras lexicográficas.

Logo na primeira seção, observamos que a lexicologia e a lexicografia, enquanto ciências do léxico, dão a estes diferentes tratamentos (seção 1.1). A primeira propõe teorias e

modelos que permitem estudar o léxico de forma ampla e integrada, enquanto que a segunda ocupa-se mais especificamente com o registro das unidades lexicais. Salientamos que uma correta visão da lexicografia abrange não só o aspecto prático de confecção de dicionários, mas também a reflexão sobre essa prática. Assim, o dicionário é visto como o produto final do trabalho de elaboração de repertórios lexicais, mas, por outro lado, é a teorização sobre o processo e sobre seu produto que garante o estatuto científico à lexicografia.

Identificada como lexicografia teórica, a metalexicografia permite uma abordagem reflexiva e crítica específica da prática lexicográfica e do seu produto final (seção 1.2). Sob sua abrangência estão a observação, a descrição, o estudo histórico, a avaliação, a crítica e a proposição de novas teorias e metodologias referentes ao fazer lexicográfico. Defendemos, aqui, que o trabalho metalexicográfico, incluindo aí a crítica aos dicionários, deve ser essencialmente construtivo, levando ao aprimoramento e atualização da obra dicionarística.

Reservamos a terceira parte do capítulo para a prática metalexicográfica que se faz em decorrência da análise de textos lexicográficos. Para tanto, voltamo-nos à observação de verbetes afixais, em especial dos sufixais. Dentre os tantos sufixos da língua, optamos por trabalhar apenas com *-ção* e com *-mento*, sufixos que, mesmo sendo concorrentes, ainda assim são encontrados em palavras que se caracterizam como “formas duplas” na língua (por serem construídas sobre a mesma base). Nesse sentido, ocupamo-nos com as definições de *-ção* e de *-mento* conforme apresentadas nos verbetes dicionarísticos (seção 1.3).

Antes, porém, reconhecemos, como Corbin (1987), que embora o dicionário não tenha o caráter dinâmico da língua, ele permite acesso objetivo às unidades lexicais, sendo que, como salienta Biderman (2004), a inclusão de entradas relativas aos formantes contribui para o conhecimento do léxico. Após tais considerações, identificamos dois tipos de dicionários: aqueles que demonstram uma prática lexicográfica em coerência com uma teoria lexicológica (dicionários teóricos) e aqueles que têm como compromisso a satisfação das necessidades dos usuários da língua (dicionários vernaculares).

Apresentamos, então, dois exemplos de dicionários teóricos que, além de serem ancorados numa proposta teórica específica, têm em comum o fato de não apresentarem os elementos mórficos como entradas lexicográficas (seção 1.3.1). No DEC, fundamentado na Teoria Sentido-Texto, são descritas todas as informações (de cunho semântico, sintático, morfológico e fonológico) relativas a uma palavra. As definições das palavras são dadas mediante decomposição semântica, através de paráfrase que, estas sim, poderão conter informações afixais (seção 1.3.1.1). No DUP, fundamentado na Gramática de Valências, a

significação e, da mesma forma, as especializações semânticas são reconhecidas a partir do contexto de uso das palavras (seção 1.3.1.2). As palavras são consideradas, então, não pela informação semântica decorrente de sua estrutura formal, mas enquanto item lexical único, de acordo com o seu emprego e sua utilização na língua.

Mesmo que esses dois dicionários não tenham trazido uma contribuição mais específica ao estudo de *-ção* e de *-mento*, eles desempenham um importante papel nesta dissertação, pois apontam-nos a relevância do embasamento teórico à obra lexicográfica. Tanto o DEC como o DUP mostram-se em conformidade com as propostas teóricas que os fundamentam, apresentando coerência interna seja no que se refere à macroestrutura da obra (na organização da nomenclatura), seja quanto às questões microestruturais (nas informações dos seus respectivos verbetes).

Na seqüência deste Capítulo, apresentamos dois dicionários vernaculares (seção 1.3.2), os quais nos possibilitaram a descrição de *-ção* (que remete a *-ão*) e de *-mento*. No NDA (seção 1.3.2.1), uma das três formas homônimas de *-ão* assume como único sentido “ação ou resultado da ação”; já o sufixo *-mento* traz, numa única acepção, dois sentidos diferentes, os quais requerem bases de categorias distintas. Presenciamos a arbitrariedade desta obra, em especial, com relação à seleção das formas equivalentes desses sufixos a constarem como entradas lexicográficas. Constatamos, assim, que também os dicionários vernaculares têm necessidade de uma teoria lingüística que fundamente as decisões a serem tomadas em termos de construção da macroestrutura.

Com relação ao DEH, vimos que seus dados tendem a ser mais detalhados, porém não são suficientemente claros quanto à identificação da natureza dos segmentos em questão – se são sufixos, elementos de composição ou meras terminações. O interessante é que a análise de *-ão* revela algumas reflexões sobre a língua, como quanto às diferenciações semânticas entre os sufixos concorrentes e quanto à existência de um léxico potencial. O verbete de *-mento*, de sua parte, traz questões como a intencionalidade na escolha dos sufixos e a aceitabilidade por parte dos usuários. Quanto à estrutura do verbete desse sufixo, percebemos que a classificação dos exemplos da primeira acepção apresentada não dá conta de todas as situações da língua, levando à exclusão de alguns casos alomórficos, e que a segunda acepção não se mostra coerente com a categorização proposta no início do verbete. Novamente percebemos a necessidade de fundamentação teórica que possibilite coerência à microestrutura da obra lexicográfica.

Procuramos, assim, apresentar a realidade atual das definições dicionarísticas de –ção e de –mento. Os dados mencionados neste espaço, bem como as constatações a que chegamos e os questionamentos que trouxemos por ora ficarão em suspenso, devendo retornar quando da análise dos dados da dissertação. No capítulo que segue traremos discussões teóricas sobre os sufixos –ção e –mento. Salientamos que propostas teóricas a serem abordadas estarão a serviço da descrição das propriedades essenciais dos sufixos, a partir dos quais pretendemos contribuir com o trabalho lexicográfico.

2 DISCUSSÕES TEÓRICAS ACERCA DE –ÇÃO E DE –MENTO

A fim de darmos prosseguimento ao nosso estudo, convém lembrarmos que através da presente dissertação visamos contribuir para a prática lexicográfica. Uma vez que já no Capítulo anterior constatamos a necessidade de embasamento teórico também aos dicionários vernaculares e considerando este como um estudo metalexiconográfico construtivo, traremos, aqui, discussões teóricas sobre os sufixos –ção e –mento.

Inicialmente, procederemos ao levantamento da situação dos sufixos –ção e –mento nos estudos lingüísticos, tal como apresentados na gramática e na literatura especializada (seção 2.1), salientando tanto os aspectos gerais e comuns entre eles, como aqueles específicos a um ou a outro. As propriedades levantadas aqui deverão ser retomadas quando da análise dos dados e, em especial, na proposição de verbetes desses sufixos.

Após considerarmos a posição dos gramáticos e especialistas quanto a –ção e a –mento, pontuaremos a descrição dos sufixos a partir de um modelo teórico conhecido como Morfologia Construcional (seção 2.2). Sob a abrangência deste capítulo, propomos, ainda, a discussão relativa a outros critérios que utilizaremos para a descrição dos sufixos (seção 2.3), remetendo-nos à subcategorização das bases a que serão adjungidos os sufixos estudados, bem como a das palavras por eles construídas, a fim de verificarmos a existência de alguma possível restrição, ou mesmo preferência, de ordem categorial e/ou semântica desses sufixos em relação às bases.

2.1 OS SUFIXOS –ÇÃO E –MENTO

Essa seção objetiva apresentar as discussões teóricas acerca da descrição de –ção e de –mento no quadro lingüístico do português. Num primeiro momento, faremos algumas observações acerca do fenômeno da nominalização (seção 2.1.1). A partir daí, serão enfatizadas as propriedades comuns aos dois sufixos, conforme apresentadas pelos gramáticos e lingüistas, ou seja, as suas propriedades convergentes (seção 2.1.2) e, depois, aquelas entendidas como divergentes (seção 2.1.3), que são específicas, seja com relação a –ção (seção 2.1.3.1), seja com relação a –mento (seção 2.1.3.2).

2.1.1 –ção e –mento: sufixos nominalizadores

Qualquer pesquisa que tenha como objeto de estudo os sufixos –ção e –mento deve, em primeiro lugar, posicionar-se em relação à discussão sobre a noção de nominalização, posto que estamos tratando dos “sufixos nominalizadores mais produtivos do português” (ROCHA, 2003, p. 127). Assumimos, aqui, a nominalização como a relação das propriedades lexicais comuns entre nomes e palavras de mesmo radical que pertençam a outra categoria, em especial, à categoria verbal.

O termo *nominalizador* é definido como “um afixo que permite a transformação de um verbo ou de um adjetivo em substantivo” (DUBOIS, 2001, p. 435), ou seja, que possibilita a nominalização, caracterizada por Crystal (1988, p. 182) como o “processo de formar um substantivo a partir de outras classes de palavras”. Assim, são casos de nominalização tanto *repartição* e *bronzamento* (entendendo-se que –ção e –mento permitem que os verbos *repartir* e *bronzear*, respectivamente, sejam transformados em nomes), quanto *polidez* (em que –ez leva à transformação do adjetivo *polido* em nome)³⁸.

A identificação proposta aos sufixos por Rocha (2003), entretanto, refere-se especificamente aos casos de relação entre substantivos e verbos. É clara a sua opção pelo sentido estrito do termo *nominalização*³⁹, remetendo à definição de Basílio (1980):

³⁸ Os três exemplos referidos são citados nos verbetes dos respectivos formantes apresentados no DEH, como pode ser verificado no Anexo A desta dissertação.

³⁹ Rocha (2003, p. 126) usa a noção de nominalização *stricto sensu* em contraposição ao que ele chama de nominalização *lato sensu*, identificada como a “criação de um substantivo a partir de qualquer categoria que não seja substantivo” (ROCHA, 2003, p. 125), noção que, nesse caso, coincide com a definição de Crystal (1988).

a nominalização consiste num processo de associação lexical sistemática entre verbos e nomes [...] estamos considerando o fenômeno da nominalização como uma associação paradigmática entre verbos e nomes, derivada de um padrão lexical geral, em vez de considerá-la como um mero processo de formação de nomes a partir de verbos ou como uma associação idiossincrática, apresentada por determinadas entradas lexicais (BASÍLIO, 1980, p. 74).

Ao abordar a associação entre substantivos e verbos, Basílio (2004, p. 39 e 41) aponta três motivações principais à nominalização: (a) a motivação semântica ou denotativa, por permitir a “designação genérica de eventos e demais noções verbais”, sem a necessidade de contextualizações particulares, como a noção de tempo ou mesmo a identificação de sujeito e complemento; (b) a motivação gramatical, que possibilita “o uso do verbo em estruturas que sintaticamente exigem um substantivo”; e (c) a motivação textual, dado que o substantivo deverbal poderá assumir uma função anafórica, substituindo toda uma proposição anterior.

Sejam quais forem as motivações para que a noção verbal seja expressa de forma nominalizada, fato é que numa situação de nominalização não estamos diante de um verbo: deparamo-nos com um substantivo, dotado de características e propriedades que lhe são inerentes. Enquanto os verbos representam “relações (estados, eventos, etc.) no tempo, com a função de predicação e com flexões de tempo e de modo” (BASÍLIO, 2004, p. 24), os substantivos são definidos por suas propriedades semântica, morfológica e sintática:

A classe de palavras que denominamos substantivo pode ser definida pela propriedade semântica de designar seres ou entidades, pela propriedade morfológica de apresentar e determinar flexão de gênero e número e pela propriedade sintática de ocupar o núcleo do sujeito e complementos. (BASÍLIO, 2004, p. 23)

A distinção entre verbo e nome atende, segundo Borba (1996), a uma necessidade metodológica. O autor salienta, porém, a possibilidade de superposições parciais entre essas duas categorias lexicais, como é verificado no caso dos nomes abstratos⁴⁰, especialmente dos deverbais, que também exercem função de elementos nucleares nas construções em que se encontram⁴¹, como verificado no exemplo do próprio autor: “*Ele colabora com o governo.*” / “*Sua colaboração com o governo.*” (BORBA, 1996, p. 87).

Ainda assim, a separação entre nome e verbo é justificada pelo comportamento sintático-semântico das palavras (BORBA, 1996, p. 86, 87): os nomes abstratos enquadram-se na definição de substantivos, mas ampliam tal conceito no tocante à sua propriedade semântica,

⁴⁰ Segundo Borba (1996, p. 98), os nomes abstratos relacionam-se com verbos e com adjetivos.

⁴¹ Conforme a Gramática de Valências, os nomes abstratos, tanto quanto os verbos, “funcionam sempre como predicado” (BORBA, 1996, p. 68), ao redor do qual estão situados os argumentos que mantêm com ele uma rede de dependências (BORBA, 1996, p. 15).

pois se aproximam das noções intrinsecamente associadas aos verbos. Isso é claramente observado na identificação de nomes abstratos como “aqueles que, não tendo referente, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou a estados de coisas” [*alfabetização, cancelamento, contentamento*, por exemplo], enquanto que os nomes concretos são tomados como “aqueles que têm referente no mundo dos objetos” [como *alimento* ou *jumento*] (BORBA, 1996, p. 84).

Considerando a classificação dos nomes em concretos e abstratos, e especialmente esses últimos, concordamos com a posição assumida por Borba (1996) quanto ao processo de nominalização. Ele propõe a “adoção de uma postura lexicalista pela qual nome abstrato se relaciona com V/Adj de mesmo radical por suas propriedades lexicais e não por transformação” (BORBA, 1996, p. 95). O linguísta admite, assim, a possibilidade de paralelismo sintático-semântico entre os verbos (e adjetivos) e os nomes abstratos, devido a propriedades lexicais e traços contextuais comuns. O autor declara, ainda, que “todo sintagma nominal cujo núcleo é um nome abstrato resulta de nominalização” (BORBA, 1996, p. 96), evidenciando, também aí, a associação entre verbos e nomes.

É interessante registrarmos, nesta dissertação, que, antes de apresentar a sua posição, Borba (1996) comenta a noção de nominalização no quadro da gramática gerativa, salientando que, para a teoria padrão, os nomes verbais constam no léxico como verbos e podem receber “dois tipos de interpretação: [como] nomes de ação e [como] nomes de resultado (ou de fato concreto)” (BORBA, 1996, p. 88), em que estes últimos diferenciam-se daqueles pelos traços [+*terminado*] e [+*estático*]⁴². Como veremos nas seções seguintes, as noções de ação e de resultado são amplamente utilizadas pelos nossos gramáticos e pelos lexicógrafos⁴³, tanto na especificação dos sentidos trazidos pelos sufixos –ção e –mento, quanto nos verbetes das palavras por eles construídas.

Apresentada a nossa posição acerca do fenômeno da nominalização, ainda é preciso delinear mais pontualmente as discussões teóricas que os sufixos –ção e –mento acarretam. Para tanto, nas seções seguintes, traremos dados específicos a esses dois sufixos, conforme abordados nas gramáticas e estudos lingüísticos. Consideraremos as propriedades comuns aos dois sufixos, e, em seguida, suas particularidades.

⁴² Exemplificando as duas interpretações dos nomes abstratos (nomes verbais), BORBA (1996, p. 88) cita (a) “*a construção de casas*” e (b) “*a vistoria das construções*”: em (a) “construção” é interpretado como um nome de ação (N_{ac}) e em (b) como um nome de resultado (N_{res}).

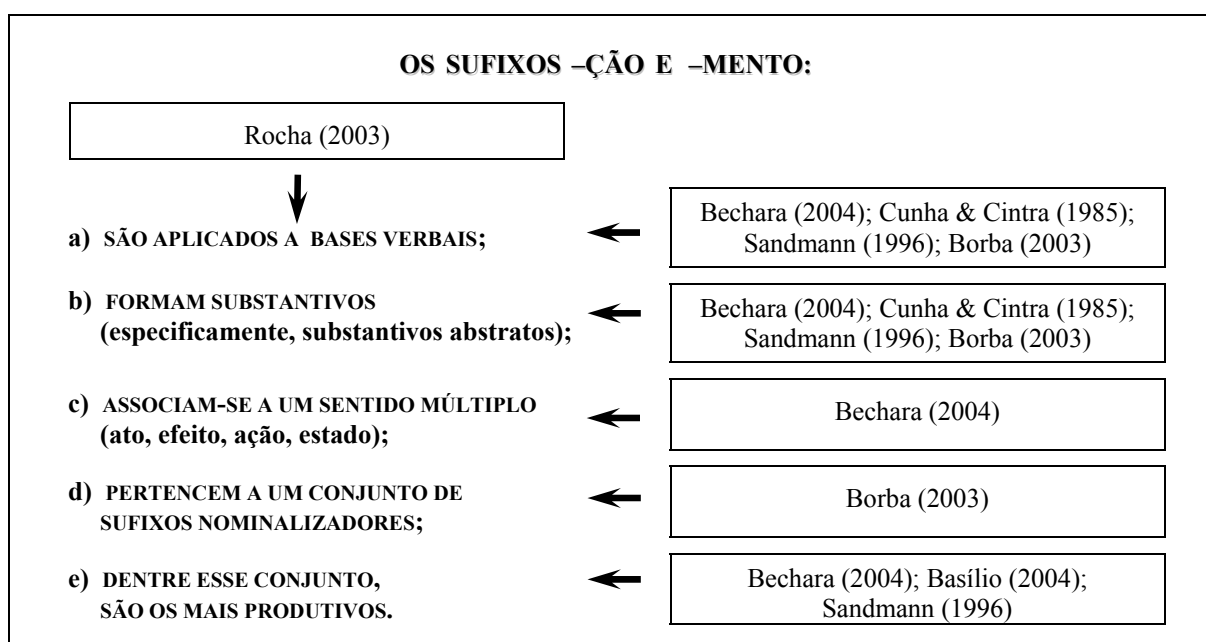
⁴³ Nas definições lexicográficas, não raro encontramos termos como “ação ou resultado” ou “ato ou efeito”.

2.1.2 –ção e –mento: propriedades convergentes

Com o objetivo de apresentar as propriedades comuns aos sufixos –ção e –mento, tomando por base o que é disposto sobre eles nos estudos lingüísticos e nas gramáticas do português brasileiro, voltamos à citação de Rocha (2003, p. 127), apresentada no início da seção anterior. Lembremos que o autor considera esses dois sufixos como os mais produtivos nominalizadores em português. Identificamos que Rocha (2003) enfatiza a nominalização *stricto sensu*, ou seja, não no sentido amplo em que qualquer categoria lexical pode levar à criação de substantivos, mas a nominalização como um tipo de padrão sufixal que leva à produção de substantivos a partir de verbos (ROCHA, 2003, p. 125).

Conforme o autor, na relação “V → S_{-suf}”, em que de um verbo é formado um substantivo por meio de sufixação, “empregam-se vários sufixos, como: –mento, –ção, –nça, –agem, –ada, zero etc. [...] O produto deste tipo de nominalização será um substantivo abstrato e terá o sentido de ‘ato, efeito, ação ou estado de X’” (ROCHA, 2003, p. 125). Tal definição mostra-se bastante completa, sintetizando as informações apresentadas por outros gramáticos e estudiosos da língua.

Da posição de Rocha (2003), podemos deduzir, então, alguns aspectos comuns aos dois sufixos, apresentados a seguir. Ao lado de cada item, citamos os autores que também mencionam a respectiva característica dos sufixos estudados:



Quadro 03 – Propriedades gerais de –ção e de –mento

Como observamos no quadro acima, algumas dessas características são destacadas, também, por Evanildo Bechara, que traz os “principais sufixos formadores de substantivos”, separando-os conforme o sentido da palavra a ser produzida. Salientando de antemão que “os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação” (BECHARA, 2004, p. 357)⁴⁴, o gramático apresenta aqueles que são usados “para a formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar” (BECHARA, 2004, p. 358). Nesse grupo, cujo sentido mostra-se bastante amplo, estão os nomes derivados de substantivos, os derivados de adjetivos e, o que nos interessa aqui, os nomes derivados de verbos, incluindo, então, os sufixos ‘-ção, -são’ (que constam juntos) e ‘-mento’, cujos exemplos apresentados são: *coroação, perdição, compreensão, ascensão; casamento, descobrimento*.

Cunha & Cintra (1985, p. 97) também apresentam os referidos sufixos entre os formadores de substantivos a partir de verbos. No quadro em que são elencados os sufixos, acompanhados do seu respectivo sentido e de exemplos, -ção e -mento têm em comum o sentido de “ação ou resultado dela”⁴⁵.

A literatura especializada, em geral, não sistematiza uma diferenciação maior dos sufixos -ção e -mento em relação aos demais sufixos nominalizadores⁴⁶. Por outro lado, não raro, encontramos comentários que aproximam esses dois sufixos, tomados como exemplos de sufixos concorrentes, que, “embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função” (ROCHA, 2003, p. 112). A aproximação entre esses dois sufixos pode ser ilustrada, também, pela já referida declaração do autor acerca da elevada produtividade dos mesmos, e, conseqüentemente, pela sua inegável relevância na nominalização em português.

Da mesma forma, Basílio (2004) remete à alta produtividade de -ção e de -mento. Segundo a autora, estudos recentes revelam que cerca de 60% das formações regulares de substantivos a partir de verbos têm a estrutura [V-ção]_N e cerca de outros 20% são decorrentes das formações regulares em -mento (BASÍLIO, 2004, p. 42). Ela associa o uso maior desses

⁴⁴ Nos termos do autor: “Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma.” (BECHARA, 2004, p. 357). Tal declaração remete claramente à competência lingüística dos falantes, que lhes permite o emprego exato das palavras sufixadas. Entendemos como tarefa da ciência lingüística a investigação e, através das obras lexicográficas, a identificação dessas “múltiplas acepções” com que se revestem os sufixos, chegando à identidade dos próprios sufixos.

⁴⁵ Lembremos, aqui, do comentário de Borba (1996, p. 88) quanto às duas interpretações propostas aos nomes verbais pela teoria padrão (seção 1.1.1).

⁴⁶ Usamos, aqui, o termo em *strito sensu*, como proposto por Rocha (2003, p. 127).

dois sufixos ao fato de serem “semanticamente vazios”, opondo-se a outros que “apresentam especificações semânticas que restringem suas possibilidades de combinação com diferentes bases ou radicais” (BASÍLIO, 2004, p. 42)⁴⁷.

De fato, a investigação de Sandmann (1996, p. 164) sobre a formação de palavras novas no português já apontava à inclusão de –ção e –mento entre os cinco sufixos mais produtivos na formação de substantivos. Esses são os únicos sufixos, dentre os cinco mencionados, que formam substantivos de radicais verbais. Os outros três sufixos mais produtivos, citados na conclusão da pesquisa de Sandmann, formam substantivos derivados de nomes, quais sejam: -ista, -inho e -ismo. O autor considera –ção e –mento como “dois sufixos de igual função” (SANDMANN, 1996, p. 53), sem que haja bloqueio entre os substantivos deverbais por eles formados, podendo haver, por outro lado, restrições fonológicas (eufônicas) que levam à formação de palavras com um e não com o outro sufixo (SANDMANN, 1996, p. 162).

A hipótese de bloqueio é abordada por Monteiro (2002), ao considerar a “multiplicidade de sufixos com função e significado idênticos”, como na produção de nomes abstratos, em que, nos termos do autor, “pode-se ter, por exemplo, um dos sufixos [ção], [mento], [agem] ou [(a,e)nça], numa distribuição de certo modo aleatória” (MONTEIRO, 2002, p. 162). O linguísta salienta, entretanto, a insuficiência dos bloqueios frente às especializações semânticas que respondem pelo que ele chama de “existência de formas alternativas vizinhas, geradas a partir das mesmas bases” (MONTEIRO, 2002, p. 163). Segundo ele:

a hipótese de bloqueio, se tiver alguma validade, só explica a impossibilidade de duas formas funcionarem exatamente com o mesmo significado. Por isso, toda vez que houver necessidade por questão de variabilidade semântica, formas paralelas surgirão. (MONTEIRO, 2002, p. 163)

Monteiro (2002) cita alguns exemplos de formas paralelas como *coroação* e *coroamento*; *acumulação* e *acumulamento*, *medicação* e *medicamento*, que se juntam aos seguintes casos de “formas duplas” apresentados por Sandmann (1996, p. 54): *debilitação* e *debilitamento*, *desfiguração* e *desfiguramento*, *indiciação* e *indiciamento*, *formigação* e *formigamento*.

Observamos, ainda, que também Almeida (1994), no seu *Dicionário de questões vernáculas*, menciona, no verbete referente a –mento, a sua “correspondência ao sufixo –ção”,

⁴⁷ Basílio (2004, p. 42) cita –da e –agem como sufixos semanticamente mais específicos e, então, de uso mais restrito do que –ção e –mento. A autora traz um sufixo sem vogal temática (-da) e outro com a vogal temática (-agem). Nossa opção tem sido pela apresentação dos sufixos sem vogal temática, sendo –ção e –mento, e não –ação, -eção, -ição, -amento, -imento.

seguindo-se exemplos em que da mesma base derivam palavras com os dois sufixos: *ligamento, ligação; salvamento, salvação; fundamento, fundação; afinamento, afinação; e cozimento, cocção* (ALMEIDA, 1994, p. 338). É importante dizermos que o referido dicionário, entretanto, não apresenta uma entrada específica ao sufixo –ção.

A alternância entre os sufixos na construção de palavras também é levantada por Borba (2003), para quem “a associação base + -ção/-mento é arbitrária” (BORBA, 2003, p. 106). Segundo ele, é o uso que faz a diferença quando da existência de palavras com os dois sufixos e uma mesma base, tais como *coroação e coroamento* (já mencionadas por Monteiro, 2002), *bateção e batimento*. O lingüista traz como característica comum a esses sufixos, o fato de serem “transpositores”, uma vez que “mudam a classe da base colocando a forma resultante numa classe específica” (BORBA, 2003, p. 101) – no caso de –ção e –mento, “ligando-se a radicais verbais para formar nomes abstratos” (BORBA, 2003, p. 106). Considerando os quatro conjuntos em que se agrupam os sufixos, conforme proposto pelo autor, juntamente com –ado, –edo, –aria, –agem, etc., os sufixos –ção e –mento “formam exclusivamente nomes”, pertencendo, então, ao complexo grupo de sufixos nominais⁴⁸ (BORBA, 2003, 103). Assim, vemos novamente em Borba (2003) alguns dos aspectos já identificados como gerais aos sufixos em questão, tais como a proximidade com outros sufixos, a adjunção a bases verbais e o fato de resultarem em nomes abstratos.

Essas características comuns a –ção e a –mento permitem-nos retomar a proposição inicial, apresentada no Quadro 03, em que todas as propriedades dos dois sufixos consideradas naquele momento foram confirmadas pelos gramáticos e estudiosos da língua. Além disso, constatamos a contribuição da bibliografia consultada em pelo menos três aspectos:

a) Os dois sufixos não só pertencem ao mesmo conjunto de afixos, sendo mais produtivos que os demais (quarta e quinta características mencionadas no Quadro 03), mas são concorrentes (ROCHA, 2003): com correspondência (ALMEIDA, 1994) de função (SANDMANN, 1996) e sentido (MONTEIRO, 2002), podendo ser até mesmo “semanticamente vazios” (BASÍLIO, 2004).

b) A opção pelo emprego de um ou outro desses sufixos na produção de substantivos (abstratos) deverbais mostra-se de natureza arbitrária (BORBA, 2003), em “distribuição aleatória” (MONTEIRO, 2002): eles parecem se associar arbitrariamente aos radicais verbais,

⁴⁸ O autor menciona que “para uma descrição dos sufixos tão coerente quanto possível, é melhor agrupá-los em quatro conjuntos: (i) nominais, que formam nomes (ii) adjetivais, que formam adjetivos (iii) verbais, que formam verbos e (iv) o sufixo –mente, que forma advérbios a partir de adjetivos” (BORBA, 2003, p. 103).

podendo, em algumas situações, sofrer eventuais restrições morfológicas/fonológicas que potencializam um ou outro sufixo (SANDMANN, 1996).

c) Há casos de formas duplas (SANDMANN, 1996) ou paralelas (MONTEIRO, 2002), em que os sufixos em questão não se bloqueiam mutuamente, permitindo a formação de palavras com uma e outra forma, em alguns casos motivada por uma especialização semântica que tende a levar à produção de uma “forma alternativa vizinha” com o outro sufixo (MONTEIRO, 2002).

Salientadas as características comuns a esses dois sufixos segundo a gramática e a literatura especializada, cabe-nos abordar, na próxima seção, particularidades de cada um desses sufixos. Antes, porém, convém acrescentarmos ao quadro das características gerais aos dois sufixos focalizados, expostas no Quadro 03, as observações mencionadas aqui, ao que teremos, então, o quadro das propriedades convergentes aos sufixos –ção e –mento, apresentado a seguir:

OS SUFIXOS –ÇÃO E –MENTO:	
a)	SÃO APLICADOS A BASES VERBAIS;
b)	FORMAM SUBSTANTIVOS (ESPECIFICAMENTE, SUBSTANTIVOS ABSTRATOS);
c)	ASSOCIAM-SE A UM SENTIDO MÚLTIPLO – ATO, EFEITO, AÇÃO, ESTADO;
d)	PERTENCEM A UM CONJUNTO DE SUFIXOS NOMINALIZADORES;
e)	DENTRE ESSE CONJUNTO, SÃO OS MAIS PRODUTIVOS;
f)	SÃO CONCORRENTES (CORRESPONDEM EM FUNÇÃO E SENTIDO);
g)	ASSOCIAM-SE ARBITRARIAMENTE AOS RADICAIS VERBAIS;
h)	PODEM COEXISTIR COMO FORMAS DUPLAS – SEM BLOQUEIO SEMÂNTICO.

Quadro 04 – Sufixos –ção e –mento: propriedades convergentes

2.1.3 –ção e –mento: propriedades divergentes

Consultando o que a literatura traz sobre os sufixos –ção e –mento, observamos que, além do que foi mencionado na seção anterior, os gramáticos e teóricos apresentam propriedades específicas a cada um desses sufixos, as quais merecem ser tratadas

separadamente. Nesse sentido, nas seções seguintes discutiremos primeiramente as especificidades de –ção e, após, as de –mento.

2.1.3.1 O sufixo –ção

As informações relativas ao sufixo –ção, constantes na bibliografia pesquisada, levam-nos a considerá-lo, aqui, sob duas perspectivas: de uma parte, temos os comentários acerca de –ção e suas possíveis variantes, como –são, –ão e –ação; de outra parte, o referido sufixo é observado em relação a outros sufixos da língua, em especial a –mento.

Já na seção 2.1.2, ao abordarmos as características gerais de –ção e de –mento, salientamos o fato de que não há uma entrada específica para –ção no *Dicionário de questões vernáculas*, de Napoleão Mendes de Almeida. Observamos, porém, que no entendimento desse gramático não há dúvida de que –ção é um sufixo do português, pois numa das acepções do verbete de –mento, é considerada a correspondência deste ao “sufixo –ção” (ALMEIDA, 1994, p. 338).

De forma semelhante, ao procurarmos o sufixo no dicionário etimológico, verificamos que a entrada afixal –ção (CUNHA, 1999, p. 149) remete diretamente à entrada “–são, –ção”, quando são apresentadas as duas formas juntas, constando que “formam substantivos abstratos deverbais, quase todos formados no próprio latim, com a noção básica de ‘ato, ação’, deduzidos dos participios em –sus e –tus, respectivamente [...] agressão, fusão, audição e obrigação” (CUNHA, 1999, p. 704).

Ao seu final, o verbete conduz a uma nova entrada desse dicionário, –ação (CUNHA, 1999, p. 7), a qual não acrescenta informação nova, a não ser a inclusão da vogal –a– associada não ao tema verbal, mas à terminação do participio latino *-atus*. Os exemplos citados são: *acetilação*, *capinação* e *dominação*. Observamos que não existe, nesse mesmo dicionário, uma entrada referente a –ição, que entendemos ter o mesmo *status* de –ação, como se constata na formação de palavras como *audição*, exemplo citado pelo próprio autor.

A tradição gramatical também faz menção às duas formas, –ção e –são, como podemos ver em Bechara (2004). Após citar os exemplos *coroação*, *perdição*, *compreensão* e *ascensão*, é salientada a necessidade de “se atentar para a correta grafia de –ção e –são” (BECHARA, 2004, p. 358). O autor não esclarece se as duas formas são variantes de um único sufixo ou se

são sufixos distintos. Fato é que, por serem apresentados juntos, na mesma linha, –ção e –são recebem o mesmo tratamento dado às formas ‘–ura, –dura, –tura’, por um lado, e ‘–ança (–ancia), –ença (–encia)’, por outro, também apresentadas em um único item. Na mesma lista relativa à formação de derivados de verbos, constam, ainda, os sufixos “–ada” e “–ida”, citados como itens diferentes. A distinção entre eles é dada a partir das conjugações verbais, pois é expresso que –ida se associa a “verbos de 2ª e 3ª conjugações” (BECHARA, 2004, p.358). Fazemos, então, o seguinte questionamento: se –ada e –ida são apresentados distintamente como sufixos, por que não constam também as formas –ação e –ição, nessa mesma lista de sufixos apresentada pelo gramático, uma vez que as vogais –a– e –i–, que antecedem –ção, também são marcas da conjugação verbal?

Em Cunha & Cintra (1985) temos, de igual modo, –ção e –são apresentados juntos, entre os sufixos que formam substantivos a partir de verbos. Associados ao já conhecido sentido de “ação ou resultado dela” (comentado na seção 1.1.2), esses sufixos são acompanhados dos exemplos *nomeação*, *traição*, *agressão* e *extensão*. Ao final dessa relação de sufixos e exemplos, os autores explicam que “os sufixos –ção e –são depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 97).

É remontando à origem latina, num exame diacrônico fundamentado na aceitação de alomorfia de algumas bases, que Borba (2003) prefere identificar –ão como sufixo. Segundo ele:

Quando a base participial termina em t, o resultado é –ção, e quando termina em s, o resultado é –são/-ssão. Essa observação é necessária para se compreender que não se trata propriamente do sufixo –ção com uma possível variante –ão, mas do sufixo –ão que se une a diversos alomorfes de bases verbais, e sempre com o mesmo resultado – nome abstrato que representa ação, processo ou resultado de V [verbo]. (BORBA, 2003, p. 106)

O autor diz que, devido à estrutura silábica da língua, sincronicamente é possível a depreensão de um sufixo –ção unido a bases verbais, com ou sem a vogal temática do verbo de origem diante do sufixo – embora ela seja verificada em todos os exemplos com –ção apresentados: *cotação*, *falação*, *forração*, *benzeção*, *começão*, *partição* e *inquirição* (BORBA, 2003, p. 105, 106). Outras palavras são citadas como casos de alomorfia das bases, a qual é explicada em função de que “muitos sufixos associam-se à base vernácula e/ou latina, num jogo alternativo praticamente arbitrário” (BORBA, 2003, p. 101), como em: *aflição*, *correção*, *direção*, *eleição* e *contenção* (BORBA, 2003, p. 106). A alomorfia nas bases verbais é

registrada, também, em todos os exemplos em que –ão aparece como –são ou –ssão: *agressão*, *regressão*, *progressão*, *permissão*, *demissão*, *adesão*, *pretensão* e *compreensão* (BORBA, 2003, p. 106).

Ao lado da discussão quanto às variantes de –ção (ou de –ão), no início dessa seção aludimos ao fato de que alguns lingüistas apresentam informações específicas ao sufixo –ção, considerando-o em relação a outros sufixos da língua. É bem verdade que é praticamente unânime a idéia de arbitrariedade no que se refere à opção por um dentre os tantos sufixos nominalizadores. No entanto, alguns estudiosos dos fenômenos lingüísticos revelam situações em que são constatadas ou a restrição de uso de um sufixo específico, ou a preferência por um dos sufixos em detrimento dos demais.

Monteiro (2002) traz um caso de restrição de natureza morfológica, em que verbos com o sufixo –ec(er) não formam substantivos com acréscimo de –ção, justificando, então, a rejeição a palavras como **empobrecição* (MONTEIRO, 2002, p. 164). Basílio (2004, p. 27) ainda é mais explícita, ao salientar que a estrutura morfológica X-ecer leva à nominalização em –mento. Podemos aplicar, aqui, o esclarecimento proposto por Sandmann (1996, p. 54) para algumas restrições de uso de um sufixo: motivos eufônicos, como a proximidade com terminações semelhantes foneticamente, podem fazer com que um determinado sufixo seja rejeitado naquele contexto. Assim, em última instância, são restrições fonológicas (SANDMANN, 1996, p. 162) que conduzem a restrições morfológicas: um morfema sufixal é preterido quando com bases de determinada sonoridade.

O comentário do autor se faz como uma explicação a duas situações que se apresentam na língua: (a) verbos como *direcionar*, *posicionar* e *gerenciar*, que derivam dos substantivos *direção*, *posição* e *gerência*, respectivamente, não formam substantivos abstratos com o sufixo –ção, pois gerariam **direcinação*, **posicionação* e **gerenciação*; (b) verbos que provêm de substantivos terminados em –mento, como *regulamentar* (de *regulamento*) e *instrumentar* (de *instrumento*), formam “substantivos designativos de ação” com –ção, como *regulamentação* e *instrumentação* (SANDMANN, 1996, p. 54) e não **regulamentamento* e **instrumentamento*. A tendência de verbos em –mentar produzirem substantivos com –ção, mais do que a uma restrição, remete à situação de preferência de um sufixo dentre os demais que lhe são concorrentes na formação de nomes.

Outro caso de especificação do sufixo a ser empregado é caracterizado pelas formações novas em –izar, que, segundo Basílio (2004), forçam a escolha de –ção, constituindo “uma significativa fonte de bases que alimentam a frequência de uso do sufixo –ção”, o que permite

justificar a maior produtividade desse sufixo em relação a –mento (BASÍLIO, 2004, p. 43). Como exemplos de palavras novas sobre bases verbais em –izar, constam: *dolarização*, *talibanização*, *tucanização*, *mexicanização* e *favelização*. A preferência pelo sufixo –ção por parte de substantivos de base verbal em –izar é, igualmente, tratada por Sandmann (1996) como responsável pela grande quantidade de palavras novas com –ção encontradas no corpus da sua pesquisa (SANDMANN, 1996, p. 53). Das suas reflexões sobre tal fenômeno, pelo menos dois aspectos merecem atenção aqui: (a) a identidade dos sufixos e (b) o caso de *enraizamento*.

Quanto ao que chamamos de ‘identidade dos sufixos’, o autor observou que nem todas as palavras terminadas por -ização constantes no corpus do seu trabalho⁴⁹ tinham um respectivo verbo em –izar atestado no dicionário consultado (SANDMANN, 1996, p. 51). Ele considera duas interpretações possíveis a tal situação. A primeira hipótese seria aceitar um sufixo duplo, –ização, associando-se a um adjetivo ou a um substantivo, o que é evitado pelo autor, pois os nomes de ação assim formados não seriam deverbais. A segunda possibilidade seria reconhecer a existência de um verbo em –izar como etapa intermediária entre o adjetivo e o nome de ação, ainda que ele não seja atestado na língua. Nessa direção, ele argumenta que “mesmo que o verbo não tenha sido formulado ou formado explicitamente, ele está presente no corpo fônico e no conteúdo do substantivo em –ização e na consciência do falante/ouvinte”⁵⁰ (SANDMANN, 1996, p. 52).

É importante ressaltarmos que a opção adotada por Sandmann (1996) foi confirmada na língua, uma vez que atualmente um dos dois verbos possíveis apresentados como exemplos, *viabilizar*, já consta nas obras lexicográficas do português (tanto no NDA quanto no DEH). A outra palavra citada, *mexicanização*, ainda que não tenha o verbo de origem atestado nos dicionários consultados, é reconhecida também por Basílio (2004, p. 43) como exemplo de palavra nova sobre bases verbais em –izar, conforme mencionamos anteriormente.

O outro aspecto que gostaríamos de citar quanto à adjunção do sufixo –ção às bases em –izar na formação de substantivos, tal como apresentada por Sandmann, refere-se à sua

⁴⁹ O próprio autor nos informa o corpus da sua pesquisa para a tese de doutoramento pela Universidade de Colônia (Alemanha), a qual deu origem ao livro que temos consultado. Nas suas palavras: “o corpus escolhido constitui-se de quarenta e dois jornais diários brasileiros do ano de 1984: *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Estado do São Paulo*” (SANDMANN, 1996, p. 5).

⁵⁰ É interessante observarmos, aqui, que o argumento proposto por Sandmann (1996, p. 52) vai ao encontro dos pressupostos teóricos da Morfologia Construcional, que serão apresentados na seção 2.2 desta dissertação: o reconhecimento de palavras possíveis não atestadas (não “*formulado ou formado explicitamente*”); a associação entre forma (“*presente no corpo fônico*”) e sentido (“*e no conteúdo*”); e competência derivacional dos locutores (“*na consciência do falante/ouvinte*”). Voltaremos a essas noções mais adiante.

declaração de que “só um verbo em –izar tornou-se base de substantivo terminado em –mento (*enraizar* → *enraizamento*)” (SANDMANN, 1996, p. 54). Entendemos tratar-se, aí, de um equívoco quanto à terminação do verbo-base: “*enraizar*” não é formado pelo sufixo –izar, posto que o segmento –iz faz parte da ‘raiz’ da palavra. A única terminação possível de ser segmentada no infinitivo desse verbo é –ar. Assim considerando, *enraizar* deixa de ser uma exceção à característica particular do sufixo –ção tratada aqui.

As características particulares ao emprego de –ção aqui apresentadas, considerando-se o levantamento bibliográfico, estão sintetizadas no quadro a seguir:

ESPECIFICIDADES DO EMPREGO DE –ÇÃO:	
a) SITUAÇÕES DE RESTRIÇÃO DE USO:	
[X-ecer]_V → ~ [V-ção]_N	[X-cionar]_V → ~ [V-ção]_N
b) SITUAÇÕES DE PREFERÊNCIA DE USO:	
[X-mentar]_V → -ção]_N	[X-izar]_V → [V-ção]_N

Quadro 05 – Especificidades do emprego de –ção

O fato de consultarmos a posição de diferentes gramáticos e teóricos da língua, buscando aspectos específicos relativos a –ção, além de revelar-nos particularidades quanto ao uso desse formante, possibilitou-nos chegar a algumas conclusões:

a) Não há consenso entre os lingüistas acerca da identidade formal do sufixo: de um lado temos como sufixo a forma –ção, com possibilidade de variações como –ão, –são e –ação – essa parece ser a opção da grande maioria dos estudiosos; de outro lado, temos a forma –ão como sufixo, sendo consideradas variantes –ção, e -(s)são, conforme é defendido por Borba (2003). A distinção entre as duas noções, via de regra, conduz à discussão entre entendimento sincrônico e retomada diacrônica⁵¹.

b) É admitida a hipótese de alomorfia de base: em muitos casos, as alterações alomórficas da base são explicadas pela adjunção da forma sufixal à base vernácula. Paralelo a isso, não há maiores reflexões sobre a natureza da variação sufixal (das formas apresentadas nos dicionários como equivalentes, como vimos no Capítulo anterior), se são resultado de

⁵¹ Esse mesmo autor reconhece a “depreensão sincrônica de –ção”, que decorre da estrutura silábica da língua (BORBA, 2003, p. 106).

variações alomórficas, se são acrescentadas de um elemento novo, externo à raiz e ao sufixo, ou se é simplesmente incluída a vogal temática do verbo de origem.

c) Restrições e preferências de uso relativizam a arbitrariedade: a inegável arbitrariedade que permeia a escolha entre muitos sufixos é relativizada por contextos que revelam restrições morfológicas e fonológicas ao seu uso e, em outros casos, por indicações de preferência de uma determinada terminação verbal pelo sufixo em questão.

d) Há palavras não atestadas nos dicionários: a existência de palavras formadas com –ção, cujos respectivos verbos de origem não constam nos registros lexicográficos, revela a possibilidade de não-atestação de palavras, sem que haja comprometimento de uma cadeia de derivação.

Em síntese, ao focalizarmos o sufixo –ção, nesta seção, primeiro trouxemos a posição dos gramáticos e teóricos quanto à sua forma e identidade, dada a discussão acerca das formas –são, –ão e mesmo –ação, e, após, observamos os aspectos particulares a –ção e seu emprego na produção de nomes. Trazemos, na seqüência, considerações sobre as particularidades do sufixo –mento a partir do mesmo material utilizado para análise de –ção.

2.1.3.2 O sufixo –mento

Com relação a –mento, observamos que a literatura especializada não traz discordâncias quanto à possibilidade de variação de sua forma. A questão central relativa a –mento diz respeito, não à forma, mas aos sentidos que lhe são associados, os quais são apresentados de diferentes modos pelos especialistas. Como não poderia deixar de ser, após mencionarmos as abordagens de –mento nos estudos lingüísticos, retomaremos algumas das suas características específicas, identificadas na formação de palavras.

Há unanimidade quanto à origem latina desse sufixo nominal. Além disso, conforme o dicionário etimológico, muitos dos “substantivos portugueses oriundos de verbos” foram formados com esse sufixo ainda “no próprio latim” (CUNHA, 1999, p. 513), quando *–mentum* já trazia três acepções: “(i) ‘ação ou resultado da ação expressa pelo verbo’ (acolhimento, fragmento); (ii) ‘instrumento da ação’ (alimento, ornamento); (iii) ‘coleção’ (armamento, fardamento)” (CUNHA, 1999, p. 513).

Chama atenção o fato de que embora Cunha (1999) explicitamente ser –mento empregado na formação de substantivos deverbiais em português, não menciona o tipo desses substantivos deverbiais, como é especificado no caso da entrada relativa a ‘–são, –ção’ nessa mesma obra (CUNHA, 1999, p. 704). Ao consultarmos o verbete de um dos exemplos citados de palavra formada com –mento (*-mentum*), vemos que *alimento*, que exemplifica o sentido de “instrumento da ação”, é definido como “sm. (substantivo masculino) ‘substância que, ingerida por um ser vivo, o alimenta ou nutre’ XVI. Do lat. *alimentum-i*” (CUNHA, 1999, p. 32). Percebemos, então, que a definição do termo como “substância” e o próprio sentido de “instrumento” remetem à noção de concretude, o que nos leva a entender como coerente a postura do autor ao evitar a classificação de ‘abstratos’ aos substantivos formados pelo sufixo em questão.

A idéia de formação de substantivos abstratos com o sufixo –mento, porém, está presente nas obras de outros teóricos: Monteiro (2002, p.159, 160), por exemplo, mostra-se muito claro ao afirmar que “dada uma base verbal X, forma-se um nome abstrato com o auxílio de [mento]”, apresentando *capeamento*, *juízo*, *tratamento* e *mapeamento* a título de ilustração. O mesmo pode ser visto em Rocha (2003, p. 113), quando diz que –ção e –mento “formam substantivos abstratos a partir de verbos”.

Bechara (2004), por seu turno, à semelhança de Cunha (1999), não faz menção à formação de nomes abstratos. Da forma como se estrutura, essa obra não apresenta nenhum comentário específico acerca de –mento, uma vez que esse sufixo é apresentado junto com outros formadores de substantivos, sob a mesma definição de sentido a ser atribuído aos nomes derivados⁵². Ao sufixo –mento cabe, de forma particular, apenas os exemplos *casamento* e *descobrimento* (BECHARA, 2004, p. 358).

Cunha & Cintra (1985, p. 97), numa clara alusão às acepções do sufixo –mento propostas por Antônio Geraldo Cunha (1999, cuja obra teve sua primeira edição em 1982), apresentam três possíveis sentidos associados a –mento, já mencionados: (a) ‘ação ou resultado dela’; (b) ‘instrumento da ação’; e (c) ‘noção coletiva’. Os exemplos citados são praticamente os mesmos do *Dicionário etimológico*, com apenas duas substituições: a *Nova gramática*, ao lado de *acolhimento*, traz *ferimento* para exemplificar o sentido de “ação ou resultado dela” e, juntamente com *ornamento*, o segundo sentido apresentado é exemplificado justamente pela

⁵² Bechara (2004) traz, entre os “*principais sufixos formadores de substantivos*”, aqueles utilizados “para formação de nomes de ação ou resultado da ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar”, cujo primeiro grupo contém os nomes “derivados de verbos”, citando: *-ame*; *-ção*, *-são*; *-mento*; *-ura*, *-dura*, *-tura*; *-ança* (*-ancia*), *-ença* (*-encia*); *-ata*; *-ada*; *-ida*; *-agem*; *-ário* (BECHARA, 2004, p. 358).

palavra *instrumento*. Exatamente como no Dicionário, a noção coletiva tem como exemplos *armamento* e *fardamento*.

A obra de Almeida (1994, p. 338) vai além das três acepções apresentadas por Cunha (1999). No verbete relativo a –mento, após informar que este é “acrescido principalmente a verbos nossos ou latinos”, o autor traz um total de oito acepções, dentre as quais citamos:

(1) ação ou resultado da ação: *agradecimento, banimento, casamento, sofrimento, atrevimento, ferimento, incremento, fragmento, juramento, cozimento*; (2) meio ou instrumento: *complemento, ornamento*; (3) processo, continuação, maneira, método: *desenvolvimento, governo*; (4) porção, quantidade: *armamento*; (5) lugar em que se processou a ação ou a própria ação: *acantonamento, acampamento, alojamento, estabelecimento, quartelamento* (CUNHA, 1999, p. 338).

Como podemos ver, as cinco primeiras acepções trazem, com respectivos exemplos, os sentidos possíveis que esse sufixo “indica”⁵³, incluindo aqueles três mencionados anteriormente. É na sexta acepção do verbete de –mento que o linguísta menciona a correspondência deste com –ção. A sétima e a oitava acepções referem-se à correspondência de –mento com os sufixos –ura e –agem, respectivamente. Nessas três últimas acepções, são listados exemplos de palavras que a uma mesma base são adjungidos –mento e os sufixos mencionados. As palavras que ilustram a “correspondência ao sufixo –ção” já foram citadas neste capítulo, quando tratamos das propriedades comuns a esses dois sufixos (seção 2.1.2).

Com relação ao exposto por Almeida, fazemos, ainda, duas observações: de um lado, constatamos que não é informada, nessa obra, se –mento é, de fato, um “sufixo” da língua, ou se o mesmo é uma “terminação” ou apenas um “segmento” das palavras; por outro lado, uma vez que a ele cabe “indicar” um sentido, é reconhecido o seu *status* morfossemântico⁵⁴.

Entre os aspectos específicos a –mento, é necessário retomarmos, aqui, algumas características que dizem respeito ao emprego contextual desse sufixo na formação de substantivos deverbais. As especificidades de –mento quanto à estrutura das palavras a serem formadas já foram, de alguma maneira, mencionadas na seção anterior, quando tratando das particularidades do sufixo –ção. Assim, em lugar de abordar a restrição ao uso de –ção junto a bases verbais em –ecer (MONTEIRO, 2002, p. 164), Basílio explicita a preferência da estrutura morfológica X-ecer pelo sufixo –mento. Tal situação é apresentada como um

⁵³ Termo usado pelo autor, por isso aqui destacado entre aspas.

⁵⁴ Por atribuir a –mento a função de indicar sentidos, Almeida (1994) diferencia-se de outros teóricos, como Bechara (2004), por exemplo, que considera o sentido como característica da palavra produzida, e Basílio (2004), para quem –ção e –mento, ainda que de natureza sufixal, são “semanticamente vazios” (BASÍLIO, 2004, p. 42).

exemplo de fato particular que tem lugar junto a um padrão geral, como a nominalização (BASÍLIO, 2004, p. 27).

Outras particularidades do sufixo –mento são anunciadas por Sandmann (1996). Ainda que o autor não diga claramente que as terminações verbais –ciar e –cionar potencializam a formação dos correspondentes nomes com o sufixo –mento, ele salienta os motivos eufônicos que levam à escolha desse sufixo (SANDMANN, 1996, p. 54). Pela mesma razão, o sufixo em questão é preterido diante da terminação verbal –mentar, dando lugar à formação de substantivos com –ção. É bem verdade que nada é dito acerca da relação do sufixo –mento com verbos terminados em –izar, mas como essa terminação verbal leva à formação de nomes em –ção, entendemos estar implícita, aí, a restrição do uso de –mento com tais bases verbais (BASÍLIO, 2004, p. 43 e SANDMANN, 1996, p. 53).

Do que foi exposto aqui sobre –mento, verificamos que a atenção maior dos teóricos prende-se aos sentidos assumidos pelas palavras com esse formante, bem como à classificação de tais substantivos. Basicamente, os questionamentos que fazemos apontam para três direções, conforme sintetizamos abaixo:

- a) Quais são, de fato, os sentidos possíveis de uma palavra formada por –mento?
- b) As palavras formadas com -mento recebem uma mesma classificação quanto ao traço concreto/abstrato?
- c) O formante –mento é, de fato, um sufixo?

Consideramos, assim:

a) Pelo menos três estudiosos incluem outras acepções possíveis a –mento, além do sentido de “ação ou resultado”, a qual naturalmente remete à formação de substantivos a partir de verbos. O que nos causa certa estranheza é o fato de que também esses três teóricos mencionam o caráter deverbal de –mento. Observamos, porém, que a noção de “coleção” – trazida por Cunha (1999), Cunha & Cintra (1985) e na quarta acepção de Almeida (1994), pela idéia de “porção, quantidade” – não pode ser atribuída a palavras formadas por base verbal, requerendo, antes, um substantivo como base. Fica, então, o questionamento sobre os sentidos possíveis de uma palavra formada por –mento e, associado a isso, sobre como se dá a formação dessa palavra.

b) Ao longo desta seção, apresentamos uma sutil discussão entre os lingüistas consultados no que se refere ao caráter concreto ou abstrato dos nomes formados com o sufixo –mento. Entendemos que isso seja um reflexo da pluralidade de sentidos possíveis a serem

atribuídos a esses substantivos, pois as noções de “instrumento”, “coleção” e “lugar”, por exemplo, não impedem a atualização de um traço concreto, que não é típico da noção de designação da ação verbal. Sendo assim, indagamos se há primazia por parte de uma dessas classificações (concreto/abstrato) nas formações com –mento.

c) Não poderíamos deixar de retomar aqui a ausência da informação quanto à natureza desse elemento de composição justamente numa obra que se ocupa das “questões vernáculas” (conforme expresso no seu título). Por mais que Almeida (1994) deixe transparecer a possibilidade de –mento ser, de fato, um sufixo, isso não é claro no seu texto. Como –mento seria definido, então: não sendo um sufixo na língua, poderia ser definido como uma mera terminação de palavras? Quais são as implicações de entendermos –mento como um simples segmento?

Da mesma forma que fizemos em relação a –ção, também são reveladas algumas particularidades do emprego de –mento, expressas no quadro que segue:

ESPECIFICIDADES DO EMPREGO DE –MENTO:	
a) SITUAÇÕES DE RESTRIÇÃO DE USO:	
$[X\text{-mentar}]_V \rightarrow \sim [V\text{-mento}]_N$	$[X\text{-izar}]_V \rightarrow \sim [V\text{-mento}]_N$
b) SITUAÇÕES DE PREFERÊNCIA DE USO:	
$[X\text{-ecer}]_V \rightarrow [V\text{-mento}]_N$	$[X\text{-ciar/-cionar}]_V \rightarrow [V\text{-mento}]_N$

Quadro 06 – Especificidades do emprego de –mento

Nesta primeira seção do capítulo destinado à discussão teórica, trouxemos a posição da gramática e da literatura especializada com relação aos sufixos –ção e –mento no português, ressaltando a sua relevância na nominalização e considerando tanto os aspectos gerais aos dois sufixos, quanto os aspectos particulares a cada um. Nas próximas seções, procuraremos avançar na discussão teórica, apresentando primeiramente um modelo de cunho lexicalista, a Morfologia Construcional e, depois, uma proposta de subcategorização lexical a partir de critérios semânticos. Apoiados em tais pressupostos teóricos, proporemos, nos capítulos que se seguem, a observação das palavras terminadas por –ção e por –mento, o que deve nos conduzir à reflexão sobre os sufixos estudados e à conseqüente contribuição ao fazer lexicográfico.

2.2 A DESCRIÇÃO SUFIXAL SEGUNDO A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

No capítulo anterior, ao identificarmos ser este um trabalho de natureza metalexigráfica, constatamos a necessidade de fundamentação lingüística não só aos dicionários teóricos, mas também aos dicionários vernaculares. A fundamentação teórica que sustenta a obra lexicográfica é que garantirá coerência quanto à organização macro e microestrutural do dicionário. Em razão disso, abrimos a presente seção trazendo uma abordagem teórica que sustentará nosso estudo sobre os sufixos –ção e –mento, caracterizando-se como um segundo tema para a discussão neste capítulo.

No intuito de aclararmos a identidade dos sufixos –ção e –mento e a diferenciação entre eles, buscaremos a descrição dos elementos sufixais recorrendo aos pressupostos teóricos da Morfologia Construcional, que privilegia a construção conjunta da estrutura morfológica e da interpretação semântica das palavras derivadas, tomando as distorções entre forma e sentido como apenas aparentes. Proposto por Danielle Corbin (1987), o modelo teórico tem sido desenvolvida pelos membros do centro de pesquisa SILEX (Syntaxe, Interprétation et Lexique – UMR CNRS), da Universidade de Lille III, na França, com aplicação a várias línguas românicas e ao grego moderno (CORREIA, 2004, p. 27)⁵⁵.

Cumpre-nos dizer que a Morfologia Construcional, incluída num quadro lingüístico gerativista, caracteriza-se como um modelo lexicalista que considera a língua numa visão sincrônica e que adota um método associativo e estratificado no estudo lexical⁵⁶. Visto que algumas dessas características serão retomadas ao longo desta seção, ao tratarmos dos sufixos sobre o enfoque construcional, cabe-nos, aqui, salientar o aspecto gerativista dessa teoria.

A Morfologia Construcional é, pois, gerativista na medida em que reconhece a competência lingüística como faculdade inata do ser humano: considera que há um sistema de regras interiorizado que permite produzir e interpretar um número infinito de palavras construídas, inclusive aquelas ainda não conhecidas (CORBIN, 1987, p. 47). Anterior a um “saber convencional”, de aprendizagem idiosincrática (CORBIN, 1987, p. 81), a proposta teórica prevê a existência de uma “competência derivacional”, revelada pela elaboração inconsciente de regras, e não pela memorização de unidades lexicais isoladas (CORBIN, 1987,

⁵⁵ Na língua portuguesa, o modelo tem sido utilizado por Graça Maria Rio-Torto, da Universidade de Coimbra, e por Margarita Correia, da Universidade de Lisboa, cuja Tese de Doutorado abordou a construção de nomes de qualidade em Português.

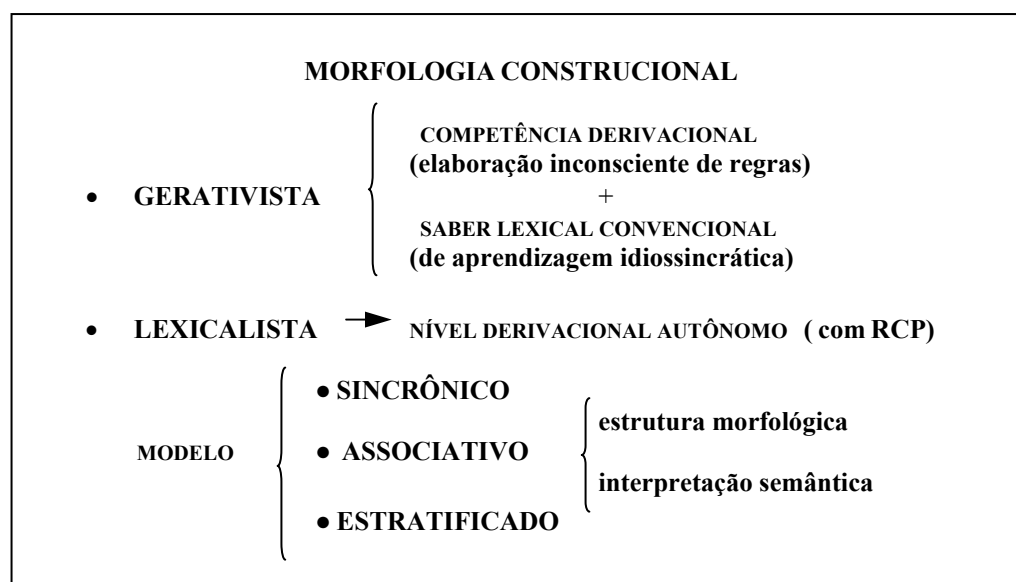
⁵⁶ Para saber mais sobre a Morfologia Construcional, recomendamos a leitura de Corbin (1987), bem como as demais obras da autora e os estudos dos lingüistas do centro de pesquisa SILEX.

p. 53)⁵⁷. Nesse sentido, a proposta teórica defende um nível derivacional autônomo (daí o seu caráter lexicalista) com regras de construção de palavras (doravante RCP⁵⁸), que respondem pela predizibilidade, e conseqüente regularidade, das palavras construídas. Apresentamos, nos termos da autora, a definição de palavra construída:

Um mot construit est un mot dont le sens prédictible est entièrement compositionnel par rapport à la structure interne, et qui relève de l'application à une catégorie lexicale majeure (base) d'une opération dérivationnelle (effectuée par une RCM) associant des opérations catégorielle, sémantico-syntaxique et morphologique. (CORBIN, 1987, p.6)

Uma palavra construída, da mesma forma que revela uma estrutura interna complexa, dada pela aplicação de um operação derivacional sobre uma base, apresenta também um sentido composicional correspondente àquela estrutura formal. A relação entre a base (de categoria maior) e a operação derivacional (afixos, operação de conversão e, no caso do português, o processo de derivação regressiva) se realiza por meio de uma RCP. Associando as operações categorial, semântico-sintática e morfológica, a RCP garante a predizibilidade do sentido da palavra construída.

O quadro abaixo sintetiza as características da proposta teórica em questão:



Quadro 07 – Características da Morfologia Construcional

⁵⁷ Conforme a teoria construcional, a “competência derivacional” leva ao reconhecimento de regularidades lexicais, que podem ser atestadas ou não na língua e decorrem da previsibilidade própria da aplicação de regras na construção de palavras; o “saber convencional”, ao contrário, aponta a irregularidades lexicais, que são apreendidas pelos usuários da língua (CORBIN, 1987, p. 53 e 81).

⁵⁸ Usamos aqui “RCP”, traduzindo para o português o original em francês “RCM” (règles de construction des mots), utilizado por Corbin (1987). No intuito de assegurarmos maior coerência com o modelo adotado, preferimos seguir o exemplo de Correia (2004) a usar “RFP” (regras de formação de palavras), termo empregado por Rio-Torto (1998).

Vemos, então, que a Morfologia Construcional reconhece uma competência derivacional, que permite a elaboração inconsciente de regras, e um saber lexical das convenções da língua, de aprendizagem idiossincrática, sendo evidenciado aí o caráter gerativista dessa teoria lingüística. Por reconhecer a autonomia de um nível derivacional do léxico que responde pela aplicação de regras que norteiam a construção de novas palavras, a Morfologia Construcional revela-se como uma teoria lexicalista. O modelo construcional é claramente associativo, pois relaciona a estrutura morfológica (forma) da palavra e sua interpretação semântica (sentido). O caráter sincrônico do modelo deve-se ao fato de que a língua é considerada no seu estágio atual, sem que seja exigido um conhecimento do histórico das palavras. Além disso, o modelo apresenta-se como estratificado ao identificar diferentes níveis de estruturação do léxico.

As características da Morfologia Construcional, algumas das quais foram comentadas acima, bem como o conceito de palavra construída proposto pela teoria, permitem-nos dirigir nosso estudo especificamente aos sufixos. É importante salientarmos que a teoria construcional será empregada aqui especificamente em seu aspecto descritivo. Não assumimos um compromisso com a complexidade e totalidade da proposta teórica (e, portanto, não aprofundaremos a discussão quanto às características que acabamos de apontar no modelo), senão naquilo que afeta diretamente o estudo dos sufixos e, por esse motivo, claramente contribui para alcançarmos o objetivo dessa dissertação. Para tanto, localizaremos os sufixos no componente lexical da gramática, mencionando a organização do léxico assumida pelo modelo (seção 2.2.1), enfatizaremos o seu papel na construção das palavras (seção 2.2.2) e, então, identificaremos como eles são constituídos (seção 2.2.3).

2.2.1 Os sufixos e sua localização no léxico

O caráter estratificado da Morfologia Construcional é revelado fundamentalmente em três aspectos: (a) nos níveis de análise do componente lexical; (b) nos dados observados (devido à hierarquização das irregularidades lexicais em relação às regularidades⁵⁹); e (c) nas operações lingüísticas (CORBIN, 1987, p. 423). Como nosso objetivo, nesta seção, é localizar

⁵⁹ São identificados três tipos de irregularidades: (1) “irregularidades de fachada”, que se traduzem em lacunas acidentais; (2) “sub-regularidades”, fruto da atuação de Regras Menores; e (3) “idiossincrasias”, decorrentes da atuação dos mecanismos de Aplicador de Idiossincrasias e Seleccionador no terceiro nível do Componente Lexical.

os sufixos na organização do componente lexical, conforme proposto pela teoria, voltaremos nossa atenção à estratificação dos níveis de análise⁶⁰.

O componente lexical é concebido como um conjunto de três níveis hierarquizados e ordenados, sendo todos eles constituídos por itens lexicais e por operações lingüísticas (CORBIN, 1987, p. 416): (a) o Componente de Base, de caráter idiossincrático; (b) o Componente Derivacional, que é o componente gerativo por excelência; e (c) o Componente Convencional. De antemão informamos que os elementos afiais (ao que nos interessa aqui, os sufixos) desempenham um papel específico em cada um desses componentes.

Assim, no Componente de Base são listadas as “entradas lexicais de base”, que incluem todos os itens não construídos na língua, complexos ou não, bem como os afixos (CORBIN, 1987, p. 426). Terão inserção lexical somente as entradas lexicais de categoria maior, sejam elas ‘palavras não-complexas’ (como *bater*, *casa*, *belo*) ou ‘palavras complexas não-construídas’ (como *hombridade*⁶¹). É importante observarmos que meros segmentos das palavras complexas não-construídas, que não são analisáveis como bases nem como afixos, não são listados como entradas lexicais (como *hombr-*, de *hombridade*, que não se constitui como base de palavras em português). Nesse componente operam as “regras de base”, correlacionando as entradas lexicais, as quais não são associadas derivacionalmente.

No Componente Derivacional, conforme já mencionamos, operam as RCPs, cujo *output* corresponde às ‘palavras construídas possíveis’ na língua, regulares, predizíveis (como *educação*, construída sobre a base verbal *educar*) e, dado que podem servir de base a novas RCPs, de número infinito, embora nem todas elas sejam atestadas no léxico atual⁶² (CORBIN, 1987, p. 418). Na próxima seção discutiremos com mais vagar as referidas regras e seus produtos (especificamente na seção 2.2.2.1). Importa, aqui, salientarmos que a aplicação de uma RCP prevê a inserção de um item lexical de categoria maior e de um afixo (ou outra operação de ordem morfológica) em posições determinadas na estrutura da palavra a ser construída (CORBIN, 1987, p. 502)⁶³.

⁶⁰ Os demais aspectos de estratificação propostos pela teoria serão mencionados, ao longo da seção 2.2, somente naquilo que se referirem ao estudo sufixal, objeto desta dissertação.

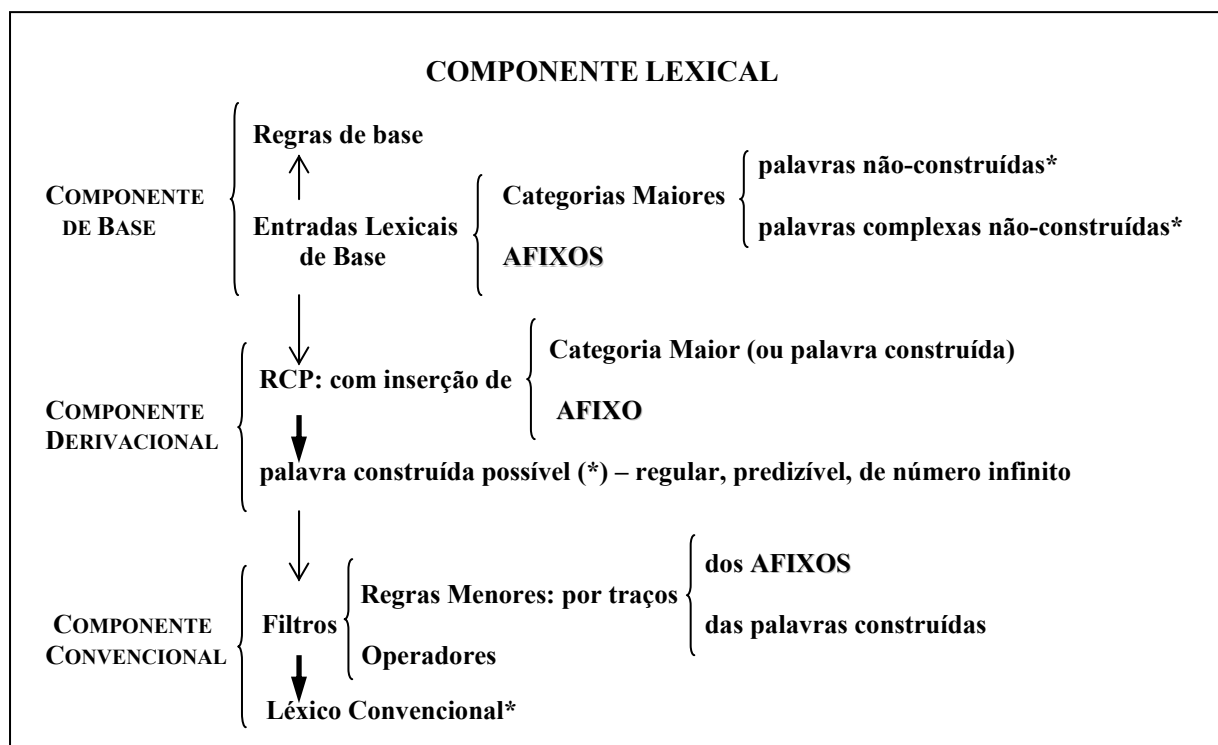
⁶¹ Exemplo citado por Correia (2004, p. 158).

⁶² Como exemplo de palavra construída possível, mas não atestada em português, poderíamos citar “*oeducamento*”, construída pela mesma regra e sobre a mesma base verbal de *educação*.

⁶³ Corbin (1987, p. 502) traz uma única ressalva quanto à inserção afial na estrutura das palavras construídas: trata-se da construção de palavras por conversão. Lembremos também da ausência de afixos nos casos de ‘*derivação regressiva*’, em que, nos termos de Rio-Torto (1998, p. 98), “*os operadores flexionais da base dão lugar a um índice de gênero*”. Ainda conforme essa autora: “*Porém, num modelo como o de Corbin, que exclui do seu escopo a estrutura flexional dos produtos, estes nomes são perspectivados como deverbais derivados por conversão.*” (CORBIN, 1987, p. 156)

O Componente Convencional, terceiro nível do Componente Lexical, também é formado por operações lingüísticas, que incluem regras menores e operadores, e por itens lexicais, o Léxico Convencional⁶⁴, que é submetido à inserção lexical. É no Componente Convencional que o ‘léxico de direito’ (*output* do Componente Derivacional que, num primeiro momento pode não ter sido inserido lexicalmente⁶⁵) será transformado em ‘léxico de fato’ (com inserção lexical⁶⁶), marcado por sub-regularidades e idiosincrasias decorrentes de filtros sucessivos e hierarquizados⁶⁷ (CORBIN, 1987, p. 415). Com relação a esse nível de análise, o estudo dos sufixos exige que nos ocupemos com as regras menores (na seção 2.2.2.2), uma vez que elas somente são empregadas mediante a atuação de traços constantes nos elementos sufixais ou de traços que são aplicados às palavras construídas.

O quadro a seguir mostra as regras e os itens lexicais de cada um dos níveis do Componente Lexical, com destaque à participação dos afixos em cada um desses níveis:



Quadro 08 – Localização dos afixos nos níveis do Componente Lexical

⁶⁴ A autora define “léxico convencional” como “l’ensemble lexicallisé instable des mots et propriétés résultant de l’action des filtres successifs sur l’output du composant dérivationnel et sur les entrées lexicales de base” (CORBIN, 1987, p. 418).

⁶⁵ A palavra construída de forma regular e predizível a partir da base verbal *bater* e do sufixo *-mento*, por exemplo, é *batimento*, *output* do Componente Derivacional, mas que não é inserida lexicalmente.

⁶⁶ A partir da aplicação de regras menores no Componente Convencional, *batimento* torna-se, então, *batimento*, palavra que é, de fato, inserida no léxico atual do português.

⁶⁷ As regras e operações constantes no Componente Convencional, identificados como “filtros” à inserção lexical, são aplicadas na seguinte ordem: regras de alomorfa; aplicador de idiosincrasias; regra de truncamento; regras semânticas menores; selecionador (CORBIN, 1987, p. 382 e 417).

As setas simples (\rightarrow) indicam que os itens lexicais estão sujeitos à aplicação de operações lingüísticas (regras e filtros); as setas cheias (\blackrightarrow) apontam ao *output* das regras e operações lingüísticas. Marcamos com asterisco (*) os itens lexicais passíveis de inserção lexical. É possível observar, ainda, que os itens afixais não são inseridos de forma isolada no léxico, e que nem toda palavra possível é atestada.

Como observamos ao referirmo-nos ao Componente de Base, a Morfologia Construcional reconhece os sufixos como entradas lexicais de base⁶⁸, pertencentes à lista de itens lexicais desse primeiro nível de análise. Sendo entradas lexicais, eles devem ser categorizados, entretanto não têm a mesma natureza das categorias maiores. O modelo identifica, então, uma categoria [Afixo] que abrange prefixos e sufixos, os quais compartilham o que a autora chama de uma “generalização importante”: são as únicas entradas lexicais que, em sua totalidade, não podem ser inseridas em estado autônomo nas estruturas sintáticas (CORBIN, 1987, p. 440). A categorização com o traço [af] evita que tal propriedade seja redundantemente marcada em todas as entradas afixais.

A identificação dos sufixos “como entradas lexicais afixais” será retomada na seção 2.2.2. Tenhamos clareza, aqui, que esses itens lexicais são elencados no Componente de Base e trazem o traço [af], que imediatamente os diferencia dos itens de categoria maior, revelando sua natureza afixal, o que se constitui, então, em característica importante a ser informada, também, nos registros lexicográficos. Lembremos, ainda, que a influência dos afixos estende-se aos outros dois níveis do Componente Lexical: têm reconhecida participação no Componente Derivacional e podem desencadear a atuação de filtros, ou mesmo serem atualizados por eles, no Componente Convencional do léxico. É o que veremos na próxima seção.

⁶⁸ Corbin (1987) usa a expressão “entradas lexicais afixais” para se referir aos afixos. Segundo a autora, os afixos são itens que compõem o léxico (por isso “lexicais”), sendo relacionados no primeiro nível do Componente Lexical, e opõem-se aos itens lexicais não-complexos de categorias maiores, também relacionados no Componente de Base. Não é considerada, assim, a oposição de “itens lexicais” a “itens gramaticais”, em que, nesse caso, os primeiros referem-se a elementos de categorias maiores, e os últimos, esses sim, referem-se aos afixos. A fim de evitarmos uma aparente contradição com relação ao sentido empregado na tradição lingüística, na medida do possível preferiremos não usar o termo “lexical” para os afixos, a não ser quando nos referimos diretamente aos termos da Morfologia Construcional.

2.2.2 A participação dos sufixos na construção das palavras

Como já mencionamos, os sufixos desempenham papéis importantes na construção das palavras de uma língua, atuando diretamente tanto nas RCPs, que constituem operações lingüísticas próprias do Componente Derivacional, quanto nas regras menores, que funcionam como filtros do Componente Convencional. Dado que a forma de atuação dos sufixos difere de acordo com a natureza dessas regras, dividimos a presente seção em duas partes. Apresentaremos, num primeiro momento, questões relativas ao emprego dos sufixos nas RCPs para, em seguida, considerarmos a participação desses nas regras menores.

2.2.2.1 O emprego dos sufixos nas RCPs

Os sufixos se fazem presentes no Componente Derivacional por participarem das regras responsáveis pela construção de palavras na língua. Convém apresentarmos o conceito de RCP proposto por Corbin (1987) e, a partir daí, tecermos algumas observações acerca do emprego dos sufixos e de noções trazidas pelo modelo que serão úteis a este estudo. Temos, então, que:

Une règle de construction de mots (RCM) associe une structure morphologique mettant en jeu un rapport catégoriel (orienté) entre deux et seulement deux catégories lexicales semblables ou différentes, une opération sémantique et un ensemble d'opérations morphologiques non combinables entre elles en nombre supérieur ou égal à 1. (CORBIN, 1987, p. 257)

Vemos, assim, que uma RCP relaciona duas categorias lexicais (RC), a da base (item lexical de categoria maior, que pode ser um adjetivo, como em *belo_A*) e a da palavra a ser construída (também categoria maior, por exemplo, um nome: *beleza_N*). A essa relação categorial (no exemplo proposto: A→N) é aplicada somente uma operação semântica (OS) que se traduz em uma paráfrase da palavra construída, contendo necessariamente a base empregada (que, no caso, poderia ser “*qualidade do que é belo*”). Uma RCP envolve, ainda, um paradigma morfológico (PM) identificado como um conjunto de operações morfológicas (OM) possíveis de serem associadas à RC e à OS dadas, sendo que apenas uma dessas OMs será empregada na construção de cada nova palavra (juntamente com *-eza* poderíamos ter outras OMs como *-idade*, *-ura*, *-idão*...). São consideradas OMs os afixos (prefixos e sufixos), além da operação de conversão e, como vemos em português, a operação de derivação regressiva. A autora propõe uma equação para resumir uma RCP, a qual é adaptada abaixo:

$$\text{RCP} = 1 \text{ RC} + 1 \text{ OS} + 1 \text{ PM (nOM)}$$

Quadro 09 – Equação de uma RCP

Conforme Corbin (1987, p. 501 e 502), o “conteúdo” de uma RCP é definido por: (a) regras de construção da estrutura das palavras (RCEP); (b) regras de construção de estrutura semântica (RCES); (c) paradigma morfológico (PM); (d) restrições categoriais e semânticas (RCS); e (e) seleção e inserção lexical (SIL), como é verificado na equação a seguir⁶⁹:

$$\text{RCP} = \text{nRCEP} + \text{RCES} + \text{PM} + \text{RCS} + \text{SIL}$$

Quadro 10 – Conteúdo de uma RCP (CORBIN, 1987, p. 502)

Os sufixos são empregados na construção de palavras na medida em que pertencem ao paradigma morfológico de uma RCP. Chamamos atenção ao fato de que a aplicação de uma RCP sobre uma base dada requer o emprego de uma única OM (no caso aqui, um único sufixo) a ser selecionada dentre o paradigma da respectiva regra. A teoria construcional deixa claro, porém, que as outras OMs do paradigma (os outros sufixos) também podem construir palavras na língua sobre aquela mesma base, ainda que com pouca probabilidade de atualização no léxico. Assim, a não-atestação de uma palavra não é argumento morfológico para a inexistência da mesma: trata-se apenas de uma lacuna acidental no léxico, uma vez que a palavra de tal forma construída, salvo mediante restrições específicas, é lingüisticamente possível⁷⁰.

As RCPs levam à construção de palavras regulares e predizíveis possíveis na língua em decorrência da associação entre estrutura morfológica e interpretação semântica. O caráter predizível é garantido pelo fato de que cada OM (ou em outras palavras, cada afixo) é associada a apenas uma OS (e, conseqüentemente, a uma única regra)⁷¹. Isso fica claro quando a autora diz que “a une RCM peuvent être associés plusieurs affixes dérivationnels, mais un

⁶⁹ O conteúdo de uma RCP será retomado em momento oportuno ao longo desta dissertação, especialmente no que se refere às RCS, tendo em vista a identificação dos sufixos –ção e –mento.

⁷⁰ As palavras *liga*, *ligação*, *ligadura*, *ligamento* exemplificam a construção de palavras por uma mesma RCP com o emprego de OMs diferentes. Há, ainda, outro sufixo no paradigma morfológico desta regra, –gem, que com o mesmo segmento de base constrói a palavra *ligagem*, não-atestada, mas lingüisticamente possível em português.

⁷¹ Sem prejuízo da coerência do modelo, é revelada, aí, uma certa assimetria entre forma e sentido: “à un seul sens peuvent correspondre plusieurs opérations morphologiques différentes, appartenant au même paradigme, mais à une opération morphologique donnée ne correspondente qu’un sens et un rapport catégoriel.” (CORBIN, 1987, p. 257)

affixe dérivationnel donné ne peut être associé qu'à une RCM et une seule" (CORBIN, 1987, p. 257), ou seja, muitos afixos (além da conversão e da derivação regressiva) podem pertencer ao paradigma morfológico de uma RCP, mas esses afixos não se aplicam a nenhuma outra regra, senão àquela.

Dessa forma, a identificação de um afixo a mais de uma RCP é apenas aparente: na verdade, teremos tantos afixos homônimos quantas regras às quais eles se associam. Semelhantemente, é reconhecida a existência de palavras homônimas: embora formalmente idênticas, elas assumem “sentidos superficialmente diferentes”, sem que esses sejam semanticamente deriváveis um do outro (CORBIN, 1987, p. 258). De modo geral, as palavras podem ser homônimas devido a três situações diferentes: (a) se não compartilham a mesma base (as bases são homônimas); (b) se são construídas por regras que apresentam outra RC e/ou outra OS (os afixos são homônimos); e (c) se uma delas não é palavra construída na língua⁷².

Do que vimos sobre as RCPs, é importante lembrarmos que na aplicação das mesmas operam entradas afixais, disponíveis no respectivo paradigma morfológico, resultando na construção de palavras regulares, previsíveis e possíveis na língua, ainda que nem todas sejam de fato atestadas. A predizibilidade das palavras construídas decorre da existência de uma única RC e de uma única OS por regra. O modelo revela, ainda, que cada OM é associada a apenas uma RCP, explicando, então, a existência de afixos homônimos e, bem assim, de palavras homônimas.

É importante lembrarmos que, nessa dissertação, pretendemos trazer uma contribuição ao fazer lexicográfico, especialmente no que diz respeito a entradas afixais e é nesse sentido que buscamos fundamentação teórica na perspectiva descritiva da Morfologia Construcional. Assim, ao reconhecermos a RCP a que é associado um sufixo, identificamos informações que podem contribuir para a definição do mesmo e que, por essa razão, merecem ser incluídas no verbete do respectivo item afixal. De forma semelhante, ao reconhecermos a existência de afixos homônimos, poderemos esperar que esses sejam registrados como entradas diferentes na nomenclatura do dicionário. Na próxima seção, observaremos o comportamento dos sufixos no Componente Convencional do léxico.

⁷² No Capítulo 4, de Análise dos Dados, voltaremos a essa questão, pois no corpus desta dissertação (Anexos B e C) deparamo-nos com palavras que ilustram cada uma dessas três situações de homonímia: (a) *carpição* e *carpimento* tem como bases verbos que são homônimos: *carpir*₁, de *carpição*, tem o sentido de “capina” e *carpir*₂, de *carpimento*, tem o sentido de “lamento”; (b) *armamento*₁ e *armamento*₂ apresentam RCs diferentes: *armamento*₁ é um substantivo deverbal (base *armar*_v), enquanto *armamento*₂ é substantivo denominal (base *armas*_N); (c) *apartamento*₁ (“ação/processo de apartar”) e *apartamento*₂ (“imóvel”) exemplificam a homonímia em que uma das palavras não é construída em português: *apartamento*₂ entrou na língua por empréstimo do francês.

2.2.2.2 A atuação dos sufixos nas Regras Menores

Como anunciamos anteriormente, o nível Convencional do Componente Lexical responde pelas eventuais distorções, formais ou semânticas, entre a palavra tal qual foi construída no Componente Derivacional (regular e predizível) e sua representação no léxico atestado. São as regras menores e os operadores lingüísticos que explicam sub-regularidades e idiossincrasias lexicais. Atentaremos, aqui, ao comportamento dos sufixos quando da aplicação dos filtros do Componente Convencional.

Conforme a proposta teórica, o que autoriza a aplicação de regras menores é a presença de traços diacríticos nos itens lexicais (CORBIN, 1987, p. 284). Como entradas lexicais afixais, os sufixos podem trazer traços idiossincráticos que acionem algumas regras menores. Por outro lado, também as palavras construídas (com ou sem sufixos), por caracterizarem-se como itens lexicais construídos no segundo componente de análise (Componente Derivacional), também são passíveis de receberem marcas idiossincráticas ao passarem para o terceiro componente lexical (Componente Convencional). O modelo construcional distingue regras menores formais – que podem ser de Alomorfia⁷³ (A) e de Truncamento⁷⁴ (T) – das Regras Semânticas Menores (RSM). Todas elas têm em comum o fato de corresponderem a fenômenos recorrentes não generalizáveis e imprevisíveis, que afetam um número finito de palavras (em geral, um subconjunto das palavras construídas) em condições específicas (CORBIN, 1987, p. 378).

Os afixos (e aqui tratando, os sufixos) têm participação ativa no que se refere às regras menores formais. Tais regras, sejam elas de alomorfia ou de truncamento, somente são aplicadas se um item lexical afixal portador de traço ativo para sua realização [X+] estiver em contato com um elemento de base portador do respectivo traço passivo [+X]. Vemos, aí, que é o afixo (no caso específico, um sufixo) que aciona uma alomorfia ou um truncamento num elemento de base. Em outros termos: um traço diacrítico ativo do afixo, que lhe era associado já no Componente de Base do léxico, destrava um traço passivo do elemento de base⁷⁵. Assim,

⁷³ Alomorfia é definida pelo modelo como “*une variation de nature phonologique, non explicable phonologiquement, qui affecte un morphème appartenant à une catégorie lexicale majeure ou affixale lors d’une opération dérivationnelle ou dans un contexte phonologique.*” (CORBIN, 1987, p. 285)

⁷⁴ Truncamento é definido como “*l’effacement d’un segment d’une base, construite ou non construite, dans un contexte dérivationnel, c’est-à-dire après un préfixe ou devant un suffixe*” (CORBIN, 1987, p. 341).

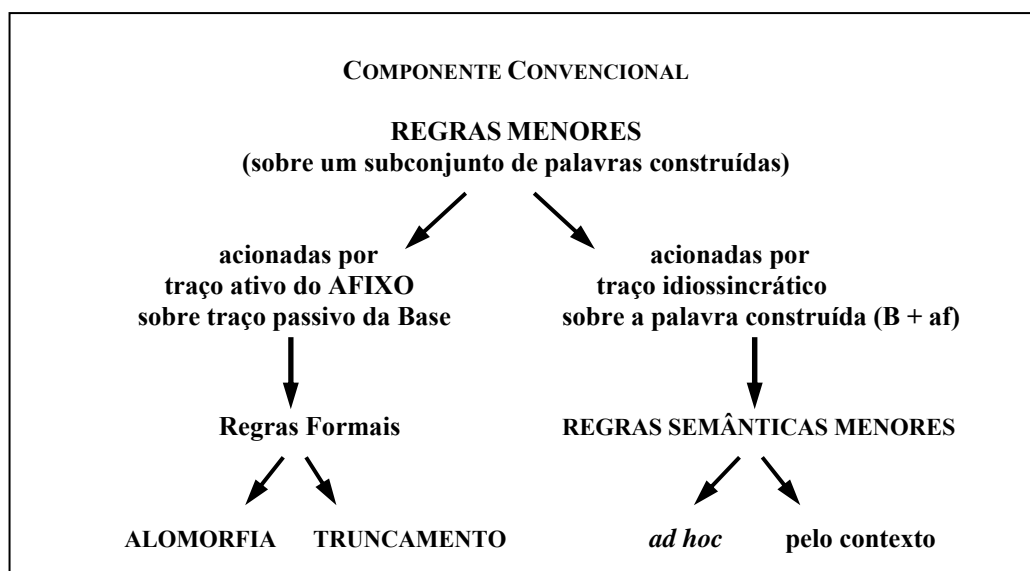
⁷⁵ A aplicação de regras menores formais pode ser ilustrada por palavras como *batimento*, já citada em nota na seção 2.2.1, que é palavra atestada em português, resultante da alomorfia destravada pela proximidade do sufixo –mento, que traz o traço ativo [A+], e da base *bater*, portadora do traço passivo [+A].

só há alomorfa se um afixo [A+] for adjungido a uma base [+A] (CORBIN, 1987, p. 328); e só há truncamento se um afixo [T+] estiver em contato com um elemento de base marcado [+T] (CORBIN, 1987, p. 367).

Os afixos podem trazer, também, traços passivos ([+X]) à aplicação de regras menores de caráter formal, os quais serão acionados somente quando a palavra construída com tal afixo tornar-se base para aplicação de uma RCP, contando agora com outra OM afixal que tenha o respectivo traço ativo – vemos, aí, a recursividade das RCPs⁷⁶.

Já no caso das RSM, o comportamento do sufixo é completamente diferente: não é sua função acionar ou mesmo sofrer regras dessa natureza, posto que as RSMs alcançam a palavra construída por completo, e não apenas um de seus constituintes (CORBIN, 1987, p. 382). De fato, as RSMs são destravadas por um traço idiossincrático que é conferido pelo operador Aplicador de Idiossincrasias (AI), no Componente Convencional⁷⁷, à totalidade da palavra construída, seja através de um traço *ad hoc* atribuído a algumas palavras construídas por uma RCP dada, seja pelo contexto, quando são consideradas tanto as propriedades semânticas da base quanto a OM empregada na RCP (CORBIN, 1987, p. 379).

Vemos abaixo as diferentes Regras Menores, conforme os traços que as destravam:



Quadro 11 – Acionamento de Regras Menores

⁷⁶ Por exemplo, o sufixo –vel traz o traço [+A] que será projetado a toda a palavra construída (*amável*), a qual sofre alomorfa quando se torna base para a construção da palavra *amabilidade*.

⁷⁷ Isso explica por que, na ordem proposta pelo modelo quanto à aplicação dos mecanismos do Componente Convencional, as RSMs são posteriores ao AI (CORBIN, 1987, p. 382 e 417).

É interessante mencionarmos, aqui, os exemplos apresentados por Corbin (1987) para as duas situações de aplicação de RSM, pois eles poderão ser esclarecedores de situações relativas ao conhecimento e ao emprego dos sufixos –ção e –mento. Exemplificando a atribuição *ad hoc* de traço a palavras construídas, a autora cita um subconjunto de nomes de ação construídos sobre bases verbais que, ao lado do sentido de “ação ou resultado de V” (previsível pela RCP), adotam o sentido de “conjunto de agentes que V” (imprevisível, decorrente da ação do AI sobre uma palavra resultante da referida RCP) (CORBIN, 1987, p. 373). Isso é visto em francês, e o mesmo vale para o português, em palavras como “*administration*” [administração] que, além de nomear a “ação de administrar”, também se refere ao “conjunto de pessoas que administra” (CORBIN, 1987, p. 225).

A aplicação do traço idiossincrático à palavra construída em decorrência do contexto, segundo caso apresentado, é ilustrado pela especialização semântica dos nomes franceses em –aire, sufixo concorrente de –eur no sentido de “agente da ação de V” (sentido este previsível pela respectiva RCP), como em “*contestataire*” [contestador]. Uma RSM é responsável pelo sentido de “beneficiário da ação de V”, assumido pela palavra com –aire quando o verbo, que já foi base para palavra construída em –eur, implicar uma mudança orientada de bens (CORBIN, 1987, p. 377 e 379), como vemos em “*destinataire*” [destinatário]. Corbin (1987, p. 378 e 379) salienta que o sentido específico dos nomes em –aire é ligado a uma propriedade semântica particular da base verbal, que se constitui em condição necessária e desencadeadora da aplicação de uma RSM.

Tais considerações nos levam a concluir que num estudo dos sufixos não podemos negligenciar as propriedades das bases, tanto no que concerne aos dados categoriais, quanto no que diz respeito às informações formais ou semânticas. Conforme o modelo, as entradas lexicais maiores trazem, desde o Componente de Base, informações como sua marca categorial, sua representação fonológica, sua estrutura argumental, sua representação semântica e os traços diacríticos que lhe são próprios (CORBIN, 1987, p. 454).

Corbin (1987, p. 443) aproxima a representação semântica das categorias maiores à sua estrutura argumental (sintática), considerando a possibilidade de redundância de propriedades semânticas entre algumas entradas lexicais, como em “*jogo*” e “*ludo*”, por exemplo. Entretanto, não é apresentado um estudo mais detalhado acerca dessas propriedades semânticas. Ao abordar as RSMs, em especial no que se refere à possibilidade de eventuais diferenças de sentido de palavras construídas sobre uma mesma regra (CORBIN, 1987, p. 371),

a autora esclarece, em nota, que “*les hypothèses avancées ici n’ont pas fait l’objet d’une vérification systématique*” (CORBIN, 1987, p. 570).

Dada a relevância das bases no reconhecimento das RSMs, na seção 2.3 desta dissertação nos ocuparemos com uma proposta de consideração das mesmas. Antes disso, porém, convém voltarmos ao estudo dos sufixos fundamentado na Morfologia Construcional. Já conhecemos a localização e o emprego dos sufixos; observaremos, então, alguns aspectos que são importantes na identificação dos mesmos (seção 3.2.3).

2.2.3 A identificação dos sufixos

Propomo-nos ao estudo das propriedades de –ção e de –mento a partir dos pressupostos da Morfologia Construcional por entendermos que o modelo dá conta da identificação da natureza dos sufixos (dado seu caráter associativo), e aponta a diferenciações entre os itens lexicais afixais (por propor a estratificação dos componentes do léxico e da própria operação derivacional). Por essa razão, dividimos a presente seção em duas partes, a fim de considerarmos a posição dos sufixos diante da associação entre forma e sentido (seção 2.2.3.1) e, então, identificarmos as informações trazidas pelos elementos sufixais e a relevância dessas na construção das palavras (seção 2.2.3.2).

2.2.3.1 Os sufixos e a associação entre forma e sentido

Identificamos a Morfologia Construcional como um modelo associativo: a estrutura morfológica e a interpretação semântica das palavras são construídas de forma simultânea, em que “não é possível dissociar semântica lexical e morfologia sob pena de se obter um modelo que descreve uma série de fenômenos formais regulares, mas que não corresponde a uma descrição autêntica do léxico” (CORREIA, 2004, p. 33).

Já mencionamos a regularidade e a predizibilidade das palavras construídas, características essas decorrentes da aplicação das RCPs, que associam as OMs a uma OS específica. Da mesma forma, salientamos que as aparentes irregularidades entre forma e sentido são explicadas pela aplicação dos filtros que constituem o Componente Convencional do léxico. Seríamos levados a generalizar, por tratarmos de um modelo associativo, que não há

forma sem sentido e nem sentido sem forma. Devemos ter cuidado, porém, na compreensão de tal generalização, dada a natureza diferenciada das entradas afixais: os afixos não trazem em si um sentido específico, mas eles se referem, desde o Componente de Base, à RCP cujo paradigma morfológico integrarão. É a RCP que é portadora de um sentido, posto que traz uma OS. Assim, sem prejuízo à associabilidade proposta pelo modelo, a vinculação do sentido à regra (e não diretamente à OM empregada) mostra-se coerente com uma teoria que valoriza o aspecto derivacional, concretizado através das RCPs.

A referência à RCP em que atua é indispensável para que um segmento receba a marca categorial afixal [af] no Componente de Base, confirmando a relevância assumida pelas RCPs nessa proposta teórica. Percebemos, assim, que não basta a aparência de sufixo, ainda que tal segmento atenda às condições fonológicas da língua, pois estamos tratando de um modelo lingüístico que é contrário à mera evidência. É a referência a uma RCP que garantirá que uma representação formal dada seja associada a um sentido a ser atribuído à palavra resultante da respectiva regra.

Como podemos perceber, a Morfologia Construcional leva-nos ao reconhecimento de diferentes *status* dos segmentos finais das palavras do léxico atestado. Se tal segmento traz informações específicas, atendendo às condições que o incluem no inventário de itens lexicais do Componente de Base⁷⁸, então estamos diante de um “sufixo”, identificado como uma entrada lexical afixal. Se, diferentemente, o segmento em questão não apresentar outras informações a não ser sua representação fonológica, ainda que com aparência de sufixo (e mesmo sendo um segmento homônimo a um sufixo da língua), ele não passa de mera “terminação” de palavras e não é inventariado no Componente de Base⁷⁹.

Ainda quanto ao caráter associativo da Morfologia Construcional, resta-nos salientar que a relação entre forma e sentido é considerada essencialmente sob perspectiva sincrônica. Sem ignorar que o léxico atual de uma língua dada é produto da história, Corbin (1987, p. 86) declara explicitamente que seu modelo se apóia na descrição das relações derivacionais atualmente perceptíveis. A contribuição da história aos estudos morfológicos limita-se a identificar a origem das palavras e o seu aparecimento na língua. A datação das palavras, por seu turno, é pouco relevante ao conhecimento das mesmas, pois apenas mostra a sua atestação

⁷⁸ Serão pontuadas na seção seguinte (3.2.3.2) as informações lexicais afixais que são trazidas pelos sufixos desde sua inscrição no inventário das entradas lexicais do Componente de Base, primeiro nível de estratificação do Componente Lexical.

⁷⁹ É o caso de *-izar*, abordado na seção 2.1.3.1, em que temos, de um lado, o “sufixo” que constrói palavras como *dolarizar* e *viabilizar*, e, de outro lado, a “terminação” *-izar* de *enraizar*, que não é um sufixo, pois *-iz-* faz parte da base do verbo construído com *-ar*.

em período anterior, comprovando que se trata de palavra possível na língua e que, em função disso, poderá, um dia, retornar ao léxico atestado. Na verdade, uma palavra construída existe na língua desde que seja possível a aplicação da regra responsável por sua construção à base específica⁸⁰. Nos termos da autora: “Si un mot dérivé est le produit d’une règle, sa réalité linguistique est liée à celle de sa base et de la règle, et son attestation chronologiquement repérable n’est qu’un accident sans rapport avec l’objet de la recherche” (CORBIN, 1987, p. 87).

Chamamos atenção, ainda, ao fato de que o caráter sincrônico do modelo não deve ser visto como restrito apenas ao aspecto derivacional ou, em outras palavras, ao produto das RCPs. Lembremos que há itens lexicais em cada um dos três níveis do Componente Lexical: tanto o léxico convencional quanto as entradas lexicais de base (categorias maiores ou afixos) são considerados sincronicamente. Informações de natureza etimológica não pertencem às entradas lexicais afixais (e nem mesmo àquelas de categorias maiores), como veremos, na próxima seção.

Queremos ressaltar, neste momento, três noções teóricas que foram mencionadas na presente seção, ao tratarmos do caráter associativo da Morfologia Construcional. Em primeiro lugar, salientamos que os sufixos não trazem um sentido específico, antes, eles se referem à RCP de que constituem o paradigma morfológico e é essa regra que contém uma OS – na seção anterior, aludimos à necessidade de identificação da regra de atuação do sufixo no respectivo verbebo lexicográfico. Na sequência, observamos que uma teoria marcadamente contrária à evidência considera diferenciação entre elementos sufixais, de um lado, e segmentos de simples terminação das palavras, de outro – o que interfere na organização (macro e/ou microestrutural) do dicionário. Ao fim, enfatizamos que a abordagem sincrônica dos fenômenos lingüísticos (e dos itens que constituem o léxico) não pode ser fundamentada pelos aspectos etimológicos – a origem e a datação das palavras podem ser apresentadas como informações complementares nos verbetes, mas não têm suficiente relevância para influírem na seleção das entradas lexicográficas.

Falta-nos, ainda, identificar quais são as informações lexicais necessárias aos afixos, presentes já nas respectivas entradas afixais no Componente de Base. É o que faremos na seção que segue.

⁸⁰ Já mencionamos (em nota, na seção 1.3.2.2) que é a partir da natureza sincrônica do modelo que poderemos reconhecer *adimplemento* (citada no verbebo de –mento do DEH) como uma palavra construída em português sobre a base verbal *adimplir*, sem que seja necessário ao falante recorrer à etimologia de tais palavras.

2.2.3.2 As informações lexicais afixais⁸¹

Ao longo desta segunda seção do capítulo referente à discussão teórica, temos conhecido alguns pressupostos da Morfologia Construcional, procurando enfatizar aquilo que diz respeito aos sufixos. Considerando a estratificação proposta pela teoria como uma de suas características mais basilares, localizamos os sufixos como itens lexicais inventariados no primeiro nível de análise do Componente Lexical, o Componente de Base. Os sufixos são identificados, ali, como entradas lexicais afixais. Temos anunciado que há informações pertinentes e relevantes aos afixos, as quais lhes são associadas já na sua inclusão entre os itens do Componente de Base. Ao abordarmos as questões teóricas que gravitam ao redor dos sufixos, mencionamos algumas dessas informações, que serão sistematizadas aqui.

Conforme Corbin (1987, p. 454), quatro são as informações necessárias às entradas afixais, que lhes garantem seu estatuto e, ao que mais nos interessa nesta investigação, que asseguram sua existência e identidade enquanto itens da língua:

- a) a marca categorial;
- b) a representação fonológica;
- c) os traços diacríticos; e
- d) a referência à RCP à qual o sufixo é associado.

Sobre (a) a marca categorial [af], própria dos afixos, já tratamos na seção 2.2.1, ao localizarmos os sufixos na estratificação do léxico. A identificação da categoria afixal presente nas OMs da língua, além de revelar a importância de tais itens na construção de palavras, deixa expresso que cabe à respectiva RCP a apresentação da categoria maior, tanto da base quanto da palavra construída⁸² (CORBIN, 1987, p. 444).

A necessidade de o sufixo referir de antemão a RCP em que opera (d) foi citada nas seções anteriores. Vimos que é através da regra que a forma afixal é associada a uma OS⁸³.

⁸¹ Em conformidade com os termos do modelo construcional, mantivemos, aqui e nas próximas seções, a expressão “informações lexicais afixais”, ressaltando que as informações a que nos referiremos acompanham os itens afixais desde o primeiro nível de estratificação do léxico.

⁸² Uma vez que é indispensável à constituição das RCPs a identificação da relação categorial (RC) envolvida, é inerente à regra a informação da marca categorial da base e, da mesma forma, da palavra construída (CORBIN, 1987, p. 257).

⁸³ A teoria construcional prevê que “les contraintes d’ordre catégoriel et sémantiques ont du ressort des RCM” (CORBIN, 1987, p. 494). As restrições categoriais referem-se às categorias da base e da palavra construída, que

Quando mencionamos que há segmentos identificados como meras terminações (que não são sufixos), referimo-nos, também, à representação fonológica (b) necessária às entradas lexicais (afixais ou não). A autora destaca, ainda, que a representação fonológica de um afixo deve ser silabável, em conformidade com as características da língua, podendo conter, também, informações quanto à sua realização fonética (CORBIN, 1987, p. 429 e 430).

Resta abordarmos, então, as informações veiculadas através dos traços diacríticos (c) que são originalmente atribuídos aos sufixos. Mais do que as informações de ordem categorial ou fonológica, são esses traços diacríticos que interessam ao morfologista. Isso é justificado pelo fato de que são tais traços que individualizam os sufixos e consagram as diferenciações entre um e outro, inclusive entre sufixos concorrentes, ou seja, entre aqueles que pertencem a um mesmo paradigma morfológico (e, conseqüentemente, a uma mesma RCP). Uma vez que são os responsáveis pela marca individual dos afixos, os traços diacríticos revelam-se de fundamental importância ao nosso estudo.

Conforme o modelo, os traços diacríticos dos elementos afixais abrangem informações de diferentes naturezas, incluindo dados como: a disponibilidade do afixo na realidade da língua (traço [+D], [-D]); a referência a regras menores (traços ativo e/ou passivo para alomorfia e truncamento: [A+], [+A], [T+] e [+T]); o gênero a ser atribuído à palavra construída (traços [masc] ou [fem]); a subcategorização do afixo, decorrente do seu lugar de atuação na estrutura da palavra a ser construída (traços [prefixo] ou [sufixo]), entre outros (CORBIN, 1987, p. 576).

Além dos traços diacríticos, Corbin (1987, p. 444) salienta ainda que nas entradas afixais no Componente de Base constam também informações relativas a propriedades idiossincráticas que respondem por restrições particulares que pesam sobre cada afixo. Tais restrições, de ordem fonológica e morfológica (CORBIN, 1987, p. 494), impedem a adjunção do sufixo a determinados tipos de base. Assim, a restrição do emprego de -ção a bases verbais em -ecer (conforme mencionado na seção 2.1.3.1 desta dissertação) e a restrição de emprego de -mento a bases verbais em -mentar (visto na seção 2.1.3.2) são exemplos de restrições particulares de ordem fonológica e morfológica trazidos pelos respectivos sufixos.

A importância dos traços diacríticos dos afixos, e bem assim das suas restrições particulares, é ratificada pelo fato de os mesmos serem projetados sobre a palavra construída. A projeção desses traços afixais, bem como de alguns traços da base, é identificada como uma

são reveladas na estrutura de palavra selecionada; as restrições semânticas respondem pela construção de um sentido composicional à palavra construída a partir da aplicação de uma OS (CORBIN, 1987, p. 502).

das etapas de uma operação derivacional (OD), responsável pela construção de palavras na língua: (a) identificada a estrutura da palavra a ser construída (se por prefixação, sufixação ou conversão), são inseridos (b) um item lexical de base (de categoria maior) e (c) um item lexical afixal⁸⁴ (no caso, um sufixo), sendo (d) aplicada a OS que traz um sentido composicional da palavra construída (por paráfrase) e, então, (e) são projetos sobre a palavra construída os traços diacríticos relativos tanto à base quanto ao respectivo elemento afixal (CORBIN, 1987, p. 501-504)⁸⁵.

Corbin (1987, p.503) propõe uma fórmula que resume o conjunto de operações que constituem a OD. É o que apresentamos no quadro 12, destacando a participação dos afixos:

OD =	construção da estrutura da palavra	+	inserção da Base	+	inserção do AFIXO	+	aplicação da OS	+	projeção dos traços diacríticos
-------------	---	---	---------------------------------	---	----------------------------------	---	--------------------------------	---	--

Quadro 12 – Modalidades de aplicação de uma operação derivacional, segundo Corbin (1987, p. 503)

Da presente seção, é importante que tenhamos clareza quanto às informações trazidas pelos sufixos, pois entendemos que tais dados devem ser contemplados nos respectivos verbetes afixais. Por essa razão, elaboramos o quadro apresentado a seguir, incluindo alguns traços diacríticos que serão projetados sobre as palavras a serem construídas:

INFORMAÇÕES LEXICAIS AFIXAIS	}	MARCA CATEGORIAL	→ [af]	
		REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA		
		TRAÇOS DIACRÍTICOS	subcategorização afixal	→ [sufixo]
			disponibilidade	→ [+D]
		traços de Regras Menores	→ [+A], [A+], [+T], [T+]	
REFERÊNCIA À RCP	→ [RCPx]			

Quadro 13 – Informações Lexicais Afixais

⁸⁴ Na conversão não há inserção afixal (c), embora ainda haja a projeção dos traços próprios dessa operação à totalidade da palavra construída (e): “Aux opérations morphologiques de conversion n’est associée aucune insertion lexicale proprement dite. On peut concevoir l’opération comme un transfert des propriétés propres éventuelles de la conversion à la catégorie lexicale du mot construit” (CORBIN, 1987, 495).

⁸⁵ Podemos ilustrar as etapas da OD pela construção do adjetivo *amável*, em que temos (a) a construção da estrutura da palavra por sufixação, mediante (b) a inserção da base verbal *amar* e (c) do sufixo *-vel*, sendo (d) aplicada a OS que poderia ser “qualidade de quem pode ser $V_{participio}$ ” e, então, (e) o traço passivo para alomorfa [+A] do sufixo é projetado sobre toda a palavra construída.

Ao longo desta segunda seção do Capítulo referente à discussão teórica, trouxemos alguns pressupostos da Morfologia Construcional, priorizando aqueles que dizem respeito especificamente aos sufixos: sua localização no modelo; sua atuação na construção de palavras novas e as características e informações necessárias que os identificam. Vimos que desde a sua inclusão no primeiro nível do Componente Lexical, os afixos trazem informações que são indispensáveis à sua existência e à sua atuação na língua, incluindo traços diacríticos que são projetados sobre as palavras por eles construídas e a referência à RCP em que participam. A menção à RCP é informação importante numa entrada afixal, posto que não são os afixos, por si próprios, detentores de um sentido a ser estendido à palavra construída, mas é a regra que traz, juntamente com a RC e o paradigma de OM, uma OS responsável pelo sentido composicional da palavra construída.

Entendemos que as informações lexicais de base, sejam elas de categorias maiores ou de afixos, devem ser apresentadas no verbete da respectiva entrada lexicográfica (de categoria maior ou afixal). Assim, no verbete de um sufixo, é necessário que constem as informações referentes à RCP, com clareza da sua respectiva OS e, se for o caso, das RSMs envolvidas – lembrando que as propriedades das bases podem influenciar na identificação das RSMs (seção 2.2.2.2). Consideremos também que a base é incluída na OS de uma regra, posto que o sentido desta se traduz em uma paráfrase contendo a categoria da base⁸⁶.

Conforme abordamos ao tratarmos das RSMs, o modelo reconhece a importância das bases e pontua as informações lexicais por elas trazidas desde o primeiro nível do Componente Lexical, incluindo aí a sua marca categorial e sua representação semântica, embora Corbin (1987) não tenha pormenorizado este último aspecto. A fim de aproximarmos da identidade dos sufixos estudados, buscando, de forma especial, um maior detalhamento de ordem semântico-categorial, passaremos à terceira e última parte deste Capítulo, quando trataremos da subcategorização semântica tanto das bases quanto das palavras construídas com *-ção* e com *-mento*.

⁸⁶ Citamos, como exemplo, a construção de nomes deverbais com *-ção* e com *-mento*, cuja OS envolvida se subscreve em: N = “ação de V”, em que N aponta à categoria da palavra construída (substantivo) e V à categoria da base (verbo). Como veremos no capítulo de análise, assim são construídas palavras como *coroação* e *coroamento*.

2.3 CRITÉRIOS PARA A DESCRIÇÃO DOS SUFIXOS

Na seção 2.2, vimos que a Morfologia Construcional é um modelo associativo e estratificado. A natureza associativa da proposta teórica contempla a construção simultânea da representação morfológica e da interpretação semântica das palavras construídas. A abordagem estratificada do léxico evidencia, entre outros importantes aspectos, a relevância do componente semântico, que ocupa lugar em cada um dos níveis formadores do componente lexical: no Componente de Base, através de regras semânticas de base; no Componente derivacional, a partir da OS única na constituição de cada RCP; e no Componente Convencional, pela atuação das RSM.

Assim como o aspecto semântico é importante na construção de palavras, a identificação das RCPs revela o papel fundamental também das categorias gramaticais (da base e da palavra construída), que se traduzem em uma única RC por regra. Vimos, ainda, que ao lado de uma RC e de uma OS, uma RCP pode ser aplicada mediante a utilização de diferentes OMs relacionadas paradigmaticamente.

Salientamos que nosso interesse neste estudo de natureza metalexiconográfica volta-se ao registro dicionarístico de dois sufixos que concorrem numa mesma regra, ou seja, pertencem ao mesmo paradigma morfológico, associado à mesma OS. Assim como o aspecto semântico das regras pode ser flexibilizado mediante a aplicação de RSM, o que é previsto pela Morfologia Construcional, entendemos que também o aspecto categorial da regra merece ser discutido de forma mais pormenorizada a partir da investigação das subcategorias envolvidas na aplicação da regra em questão. No intuito de alcançar um maior detalhamento dos aspectos categorial e semântico, e tendo em vista que o modelo apresentado na seção anterior não contempla a subcategorização das categorias maiores, recorreremos à subcategorização lexical, em conformidade com Borba (1996 e 2003), enfatizando a noção de derivação semântica trazida por Chafe (1979).

Lembremos que nosso enfoque, aqui, são as propriedades dos sufixos –ção e –mento, os quais atuam na construção de nomes deverbais em português. Buscamos, então, a possibilidade de relação dos sufixos estudados com a especificação das duas classes semântico-categoriais envolvidas: a das bases a que são adjungidos os sufixos, ocupando-nos com a subcategorização

dos verbos (seção 2.3.1) e, de igual modo, a das palavras resultantes da aplicação da RCP em questão, que nos levam à subcategorização dos nomes (seção 2.3.2).

2.3.1 A subcategorização das bases

Chafe (1979, p. 106) identifica *verbo* e *nome* como unidades semânticas abrangentes. Ao considerar de forma hierárquica a relação destes com as unidades lexicais⁸⁷, revela que, quanto à abrangência, há ainda um nível intermediário, ocupado pelas “unidades seccionais”⁸⁸, que permitem a especificação semântica daquelas mais abrangentes. A discriminação das especificações semânticas, seja do verbo, seja do nome, leva a uma classificação dentro dessas conhecidas categorias gramaticais. Em razão disso, entendemos as unidades seccionais como responsáveis pela identificação de subcategorias – dos verbos e dos nomes.

O quadro a seguir mostra a hierarquização desses três níveis das unidades gramaticais, conforme Chafe (1979):

UNIDADES GRAMATICAIS			
UNIDADES SEMÂNTICAS	→	categorias	- Ex.: Verbo ; Nome
UNIDADES SELECIONAIS	→	subcategorias	- Ex.: V de ação ; N abstrato
UNIDADES LEXICAIS	→	palavras	- Ex.: agir ; paz

Quadro 14 – Hierarquia das unidades gramaticais, segundo Chafe (1979)

Na primeira seção deste capítulo, observamos que *-ção* e *-mento*, enquanto sufixos nominalizadores, participam na construção de palavras ao se unirem a bases verbais. Voltemos, então, para a classificação dos verbos apresentada por Borba (1996), que nos revelará a subcategorização das bases a serem analisadas nesta dissertação.

⁸⁷ Conforme Chafe (1979, p. 106 e 107), as unidades lexicais são altamente específicas, trazendo grande carga de “informação” a ponto de determinar do que se trata a oração. São unidades semânticas que não envolvem outras unidades. Ao que nos importa, aqui, coincidem com o que identificamos como as palavras que compõem o inventário lexical, sejam elas construídas ou não na língua.

⁸⁸ Chafe (1979, p. 106) esclarece que as unidades seccionais atuam, por um lado, na seleção das unidades lexicais e, por outro lado, na seleção dos nomes que as acompanham e da relação destes com a respectiva unidade mais abrangente (verbo ou nome).

É reconhecida a proximidade da teoria proposta por Borba daquela defendida por Chafe (1979). Em razão disso, é importante mencionarmos aqui algumas razões que nos levaram a optar pela classificação dos verbos segundo Borba (1996). Um dos motivos da nossa opção decorre da diferença entre os dois autores quanto à identificação dos casos temáticos que acompanham os verbos⁸⁹. Verificamos, ainda, que Borba apresenta os verbos de estado como uma unidade lexical com autonomia sintático-semântica, e não como formações constituídas por um verbo auxiliar (de ligação) e um adjetivo (formações essas apresentadas por Chafe, cuja preocupação centra-se especificamente no aspecto semântico, e não no trato sintático-semântico). Alia-se a isso o fato de que a Gramática de Valências (BORBA, 1996) constitui-se numa teoria apresentada e aplicada diretamente à realidade lingüística do português. Por outro lado, não deixaremos de buscar os pressupostos do modelo de Chafe (1979) sempre que necessários ou pertinentes à situação. As duas teorias não são entendidas como excludentes, antes, parecem-nos mutuamente esclarecedoras e é assim que serão tomadas na presente pesquisa.

A classificação dos verbos trazida por Borba (1996) remete à organização dos mesmos em quatro grupos: (a) os verbos de ação; (b) os verbos de processo; (c) os verbos de ação-processo; e (d) os verbos de estado⁹⁰.

Conforme o autor, os verbos de ação (a) “expressam uma atividade realizada por um sujeito agente” (BORBA, 1996, p. 58), ou seja, há alguém responsável por “executar” a atividade manifestada pelo verbo. Chafe (1979, p. 100) propõe o reconhecimento dos verbos de ação mediante a pergunta “O que N fez?”, em que N é um nome que acompanha o verbo.

Diferentes disso, os verbos de processo (b) não exigem um agente, pois não expressam uma ação. O verbo, agora, refere-se a um evento ou a uma seqüência de eventos que afetam um sujeito paciente. Borba (1996) chama a atenção ao fato de que nem sempre o sujeito de um verbo de processo é apenas um paciente: ele também pode “experimentar” o sentido manifesto pelo verbo (ser um experienciador) ou pode se beneficiar pela noção verbal (assumindo o caso beneficiário). Chafe (1979) revela que os verbos de processo manifestam um acontecimento que se traduz em uma mudança de estado ou de condição de um nome (CHAFE, 1979, p. 100), “que pode ocorrer gradualmente ou repentinamente, através do tempo ou do espaço” (CHAFE,

⁸⁹ Borba, seguindo Fillmore, assume “*serem suficientes os seguintes [casos]: agente, experimentador, beneficiário, objetivo, locativo, instrumental, causativo, meta, origem, resultativo, temporal, comitativo.*” (BORBA, 1996, p. 30)

⁹⁰ Além dessas quatro classes verbais propostas por Borba (1996), Chafe (1979, p. 102 e 103) apresenta outras duas de caráter todo-abrangente, que “cobrem o ambiente total, não apenas algum objeto dentro dele”. São verbos de ação-ambiente e de estado-ambiente.

1979, p. 123). Nesse caso, a pergunta a ser feita para identificar a classe verbal, diferenciando-a dos verbos de ação, é “O que aconteceu a N?”.

Há situações em que o verbo continua com o traço processual (ainda manifestando mudança de estado), mas apresenta, de forma simultânea, o sujeito responsável pela ação verbal, seja ele um agente, um instrumento, ou mesmo aquele que provoca o efeito anunciado pelo verbo, identificado, então, como causativo (BORBA, 1996, p. 59 e 2002, p. vii). Ao trazer a noção de verbos de ação-processo (c), Chafe (1979, p. 108) procura deixar claro que há, aí, a interseção entre as duas classes verbais já abordadas, pois “ação não inclui processo”, nem este inclui ação.

O quarto e último grupo mencionado por Borba (e primeiro, na classificação de Chafe) refere-se aos verbos de estado (d), os quais expressam uma propriedade de um sujeito identificado como “mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário” (BORBA, 1996, p. 60). O que o autor chama genericamente de propriedade é por ele mesmo especificado como um estado, uma condição ou uma situação. Como já dissemos, Chafe dá um tratamento diferenciado aos verbos de estado, considerando sob essa classe as formações que trazem, não raro, um adjetivo associado ao um verbo de ligação⁹¹.

O quadro 15 resume a subcategorização verbal proposta por BORBA (1996):

VERBO	{	DE AÇÃO	→ Sujeito	{ AGENTE
		<i>(atividade)</i>		
		DE AÇÃO-PROCESSO	→ Sujeito	{ AGENTE
		<i>(processo + responsável p/ ação)</i>		{ INSTRUMENTO
				{ CAUSATIVO
		DE PROCESSO	→ Sujeito	{ PACIENTE
		<i>(evento; mudança de estado)</i>		{ EXPERIENCIADOR
				{ BENEFICIÁRIO
		DE ESTADO	→ Sujeito	{ SUPORTE (OBJETO)
		<i>(estado, condição, situação)</i>		{ EXPERIENCIADOR
				{ BENEFICIÁRIO

Quadro 15 – Subcategorização verbal

⁹¹ Chafe (1979, p. 98) menciona como exemplos de orações com verbos de estado: “(a) *The wood is dry*. [A madeira está seca.]; (b) *The rope is tight*. [A corda está esticada.]; (c) *The dish is broken*. [A travessa está quebrada.]; (d) *The elephant is dead*. [O elefante está morto.]”.

Ao estudarmos os sufixos –ção e –mento na construção de palavras sobre bases verbais e considerando a subcategorização dessas bases conforme a classificação dos verbos mencionada até aqui, fica em aberto pelo menos uma questão nesse sentido: como são subcategorizadas as bases que constroem palavras atestadas no PB com esses dois sufixos concorrentes?

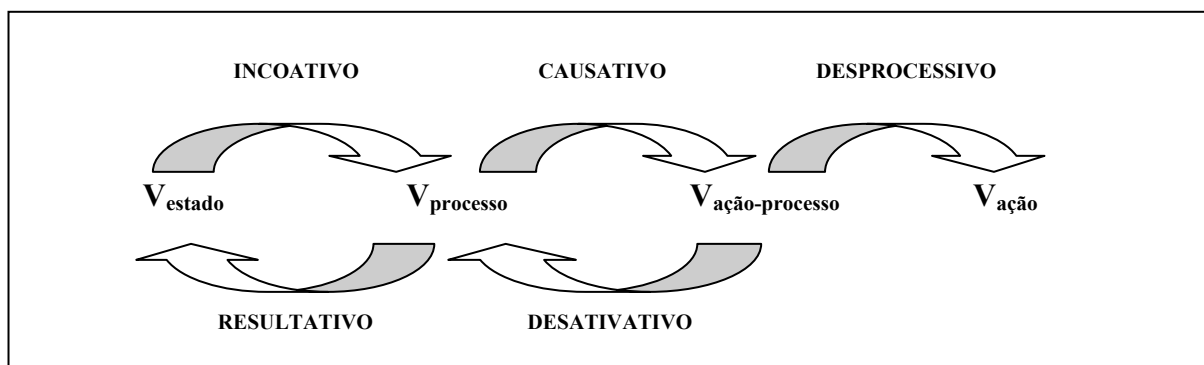
Ainda com relação à subcategorização dos verbos, fazemos questão de trazer à discussão nesta seção a possibilidade de derivação semântico-categorial colocada por Chafe (1979). Ao lado das unidades abrangentes, seletivas e lexicais, o autor apresenta, também, as “unidades derivativas”, cuja função é “converter uma unidade lexical de um tipo em uma unidade lexical de outro” (CHAFE, 1979, p. 124). O autor considera que uma raiz verbal é intrinsecamente de uma ou outra classe seletiva de verbos, podendo ser convertida por derivação a um outro grupo. Para tanto, sua teoria prevê a possibilidade de ocorrência de alguns processos derivativos, os quais permitem o trânsito intracategorial do elemento semântico dos verbos, contribuindo, assim, com as unidades lexicais, por trazer-lhes “um significado especial próprio” (CHAFE, 1979, p. 124).

Entre os mecanismos derivativos elencados pelo lingüista, cumpre-nos especificar, aqui⁹²: (a) o processo *incoativo*, que acrescenta um traço processual aos verbos de estado, tornando-os verbos de processo; (b) o processo *resultativo*, que opera na direção contrária, pois “converte uma raiz verbal que é intrinsecamente processo em uma que é, por derivação, estado” (CHAFE, 1979, p. 126); (c) a unidade derivativa *causativa*, que acrescenta um caráter ativo a um verbo que é original ou incoativamente de processo (CHAFE, 1979, p. 130); (d) o mecanismo *desativativo*, que elimina o traço de ação de verbos intrinsecamente de ação-processo, o que somente poderá ocorrer, segundo o autor, em “circunstâncias limitadas” (CHAFE, 1979, p. 134); e (e) o mecanismo *desprocessivo*, que faz com que uma raiz verbal intrinsecamente ação-processo perca seu traço processual e torne-se um verbo de apenas ação – tal unidade derivativa não se aplica a uma raiz que tenha se tornado ação-processo por derivação causativa⁹³.

O quadro a seguir apresenta os processos semânticos derivativos propostos por Chafe:

⁹² Mencionamos neste estudo tão-somente os processos que mostram a transferência de classe de uma raiz verbal, sem considerar processos como o absolutivo (torna raízes relativas em raízes não-relativas) e o relativizador (converte raízes não-relativas em relativas) (CHAFE, 1979, p. 128 e 130).

⁹³ Chafe (1979, p. 136) salienta que não há comprovação de existência de um processo derivativo oposto ao desprocessivo. Segundo ele, “não há caso algum em que as raízes verbais que são intrinsecamente ações simples possam converter-se em ações-processos”.



Quadro 16 – Processos semânticos derivativos dos verbos, segundo Chafe (1979)

De posse de informações acerca das subcategorias verbais e dos processos derivativos de conversão entre elas, aguardamos a possibilidade de aplicação desse conhecimento na análise das bases das palavras construídas com *-ção* e com *-mento*, a fim de verificarmos, aí, a presença de particularidades de cada um desses sufixos, as quais devem ser apresentadas nos respectivos verbetes afixais. Antes disso, passemos a considerar, na próxima seção, os pressupostos teóricos que permitem a subcategorização das palavras construídas.

2.3.2 A subcategorização das palavras construídas

À semelhança do que acontece com os verbos, a classe nominal também pode ser subdividida conforme os traços semânticos que os nomes contêm. Uma vez que as palavras construídas com os sufixos *-ção* e *-mento* são substantivos, voltamo-nos à classificação dos nomes, conforme a abordagem de Borba (2003)⁹⁴.

Para darmos início a essa questão, lembremos que já na primeira seção deste capítulo, ao referirmo-nos à noção de nominalização, aludimos à primeira subdivisão dos nomes apresentada por Francisco Borba. Segundo ele, os nomes se agrupam em dois grandes conjuntos: os nomes concretos e os nomes abstratos, identificados, respectivamente, pela existência ou não de referência no mundo dos objetos. Retomando a citação apresentada naquele momento, salientamos que os nomes abstratos “constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou a estados de coisas” (BORBA, 2003, p. 176). Quanto aos nomes concretos, o autor diz que estes “se referem a um objeto físico, localizável no tempo e no espaço, com propriedades perceptuais diretamente observáveis” (BORBA, 1996, p. 125).

⁹⁴ Da mesma forma como fizemos ao tratarmos dos verbos, na medida em que se fizer necessário, traremos a posição de Chafe (1979) relativa à discriminação semântica dos nomes.

Fato é que tanto os nomes concretos quanto os nomes abstratos podem ser subcategorizados. No caso dos nomes concretos, cada um dos traços semânticos identificados revela uma nova subdivisão. Dessa forma, ao tomarmos o traço [\pm animado], teremos que os nomes concretos podem se referir a seres “animados”, ou “não-animados”. Os nomes animados podem ser agrupados a partir do traço [\pm humano], resultando, então, em nomes “humanos” e nomes “não-humanos”. Os nomes não-animados, por sua parte, distribuem-se mediante o traço semântico [\pm contável], podendo ser “contáveis” ou “não-contáveis” (BORBA, 2003, p. 176), em que esses últimos indicam uma massa indivisível, como é possível constatar em exemplos como: “trigo/muito trigo, areia/pouca areia” (BORBA, 2003, p. 177)⁹⁵.

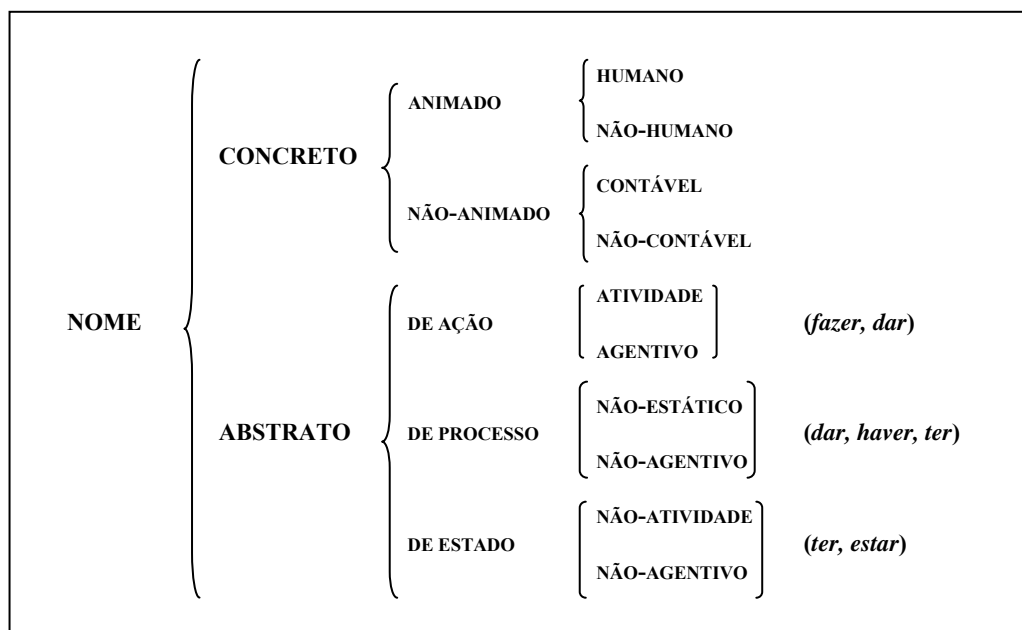
A proposta de subcategorização dos nomes abstratos leva-nos a retomar a idéia de superposição entre nome e verbo, mencionada na seção 2.1.1. À semelhança dos verbos, os nomes abstratos podem indicar ação, processo ou estado (BORBA, 2003, p. 177), decorrendo daí a sua classificação⁹⁶. Para tanto, por um lado, o traço [\pm atividade] faz a distinção entre nomes de ação e de processo em relação aos de estado, e, por outro lado, a associação ou não a um constituinte agentivo marca a diferença entre os nomes de ação e os nomes de processo.

Temos, assim, a seguinte caracterização dos nomes abstratos: (a) os nomes de ação, que demonstram atividade e associam-se a constituintes agentivos; (b) os nomes de processo, que “não são estáticos, pois indicam evento, mas também não se associam a um constituinte agentivo”, formando uma subclasse intermediária (BORBA, 2003, p. 177); e (c) os nomes de estado, que além de terem o traço não-atividade, também não são associados a um elemento agentivo.

A fim de proporcionar uma melhor visualização da tipologia dos nomes proposta por Borba, apresentamos o Quadro 17, com a classificação dos nomes acompanhada dos traços que os caracterizam:

⁹⁵ Na organização das unidades selecionais nominais proposta por Chafe (1979, p. 109-111), a unidade semântica [contável] é anterior ao fato de ser [\pm animado]. Segundo ele, todo nome animado é contável, embora nem sempre esteja sujeito à contagem, como no caso dos nomes próprios, que são especificados com o traço [único] (CHAFE, 1979, p. 113). Ainda que tal questão não seja de maior importância à nossa investigação, privilegiamos, aqui, a estrutura classificatória de Borba (2003), conscientes de que para esse autor os nomes próprios “não nomeiam, apenas referem a objetos físicos, estando, portanto, mais próximos dos pronomes” (BORBA, 1996, p. 125). Guardemos de Chafe (1979) a informação de que os nomes animados são, também, contáveis.

⁹⁶ Como verificaremos na seqüência desta dissertação, é impossibilitada aos nomes abstratos a simultaneidade de traços relativos à sua subcategorização: não é registrado caso de nome abstrato de ação-processo. Há situações, porém, em que um único nome é empregado ora como de ação, ora como de processo ou de estado.



Quadro 17 – Subcategorização nominal, segundo Borba (2003)

Nessa mesma proposta, o autor defende a possibilidade de ligação dos nomes abstratos a verbos-suporte (ou verbos funcionais), no que ele chama de “uma postura tipicamente sintática” (BORBA, 1996, p. 95)⁹⁷. Isso se deve ao fato de que, por não terem referentes independentes, os nomes abstratos têm, conseqüentemente, “mais forte dependência contextual” (BORBA, 2003, p. 188). O linguísta cita os verbos-suporte típicos, que podem acompanhar cada um dos tipos de nomes abstratos, os quais constam no Quadro 17: *fazer* ou *dar* para os nomes de ação; *dar*, *haver* ou *ter* para os de processo; e *ter* ou *estar* para os nomes de estado (BORBA, 2003, p. 184).

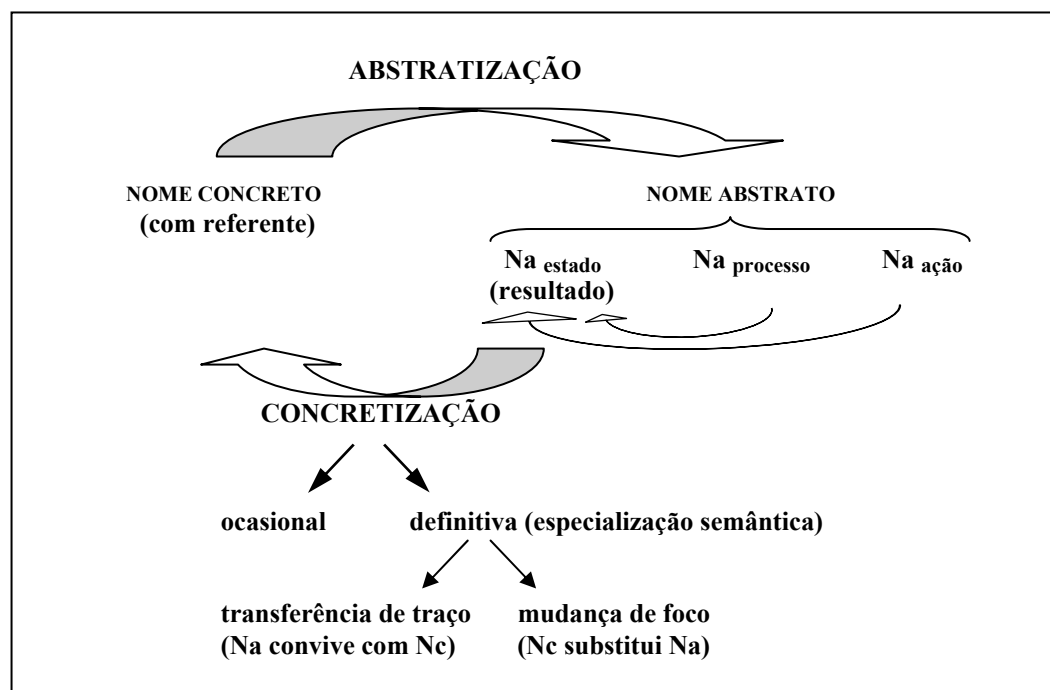
É interessante observarmos que tanto os nomes concretos quanto os nomes abstratos podem ser resultados da nominalização. Conforme o autor, os nomes concretos podem provir da nominalização direta ou podem passar pela intermediação do respectivo nome abstrato⁹⁸ (BORBA, 1996, p. 140). Vemos aí que, assim como há processos que permitem a conversão de uma subclasse verbal à outra (mencionados na seção anterior), são reconhecidos, também, mecanismos responsáveis pela alteração do caráter original de um nome.

⁹⁷ Borba (1996, p. 93, 94) menciona o estudo sobre verbos-suporte como uma “proposta recente” que têm sido desenvolvida em vários países europeus (cita França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal), mas que remonta a conceitos trazidos por lingüistas como Harris (1964) e Polenz (1963).

⁹⁸ Como exemplos de nomes concretos decorrentes de nominalização direta, o autor cita: “*chuva, neve, cria, habitação*”; enquanto que a intermediação do nome abstrato é exemplificada por “*entrada, criação*”. – Entendemos, porém, que “*habitação*” deveria ser mencionado junto com esse segundo grupo, por haver o sentido abstrato intermediário de “ação de habitar”.

perdendo o traço abstrato, fazendo com que tal sentido fosse atribuído a outro substantivo, levando à atestação de “medicação” (BORBA, 2003, p. 147). Segundo o autor, “quando um derivado abstrato se especializa e se concretiza, é comum outro item do mesmo conjunto morfológico tomar-lhe o lugar primitivo: [...] plantar > planta (con) > plantação (abs/con) > plantio” (BORBA, 1996, p. 85).

Assim como propusemos a visualização dos processos semânticos derivativos dos verbos (Quadro 16), apresentamos o quadro abaixo, que identificamos como dos “processos semânticos derivativos dos nomes”, na intenção de resumir as informações acerca da possibilidade de alteração das subcategorias nominais.



Quadro 19 – Processos semânticos derivativos dos Nomes

Considerando a existência dos nomes concretos e dos nomes abstratos, resultantes ou não de operações semânticas de abstratização e de concretização, retornaremos, ao longo desta dissertação, à subcategorização nominal. Lembramos que nosso interesse é observar as palavras construídas com –ção e com –mento, na intenção de identificarmos propriedades específicas de um e de outro sufixo que complementarão as informações lexicográficas relativas a cada uma dessas formas afixais.

RESUMO DO CAPÍTULO

No capítulo anterior, ao observarmos os verbetes relativos a –ção e a –mento em dois dicionários, concluímos que também os dicionários vernaculares precisam de embasamento teórico. Como através da presente dissertação objetivamos trazer uma contribuição à lexicografia, foi necessário que neste terceiro capítulo nos dedicássemos à discussão teórica sobre os sufixos. Três frentes teóricas foram consideradas: a posição dos gramáticos e especialistas sobre as duas formas sufixais em questão; o aspecto descritivo da Morfologia Construcional relativo aos itens afixais, conforme Corbin (1897), e a subcategorização das classes verbal e nominal, segundo Borba (1996 e 2003) e Chafe (1979). Não foi nossa intenção apresentar aqui a totalidade das proposições desses três aspectos, mas tão-somente pontuar aquilo que pode ser aplicado diretamente ao estudo dos sufixos, tendo em vista a identificação das informações relevantes e necessárias ao registro lexicográfico dos mesmos.

Dado que trabalhamos com sufixos que formam substantivos designadores de noções verbais, num primeiro momento, ao abordarmos a localização dos mesmos no quadro lingüístico do português (seção 2.1), consideramos o fenômeno da nominalização, definindo-o como a “associação entre verbo e nome de mesmo radical”, que se dá mediante propriedades lexicais comuns. Conforme Borba (2003), identificamos as formas nominalizadas como nomes abstratos, os quais se aproximam das noções verbais, mas conservando as propriedades nominais (seção 2.1.1).

Os dados disponibilizados na gramática e na literatura especializada sobre –ção e –mento permitiram-nos constatar a existência de algumas propriedades convergentes entre os dois sufixos, que apresentamos no Quadro 04, quais sejam: eles são aplicados arbitrariamente a bases verbais para formarem substantivos, constituindo-se nos sufixos nominalizadores mais produtivos em português, os quais correspondem em função e sentido (que pode ser múltiplo), mas, ainda que concorrentes, podendo coexistir como formas duplas (seção 2.1.2).

Ressaltamos, também, alguns aspectos particulares a cada um dos sufixos, que dizem respeito a situações de restrições e de preferências de usos que relativizam a arbitrariedade entre eles e que devem constar nos seus respectivos verbetes (seção 2.1.3). No que se refere a –ção, constatamos especialmente que não há consenso entre os lingüistas sobre a forma sufixal. Tal questão repercute diretamente na organização do dicionário, pois é tarefa do lexicógrafo, também, a definição da forma das respectivas entradas dicionarísticas. Defendemos que as

decisões a serem tomadas por parte dos lexicógrafos devem ser sustentadas por teorias lingüísticas, garantindo assim a coerência macroestrutural da obra (seção 2.1.3.1). Com relação a –mento, deixamos em aberto questionamentos acerca dos sentidos que podem ser assumidos pelas palavras assim formadas, quanto ao traço concreto/abstrato desses substantivos e, inclusive, quanto à natureza sufixal desse formante. É indiscutível a relevância de tais questões ao registro lexicográfico, pois elas afetam em decisões quanto à forma de inclusão de –mento na nomenclatura dicionarística e nas definições e demais informações da microestrutura do verbete (seção 2.1.3.2).

A segunda seção do capítulo refere-se especificamente às considerações acerca dos sufixos dentro do quadro teórico da Morfologia Construcional (seção 2.2). Lembramos aqui que, nesta dissertação, não assumimos um compromisso com os pressupostos do modelo em sua totalidade: o modelo é usado à medida que possibilita uma descrição ótima dos afixos. Consideramos, assim, a localização sufixal na estratificação do Componente Lexical, o papel dos sufixos na construção de palavras e as informações que lhe são inerentes. Vimos que os sufixos são localizados no Componente de Base, sendo reconhecidos como entradas lexicais afixais (portadoras do traço [af]). Chamamos atenção ao fato de que os sufixos atuam também no Componente Derivacional, através das RCP, e que podem acionar filtros (ou serem atualizados por eles) no Componente Convencional (seção 2.2.1).

Ao abordarmos a participação dos sufixos na construção de palavras (seção 2.2.1), salientamos que cada sufixo integra o paradigma morfológico de apenas uma RCP, à qual corresponde uma única OS. É reconhecida, então, a possibilidade de existirem afixos homônimos na língua (uma única representação formal associada a mais de uma regra). Da mesma forma, é possível encontrarmos palavras homônimas – decorrentes de bases diferentes, de regras diferentes ou do fato de uma dessas palavras não ter sido construída na língua (na seção 2.2.2.1). Observamos, ainda, que são os traços diacríticos (ativos) dos sufixos que, ao encontrarem os respectivos traços passivos das bases, acionam as regras formais menores, como Alomorfia e Truncamento. Por outro lado, verificamos que os elementos sufixais não têm participação direta nas RSM, as quais dependem da aplicação idiosincrática de traços à totalidade da palavra construída, sejam esses atribuídos de forma *ad hoc* ou destravados pelo contexto, conforme as propriedades semânticas das bases e dos afixos (seção 2.2.2.2).

Na terceira parte dessa seção, enfatizamos algumas características da Morfologia Construcional que envolvem claramente os sufixos (seção 2.2.3). Quanto ao caráter associativo do modelo, três aspectos foram mencionados: o fato de que, como entradas afixais, eles trazem

a referência à RCP a que pertencem, sendo que é essa regra que contém um sentido a ser atribuído à palavra construída; a existência de meras terminações de palavras, sem que as mesmas tenham estatuto afixal, devido à não-associação entre a forma de um segmento final de palavra e o sentido que uma RCP revela; e, num terceiro momento, a abordagem sincrônica da Morfologia Construcional, que prioriza os fenômenos lingüísticos atualmente perceptíveis e não aqueles reconhecidos apenas por incursão etimológica (seção 2.2.3.1). Na seqüência, pontuamos as informações que acompanham os sufixos desde sua existência como item do léxico e que devem participar na composição dos seus respectivos verbetes: (a) a marca categorial [af]; (b) a referência à respectiva RCP; (c) a representação fonológica; e (d) os traços diacríticos a serem projetados sobre a palavra a ser construída, tais como disponibilidade, gênero, restrições formais, etc. (seção 2.2.3.2).

Na terceira seção deste capítulo, ocupamo-nos com outros critérios a serem adotados na descrição dos sufixos (seção 2.3): voltamo-nos à subcategorização dos verbos e dos nomes, cientes de que tratamos, respectivamente, da categoria das bases e da categoria das palavras construídas com *-ção* e com *-mento*, a serem consideradas no momento de análise. Identificamos, então, que as bases podem ser subcategorizadas, conforme Borba (1996), em verbos de ação, verbos de processo, verbos de ação-processo e verbos de estado. Paralelo a isso, reconhecemos a possibilidade de conversão de um elemento de uma subcategoria em outra a partir de processos derivativos apresentados por Chafe (1976) (seção 2.3.1).

Na última parte dessa terceira seção, vimos que, segundo Borba (2003), as palavras construídas com os sufixos em estudo, pertencentes à classe nominal, também podem ser subcategorizadas (seção 2.3.2), as quais são agrupadas em nomes concretos e nomes abstratos. Os concretos são subcategorizados em animados (humanos e não-humanos) e não-animados (contáveis e não-contáveis). Os abstratos, à semelhança da classe verbal, subcategorizam-se em abstratos de ação, de processo e de estado. Além disso, destacamos os mecanismos de abstratização e concretização, que levam à alteração da classificação nominal. Priorizamos esta última, atentando à probabilidade, mencionada pelo autor, de a concretização derivar de nomes abstratos de estado e considerando que ela pode se tornar definitiva na língua, seja pela transferência de traços entre dois itens lexicais, seja pela substituição do traço abstrato pelo concreto em um item, levando à atestação de outra palavra na língua (provavelmente com sufixo concorrente).

A noção de subcategorias, tanto das bases verbais como dos substantivos construídos, deve nos levar a particularidades de cada um dos sufixos estudados, justificando a existência de

palavras construídas com –ção e com –mento sobre a mesma base. Tal abordagem teórica soma-se aos pressupostos da Morfologia Construcional, tomados em seu caráter descritivo, e às informações constantes na gramática e na literatura especializada acerca dos dois sufixos. Consideramos aqui a relevância desses três aspectos como fundamentação teórica que nos possibilita contribuirmos com a prática lexicográfica relativa a esses formantes da língua. É sob essa perspectiva que passaremos ao próximo capítulo deste trabalho, quando serão pontuados os procedimentos metodológicos que repercutirão na análise das palavras construídas com –ção e com –mento e, mais especificamente, na proposição dos verbetes afixais.

3 METODOLOGIA

A fim de apresentar a metodologia de trabalho que será desenvolvida nesta dissertação, dividimos o presente capítulo em duas partes. Iniciaremos ocupando-nos com a seleção do corpus (seção 3.1), quando teceremos alguns comentários acerca dos dois dicionários vernaculares utilizados como fonte dos nossos dados: o NDA (seção 3.1.1) e o DEH (seção 3.1.2). Em seguida, abordaremos a metodologia de recolha e seleção dos dados da investigação (seção 3.2), quando serão mencionadas algumas características da extração dos dados (seção 3.2.1) e a sua organização a partir dos pressupostos teóricos abordados no Capítulo 2 (seção 3.2.2), que incluem categorias analíticas (seção 3.2.2.1) e subcategorização das bases e das palavras construídas (seção 3.2.2.2).

3.1 SELEÇÃO DO CORPUS

Desde o início desta dissertação, temos salientado que os registos lexicográficos atuais relativos aos sufixos –ção e –mento carecem de base teórica. Através desta investigação, pretendemos chegar à proposição de informações essenciais para a organização dos verbetes dos referidos sufixos, contribuindo, assim, para o fazer lexicográfico. Para alcançarmos tal objetivo, precisamos ir além dos dados constantes nos respectivos verbetes dos dicionários. Por essa razão, dispomo-nos à observação e à análise também das palavras terminadas por cada um desses sufixos em português.

Numa investigação de caráter metalexigráfico, é natural que tomemos como fonte de seleção do corpus as próprias obras lexicográficas¹⁰⁰. Trabalharemos, então, com palavras atestadas na língua, atualizadas nas obras dicionarísticas, embora saibamos que não são unicamente essas que compõem o léxico de um falante: há tantas outras palavras possíveis, não atestadas, que, de acordo com o nosso referencial teórico, se constituem como lacunas acidentais – são palavras construídas pelas mesmas RCPs da língua, caracterizando-se por serem regulares e predizíveis. Como nosso objetivo aqui limita-se a contribuir apenas com os estudos lexicográficos, recorreremos às palavras possíveis não-atestadas apenas nas situações em que elas se fizerem necessárias¹⁰¹: quando forem base possível da palavra construída com os sufixos estudados, ou quando forem homônimas de palavra atestada, em virtude desta última ter uma base diferente ou não ser construída na língua.

Assim considerando, recolheremos o corpus desta dissertação dos dois dicionários vernaculares de versão eletrônica com que trabalhamos no Capítulo 1: o NDA e o DEH. Por essa razão, cabe-nos apresentar, aqui, algumas características e considerações acerca das obras lexicográficas em questão.

3.1.1 Caracterização do NDA

A versão eletrônica 5.0 do NDA é de fácil manuseio, permitindo buscas rápidas ao consulente. A pesquisa às entradas lexicográficas pode ser feita de três maneiras, sempre com a possibilidade de se adicionar filtros à pesquisa:

- (a) por letras ou segmentos de início das palavras;
- (b) por letras ou segmentos da terminação das palavras;
- (c) por segmentos e palavras que se encontram nos textos dos verbetes.

O dicionário não traz um texto inicial de Apresentação, contudo na tela de abertura são disponibilizados alguns textos-suporte ao usuário: (a) Como usar - Manual do dicionário; (b) Verbe - Entenda sua estrutura; (c) Biografia de Aurélio Buarque de Holanda; (d) Professor –

¹⁰⁰ Mesmo que este trabalho fosse de ordem estritamente morfológica, os dicionários vernaculares ainda seriam fonte satisfatória do corpus da pesquisa, uma vez que se caracterizam por repertoriarem as unidades lexicais da língua geral, oferecendo acesso objetivo às mesmas (CORBIN, 1997, p. 79) e, além disso, “fornecem uma inestimável quantidade de informação organizada a respeito do léxico” (CORREIA, 2004, p. 39).

¹⁰¹ Sempre que nesta dissertação forem apresentadas palavras não-atestadas nas obras lexicográficas consultadas, elas serão antecedidas pelo sinal (°), conforme tem sido utilizado por Corbin (1987, 1997), Rio-Torto (2002) e Correia (2004), entre outros especialistas.

O Aurélio na escola; e (e) Créditos. Tanto o “Manual do dicionário” como o texto “Verbetes” trazem instruções de modo extremamente simples, com possibilidade de visualização da disposição da tela e contendo propostas de exemplos de navegação. Com relação ao conteúdo dos verbetes, ressaltamos, ainda, a importância assumida pelas abonações e exemplos – os exemplos são propostos pela equipe de trabalho, a fim de trazer maior clareza ao consulente, enquanto que as abonações são textos retirados de documentos oficiais e literários da língua.

Como já fizemos constar no Capítulo 2, os dicionários vernaculares trazem os formantes como entradas lexicográficas. No NDA, essas entradas são antecidas pelo sinal especial (▲), que é especificado da seguinte forma no campo “Ajuda / Verbetes / Cabeça do verbete”: “▲ *Indica elemento de composição: prefixo, sufixo, infixo*” (NDA, grifo do autor).

Da forma como o dicionário apresenta, os elementos de composição subdividem-se em prefixos, sufixos ou infixos, sem que haja a possibilidade de não se enquadrarem em nenhum desses três grupos, ou seja, meras terminações não são caracterizadas como “elementos de composição”. Observamos, porém, na seção 1.3.2.1, que enquanto os verbetes de –ão³ e de –mento, além do referido sinal, trazem por extenso a informação de que são sufixos nominais, a entrada –ção é apenas antecida por aquele sinal, sem a especificação do tipo de elemento. Constatamos, a partir daí, que se por um lado há falta de clareza na identificação dos formantes, por outro lado, conforme essa obra lexicográfica, –ção não é um sufixo em português.

Tal entendimento é corroborado pelo fato de que, quando da apresentação das opções de filtro para a pesquisa, “elemento de composição” e “sufixo” são itens distintos, ou seja, os sufixos não são considerados um subconjunto dos elementos de composição – tratam-se de duas subcategorias diferentes. É o que vemos no Manual do Dicionário/ Pesquisa avançada / Filtros:

As opções de filtro são: adjetivo, advérbio, artigo, conjunção, **elemento de composição**, interjeição, numeral, prefixo, preposição, pronome, substantivo, **sufixo**, verbo, gírias e estrangeiras (permite encontrar palavras de outros idiomas no dicionário). (NDA, grifo nosso)

Tanto nos verbetes relativos às palavras da língua, quanto naqueles de segmentos formantes, podem ser verificadas chamadas remissivas a outras entradas lexicográficas, identificadas por (V.) seguido da respectiva entrada. Conforme consta em “Ajuda / Verbetes / Remissiva”, dessa forma o usuário “encontrará definição que descreve um significado similar

ou complementar ao da palavra no contexto em que está sendo consultada ou poderá confrontar com outras definições que elucidarão melhor esse significado” (NDA).

Observando aspectos da macroestrutura da obra, cumpre-nos salientar, ainda, que os homônimos são apresentados em entradas separadas. As “palavras homógrafas, variantes ou formas paralelas do verbete pesquisado” (NDA) são elencadas individualmente na lista do Dicionário (coluna à esquerda na tela) e, da mesma forma, constam como sugestão de consulta (no alto da tela à direita) na “área de concentração do verbete”¹⁰² de cada uma das palavras afins. Dessa forma, na lista do Dicionário, ao buscarmos as entradas *-ção*, *-ão* e *-mento*, encontramos respectivamente as seguintes disposições na lista, correspondendo, cada uma, a um verbete específico:

- (a) *cão*¹; *cão*²; *cão*³; *-ção*;
- (b) *-ão*¹; *-ão*²; *-ão*³; *-ão*⁴; *-ão*¹; *-ão*²; *-ão*³;
- (c) *mentar*; *mento*; *ment(o)*⁻¹; *ment(o)*⁻²; *-mento*. (NDA)

Com relação ao objeto desta dissertação, salientamos também que, em “Professor – O Aurélio na escola / Introdução / O dicionário tem muitos usos”, uma das situações pontuadas dentre os motivos que levam as pessoas a consultarem o dicionário é justamente a questão da construção de palavras, sendo apresentado exemplo com a concorrência entre os sufixos *-mento* e *-ção*. O texto diz que o usuário “*pode ir ao dicionário para verificar a derivação adequada para um vocábulo conhecido (o correto é **congelamento** ou **congelação**?)*”. (NDA)

Assim como apresentamos as características do NDA relevantes para esta dissertação, na próxima seção faremos algumas considerações sobre o DEH.

3.1.2 Caracterização do DEH

Logo no início do texto de Apresentação do DEH, assinada por Mauro Salles Villar, somos informados sobre três aspectos considerados fundamentais à execução dessa obra:

levantamento de uma **nominata abrangente** cujas entradas ganhassem definições ancoradas nos estudos de nosso grupo de etimólogos; levantamento e **análise minuciosa dos elementos mórficos** da língua como base do estabelecimento de grandes famílias lexicais, e máximo **esforço de datação** das unidades léxicas a definir (VILLAR, 2004, grifo nosso).

¹⁰² “Área de concentração do verbete” é a expressão usada no NDA para denominar o espaço maior da tela, onde é apresentado o conteúdo do verbete.

Já vimos no Capítulo 1 que o DEH traz um elevado número de entradas lexicográficas. De fato, são 228.500 itens registrados, dos quais 13.095 unidades referem-se a formantes de palavras na língua. Mas é a relevância assumida pela datação que chama atenção nesse dicionário, a ponto de esta ser tomada como critério para o ordenamento das acepções no interior dos verbetes e, além disso, ser entendida como substituição satisfatória das abonações das definições apresentadas – ainda que não sejam negados exemplos a muitas acepções das palavras atestadas, propostos pelos redatores e “frequentemente **inspirados** em abonações colhidas em livros, jornais, revistas, catálogos, comunicações etc.” (VILLAR, 2004, grifo nosso).

Cumpre-nos lembrar, entretanto, que a Morfologia Construcional, uma das propostas teóricas aplicadas nesta dissertação, assume uma postura claramente sincrônica, concedendo à datação e às informações etimológicas um papel complementar (não central) ao conhecimento lexical¹⁰³. Ainda assim, o DEH é importante para nossa pesquisa: o grande número de entradas repercute em uma contribuição quantitativa à seleção do corpus para análise, e as informações acerca dos formantes e, bem assim, aquelas trazidas nos verbetes das palavras construídas, permitem-nos um enriquecimento qualitativo à análise.

Quanto aos elementos mórficos, lembremos, aqui, da discussão trazida no primeiro Capítulo (seção 1.3.2.2) sobre a classificação destes na referida obra lexicográfica. Em “Ajuda / Conhecendo o dicionário / Detalhamento do verbete”, vemos que os elementos mórficos dividem-se em dois grupos: (a) os formadores de vários tipos (mencionados no item 5.5.1 do texto Ajuda) e (b) as terminações (mencionadas no item 5.5.2 desse mesmo texto). As terminações são entendidas como “partículas originalmente sem significado próprio e por vezes tomadas como sufixo” (VILLAR, 2004), enquanto que os vários tipos de formadores incluem tanto os sufixos quanto outros formantes e elementos de composição:

Os elementos formadores do vocabulário da língua são de tipos vários: prefixos, **sufixos**, infixos (vogais de ligação e consoantes de ligação), grafemas, desinências e os que, não incluídos nessas categorias, são classificados simplesmente de **elementos de composição** antepositivos, interpositivos e pospositivos. (VILLAR, 2004, grifo nosso)

¹⁰³ Por essa razão, as informações etimológicas e de datação serão consultadas, ao longo do trabalho a que nos propomos, apenas se e quando se fizerem necessárias ao alcance dos nossos objetivos.

Vimos no Capítulo 1, entretanto, que a classificação proposta neste texto inicial não é integralmente respeitada nos verbetes deste mesmo dicionário: nos respectivos verbetes, temos que *-mento* é um sufixo, enquanto que não há clareza acerca da identificação de *-ção*.

Além dessa questão, o trabalho com o DEH revelou-nos outra situação de inadequação entre a proposta trazida nos textos de apresentação e o que é realmente verificado na consulta dicionarística. Falamos aqui das definições que se limitam à sinonímia e às remissões. Sobre a sinonímia, é dito na Apresentação:

Foi preocupação deste dicionário **definir efetivamente os conceitos das palavras analisadas**, em lugar de lançar mão da prática da simples **sinonimização, que resulta as mais vezes em vagas inexatidões** [...] Por tudo isso, embora algumas definições resultem em textos mais longos, **nossos redatores foram instados a evitar a armadilha da sinonimização e a procurar descrever os reais sentidos das palavras**. (VILLAR, 2004, grifos nossos)

E quanto às remissões, no campo “Conhecendo o dicionário” é salientado o uso de *“minidefinição da acepção para a qual se remete - síntese curta, geralmente em uma, duas ou três palavras, entre parênteses e aspas simples”* ou, ainda, a referência à rubrica relativa à palavra a que se remete. Entretanto, os verbetes de palavras construídas com os concorrentes *-ção* e *-mento* revelam a alta frequência da remissiva “m.q.” (mesmo que), como em *adestração* (“m.q. **adestramento**”) e *adestramento* (“ato ou efeito de adestrar(-se); *adestração*”).

Não podemos deixar de mencionar que, semelhantemente ao NDA, essa obra lexicográfica permite basicamente três modalidades de pesquisa:

- (a) a pesquisa simples, pelos segmentos iniciais ou finais das palavras;
- (b) a pesquisa combinada, que inclui a classe gramatical;
- (c) a pesquisa reversa, que busca palavras dentro dos verbetes.

Diferentemente do NDA, porém, observamos que as palavras homônimas não são repetidas na relação de palavras deste dicionário. Ali constam como se fossem uma única entrada. Somente no cabeçalho do verbete de uma delas é que aparecerá a sua homônima (com um número alçado) – e só assim poderá ser acessada para consulta.

Antes de passarmos à próxima seção, convém lembrar que as entradas *-ção*, *-ão* e *-mento* (assim como de outros “elementos mórficos” pesquisados) são antecedidas do sinal (□), marcando que a palavra construída pertence a uma classe gramatical diferente daquela da base a que é adjungida. Sendo assim, um sufixo *-mento* associado a um sentido de “coleção de N” não pode trazer a referida marca, posto que construirá um N denominal (N → N). É descortinado, aí, um outro problema ao registro lexicográfico da forma como é feito.

Após trazermos algumas características das obras lexicográficas que servirão de base ao corpus da nossa pesquisa, estamos aptos a avançarmos nesta dissertação, apresentando a metodologia adotada para recolha e seleção dos dados (seção 3.2).

3.2. METODOLOGIA DE RECOLHA E SELEÇÃO DOS DADOS

Conforme já mencionamos no Capítulo 1 (seção 1.3.2), muitos substantivos na língua portuguesa são terminados por um ou outro dos dois segmentos estudados¹⁰⁴. Vimos que são 3.692 substantivos terminados em –ção atestados no NDA, sendo maior ainda o número encontrado no DEH: 4.491 substantivos. Com relação aos substantivos em –mento, são apresentados 1.874 casos atestados no NDA e 2.762 no DEH.

Dado o número elevado de ocorrências, entendemos necessário trabalharmos com um recorte nesse universo, a bem de realizarmos uma análise qualitativa que nos aponte à identidade dos sufixos e, bem assim, a uma possível diferenciação entre eles a partir das suas especificidades. Optamos, então, por trabalhar somente com as palavras em que –ção e –mento apresentem a mesma base aparente, caracterizando formas duplas na língua¹⁰⁵. Assim, uma palavra somente seria recolhida se o segmento anterior a um desses formantes se apresentasse de forma idêntica em uma palavra com o outro formante. Constatamos que esse critério para redução do corpus garantiria um número necessário e suficiente de palavras a serem analisadas.

Considerando tal corpus e antes de tratarmos da organização dos dados para análise nesta dissertação (seção 3.2.2), pontuaremos algumas características gerais da extração eletrônica e, também, as dificuldades encontradas na sua execução (seção 3.2.1).

3.2.1 Extração dos dados

Na seção anterior, sobre a seleção do corpus, trouxemos algumas características dos dicionários NDA e DEH, conforme apresentados em suas versões eletrônicas. Vimos que essas

¹⁰⁴ Para além da abrangência da presente dissertação, fazemos constar que os dois dicionários consultados atestam, também, alguns adjetivos com tais terminações: no NDA constam 21 adjetivos em –ção e outros oito em –mento; e no DEH são atestados 10 adjetivos com –ção e novamente oito com –mento (nem todos coincidem com aqueles do NDA). Como nosso estudo focaliza esses sufixos enquanto nominalizadores, as ocorrências a que nos referimos dizem respeito unicamente a substantivos, não incluindo os casos mencionados nesta nota.

¹⁰⁵ Conforme Corbin (1987, p. 196), “*le lexique attesté comporte bon nombre de doublets [...] parmi des mots construits sur le même base à l’aide de processus morphologiques différents : délitage / délitement / délitation*”.

duas obras lexicográficas oferecem ao usuário algumas facilidades em termos de consulta: permitem pesquisas por segmentos (iniciais ou finais) das palavras, pela combinação destes com filtros – que correspondem, de modo geral, à classe gramatical das entradas procuradas – e, até mesmo, a pesquisa por termos do conteúdo dos verbetes.

Ao combinarmos a classe gramatical (dos substantivos) com cada um dos formantes que constituem o objeto do nosso estudo (pesquisa por segmentos finais com filtro), poderemos visualizar uma relação de nomes atestados para cada formante consultado. Esse é o limite das pesquisas nessas duas obras lexicográficas com que temos trabalhado. É bem verdade que enquanto dicionários vernaculares, cujo objetivo maior é atender às necessidades dos usuários da língua geral, tais obras mostram-se satisfatórias. Mas quando se trata de uma busca específica e mais aprofundada da realidade lingüística atual¹⁰⁶, tanto um quanto outro dicionário impõe limitações.

Considerando que trabalhamos com dois diferentes formantes de palavras¹⁰⁷ e que nos propomos a analisar palavras que contêm um e outro sobre mesma base (ou que pelo menos no primeiro momento apontem a uma mesma base), deparamo-nos com algumas dificuldades quanto às formas de pesquisa disponíveis nesses dicionários eletrônicos.

A primeira dificuldade encontrada refere-se ao fato de necessitarmos de uma relação de palavras em que –ção e–mento são empregados na construção de formas duplas, isto é, pela adjunção dos sufixos concorrentes sobre bases idênticas. Nossa expectativa, neste sentido, era de que os dicionários possibilitassem pesquisas múltiplas (com um e outro formante) e simultâneas ou, de outra forma, que permitissem o cruzamento entre os dados de duas pesquisas distintas. A realidade encontrada, porém, é de que, ao trabalharmos com o DEH, podemos apenas solicitar a relação de entradas lexicográficas com um dos formantes e, então, confrontar cada item com a lista geral do dicionário. Em se tratando do NDA, a pesquisa torna-se ainda mais laboriosa, pois ao solicitarmos a relação de entradas com um dos formantes, a lista do dicionário não permanece disponível na tela. Assim, numa e na outra obra, o cruzamento dos dados tem de ser feito manualmente, contando com a máxima atenção do consulente.

¹⁰⁶ Vimos, no Capítulo 1 (seção 1.2), que os dicionários, além de instrumentos de consulta aos usuários da língua, têm sido utilizados, também, como fontes para pesquisas lingüísticas. Citamos, entre outros, pesquisadoras de renome no que concerne aos fenômenos lingüísticos que têm utilizado dicionários como fonte de dados, como Danielle Corbin (na França) e Margarita Correia (em Portugal).

¹⁰⁷ Embora já tenhamos pronunciado a necessidade de consultarmos outros formantes afins, como –ão, -ação, etc.

A fim de agilizarmos a busca no NDA, optamos por solicitarmos uma pesquisa combinada, filtrando a classificação gramatical das palavras (substantivo) e informando o maior segmento final comum entre os dois formantes trabalhados: apenas o *-o* final é comum a *-ção* e a *-mento*. A partir daí, obtivemos uma relação de 33.658 entradas, dentre as quais recolhemos as palavras de interesse à nossa investigação¹⁰⁸.

Falamos, então, de recolha de dados, esperando que as versões eletrônicas das obras lexicográficas nos garantissem uma coleta rápida e objetiva das palavras selecionadas – pelo menos daquelas listadas como resultado de uma pesquisa. Deparamo-nos, porém, com a impossibilidade de extração eletrônica de qualquer relação de palavras solicitada, ou seja, nenhum dos dois dicionários permite-nos imprimir uma lista de entradas ou mesmo aplicar procedimentos do tipo “copiar/colar” à totalidade ou parte da listagem apresentada¹⁰⁹. Tanto no trabalho com o DEH, como no trabalho com o NDA, foi preciso digitarmos uma a uma as palavras a constituírem o corpus da nossa investigação.

Considerando tais dificuldades, optamos por começar a recolha dos dados pelo DEH devido basicamente a dois motivos: (a) esse dicionário traz um número maior de entradas do que o NDA; (b) ele nos permite uma pesquisa mais ágil do que aquela necessária à extração das entradas do NDA: numa mesma tela é possível visualizarmos a relação de palavras terminadas por um dos elementos mórficos estudados e a lista geral do dicionário, onde consta a palavra com o formante concorrente.

Precisávamos decidir, então, qual dos dois formantes indicar no campo específico da pesquisa combinada. Considerando que buscamos os casos de atestação de palavras em que *-ção* e *-mento* constroem formas duplas na língua, ou seja, em que são apresentados aparentemente com as mesmas bases, e sabendo que o número de entradas com *-mento* é significativamente menor do que o total de entradas terminadas em *-ção*, entendemos que a pesquisa seria mais objetiva se partíssemos das palavras com *-mento* para, então, buscarmos os respectivos casos de concorrência. Depois de concluída a pesquisa no DEH, ocupamo-nos, de igual modo, da consulta ao NDA. Os procedimentos metodológicos da recolha dos dados nesses dois dicionários são discriminados a seguir.

Quanto à extração dos dados do DEH, temos a considerar:

¹⁰⁸ Se apenas filtrássemos a classe gramatical (substantivo), sem limitarmo-nos às palavras terminadas em *-o*, teríamos um universo de 95.866 entradas lexicográficas para, dali, selecionarmos manualmente o corpus a ser analisado.

¹⁰⁹ Salientamos que tais procedimentos são possíveis com relação às informações da microestrutura dos verbetes.

1) Procedemos a pesquisa combinada da “classificação gramatical” *substantivo* com o fato de o mesmo ser “terminado por” *-mento*, totalizando, como “resultado da pesquisa”, 2.762 verbetes a serem considerados.

2) Comparamos cada uma das 2.762 palavras relacionadas na janela de pesquisa com a nomenclatura¹¹⁰ geral apresentada na coluna à esquerda da tela, buscando casos de existência de palavras com *-ção* sob as mesmas bases daquelas em *-mento* (ou “aparentemente” sobre a mesma base). Foram identificadas 605 palavras terminadas por *-ção* e 608 palavras terminadas por *-mento*¹¹¹ no DEH, totalizando 1.213 palavras. Cada uma dessas palavras foi digitada em uma relação à parte, que constituirá o corpus para análise.

Com relação às palavras constantes no NDA, o trabalho não foi muito diferente, embora a pesquisa, neste caso, implicasse maior dificuldade, exigindo redobrada atenção na recolha do material:

1) Procedemos a pesquisa de “palavras terminadas por” *-o* com o “filtro” *substantivo*, ao que obtivemos, como “resultado da busca”, um total de 33.658 verbetes de substantivos em *-o*.

2) A cada palavra com *-mento* localizada na relação apresentada à esquerda da tela¹¹² (“Resultado da pesquisa”), buscamos, nessa mesma lista, a existência de palavra com *-ção* sob a respectiva base provável. Foram recolhidas 429 palavras terminadas por *-ção* e 413 palavras terminadas por *-mento*, totalizando 842 palavras no NDA.

3) Os casos encontrados foram confrontados com as palavras já relacionadas devido à sua atestação no DEH. Poucas palavras foram, então, incluídas na lista para análise: somente seis palavras terminadas por *-ção* e outras seis terminadas por *-mento*.

Mediante os procedimentos de extração dos dados mencionados, chegamos a um corpus formado por 1.225 palavras consideradas para a análise. Na tabela a seguir são apresentados os quantitativos das palavras recolhidas em cada um dos dicionários. Representamos como “X-ção” as palavras terminadas por *-ção* e como “X-mento” as palavras terminadas por *-mento*.

¹¹⁰ Embora a lista das entradas lexicográficas seja chamada de “nominata” no DEH, usamos, aqui, o termo “nomenclatura”, em conformidade com Biderman (2004, p. 187).

¹¹¹ A homonímia entre palavras atestadas nos dicionários é responsável pela diferença entre o número de palavras consultadas com um e com outro formante, como se vê em *apartação* (“ação de V”) / *apartamento₁* (“ação de V”), *apartamento₂* (“imóvel” – palavra não-construída em português: empréstimo do francês).

¹¹² A localização das palavras na relação dos 33.658 verbetes de substantivos em *-o* foi feita visualmente – quando muito, com a ajuda do cursor.

Palavras recolhidas	<i>X-ção</i>		<i>X-mento</i>		Total	
só no DEH	182	29,79%	201	32,73%	383	31,26%
só no NDA	06	0,98%	06	0,98%	12	0,98%
no DEH e no NDA	423	69,23%	407	66,29%	830	67,76%
Total de palavras	611	100%	614	100%	1225	100%

Tabela 01 – Quantitativo do corpus recolhido

Observamos que a grande maioria do nosso corpus de análise é constituída por palavras atestadas nos dois dicionários consultados (830 palavras representam 67,76% das palavras a serem analisadas). Por sua parte, é significativo o número de palavras atestadas apenas no DEH (29,79% das palavras com *-ção* e 32,73% das palavras com *-mento*).

Convém lembrarmos que, conforme já foi dito (seção 4.1.2), no caso dessa obra lexicográfica o compromisso com “uma nominata abrangente” sobrepõe-se à preocupação com exemplificações ou abonações e que, diferente do anunciado no texto de apresentação do dicionário, com relativa frequência são encontrados casos de remissivas diretas à palavra com sufixo concorrente (remissivas do tipo “m.q.”). A tabela a seguir reflete os dados quantitativos e percentuais dos casos de remissivas “m.q.”/“V.” nas palavras coletadas no DEH e no NDA:

Palavras com remissivas	<i>X-ção</i>		<i>X-mento</i>		Total	
no DEH (dentre 1.213 palavras)	147	12,12%	235	19,37%	382	31,49%
no NDA (dentre 842 palavras)	77	9,14%	138	16,39%	215	25,53%
Total de remissivas (“m.q.” / “V.”)	224		373		597	

Tabela 02 – Quantitativo de palavras do corpus com remissivas “m.q.”/“V.”

Das 1.213 palavras coletadas no DEH¹¹³, 31,49% (382 palavras) têm como única acepção do verbete a remissiva do tipo “m.q.”, sendo que, dessas, 12,12% são palavras terminadas por *-ção* (147 palavras) e 19,37% terminadas por *-mento* (235 palavras).

As mesmas informações relativas ao NDA revelam não só um quantitativo menor de palavras com remissão do tipo “V.”, mas especialmente um percentual respectivamente menor: são 25,53% de palavras coletadas nesse dicionário com remissão direta a outra palavra, ou seja,

¹¹³ Lembramos que o total de 1.213 palavras coletadas no DEH abrange as 383 palavras recolhidas somente nessa obra lexicográfica e as 830 encontradas também no NDA. São excluídas desse cálculo apenas aquelas doze palavras encontradas apenas no NDA.

215 das 842 palavras recolhidas do NDA. Dentre essas 215 palavras cujos verbetes não apresentam outra definição que não a remissão “V.”, 9,14% são palavras terminadas por –ção (77 palavras) e 16,39% são palavras terminadas por –mento (138 palavras), sendo que apenas oito palavras não constam também no DEH (três com –ção e cinco com –mento).

As 1.225 palavras recolhidas nas duas obras lexicográficas citadas foram organizadas em conformidade com os aspectos teóricos considerados no capítulo anterior, os quais serão apresentados na seção que segue.

3.2.2 Organização dos dados

As informações a serem trazidas nos verbetes afixais não se limitam a dados etimológicos e à descrição fonética dos respectivos afixos. Ao analisarmos os formantes –ção e –mento, procuraremos identificar peculiaridades que não se limitam à sua forma específica. Investigaremos traços de sentido, em especial os traços semântico-categoriais, por entendermos que são estes que respondem pela distinção entre palavras de sufixos concorrentes e garantem a existência dos sufixos estudados como unidades discretas na língua. Em virtude disso, os dados serão organizados a partir das propostas teóricas apresentadas no Capítulo 2: em especial à luz da Morfologia Construcional, por um lado e, por outro, conforme a subcategorização das bases e das palavras construídas.

3.2.2.1 Categorias analíticas

Fundamentar nosso trabalho no aspecto descritivo da Morfologia Construcional, em conformidade com Corbin (1987), significa trabalharmos com uma teoria cuja marca principal é a associação entre forma e sentido, num modelo que, por ir além da evidência dos fenômenos da língua, propõe a estratificação do léxico em diferentes níveis. Lembremos que o nosso compromisso com a teoria limita-se ao que se refere à descrição afixal. Assim, a organização dos dados à luz da Morfologia Construcional é proposta, nesta dissertação, a partir do reconhecimento das bases prováveis das palavras com –ção e com –mento extraídas do NDA e do DEH, considerando as categorias das mesmas. É pelo reconhecimento da categoria das bases a que se adjungem –ção e –mento que poderemos identificar não só a existência de casos

de homonímia, como também, e o que mais nos interessa aqui, as RCPs a que se associam os sufixos estudados e a aplicação de Regras Menores formais a algumas palavras construídas¹¹⁴.

Conforme o modelo, subdividiremos as palavras que constituem o corpus da análise a ser efetivada em basicamente três grupos¹¹⁵, que sinalizam formas diferentes de as palavras entrarem no léxico:

- (a) substantivos que têm por base um verbo;
- (b) substantivos que têm por base um nome; e
- (c) substantivos que não têm base identificada.

Os dois primeiros grupos referem-se a palavras construídas em português. O terceiro grupo, pelo contrário, é constituído por palavras não-construídas na língua¹¹⁶ – as palavras terminadas em *-ção* e em *-mento* encontradas aí são oriundas do latim e passaram ao português já com essa formação, ou, em casos específicos, provêm de empréstimos de outras línguas modernas.

Chamamos atenção ao fato de que a identificação da base provável de cada palavra não deve ser feita pela simples subtração do segmento final (*-ção* ou *-mento*). De fato, embora em alguns momentos baste a subtração do segmento final para reconhecer-se a base, há palavras na língua que são construídas sobre verbos (e por isso pertencem ao primeiro grupo), em que *-mento* já se faz presente na própria base verbal, como *experimento*. Falamos aqui especificamente daqueles verbos em *-mentar* como *experimentar* (*experiment-ar*), que, por uma OM de derivação regressiva, levam à construção de nomes terminados por *-mento*, sem que este segmento seja um sufixo: é apenas uma parte da palavra latina (ou de outra língua) que foi incorporada ao português.

No que se refere aos verbos em *-mentar*, recorreremos à distinção proposta por Bechara (2004), segundo o qual “*os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância*” (BECHARA, 2004, p. 371). No primeiro caso mencionado pelo gramático, temos os nomes deverbais, palavras construídas a que nos referimos quando tratando do primeiro grupo, grupo (a), como

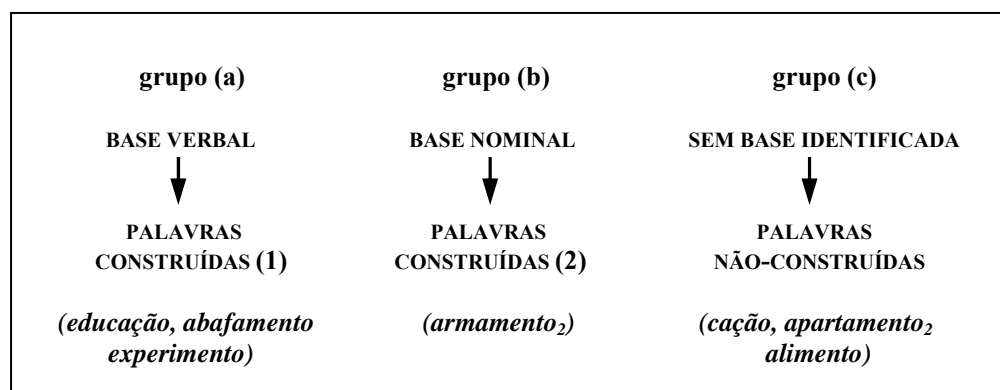
¹¹⁴ A aplicação de Regras Semânticas Menores (RSM) às palavras construídas será discutida posteriormente, após a identificação das subcategorias das bases e das palavras construídas, em conformidade com Borba (1996 e 2003) e Chafe (1979).

¹¹⁵ Salientamos que se a análise dos dados nos apontar à ocorrência de substantivos em *-ção* ou em *-mento* construídos sobre base adjetival, deveremos, então, considerar a formação de um quarto grupo. Antes, porém, precisaremos verificar se não estamos diante de um substantivo construído sobre um verbo, e esse sim construído sobre um adjetivo, como em *amarelo_A < amarelar_V < amarelamento_N*.

¹¹⁶ Correia (2004, p. 125 e 130) classifica o *-ão*, de *discrissão*, *erudição*, *extensão*, *precisão*, etc., como um “falso sufixo do português”, inserido em palavras complexas não-construídas na língua.

*experimento*¹¹⁷ construído sobre o verbo *experimentar*. Por outro lado, o segundo caso citado – substantivos de traço [–abstrato] que dão origem a verbos – remete-nos a palavras não-construídas na língua, que não têm base identificada e, em razão disso, pertencentes ao grupo (c), como *alimento*¹¹⁸, que leva à construção do verbo *alimentar*. Esse verbo, por sua vez, torna-se base para a forma nominalizada *alimentação*, atestada lexicograficamente, enquanto que a nominalização concorrente com –mento (*°alimentamento*) não é atestada na língua.

O quadro abaixo mostra esses três grupos em que serão divididas as 1.225 palavras que constituem o corpus dessa dissertação. Além da caracterização dos grupos, apresentamos alguns exemplos de cada caso:



Quadro 20 – Organização dos dados conforme as bases aparentes

Os grupos (a) e (b), por terem bases de categorias distintas, revelam tratarem-se de palavras formadas por RCPs diferentes. Como já vimos no Capítulo 2, cada OM é associada a apenas uma regra. Sendo assim, se tivermos palavras com –mento (ou com –ção) em cada uma dessas regras, é porque verdadeiramente temos dois sufixos –mento (ou dois sufixos –ção). Portanto, são os pressupostos da Morfologia Construcional que nos permitem identificar os homônimos –ção₁ / –ção₂ e –mento₁ / –mento₂.

Como dissemos, nem todos os nomes construídos em –mento com uma base verbal decorrem de uma sufixação. Constam, aqui, aqueles provenientes da operação (morfológica) de derivação regressiva. Segundo Rio-Torto (1998), a derivação regressiva assume, na Morfologia Construcional, o mesmo estatuto da conversão, conforme proposta originalmente por Corbin (1987). Ainda que nesse caso estejamos tratando de palavras construídas (mas agora sem

¹¹⁷ No DEH, *experimento* é definido como “(1) ato ou efeito de experimentar(-se)”.

¹¹⁸ No DEH, *alimento* é definido como “(1) toda substância digerível que sirva para alimentar ou nutrir”.

sufixo), novamente deparamo-nos com a “terminação” –mento, e não com o sufixo pertencente ao paradigma morfológico da RCP₁. Chamaremos a esse segmento de –mento₃.

A aplicação dos pressupostos teóricos da Morfologia Construcional na organização dos dados da presente dissertação pode ser esquematizada como no quadro que segue:

PALAVRAS com -ÇÃO ou com -MENTO	- BASE VERBAL (RCP ₁)	por sufixação	→ -ção ₁ , -mento ₁ : SUFIXO
		derivação regressiva	→ -mento ₃ : TERMINAÇÃO
	- BASE NOMINAL (RCP ₂)		→ -ção ₂ , -mento ₂ : SUFIXO
	- sem base identificada (PALAVRA NÃO-CONSTRUÍDA)		→ -ção ₃ , -mento ₃ : TERMINAÇÃO

Quadro 21 – Classificação de –ção e de –mento em conformidade com a identificação das bases

Nesta dissertação, voltamo-nos mais diretamente ao estudo dos sufixos nominalizadores, os quais, em termos práticos, formam substantivos de verbos, ou melhor, construídos sobre itens lexicais de base verbal. Por essa razão, na seqüência dos trabalhos, estaremos ocupados principalmente com os nomes do primeiro grupo: substantivos construídos por uma Regra de Construção de Palavras específica (aqui identificada como RCP₁), através da sufixação de –ção₁ ou de –mento₁. Devido ao critério adotado para a recolha das palavras, porém, o corpus da dissertação traz também algumas palavras construídas sob base nominal (construída pela RCP₂ com sufixação especialmente de –mento₂)¹¹⁹ e algumas palavras não construídas em português ou construídas pela RCP₁ com derivação regressiva (com as terminações –ção₃ ou –mento₃)¹²⁰.

O estudo dos sufixos ancorado no potencial descritivo da Morfologia Construcional remete também à análise da constituição formal das bases, posto que a elas confrontaremos as palavras construídas. A adoção de tal procedimento leva-nos ao reconhecimento de Regras Menores formais, como Alomorfia e Truncamento, que explicam eventuais alterações da palavra construída em relação à sua base. Uma vez que, nesta dissertação, procuramos enfatizar o aspecto semântico-categorial dos componentes sufixais com vistas à descrição lexicográfica,

¹¹⁹ Como exemplo de palavra construída pela RCP₂, de base nominal, podemos citar *armamento*₂ (“conjunto de armas”) – palavra homônima de *armamento*₁ (“ação de armar-se”), construída pela RCP₁ sob base verbal.

¹²⁰ Como exemplos de palavras com terminação –ção₃ ou –mento₃, citamos *detrição* (“decomposição provocada por atrito”) e *detrimento* (“dano, perda, prejuízo”), não-construídas em português (não são a nominalização de um eventual verbo *°detrir*, não atestado na língua).

optamos por não desenvolvermos uma análise da aplicação ou não das Regras Menores formais sobre as palavras construídas pela RCP₁.

Além das regras formais, o modelo prevê, ainda, a aplicação de RSM a subconjuntos de palavras construídas por uma RCP específica. Para a identificação de RSMs aplicadas sobre palavras construídas com *-ção*₁ e com *-mento*₁, recorreremos à subcategorização das bases (verbos) e das palavras construídas (nomes) pela RCP₁ (conforme Capítulo 2, seção 2.3). A partir de tal fundamento teórico daremos prosseguimento à organização dos dados.

3.2.2.2 Subcategorização das bases e das palavras construídas

No Capítulo 2 (seção 2.2), vimos que a Morfologia Construcional propõe a aplicação de Regras Menores ao *output* do Componente Derivacional (onde operam as RCPs). Vimos, também, que as Regras Menores podem ser de cunho formal (como alomorfia, truncamento ou restrições morfo-fonológicas) ou de natureza semântica (as RSMs). Como temos anunciado até então, para o reconhecimento da aplicação de RSM sobre as palavras construídas com *-ção* e com *-mento*, voltemo-nos à classificação semântico-categorial das bases (conforme Borba, 1996) e, de igual modo, das palavras construídas (conforme Borba, 2003), sem esquecermos dos processos semânticos derivativos (CHAFE, 1979).

Novamente somos convidados a olhar para as bases e, então, classificarmos aquelas palavras construídas a partir das subcategorias dos seus respectivos verbos de base: (a) palavras cujas bases são verbos de ação (Va); (b) palavras cujas bases são verbos de ação-processo (Vap); (c) palavras cujas bases são verbos de processo (Vp); e (d) palavras cujas bases são verbos de estado (Ve).

Também as palavras construídas são passíveis de classificação semântico-categorial, a fim de que possam ser confrontadas com seus verbos de origem. Temos, então: (a) nomes abstratos de ação (Naa); (b) nomes abstratos de processo (Nap)¹²¹; (c) nomes abstratos de estado (Nae); e (d) nomes concretos (Nc)¹²².

¹²¹ Chamamos atenção ao fato de que temos verbos classificados como de ação-processo (Vap), mas não há nomes com essa dupla classificação. Isso explica a inexistência de “Nomes abstratos de ação-processo” (Naap). Salientamos que a sigla “Nap” refere-se a “Nomes abstratos de processo”.

¹²² Não trabalharemos aqui com uma classificação pormenorizada dos nomes concretos (Nc), pois conforme vimos na seção 2.1, os produtos da nominalização verbal são intrinsecamente nomes abstratos (Na).

Da relação entre a classificação dos verbos (base) e a classificação dos nomes (palavras construídas) resultam matrizes subcategoriais que podem nos encaminhar a uma sistematização das nuances de sentido das palavras construídas, considerando os seguintes casos:

- (a) a palavra construída mantém os traços semântico-categoriais do item lexical de base;
- (b) a palavra construída traz alteração dos traços semântico-categoriais da base.

No primeiro grupo encontram-se os nomes construídos pela RCP₁ que se subscrevem por matrizes em que a classificação do verbo de base (à esquerda da seta) é mantida na forma nominalizada/nome abstrato (à direita da seta), expressando o sentido básico da regra, ou, nos termos de Chafe (1979), o “sentido intrínseco da base”. Enquadram-se aí as seguintes matrizes subcategoriais, que respondem pela continuidade da nossa tarefa de organização dos dados para a análise a ser executada no próximo capítulo:

- (1) **Va** → **Naa** (*acusação; proferimento*)
- (2) **Vap** → **Naa** (*demolição; esmagamento*)
- (3) **Vap** → **Nap** (*igualação; branqueamento*)
- (4) **Vp** → **Nap** (*japonização; agravamento*)
- (5) **Ve** → **Nae** (*anelação₁; deliramento*)

Temos, na primeira matriz subcategorial apresentada, que um verbo de ação nominaliza-se em um nome abstrato de ação; na segunda matriz, um verbo de ação-processo nominaliza-se em um nome abstrato de ação; na terceira, um verbo de ação-processo nominaliza-se em um nome abstrato de processo; na matriz de número quatro, um verbo de processo nominaliza-se em um nome abstrato de processo; e na última matriz apresentada, um verbo de estado nominaliza-se em um nome abstrato de estado.

No segundo grupo mencionado, as palavras construídas que têm traços semântico-categoriais diferentes das bases verbais trazem algumas alterações quanto ao sentido intrínseco das suas respectivas bases: são apresentadas nuances de sentido derivadas daquele proposto inicialmente pela OS da RCP₁, identificadas por Chafe (1979) como “processos semânticos derivativos”. Assim, à semelhança da derivação semântica dos verbos (Quadro 16), também os nomes abstratos de ação (Naa) e os de processo (Nap) são passíveis de sofrerem um processo semântico derivativo resultativo, atualizando-se na língua como um nome abstrato de estado (Nae). São identificadas, então, as seguintes matrizes subcategoriais¹²³:

¹²³ Apresentamos as matrizes subcategoriais dos processos semânticos derivativos com número seqüencial às matrizes subcategoriais já citadas (aquelas em que a palavra construída mantém o sentido intrínseco das bases).

- (6) $Va \rightarrow Naa < Nae$ (*afirmação; endeusamento*)
 (7) $Vap \rightarrow Naa < Nae$ (*afinação; abafamento*)
 (8) $Vap \rightarrow Nap < Nae$ (*curtição; congelamento*)
 (9) $Vp \rightarrow Nap < Nae$ (*duração; desmemoriamiento*)

Tais matrizes revelam-nos o movimento semântico-derivativo de alguns itens lexicais. Tomemos como exemplo a matriz de número seis ($Va \rightarrow Naa < Nae$), em que um verbo de ação (*afirmar*) nominaliza-se em um nome abstrato de ação (*afirmação*), que pode ser atualizado na língua como um nome abstrato de estado por um processo semântico derivativo resultativo. De forma semelhante são lidas as matrizes (7), (8) e (9).

As palavras que constituem o corpus dessa pesquisa podem também revelar derivação semântica da base verbal, fazendo com que um verbo de ação-processo (Vap) torne-se um verbo de processo (Vp) através de uma possível desativação (Quadro 16). Há casos, porém, em que o processo semântico derivativo desativativo não se estabelece de forma completa: o traço ativo do Vap não desaparece completamente, traduzindo-se em um traço pronominal passível de acompanhar o Vp produto da derivação, tornando-o um verbo de processo pronominal (Vpp)¹²⁴. Temos, então, a matriz (10):

- (10) $Vap < Vpp \rightarrow Nap < Nae$ (*irritação; acanhamento*)

Conforme essa décima matriz subcategorial apresentada, um verbo de ação-processo torna-se um verbo de processo pronominal que é nominalizado em um nome abstrato de processo passível de sofrer operação semântica derivativa resultativa que o faz um nome abstrato de estado.

A derivação semântica dos nomes pode, ainda, revelar a existência de palavras construídas com $-ção_1$ e com $-mento_1$ atualizadas como nomes concretos, através da operação de concretização. Ainda que não nos ocupemos do tipo de concretização (ocasional ou definitiva) que se aplica às palavras a serem consideradas na análise (Quadro 19), o reconhecimento do processo semântico derivativo de concretização permite-nos identificar outras matrizes subcategoriais a serem somadas a este estudo:

- (11) $Va \rightarrow Naa < Nc$ (*atestação; corrimento*)
 (12) $Vap \rightarrow Naa < Nc$ (*armação; abotoamento*)

¹²⁴ A classificação de “verbo de processo (pronominal)” é utilizada por Borba (2002), no interior dos verbetes das entradas verbais.

(13) $V_{ap} \rightarrow N_{ap} < N_c$ (*arrebentação; alagamento*)

(14) $V_p \rightarrow N_{ap} < N_c$ ¹²⁵

(15) $V_e \rightarrow N_{ae} < N_c$

Temos, na matriz (11), que um verbo de ação (*correr*) nominaliza-se em um nome abstrato de ação (*corrimento*) que pode ser atualizado na língua como um nome concreto ao associar-se a um referente no mundo dos objetos. O sentido concreto atribuído a um nome assim construído é de alguma forma associado à ação, processo ou mesmo estado nominalizado do verbo base (CORBIN, 1987).

Considerando a estratificação do Componente Lexical nos três níveis reconhecidos pela Morfologia Construcional e, da mesma forma, a aplicação de filtros do Componente Convencional sobre o *output* do Componente Derivacional, podemos, então, associar a derivação semântica das palavras construídas que trazem alteração dos traços da base verbal (grupo (b)) à aplicação de RSM.

Resta, agora, considerarmos as palavras do corpus da presente dissertação à luz das matrizes subcategoriais trazidas aqui, buscando responder a questões como: Quais são os sentidos expressados por essas RSMs vinculadas à RCP_1 ? Em que circunstâncias elas se aplicam? Há alguma particularidade quanto à aplicação dessas regras sobre palavras com os sufixos *-ção* e *-mento*? Apresentamos tais questionamentos como um convite a seguirmos adiante neste trabalho de investigação lingüística, pois as respostas a essas questões poderão contribuir para a organização dos verbetes afixais à medida que revelam diferentes acepções que poderão ser atribuídas às palavras construídas com $-ção_1$ e com $-mento_1$. Antes de passarmos para a análise, porém, queremos lembrar o que abordamos até aqui, propondo a seguir o resumo deste capítulo.

RESUMO DO CAPÍTULO

No presente capítulo, procuramos expor os procedimentos metodológicos adotados nesta dissertação. Ocupamo-nos basicamente de dois aspectos que nos levam à prática da análise lingüística: a seleção do corpus e a metodologia de recolha e seleção dos dados.

¹²⁵ No corpus de palavras recolhidas para esta dissertação, não foram encontrados exemplos relativos às matrizes de número 14 e 15.

Desde o início assumimos que o nosso trabalho tem natureza metalexigráfica, no sentido de contribuir para o registro dicionarístico dos afixos. Entendemos que para alcançarmos o objetivo a que nos propomos não poderíamos nos limitar à análise somente dos verbetes afixais nos dicionários vernaculares, sem atentarmos às palavras por eles construídas. Dedicamo-nos, então, à recolha de palavras com –ção e com –mento atestadas lexicograficamente, tomando como fonte dos dados da pesquisa dois dicionários vernaculares em versão eletrônica (seção 3.1).

Ao trazermos algumas características específicas de cada um desses dicionários, destacamos como pontos positivos do NDA (seção 3.1.1) a preocupação com a abonação e exemplificação de muitas das acepções apresentadas nos seus verbetes e o fato de apresentar as formas homônimas (formantes e palavras) como entradas lexicográficas independentes umas das outras. Por outro lado, nesse dicionário não há uniformidade quanto à identificação dos formantes atestados: não é suficientemente claro o que faz de um segmento um sufixo e/ou um elemento de composição. Ratificamos aqui a necessidade de embasamento lingüístico às decisões a serem tomadas pelo lexicógrafo.

Com relação ao DEH (seção 3.1.2), observamos que sua preocupação com uma nomenclatura abrangente responde pela inclusão de um grande número de entradas lexicográficas, incluindo o registro de muitos formantes. Verificamos, porém, que há situações de inadequação entre o que é dito na Apresentação e o que realmente consta nos verbetes: a classificação inicialmente proposta não é respeitada ao longo das entradas apresentadas, além de que não raro há circularidade nas remissivas. Nesse dicionário, os homônimos não são listados individualmente, mas somente no cabeçalho de um dos verbetes.

Na segunda seção do capítulo, dirigimos nosso olhar para a metodologia de recolha e seleção dos dados (seção 3.2). Dada a necessidade de reduzirmos o corpus de análise, tomamos como recorte as palavras atestadas construídas com –ção e com –mento que aparentemente tenham como base o mesmo item lexical, entendendo termos aí um número suficiente de palavras a serem consideradas na análise.

Mencionamos as características gerais da extração eletrônica (seção 3.2.1) e, em especial, as limitações desta em relação à demanda de um estudo lingüístico especializado. As dificuldades trazidas pelas modalidades de pesquisas num e noutro dicionários eletrônicos referem-se, especialmente, ao cruzamento dos dados com vistas à elaboração de uma relação para análise. A partir daí, centramos nossa atenção na descrição dos procedimentos adotados para a extração dos dados para a análise, conforme as particularidades de uma e de outra das

obras lexicográficas consultadas. Obtivemos uma amostra de 1.225 palavras, sendo 611 terminadas por *-ção* e 614 terminadas por *-mento*.

Passamos a apresentar, então, a metodologia utilizada para a organização dos dados, quando retomamos alguns dos pressupostos teóricos trazidos no Capítulo 2 (seção 3.2.2). Em conformidade com o modelo construcional (seção 3.2.2.1), propusemos a organização dos dados a partir da identificação da categoria das bases prováveis das palavras do corpus. Percebemos, assim, a existência dos segmentos homônimos “*-ção₁*, *-ção₂* e *-ção₃*” e “*-mento₁*, *-mento₂* e *-mento₃*”, em que nem todos têm o estatuto de sufixos. Pontuamos que *-ção₁* e *-mento₁* são sufixos que constroem substantivos sobre uma base verbal, enquanto que *-ção₂* e *-mento₂* associam-se a uma base nominal. Por outro lado, *-ção₃* e *-mento₃* não são reconhecidos como sufixos da língua, antes, são terminações de palavras não-construídas em português, incapazes de serem separadas do segmento que as precede na palavra. Salientamos, ainda, que em casos de construção de palavras por derivação regressiva pode acontecer de encontrarmos *-mento₃*, ainda como uma “terminação”, sem que tenha alcançado o estatuto de item afixal.

Trazendo a contribuição das propriedades semântico-categoriais das bases e das palavras construídas, propusemos a continuidade da organização dos dados mediante a formulação de matrizes subcategoriais (seção 3.2.2.2). Reconhecemos, então, dois grupos de matrizes. O primeiro grupo é constituído por cinco matrizes subcategoriais referentes a nomes construídos que mantêm a subcategoria dos seus verbos de base, assumindo o sentido intrínseco das respectivas bases: são nomes abstratos de ação, de processo e de estado (desde que, neste último caso, sejam construídos sobre base verbal de estado). O segundo grupo contém dez outras matrizes subcategoriais em que os nomes construídos trazem alteração de sentido decorrente de processos de derivação semântica, possivelmente resultantes da aplicação de RSM: são nomes abstratos de estado e nomes concretos construídos sobre base verbal de ação, de processo, ou mesmo de ação-processo.

Cabe-nos, agora, verificar como as palavras recolhidas se comportam em relação a essas categorias analíticas e como tais dados podem contribuir com a descrição lexicográfica dos sufixos estudados. Entendemos que quanto mais acurada for a pesquisa, mais próximos chegaremos da identificação dos traços próprios de cada um desses sufixo e, em última instância, das informações relevantes para o enriquecimento do registro dicionarístico desses sufixos.

Apresentada a metodologia de trabalho adotada nesta dissertação, passaremos ao próximo capítulo, em que serão analisados os verbetes desses formantes no NDA e no DEH. É a partir dessa análise, que se faz à luz da Morfologia Construcional e da subcategorização verbal e nominal, que pretendemos chegar à proposição de verbetes de $-ção_1$ e de $-mento_1$, contribuindo, então, para o registro lexicográfico dos itens afixais.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Na seqüência do nosso trabalho, proporemos neste capítulo a análise dos dados da dissertação. Salienciamos que isso somente é possível por termos nos ocupado, anteriormente, com uma fundamentação teórica de base lingüística (Capítulo 2) e com o detalhamento da metodologia a ser utilizada (Capítulo 3). De fato, é com base tanto no conhecimento acerca de -ção e de -mento trazido por gramáticos e estudiosos da língua, quanto na abordagem da Morfologia Construcional sobre itens afixais e na subcategorização dos verbos e dos nomes que apresentaremos, agora, os fundamentos para a análise (seção 4.1).

A partir daí, poderemos proceder, então, à análise dos dados (seção 4.2), quando, à luz dos aspectos teóricos estudados e do corpus coletado, retomaremos os verbetes de -ção e de -mento dos dois dicionários vernaculares com que temos trabalhado (Capítulo 1). A análise dos dados é que nos possibilitará contribuir para a construção adequada dos verbetes afixais, mediante a proposição dos verbetes de -ção e de -mento enquanto sufixos nominalizadores produtivos em português (seção 4.3).

4.1 FUNDAMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Nosso objetivo, nesta primeira seção do capítulo destinado à análise dos dados, é estabelecer com clareza os fundamentos que sustentam a análise a ser efetuada na seção seguinte. Para tanto, num primeiro momento abordaremos a homonímia verificada com relação às formas -ção e -mento, priorizando, em especial, a regra responsável pela construção de palavras em que esses formantes atuam e que repercute na identificação dos sentidos possíveis a serem atualizados pelas palavras construídas (seção 4.1.1).

Considerando, então, os sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$, que atuam na regra que leva à nominalização verbal, retomaremos as informações afixais propostas pela Morfologia Construcional, reconhecendo sua aplicação no que se refere aos dois sufixos mencionados (seção 4.1.2). É com base em tais informações constantes nas entradas afixais desde o primeiro nível do Componente Lexical que efetuaremos a análise dos verbetes desses sufixos.

4.1.1 O reconhecimento de RCP e a homonímia entre os formantes

Vimos, no Capítulo 2, seção 2.2, acerca da descrição afixal conforme a Morfologia Construcional, que as regras de construção de palavras na língua (RCPs) são constituídas por uma única relação entre duas categorias lexicais maiores, que podem ser iguais ou diferentes entre si (RC), uma única operação semântica (OS) e um paradigma de operações morfológicas (OM), dentre as quais podemos citar os afixos, a operação de conversão e, da mesma forma, a operação de derivação regressiva. Em conformidade com a proposta teórica, apresentamos a “equação de uma RCP” no Quadro 09 (seção 2.2.2.1), que retomamos no Quadro 22:

$$\text{RCP} = 1 \text{ RC} + 1 \text{ OS} + 1 \text{ PM (nOM)}$$

Quadro 22 – Equação de uma RCP

Lembremos que, se por um lado uma RCP pode ser aplicada através de várias OMs, por outro lado, uma OM (por exemplo, um afixo) pertence a uma única regra na língua. Assim, nos casos em que um sufixo parece formar palavras de diferentes RCs e/ou diferentes OSs, é preciso atentarmos para a possibilidade de termos aí RCPs diferentes, o que implica em sufixos diferentes, homônimos entre si. Outra situação possível é o fato de estarmos diante de palavras não-construídas na língua, em que o segmento homônimo não é um sufixo, mas apenas uma terminação da palavra.

Conforme mencionamos no Capítulo 3, o corpus de 1.225 palavras foi coletado nos dicionários vernaculares NDA e DEH mediante a busca por nomes terminados com $-ção$ e com $-mento$ sob a mesma base aparente. Tais palavras, classificadas em função da categoria das respectivas bases aparentes (seção 3.2.2.1), revelam diferentes RCs e, num último caso, a inexistência de uma RC:

a) primeiramente, identificamos os substantivos que têm por base um verbo, ou seja, em que a RC se dá a partir de duas categorias lexicais maiores distintas, quando um item lexical verbal (V) possibilita a construção de um nome (N): $[V \rightarrow N]$ – como em *agitação*_N (sobre a base *agitar*_V) e *batimento*_N (sobre a base *bater*_V);

b) num segundo grupo, separamos os substantivos que têm por base um nome, ou seja, aqueles que revelam uma RC entre dois itens lexicais de mesma categoria, em que um nome (N) é base para a construção de outro nome (N): $[N \rightarrow N]$ – como em *armamento*_N (palavra construída sobre a base *armas*_N);

c) o terceiro e último grupo é formado por substantivos que não têm base identificada, caso em que, embora reconhecendo que a palavra que integra o corpus seja de categoria nominal (N), verifica-se a inexistência de uma relação com outra categoria, pois tais palavras não são construídas em português – como em *torção*_N e *tormento*_N (que não são construídas sobre a base **tor-*, mas provêm diretamente do latim *tortione* e *tormentu*, respectivamente) e *apartamento*₂ (com sentido de “residência”, que entrou na língua portuguesa por empréstimo do francês *appartement*).

Vemos que a classificação das palavras do corpus conforme os segmentos de base aparente não se limitam a apontar-nos a existência de diferentes RCs. De fato, a distinção categorial, de sua parte, leva-nos ao reconhecimento de diferenças de sentido, decorrentes da aplicação de diferentes OSs a cada um desses grupos. Assim, temos que:

a) a RC verificada no primeiro grupo, em que um item verbal leva à construção de um nome ($V \rightarrow N$), traduz-se na construção do sentido da nova palavra a partir da OS em que N assume o sentido de “ação de V” ou de “processo de V”, conforme o caso, o que, em última instância, é a nominalização do sentido intrínseco desse verbo de base: $[N = \text{“ação ou processo de V”}]$ – como em *agitação*_N (N = “ação de *agitar*_V”) e *batimento*_N (N = “ processo de *bater*_V”);

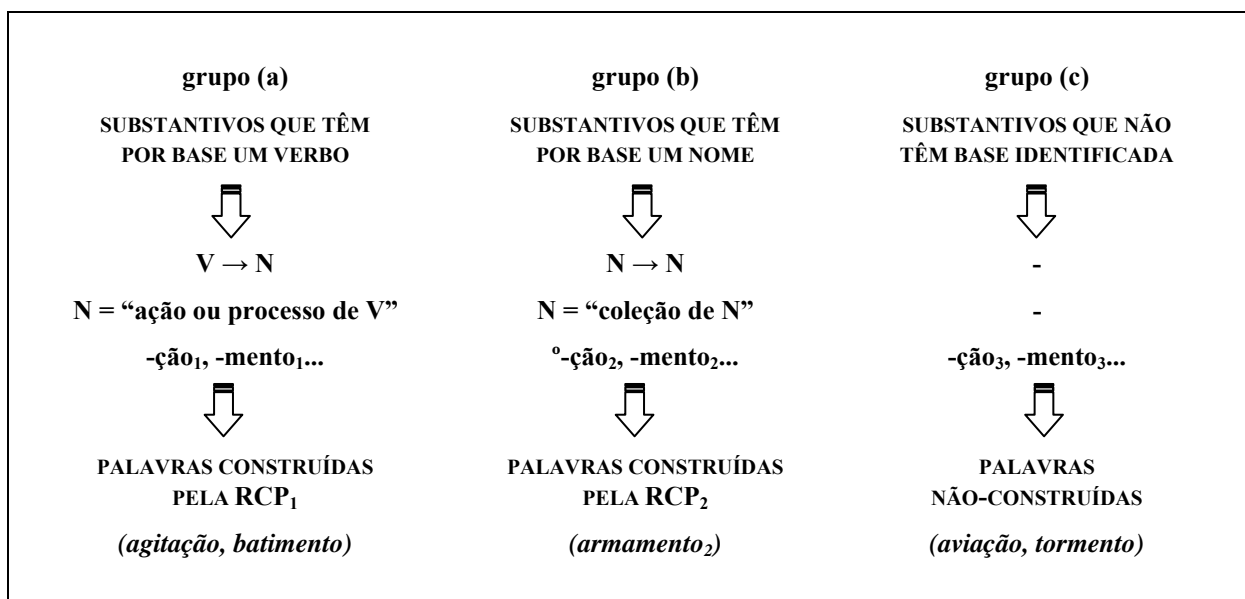
b) a RC entre dois nomes, vista no segundo grupo a ser considerado, quando um item lexical nominal é base para a construção de um novo nome ($N \rightarrow N$), traz o sentido de “coleção de N” à palavra construída sendo a OS: $[N = \text{“coleção de N”}]$ – como em *armamento*_N (N = “coleção de *armas*_N”);

c) no terceiro grupo, em que –ção e –mento fazem parte das palavras da língua sem que possam ser separados do segmento que os antecede, não é identificado nenhum sentido específico às palavras em que se encontram – assim como não há uma RC, também inexistente

uma OS, pois tais palavras não são construídas na língua: tal como a sua apresentação formal, o seu sentido também não é construído em português.

Em conformidade com uma proposta teórica que vai além das evidências, ao reconhecemos, nesses três grupos, duas RCs com respectivas OSs a elas associadas, além de uma situação de inexistência de RC e OS, e por estarmos cientes de que cada RCP tem apenas uma RC e uma OS, concluímos que estamos diante de duas regras distintas de construção de palavras no léxico (RCP₁ e RCP₂, relativas ao primeiro e ao segundo grupos, respectivamente) e de uma situação de palavras que não são construídas na língua (terceiro grupo). O que esses três grupos têm em comum é, pois, o fato de registrarem a presença de segmentos homônimos no final das palavras. Uma vez que temos duas regras, reconhecemos a possibilidade de termos dois sufixos –ção (–ção₁ e –ção₂) e dois sufixos –mento na língua (–mento₁ e –mento₂). Junto a eles, ainda de forma homônima, temos as terminações –ção₃ e –mento₃.

Podemos visualizar, no quadro a seguir, as características de cada um dos três grupos de classificação das palavras do corpus. Tal critério de classificação aponta-nos ao reconhecimento de RCPs e à homonímia entre os formantes estudados. É importante deixarmos claro, aqui, que a homonímia verificada entre os três casos de –ção e os três casos de –mento abordados revela características distintas que identificam cada um desses formantes, justificando tratar-se de entradas lexicográficas diferentes.



Quadro 23 – Reconhecimento de RCPs e casos de homonímia

Cabe registrarmos aqui que, dentre as 1.225 palavras recolhidas nos dois dicionários, foram encontradas 1.197 palavras construídas pela RCP₁ (97,71% do corpus), sendo 598 palavras terminadas por -ção₁ (que corresponde a 97,87% das palavras com -ção) e 599 palavras por -mento₁ (correspondendo a 97,56% das palavras com -mento). Dada a elevada ocorrência desse caso e considerando ser justamente essa a regra que aborda a nominalização verbal, nos ocuparemos com o detalhamento desses dados no seguimento dessa dissertação.

Por outro lado, o corpus coletado muito pouco permite constatações acerca da possibilidade de aplicação da RCP₂, pois não foi registrada nenhuma palavra com o sufixo possível °-ção₂¹²⁶ e somente três palavras são passíveis de serem construídas com -mento₂, o que representa apenas 0,49% das palavras com -mento coletadas e 0,25% do total de palavras trabalhado.

São as seguintes as palavras com -mento₂ encontradas:

*armamento*₂ – com sentido de “conjunto de armas_N”, encontrada nos dois dicionários,

homônima de *armamento*₁ (“ação de armar_V”), que é construída pela RCP₁;

*barramento*₂ – com sentido de “conjunto de barras_N”, encontrada nos dois dicionários,

homônima de *barramento*₁ (“ação de barrar_V”), que é construída pela RCP₁;

*travamento*₂ – com sentido de “conjunto de traves_N”, encontrada apenas no DEH,

homônima de *travamento*₁ (“ação de travar_V”), que é construída pela RCP₁.

Pertencendo ao terceiro grupo mencionado, foram encontradas 25 palavras no corpus desta dissertação (2,04% do total) que não contêm elemento sufixal, pois têm todas as características de palavras não-construídas no português. Dessas, 13 têm a terminação -ção₃ (representando 2,13% das palavras com -ção) e 12 trazem a terminação -mento₃ (apenas 1,95% das palavras com -mento coletadas). Listamos, abaixo, as palavras identificadas como não-construídas em português, as quais trazem terminações homônimas dos sufixos estudados:

- Palavras com -ção₃ recolhidas no NDA e/ou no DEH:

*abanação*₂ – com sentido de “exílio ou desterro”, encontrada apenas no DEH,

homônima de *abanação*₁ (“ação de abanar_V”), que é construída pela RCP₁;

abarticulação – (*ab+articulação*) com sentido de “diartrose”, encontrada nos dois dicionários,

conforme DEH: “provavelmente por influência do inglês *abarticulation*”;

¹²⁶ Registramos o sinal (°) antecedendo o sufixo por considerarmos -ção₂ como um item sufixal possível na língua, mas não-atestado no corpus estudado.

aviação – com sentido de “navegação aérea”, encontrada nos dois dicionários;

*corrição*₂ – com sentido de “borrelho (na ornitologia)”, encontrada apenas no DEH,
homônima de *corrição*₁ (“ação de correr_v”), que é construída pela RCP₁;

detrição – com sentido de “decomposição”, encontrada nos dois dicionários;

excreção – com sentido de “expelir”, encontrada nos dois dicionários;

finação – com sentido de “canta improvisada”, encontrada apenas no NDA,
conforme NDA: “do cabo-verdiano *finaçon*”;

fundação – com sentido de “instituição”, encontrada nos dois dicionários;

instrução – com sentido de “ensino, explicação”, encontrada nos dois dicionários¹²⁷;

levação – com sentido de “tumor”, encontrada apenas no DEH,
homônima de *levação* (“ação de levar”), não atestada, mas possível pela RCP₁;

repleção – com sentido de “estado de repleto”, encontrada nos dois dicionários¹²⁸;

sedição – com sentido de “revolta, motim”, encontrada nos dois dicionários;

torção – com sentido de “torcedura, cólica”, encontrada nos dois dicionários.

- Palavras com –mento₃ recolhidas no NDA e no DEH:

abarticulamento – com sentido “*m.q.* abarticulação”, encontrada apenas no DEH;

*apartamento*₂ – com sentido de “residência”, encontrada nos dois dicionários,
conforme NDA e DEH: “do francês *appartement*”;

compartimento – com sentido de “divisões, classe”, encontrada nos dois dicionários;

detrimento – com sentido de “dano, perda, prejuízo”, encontrada nos dois dicionários;

excremento – com sentido de “matéria expelida pelo corpo”, encontrada nos dois dicionários;

fundamento – com sentido de “razão, argumento, princípios”, encontrada nos dois dicionários;

instrumento – com sentido de “objeto com utilidade”, encontrada nos dois dicionários;

medicamento – com sentido de “substância, remédio”, encontrada nos dois dicionários;

¹²⁷ A classificação da palavra *instrução* requer um estudo mais detalhado, o que vai além da abrangência da presente pesquisa, pois não aprofundamos aqui o estudo sobre regras menores de caráter formal. Assim, preferimos identificar tal palavra como não-construída em português, em conformidade com os dados etimológicos apresentados nos dois dicionários vernaculares consultados. Não desconhecemos, porém, a possibilidade de entendermos *instrução* como palavra construída pela RCP₁, com o sentido de “ação de *instruir*”, em que o item lexical de base sofre a atuação de uma regra menor formal de Truncamento (ver seção 2.2), responsável pela perda da vogal temática /i/ na palavra nova.

¹²⁸ Se a palavra *repleção* for considerada palavra construída na língua sobre a base *repleto*_A, deve ser tomada, então, como evidência da existência de uma nova RCP, com –ção₄ (?) no seu paradigma morfológico, pois estaremos diante de um substantivo deadjetival, de RC [A → N] e provável OS [N = “estado de ser A”].

predicamento – com sentido de “categoria”, encontrada nos dois dicionários;

replemento – com sentido de “ângulo conjugado”, encontrada nos dois dicionários;

sedimento – com sentido de “borra, material insolúvel”, encontrada nos dois dicionários;

tormento – com sentido de “suplício, tortura”, encontrada nos dois dicionários

Retomamos, na tabela a seguir, a classificação das 1.225 palavras coletadas nos dois dicionários vernaculares com que temos trabalhado, conforme a classificação das bases aparentes, considerando, em especial, os dados quantitativos referentes a cada um dos três grupos apresentados no quadro anterior:

Tipo de palavra	grupo (a)	grupo (b)	grupo (c)
	palavras construídas pela RCP ₁	palavras construídas pela RCP ₂	palavras não-construídas
Nº de palavras coletadas	1197	03	25
Percentual sobre o total	97,71%	0,25%	2,04%
Nº de palavras com –ção	598	0	13
Nº de palavras com -mento	599	03	12

Tabela 03 – Classificação das palavras conforme bases aparentes – dados quantitativos

O pequeno número de palavras coletadas nesta pesquisa pertencentes aos grupos (b), das palavras construídas pela RCP₂, e (c), de palavras não-construídas na língua, inviabiliza um estudo mais aprofundado dos sufixos °-ção₂ e -mento₂ e das terminações -ção₃ e -mento₃. Por essa razão, na seqüência deste estudo de objetivos metalexigráficos, nos ocuparemos especificamente dos sufixos -ção₁ e -mento₁, empregados na construção de palavras do grupo (a), pertencentes ao paradigma morfológico da RCP₁.

Assim considerando, a partir de agora trabalharemos apenas com as 1.197 palavras identificadas como construídas em português a partir da aplicação da RCP₁ (no Componente Derivacional do léxico) sobre itens lexicais de categoria verbal (constantes no Componente de Base). Desse total de palavras, 49,96% são construídas com -ção₁ (598 palavras) e 50,04% são construídas com -mento₁ (599 palavras).

Com a intenção de chegarmos à proposição de verbetes desses itens sufixais e por estarmos cientes da necessidade de embasamento teórico de cunho lingüístico à elaboração dos mesmos, passaremos à próxima seção, quando procuraremos aliar as informações teóricas, vistas no Capítulo 2, aos dados do corpus coletado, conforme metodologia e organização apresentadas no Capítulo 3.

4.1.2 Informações relativas aos itens afixais

Ao retomarmos aqui as questões teóricas acerca dos sufixos abordadas nesta dissertação, salientamos que, em conformidade com o modelo construcional, os sufixos são itens lexicais¹²⁹ inventariados no Componente de Base, comportando, desde esse primeiro nível do léxico, características específicas que revelam sua identidade na língua.

Segundo Corbin (1987, p. 454), as entradas lexicais afixais trazem consigo quatro tipos de informações: (1) sua marca categorial; (2) sua representação fonológica; (3) a referência à RCP a que se associa; e (4) seus traços diacríticos. Soma-se a tais informações ainda uma outra propriedade: (5) as restrições particulares relativas à aplicação de cada afixo (CORBIN, 1987, p. 444).

Assim considerando, discorreremos nesta seção acerca de cada uma dessas informações relativas aos sufixos, procurando aplicá-las aos sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$. Nosso objetivo é, pois, fundamentar a análise a ser efetivada na segunda parte desse capítulo e, especialmente, a proposição dos verbetes de $-ção_1$ e de $-mento_1$, na terceira parte.

4.1.2.1 Quanto à marca categorial

Na seção 2.2.1, vimos que as entradas lexicais de base, constantes no primeiro nível do Componente Lexical, podem ser categorias maiores (verbos, nomes, adjetivos...) ou afixos. A identificação da marca categorial das entradas afixais revela de antemão que os itens assim assinalados não são inseridos em estado autônomo nas estruturas sintáticas, mas atuam na construção de palavras a partir da sua associação a uma regra específica. A marca categorial dos afixos é, pois, dada pelo traço [af]. Na seção 4.1.2.4. ao abordarmos os traços diacríticos de $-ção_1$ e de $-mento_1$, identificaremos como subcategoria desses afixos o traço [suf].

¹²⁹ Lembramos que o termo “lexical” é empregado tanto aos itens de categorias maiores como aos itens afixais (CORBIN, 1987), pois os afixos também fazem parte do nível de base do Componente Lexical.

4.1.2.2 Quanto à representação fonológica

Não nos propomos, nesta dissertação, a um estudo mais específico das questões de ordem fonológica¹³⁰. Limitamo-nos aqui a reconhecermos que os dois sufixos com que temos trabalhado atendem às condições silábicas da língua portuguesa e trazem, desde sua inclusão no primeiro nível de estratificação do léxico, informações relativas à sua realização fonética.

4.1.2.3 Quanto à referência à RCP a que se associam os sufixos

Cada afixo traz consigo a informação quanto à RCP a que se associa. Vale lembrar aqui que cada afixo pertence ao paradigma morfológico de uma única regra. Na seção 4.1.1 identificamos que os sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$ participam da RCP_1 (Tabela 03), que, conforme o Quadro 20, é estruturada a partir de uma RC, uma OS e um paradigma de OM. Aproveitamos esse espaço para abordarmos com maior clareza cada um desses três elementos que constituem a regra em questão:

- Relação categorial da RCP_1 :

Já na seção 4.1.1 mencionamos que a RCP_1 envolve duas categorias lexicais maiores distintas: um verbo e um nome (substantivo). A relação entre essas duas categorias se dá à medida que o item lexical verbal é tomado como base para a construção de uma novo nome na língua. Sendo assim, a RC dessa regra que rege a construção de palavras com $-ção_1$ e com $-mento_1$ é representada conforme o quadro a seguir:

$RCP_1 / RC: V \rightarrow N$

Quadro 24 – RC associada à RCP_1

¹³⁰ Se fôssemos aprofundar a discussão sobre o aspecto formal dos sufixos em questão, deveríamos, por exemplo, discorrer sobre o fato de $-ção_1$ ser passível de sofrer regra de alomorfa ao nível das palavras construídas (RAMC) a partir de palavras com o referido sufixo (CORBIN, 1987, p. 313): as palavras construídas com $-ção_1$, ao tornarem-se base para a construção de um adjetivo, por exemplo, registram alteração para a forma “-cion-”, como em *educação* < *educacional*, atestado no DEH.

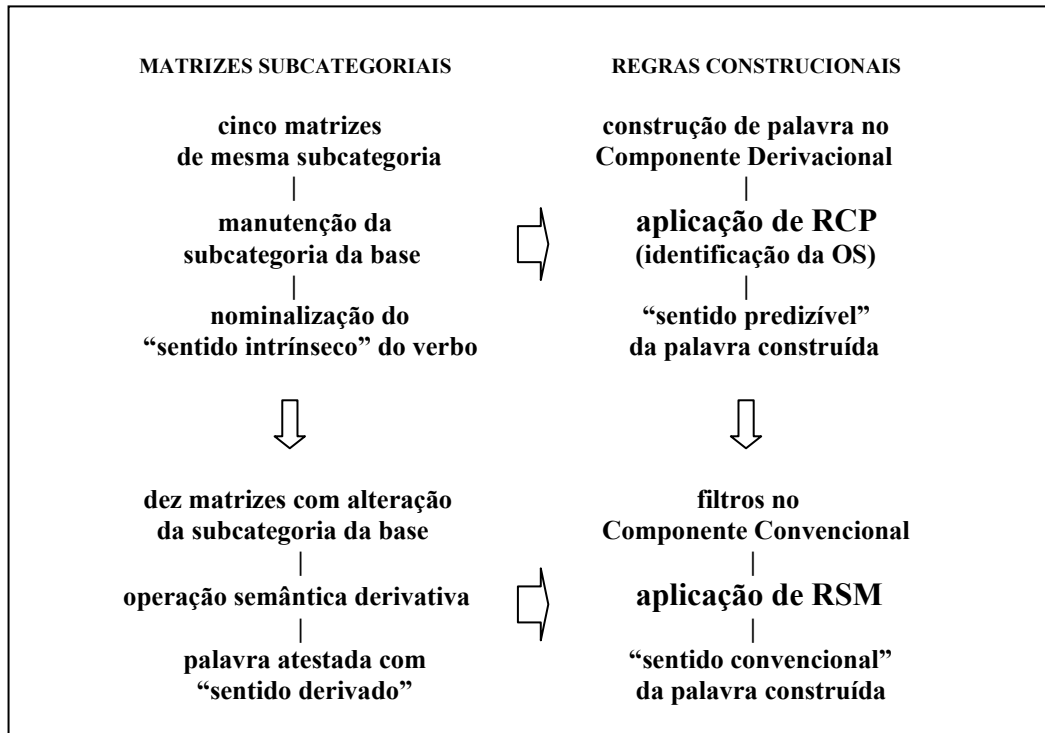
Quando classificamos as palavras conforme a sua base aparente e identificamos duas regras distintas que empregam sufixos homônimos, além da situação de casos de palavras não construídas em português, constatamos que a grande maioria das palavras coletadas no NDA e no DEH para a realização da presente pesquisa foram construídas pela RCP₁ com os sufixos –ção₁ e com –mento₁. Assim, deixamos de considerar a totalidade das 1.225 palavras coletadas e passamos a trabalhar exclusivamente com os 1.197 nomes construídos sobre base verbal, com a RC ora apresentada.

- Operação Semântica da RCP₁:

A construção de nomes a partir dos verbos, conforme a RC citada acima, remete ao sentido de “ação de V” ou mesmo de “processo de V” a ser atribuído às palavras construídas pela RCP₁. A OS associada à regra pode ser melhor elucidada ao aplicarmos, sobre as 1.197 palavras coletadas nos dois dicionários vernaculares, as matrizes subcategoriais formuladas em conformidade com Borba (1996 e 2003), que já foram apresentadas no Capítulo 3 (seção 3.2.2.2). Lembremos que em cinco das quinze matrizes identificadas, a palavra construída mantém a subcategoria do seu respectivo verbo de base, caracterizando, assim, a nominalização do sentido intrínseco do verbo. Nas demais matrizes, por outro lado, a subcategoria da palavra construída difere da subcategoria da base em decorrência da aplicação de operações semânticas derivativas (CHAFE, 1979).

O que temos chamado até aqui de “sentido intrínseco” do verbo de base, em conformidade com Chafe (1979), não é mais que o “sentido predizível”, nos termos de Corbin (1987), construído pela aplicação de uma RCP no Componente Derivacional do léxico. E, de sua parte, o que identificamos como o resultado de “operações semânticas derivativas” pode ser associado à aplicação de filtros, no Componente Convencional, sobre o produto predizível do Componente Derivacional. Entre os filtros possíveis de serem aplicados no Componente Convencional encontram-se as regras menores, sejam elas de caráter formal (Alomorfia e Truncamento) ou, o que mais nos interessa aqui, de caráter semântico (as RSMs).

Apresentamos, no quadro abaixo, a associação que acabamos de mencionar entre a subcategorização das bases e das palavras construídas, conforme Borba (1996 e 2003) e Chafe (1979), por um lado, e a abordagem da Morfologia Construcional, conforme Corbin (1987), de outro lado:



Quadro 25 - Paralelo entre as matrizes subcategoriais e a aplicação de regras construcionais

A associação das cinco primeiras matrizes subcategoriais apresentadas com a aplicação direta da RCP₁ justifica a manutenção da subcategoria da base (“sentido intrínseco” do verbo) como sentido esperado (“predizível”) da palavra construída. É justamente a partir de tais matrizes que poderemos chegar à OS vinculada à regra. Por essa razão, as cinco matrizes relativas à construção de nomes que assumem a mesma subcategoria dos respectivos verbos de base serão consideradas face às 598 palavras com *-ção*₁ e às 599 palavras com *-mento*₁ recolhidas no NDA e no DEH. A classificação das palavras nessas cinco matrizes abrange a totalidade das palavras construídas pela RCP₁, confirmando a associação dessas matrizes com a OS da regra em questão.

Convém lembrarmos que a OS vinculada a uma RCP é responsável pela atribuição do sentido predizível a todas as palavras a serem construídas pela regra. Qualquer eventual alteração sobre um conjunto de palavras, seja no seu aspecto formal ou no seu sentido, decorre da aplicação de filtros, no Componente Convencional do léxico, sobre o produto predizível construído ainda no Componente Derivacional. Isso explica o fato de que algumas palavras inicialmente associadas a uma dessas cinco matrizes sofram um desdobramento semântico, tornando-se exemplos de uma das dez matrizes que demonstram alteração subcategorial em relação à base, fruto da aplicação de RSM.

A seguir, a fim de identificarmos com clareza a OS associada à RCP₁, apresentaremos cada uma das cinco matrizes que revelam a manutenção da subcategoria das bases. Isso será feito mediante um pequeno comentário acerca do sentido que é atribuído à palavra assim construída e com informações quantitativas relativas aos casos encontrados no conjunto de palavras resultantes da RCP₁ coletadas para esta dissertação, seguidas da relação de palavras encontradas referentes a cada uma dessas matrizes. Por ora, não serão incluídas nessa relação as palavras que trazem desdobramento de sentido decorrente de operações semânticas derivativas (aplicação de RSM), embora elas sejam consideradas nos dados (quantitativo e percentual) a serem apresentados: tais palavras serão mencionadas, uma a uma, em momento oportuno, como exemplos das respectivas matrizes de alteração da subcategoria da base.

São estas as matrizes subcategoriais que revelam o sentido predizível das palavras construídas pela RCP₁:

(1) Va → Naa

Essa primeira matriz subcategorial revela-nos que um verbo de ação é base para a construção de um nome abstrato de ação, ou seja, a nominalização de um verbo de ação se dá na língua pela construção de um nome abstrato de ação. Considerando em outros termos, temos que os nomes abstratos de ação construídos sobre verbos de ação assumem o sentido de “ação de V”. Vemos a aplicação dessa matriz subcategorial em 143 palavras construídas pela RCP₁ que compõem o corpus dessa pesquisa (11,94% das 1.197 palavras coletadas), sendo que:

- das 598 palavras construídas com -ção₁, 73 refletem a referida matriz, representando 12,21% as palavras coletadas com esse sufixo. Citamos, abaixo, 55 dessas palavras (as outras 18 serão mencionadas posteriormente, pois trazem desdobramento de sentido decorrente da aplicação de RSM):

<i>abjuração</i>	<i>aferição</i>	<i>arrepelação</i>	<i>esfervilhação</i>	<i>inquirição</i>	<i>raciocinação</i>
<i>açambarcação</i>	<i>afiação</i>	<i>balbuciação</i>	<i>exalção</i>	<i>invitação</i>	<i>recontação</i>
<i>acareação</i>	<i>afileação</i>	<i>cessação</i>	<i>expatriação</i>	<i>louvação</i>	<i>renegação</i>
<i>acaroação</i>	<i>aleitação</i>	<i>cobreação</i>	<i>gabação</i>	<i>manuseação</i>	<i>renúnciação</i>
<i>acasalação</i>	<i>aliciação</i>	<i>comportação</i>	<i>incensação</i>	<i>namoração</i>	<i>reportação</i>
<i>aceitação</i>	<i>apalpação</i>	<i>correção₁</i>	<i>incitação</i>	<i>predicação</i>	<i>suplicação</i>
<i>achincalhação</i>	<i>apoderação</i>	<i>defrontação</i>	<i>increpação</i>	<i>proferição</i>	<i>titubeação</i>
<i>acordação₁</i>	<i>arbitração</i>	<i>desencomendação</i>	<i>indiciação</i>	<i>pronúnciação</i>	<i>xingação</i>
<i>acusação</i>	<i>arrazação</i>	<i>ensimesmação</i>	<i>indigitação</i>	<i>prossequição</i>	<i>zingação</i>
<i>adivinhação</i>					

- das 599 palavras construídas com $-mento_1$, 70 mostram-se como exemplos dessa matriz subcategorial (11,69% das palavras construídas com esse sufixo). Apresentamos aqui 51 dessas palavras que assumem o sentido de “ação de V” (pois as outras 19 serão citadas quando abordarmos as situações de derivação semântica):

<i>abjuramento</i>	<i>aferimento</i>	<i>arrazoamento</i>	<i>esfervilhamento</i>	<i>indigitamento</i>	<i>raciocinamento</i>
<i>açambarcamento</i>	<i>afiamento</i>	<i>arrepelamento</i>	<i>exalçamento</i>	<i>inquirimento</i>	<i>recontamento</i>
<i>acareamento</i>	<i>afilamento</i>	<i>balbuciamto</i>	<i>expatriamento</i>	<i>invitamento</i>	<i>renegamento</i>
<i>acarreamento</i>	<i>aleitamento₁</i>	<i>cavalgamento</i>	<i>gabamento</i>	<i>louvamento</i>	<i>renunciamento</i>
<i>acasalamento</i>	<i>aliciamento</i>	<i>cessamento</i>	<i>incensamento</i>	<i>manuseamento</i>	<i>repartamento</i>
<i>aceitamento</i>	<i>apalpamento</i>	<i>cobreamento</i>	<i>incitamento</i>	<i>proferimento</i>	<i>suplicamento</i>
<i>achincalhamento</i>	<i>apelamento</i>	<i>defrontamento</i>	<i>increpamento</i>	<i>pronunciamento</i>	<i>titubeamento</i>
<i>acusamento</i>	<i>apoderamento</i>	<i>desencomendamento</i>	<i>indiciamento</i>	<i>prosseguimento</i>	<i>zingramento</i>
<i>adivinhamento</i>	<i>apreciamento</i>	<i>escalamento</i>			

(2) Vap → Naa

Além dos nomes abstratos de ação construídos sobre verbos de ação, que respondem pela matriz de número (1), já mencionada, o corpus dessa dissertação revela ainda que alguns dos Naa construídos pela RCP₁ têm como base itens lexicais verbais subcategorizados como de ação-processo. Chama-nos atenção o fato de que é justamente através dessa segunda matriz subcategorial que reconhecemos mais da metade das 1.197 palavras com que temos trabalhado: são 725 palavras, ou seja, 60,57% daquelas que foram coletadas no NDA e no DEH por serem construídas com os sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$ concorrentes sobre o mesmo verbo de base, sendo que:

- 379 palavras são atestadas com o sufixo $-ção_1$, o que representa 63,38% das palavras do corpus que trazem esse sufixo. Como 94 dessas palavras serão objeto de comentário posterior, por sofrerem derivação semântica, apresentamos abaixo somente as 285 que trazem o sentido de “ação de V”, as quais correspondem a 47,66% das palavras com $-ção_1$:

<i>abafação</i>	<i>apanhação</i>	<i>credenciação</i>	<i>desencavacação</i>	<i>enrugação</i>	<i>Nivelação</i>
<i>abanação₁</i>	<i>apartação</i>	<i>debagação</i>	<i>desencavilhação</i>	<i>ensecação</i>	<i>Norteação</i>
<i>abarbetação</i>	<i>apegação₂</i>	<i>debruação</i>	<i>desenclavinhação</i>	<i>enterração</i>	<i>Nutrição</i>
<i>abolição</i>	<i>apensação</i>	<i>decifração</i>	<i>desenchoifação</i>	<i>entronização</i>	<i>Partição</i>
<i>abortação</i>	<i>apepinação</i>	<i>decretação</i>	<i>desenconchação</i>	<i>entrosação</i>	<i>Patenteação</i>
<i>abotoação</i>	<i>aplanação</i>	<i>dedilhação</i>	<i>desencordoação</i>	<i>envasilhação</i>	<i>Pegação</i>
<i>ab-rogação</i>	<i>aprimoração</i>	<i>defraudação</i>	<i>desencouração</i>	<i>enxameação₂</i>	<i>Peneiração</i>
<i>absolvição</i>	<i>apropriação</i>	<i>degolação</i>	<i>desencravação</i>	<i>equipação</i>	<i>Perfilhação</i>
<i>acamação</i>	<i>aproveitação</i>	<i>demolição</i>	<i>desencrespação</i>	<i>escalpação</i>	<i>Piscação</i>
<i>aceiração</i>	<i>apuração</i>	<i>denunciação</i>	<i>desencurvação</i>	<i>escandalização</i>	<i>Polvilhação</i>
<i>aceração</i>	<i>aquilatação</i>	<i>departição</i>	<i>desenfloração</i>	<i>escoação</i>	<i>Posteação</i>
<i>aclaração</i>	<i>arpoação</i>	<i>derramação</i>	<i>desenfronhação</i>	<i>esfregação</i>	<i>Postergação</i>
<i>acobreação</i>	<i>arquivação</i>	<i>derrogação</i>	<i>desenfurnação</i>	<i>esmagação</i>	<i>Prestação</i>
<i>adernação</i>	<i>arreação</i>	<i>desalgemação</i>	<i>deserdação</i>	<i>esmeril(h)ação</i>	<i>Puxação</i>
<i>adestração</i>	<i>arrobação</i>	<i>desamodorração</i>	<i>desfeiteação</i>	<i>espelhação</i>	<i>Quebrantação</i>
<i>adicionação</i>	<i>arroteação</i>	<i>desamolgação</i>	<i>desfolhação</i>	<i>espulgação</i>	<i>Recapeação</i>

<i>adje(c)tivação</i>	<i>arruação</i>	<i>desamontoação</i>	<i>desleixação</i>	<i>esquipação</i>	<i>Redomoneação</i>
<i>adquirição</i>	<i>arruinação</i>	<i>desanuviação</i>	<i>desligação</i>	<i>estaqueação</i>	<i>Refinação</i>
<i>adubação</i>	<i>arrumação</i>	<i>desapropriação</i>	<i>deslindação</i>	<i>estruturação</i>	<i>Reflorestação</i>
<i>adunação</i>	<i>asseguração</i>	<i>desbalização</i>	<i>desnudação</i>	<i>evaginação</i>	<i>Regulação</i>
<i>afilhação</i>	<i>assinalação</i>	<i>desbastação</i>	<i>desordenação</i>	<i>evitação</i>	<i>Religação</i>
<i>aforaço</i>	<i>assolação</i>	<i>desbatização</i>	<i>desovação</i>	<i>exercitação</i>	<i>Remodelação</i>
<i>agenciação</i>	<i>atempação</i>	<i>descascação</i>	<i>despolhação</i>	<i>fechação</i>	<i>Rendição</i>
<i>agitação</i>	<i>atição</i>	<i>descoivaração</i>	<i>despoetização</i>	<i>filtração</i>	<i>Renovação</i>
<i>aglutinação</i>	<i>atracação</i>	<i>descongelação</i>	<i>dessacração</i>	<i>firmação</i>	<i>Reordenação</i>
<i>agrupação</i>	<i>atropelação</i>	<i>desconjunção</i>	<i>dessalgação</i>	<i>forção</i>	<i>Repristinação</i>
<i>ajeitação</i>	<i>autuação</i>	<i>desembaulação</i>	<i>dessacação</i>	<i>frenação</i>	<i>Respiração</i>
<i>alç(e)ação</i>	<i>avizinhação</i>	<i>desembolação</i>	<i>destronação</i>	<i>grampeação</i>	<i>Ressuscitação</i>
<i>alfabetação</i>	<i>avocação</i>	<i>desembrenhação</i>	<i>dilatação</i>	<i>grimpação</i>	<i>Revibração</i>
<i>alienação</i>	<i>batição</i>	<i>desembruscação</i>	<i>dilucidação</i>	<i>infiltração</i>	<i>Salgação</i>
<i>Alijação</i>	<i>barração</i>	<i>desembruxação</i>	<i>diluição</i>	<i>inquinação</i>	<i>Segregação</i>
<i>alimpação</i>	<i>beneficiação</i>	<i>desemburricação</i>	<i>dobração</i>	<i>internação</i>	<i>Serração</i>
<i>alojação</i>	<i>bolchevização</i>	<i>desemolduração</i>	<i>doutrinação</i>	<i>lastração</i>	<i>Sessão</i>
<i>alteação</i>	<i>botação</i>	<i>desempacação</i>	<i>embalsamação</i>	<i>lavação</i>	<i>Sonegação</i>
<i>alugação</i>	<i>branqueação</i>	<i>desempalhação</i>	<i>embruxação</i>	<i>lavração</i>	<i>Subornação</i>
<i>Aluição</i>	<i>calafetação</i>	<i>desempoleiração</i>	<i>emplast(r)ação</i>	<i>lealdação</i>	<i>Tapação</i>
<i>alumiação</i>	<i>canonização</i>	<i>desemprenhação</i>	<i>encantação</i>	<i>liação</i>	<i>Temporização</i>
<i>alvidração</i>	<i>captação</i>	<i>desempunhação</i>	<i>encaracolação</i>	<i>licenciação</i>	<i>Tiração</i>
<i>amoedação</i>	<i>carenação</i>	<i>desencaiporação</i>	<i>encarceração</i>	<i>limpação</i>	<i>Titilação</i>
<i>amolgação</i>	<i>carpição</i>	<i>desencaixilhação</i>	<i>encartação</i>	<i>lixação</i>	<i>tra(n)spassação</i>
<i>amontoação</i>	<i>castração</i>	<i>desencambação</i>	<i>encastoação</i>	<i>machucação</i>	<i>Traição</i>
<i>amostração</i>	<i>certificação</i>	<i>desencantação</i>	<i>encavacação</i>	<i>martelação</i>	<i>Transportação</i>
<i>amotinação</i>	<i>chacoalhação</i>	<i>desencantoação</i>	<i>encoivaração</i>	<i>matização</i>	<i>Travação</i>
<i>andação</i>	<i>cobrição</i>	<i>desencapação</i>	<i>encrespação</i>	<i>medicação₁</i>	<i>Trituração</i>
<i>angariação</i>	<i>colecinação</i>	<i>desencaracolação</i>	<i>enervação₂</i>	<i>monitoração</i>	<i>Trucidação</i>
<i>aniilação</i>	<i>compartição</i>	<i>desencasacação</i>	<i>enquadração</i>	<i>mudação</i>	<i>Validação</i>
<i>aniquilação</i>	<i>confrontação</i>	<i>desencascação₁</i>	<i>enramação</i>	<i>negociação</i>	<i>Vingação</i>
<i>anulação</i>	<i>coroação</i>	<i>desencascação₂</i>			

- das palavras coletadas com –mento₁, 346 (57,78%) refletem a segunda matriz apresentada. Dessas, 248 palavras nominalizam o sentido ativo intrínseco do verbo de base e por isso são citadas abaixo (as outras 98 serão consideradas mais tarde):

<i>abanamento</i>	<i>aquilatamento</i>	<i>deixamento</i>	<i>desencavilhamento</i>	<i>entronizamento</i>	<i>Mastreamento</i>
<i>abarbetamento</i>	<i>armamento₁</i>	<i>demolimento</i>	<i>desenclavinhamento</i>	<i>envasilhamento</i>	<i>Matizamento</i>
<i>abolimento</i>	<i>arpoamento</i>	<i>denunciamento</i>	<i>desencoifamento</i>	<i>exameamento₂</i>	<i>Monitoramento</i>
<i>abortamento</i>	<i>arquivamento</i>	<i>departimento</i>	<i>desenconchamento</i>	<i>escalpamento</i>	<i>Mudamento</i>
<i>ab-rogamento</i>	<i>arrobamento</i>	<i>derramamento</i>	<i>desencordoamento</i>	<i>encartamento</i>	<i>Negociamento</i>
<i>absolvimento</i>	<i>arroteamento</i>	<i>derrogamento</i>	<i>desencouramento</i>	<i>encastoamento</i>	<i>Norteamamento</i>
<i>aceiramento</i>	<i>arruamento</i>	<i>desalgemamento</i>	<i>desencravamento</i>	<i>encavacamento</i>	<i>partimento</i>
<i>aceramento</i>	<i>arruinamento</i>	<i>desamodorramento</i>	<i>desencurvamento</i>	<i>encoivaramento</i>	<i>patenteamento</i>
<i>aclaramento</i>	<i>arrumamento</i>	<i>desamolgamento</i>	<i>desenfloramento</i>	<i>enquadramento</i>	<i>peneiramento</i>
<i>acobreamento</i>	<i>asseguramento</i>	<i>desamontoamento</i>	<i>desenfronhamento</i>	<i>enramamento</i>	<i>piscamento</i>
<i>acuamento</i>	<i>assolamento</i>	<i>desanuviamamento</i>	<i>desenfurnamento</i>	<i>escandalizamento</i>	<i>polvilhamento</i>
<i>adestramento</i>	<i>atempamento</i>	<i>desapropriamento</i>	<i>deserdamento</i>	<i>esfregamento</i>	<i>postergamento</i>
<i>adicionamento</i>	<i>atestamento</i>	<i>desbalizamento</i>	<i>desfeiteamento</i>	<i>esmagamento</i>	<i>povoamento</i>
<i>adjetivamento</i>	<i>atização</i>	<i>desbatizamento</i>	<i>desfolhamento</i>	<i>esmeril(h)amento</i>	<i>preparamento</i>
<i>adquirimento</i>	<i>atracamento</i>	<i>descascamento</i>	<i>desleixamento</i>	<i>espelhamento</i>	<i>prestamento</i>
<i>adubamento</i>	<i>autuamento</i>	<i>descoivaramento</i>	<i>deslindamento</i>	<i>espolgamento</i>	<i>queimamento</i>
<i>adunamento</i>	<i>avizinhamamento</i>	<i>descongelamento</i>	<i>desnudamento</i>	<i>equipamento</i>	<i>recapeamento</i>
<i>afilhamento</i>	<i>avocamento</i>	<i>desconjuntamento</i>	<i>desordenamento</i>	<i>evaginamento</i>	<i>redomoneamento</i>
<i>agenciamento</i>	<i>bolchevizamento</i>	<i>desembaulamento</i>	<i>desovamento</i>	<i>evitamento</i>	<i>reflorestamento</i>
<i>alç(e)amento₂</i>	<i>botamento</i>	<i>desembolamento</i>	<i>despolhamento</i>	<i>exercitamento</i>	<i>religamento</i>
<i>aleitamento₂</i>	<i>calafetamento</i>	<i>desembrenhamento</i>	<i>despoetizamento</i>	<i>fechamento</i>	<i>remodelamento</i>

<i>alfabetamento</i>	<i>canonizamento</i>	<i>desembruscamento</i>	<i>dessacramento</i>	<i>filtramento</i>	<i>repristinamento</i>
<i>alienamento</i>	<i>captamento</i>	<i>desembruxamento</i>	<i>dessalgamento</i>	<i>forçamento</i>	<i>respiramento</i>
<i>alijamento</i>	<i>carenamento</i>	<i>desemburricamento</i>	<i>dessecamento</i>	<i>forramento</i>	<i>revibramento</i>
<i>alimpamento</i>	<i>carregamento</i>	<i>desemolduramento</i>	<i>destronamento</i>	<i>frenamento</i>	<i>segregamento</i>
<i>alteamento</i>	<i>castramento</i>	<i>desempacamento</i>	<i>dilatamento</i>	<i>fuzilamento</i>	<i>serramento</i>
<i>alugamento</i>	<i>cerramento</i>	<i>desempalhamento</i>	<i>dilucidamento</i>	<i>grampeamento</i>	<i>sessamento</i>
<i>alvidramento</i>	<i>certificamento</i>	<i>desempoleiramento</i>	<i>diluinto</i>	<i>grimpamento</i>	<i>sonegamento</i>
<i>amoedamento</i>	<i>cobrimto</i>	<i>desemprenhamento</i>	<i>doi(u)ramento</i>	<i>infiltramento</i>	<i>subornamento</i>
<i>amolçamento</i>	<i>coleccionamento</i>	<i>desempunhamento</i>	<i>doutrinamento</i>	<i>inquinamento</i>	<i>temporizamento</i>
<i>amotinamento</i>	<i>confrontamento</i>	<i>desencaiporamento</i>	<i>embalsamamento</i>	<i>internamento</i>	<i>tentamento</i>
<i>anelamento</i>	<i>cordeamento</i>	<i>desencaixilhamento</i>	<i>embarcamento</i>	<i>lastramento</i>	<i>tiramento</i>
<i>angariamento</i>	<i>coroamento</i>	<i>desencambamento</i>	<i>embruxamento</i>	<i>lavamento</i>	<i>titilamento</i>
<i>aniilamento</i>	<i>credenciamento</i>	<i>desencantamento</i>	<i>emplast(r)amento</i>	<i>lavramento</i>	<i>traimento</i>
<i>anulamento</i>	<i>curtimento</i>	<i>desencantoamento</i>	<i>empolgamento</i>	<i>lealdamento</i>	<i>tritramento</i>
<i>apanhamento</i>	<i>debagamento</i>	<i>desencapamento</i>	<i>encaracolamento</i>	<i>liamento</i>	<i>trucidamento</i>
<i>apensamento</i>	<i>debruamento</i>	<i>desencaracolamento</i>	<i>encarceramento</i>	<i>licenciamento</i>	<i>validamento</i>
<i>apepinamento</i>	<i>deciframento</i>	<i>desencasacamento</i>	<i>enrugamento</i>	<i>limpamento</i>	<i>viramento</i>
<i>aplanamento</i>	<i>dedramento</i>	<i>desencascamento₁</i>	<i>ensecamento</i>	<i>lixamento</i>	<i>carpimento</i>
<i>aprimoramento</i>	<i>dedilhamento</i>	<i>desencascamento₂</i>	<i>enterramento</i>	<i>machucamento</i>	<i>desbastamento</i>
<i>apropriamento</i>	<i>defraudamento</i>	<i>desencavacamento</i>	<i>entrelhamento</i>	<i>martelamento</i>	<i>vingamento</i>
<i>apuramento</i>	<i>degolamento</i>				

(3) Vap → Nap

Assim como nem todos os nomes abstratos de ação são construídos sobre verbos de ação (matriz 1), podendo tomar como base também verbos de ação-processo, observamos aqui que nem todos os verbos de ação-processo são nominalizados a partir do seu aspecto ativo (visto na matriz 2). Embora em menor número que aqueles, não são poucos os casos em que o Vap leva à construção de nomes abstratos de processo, atualizando o sentido de “processo de V”. No corpus desta dissertação foram encontradas 265 palavras referentes a essa terceira matriz subcategorial, o que corresponde a 22,14% das 1.197 palavras da RCP₁:

- 114 das 598 palavras coletadas com –ção₁ são identificadas pela matriz [Vap → Nap], ou seja, 19,06% das palavras com esse sufixo. Enquanto 45 delas sofrem derivação semântica, há 69 palavras (11,54% das 598) que atualizam especificamente o sentido de “processo de V”:

<i>abalroação</i>	<i>aplacação</i>	<i>crispação</i>	<i>desencadeação</i>	<i>enervação₁</i>	<i>ofuscação</i>
<i>aceleração</i>	<i>aprofundação</i>	<i>debilitação</i>	<i>desencarranção</i>	<i>engendração</i>	<i>perpetuação</i>
<i>aclimação</i>	<i>aprontação</i>	<i>definção</i>	<i>desenfartação</i>	<i>estancação</i>	<i>persuasão</i>
<i>acompadração</i>	<i>arcaização</i>	<i>degradação</i>	<i>desenfuscação</i>	<i>estriação</i>	<i>prolongação</i>
<i>aferventação</i>	<i>arriação</i>	<i>depauperação</i>	<i>desmamação</i>	<i>extravasação</i>	<i>rateação</i>
<i>afogação</i>	<i>atarantação</i>	<i>desaleitação</i>	<i>desmoronação</i>	<i>fadigação</i>	<i>relaxação</i>
<i>alagação</i>	<i>atemorização</i>	<i>descaudação</i>	<i>despovoação</i>	<i>igualação</i>	<i>retardação</i>
<i>aliteração</i>	<i>bombeação</i>	<i>descimbração</i>	<i>desprateação</i>	<i>inundação</i>	<i>sombreação</i>
<i>aliviação</i>	<i>caldeação</i>	<i>descoagulação</i>	<i>desvirtuação</i>	<i>lenição</i>	<i>soterração</i>
<i>amalgamação</i>	<i>centrifugação</i>	<i>desenamoração</i>	<i>dilaceração</i>	<i>narcisação</i>	<i>transfiguração</i>
<i>apassivação</i>	<i>clareação</i>	<i>desencabação</i>	<i>encurvação</i>	<i>niponização</i>	<i>transmudação</i>
<i>apegação₁</i>	<i>concatenação</i>	<i>desencabulação</i>			

- vemos que o número de palavras com –mento₁ que se associam a essa terceira matriz subcategorial é maior do que com o sufixo concorrente: 151 palavras (25,20% das 599 com esse sufixo), sendo que 56 delas serão mencionadas posteriormente e 95 são citadas abaixo:

<i>abalramento</i>	<i>aluimento</i>	<i>batimento</i>	<i>descimbramento</i>	<i>embaralhamento</i>	<i>ofuscamento</i>
<i>acamamento</i>	<i>amalgamamento</i>	<i>bombeamento</i>	<i>descoagulamento</i>	<i>empalhamento</i>	<i>pegamento</i>
<i>aceleramento</i>	<i>amostramento</i>	<i>branqueamento</i>	<i>desenamramento</i>	<i>encrespamento</i>	<i>perdimento</i>
<i>aclimamento</i>	<i>andamento</i>	<i>caldeamento</i>	<i>desencabamento</i>	<i>encurvamento</i>	<i>perfilhamento</i>
<i>acompadramento</i>	<i>apassivamento</i>	<i>centrifugamento</i>	<i>desencabulamento</i>	<i>engendramento</i>	<i>perpetuamento</i>
<i>acordamento</i>	<i>apegamento</i>	<i>chacoalhamento</i>	<i>desencadeamento</i>	<i>estancamento</i>	<i>persuadimento</i>
<i>adernamento</i>	<i>aprofundamento</i>	<i>clareamento</i>	<i>desencarrancamento</i>	<i>estriamento</i>	<i>rateamento</i>
<i>aferventamento</i>	<i>aprontamento</i>	<i>concatenamento</i>	<i>desenfartamento</i>	<i>estruturamento</i>	<i>renovamento</i>
<i>afinamento</i>	<i>aquietamento</i>	<i>consolamento</i>	<i>desenfusamento</i>	<i>extravasamento</i>	<i>reordenamento</i>
<i>afogamento</i>	<i>arcaizamento</i>	<i>crispamento</i>	<i>desmamamento</i>	<i>fissuramento</i>	<i>ressuscitamento</i>
<i>agitamento</i>	<i>arqueamento</i>	<i>debilitamento</i>	<i>desmoronamento</i>	<i>igualamento</i>	<i>salgamento</i>
<i>aglutinamento</i>	<i>arriamento</i>	<i>definhamento</i>	<i>despovoamento</i>	<i>inundamento</i>	<i>soterramento</i>
<i>ajeitamento</i>	<i>assombramento</i>	<i>degradamento</i>	<i>desprateamento</i>	<i>logramento</i>	<i>transfiguramento</i>
<i>alç(e)amento₁</i>	<i>atarantamento</i>	<i>depauperamento</i>	<i>desvirtuamento</i>	<i>maceramento</i>	<i>transmudamento</i>
<i>aliteramento</i>	<i>atemorizamento</i>	<i>desaleitamento</i>	<i>deterioramento</i>	<i>narcisamento</i>	<i>travamento¹</i>
<i>aliviamento</i>	<i>atropelamento</i>	<i>descaudamento</i>	<i>dilaceramento</i>	<i>niponizamento</i>	

(4) Vp → Nap

Os verbos de processo são nominalizados pela construção de nomes abstratos de processo. Observamos, entretanto, que não são muitos os Vp que são nominalizados pelos sufixos –ção₁ e –mento₁: apenas 59 das palavras coletadas construídas pela RCP₁, o que significa 4,93% do corpus considerado aqui, das quais:

- 29 são palavras com –ção₁, o que representa 4,85% das palavras com esse sufixo. Citamos aqui 23 dessas palavras, pois as outras seis serão comentadas mais tarde, por revelarem desdobramento semântico:

<i>afloração</i>	<i>dealvação</i>	<i>desproporção</i>	<i>espanholação</i>	<i>japonização</i>	<i>rebrotação</i>
<i>agravação</i>	<i>desenevoação</i>	<i>embebição</i>	<i>espiração</i>	<i>locupletação</i>	<i>regurgitação</i>
<i>brotação</i>	<i>desenfiação</i>	<i>enfartação</i>	<i>estilação</i>	<i>pipocação</i>	<i>vagação</i>
<i>dealbação</i>	<i>desobumbração</i>	<i>enfolhação</i>	<i>herniação</i>	<i>pululação</i>	

- 30 palavras dessa matriz têm o sufixo –mento₁, sendo 5% das palavras coletadas com esse sufixo. Citamos 23 palavras que, em decorrência da matriz subcategorial em questão, assumem o sentido de “processo de V” (as outras sete palavras serão citadas posteriormente):

<i>afloramento</i>	<i>dealvamento</i>	<i>embebimento</i>	<i>espiramento</i>	<i>japonizamento</i>	<i>rebrotamento</i>
<i>agravamento</i>	<i>desenfiamto</i>	<i>enfartamento</i>	<i>estilamento</i>	<i>locupletamento</i>	<i>regurgitamento</i>
<i>brotamento</i>	<i>desobumbramento</i>	<i>enfolhamento</i>	<i>finamento</i>	<i>pipocamento</i>	<i>vagamento</i>
<i>dealbamento</i>	<i>desproporcionamento</i>	<i>espanholamento</i>	<i>herniamento</i>	<i>pululamento</i>	

(5) Ve → Nae

No corpus coletado no NDA e no DEH, considerando palavras atestadas com $-\text{ção}_1$ e com $-\text{mento}_1$ sobre a mesma base aparente, encontramos apenas cinco palavras construídas cujas bases são identificadas como verbos de estado, representando não mais que 0,42% das palavras resultantes da RCP₁ coletadas nesta dissertação:

- três são palavras atestadas com o sufixo $-\text{ção}_1$, caracterizando 0,5% das 598 palavras coletadas com esse sufixo:

abundação – atestada apenas no DEH, conforme verbete: “m.q. *abundância*”, com informação quanto ao seu uso “obsoleto”;

anelação₁ – atestada nos dois dicionários, com sentido de “respiração curta; anelo”;

deliração – atestada apenas no DEH, conforme verbete: “m.q. *deliramento*”, sendo informado ser “pouco usada”;

- duas são palavras atestadas com $-\text{mento}_1$, ou seja, 0,33% das 599 palavras coletadas com esse sufixo:

abundamento – atestada apenas no DEH, conforme o verbete: “m.q. *abundância*”;

deliramento – atestada nos dois dicionários, com o sentido de “ato ou efeito de delirar”.

Um número tão pequeno de ocorrências não nos permite maiores conclusões quanto à aplicação ou não da RCP₁ a bases verbais subcategorizadas como de estado ou, de outra parte, quanto ao emprego dos dois sufixos estudados sobre verbos de estado. Não podemos descartar, ainda, a possibilidade de essas cinco palavras mencionadas serem não o resultado previsível da aplicação da RCP₁ no Componente Derivacional do léxico, mas o produto de filtros no Componente Convencional¹³¹. Tais questões ficam abertas aqui, pois reconhecemos que qualquer resposta neste sentido depende de um estudo mais específico, fugindo, assim, da abrangência da presente pesquisa.

A tabela a seguir é proposta como um resumo dos dados apresentados até então acerca das cinco matrizes de manutenção da subcategoria da base abordadas nesta seção:

¹³¹ Além da aplicação de regras menores (formais e semânticas) sobre um conjunto de palavras construídas por uma RCP, é possível ainda que o Aplicador de Idiossincrasias (A.I.) proponha alterações idiossincráticas a uma ou outra palavra construída por uma RCP dada. Sendo assim, é possível que essas cinco palavras sejam, de fato, o produto de alterações idiossincráticas. Somente um estudo mais apurado dos casos poderá elucidar essa questão.

matrizes subcategoriais	palavras construídas com -ção ₁		palavras construídas com -mento ₁		palavras construídas pela RCP ₁	
(1) Va → Naa	73	12,21%	70	11,69%	143	11,94%
(2) Vap → Naa	379	63,38%	346	57,78%	725	60,57%
(3) Vap → Nap	114	19,06%	151	25,20%	265	22,14%
(4) Vp → Nap	29	4,85%	30	5,00%	59	4,93%
(5) Ve → Nae	3	0,50%	2	0,33%	5	0,42%
Total	598	100%	599	100%	1.197	100%

Tabela 04 – Classificação das palavras construídas pela RCP₁ conforme as matrizes de manutenção da subcategoria da base

Conforme já mencionamos, as matrizes que revelam a manutenção da subcategoria da base na palavra construída conduzem-nos à OS associada à RCP₁, responsável pela construção das nominalizações verbais. E, nesse sentido, convém lembrarmos que há apenas uma OS vinculada a cada RCP. Concluímos, então, que o sentido da palavra a ser construída pela RCP₁ tem vinculação direta com a subcategoria do verbo de base, seja ele de ação ou de processo. A partir de tais considerações e da aplicação das matrizes subcategoriais, apresentamos, no Quadro 26, a operação de natureza semântica associada à RCP₁, que é aplicada a todas as palavras construídas pela referida regra. Constatamos, ainda, que a opção pelo sentido de “ação”, por um lado, ou “processo”, por outro, não é aleatória, mas passa pela subcategoria do verbo de base¹³².

RCP₁/ OS: N = “ação ou processo de V”

Quadro 26 – OS associada à RCP₁

Na seqüência do nosso trabalho, após abordarmos as cinco matrizes subcategoriais que respondem pela OS da RCP₁ e, em última instância, pelo reconhecimento do sentido predizível das palavras construídas por essa regra, salientamos que os eventuais desdobramentos de sentido atribuídos a algumas palavras construídas pela RCP₁ justificam-se por operações semânticas derivativas que, a bem da verdade, decorrem da aplicação de RSM. O sentido,

¹³² Salientamos que o número de ocorrências da aplicação da RCP₁ sobre bases verbais subcategorizadas como de estado não parece significativo para concluirmos por sua inclusão na OS da referida regra. Estudos futuros, considerando a totalidade das palavras atestadas com -ção e com -mento em português (e não somente aquelas em que se verifica a mesma base aparente) poderão constatar acerca da possível inclusão da noção de “estado” na OS da regra de nominalização verbal, que passaria a ser: N = “ação, processo ou estado de V”.

anteriormente predizível, sofre alterações identificadas convencionalmente pelos usuários da língua. Para chegarmos aos sentidos derivados trazidos às palavras construídas pelas RSM, retomamos a aplicação das dez matrizes apresentadas no capítulo anterior, em que a subcategoria do verbo de base não se mantém na palavra construída. É interessante observarmos que essas dez matrizes subcategoriais não respondem pela totalidade das palavras construídas pela regra, mas a apenas um grupo de palavras.

Essas matrizes subcategoriais revelam que um nome construído pela RCP₁ com os sufixos –ção₁ e –mento₁, tendo inicialmente assumido a mesma subcategoria do seu verbo de base, acabam por atualizar um outro sentido, que não aquele predizível pela aplicação da regra que nominaliza a ação ou o processo expressos pelo verbo. Algumas dessas matrizes mostram a atuação de um processo semântico derivativo resultativo (CHAFE, 1979) sobre nomes abstratos construídos pela RCP₁, os quais, subcategorizados inicialmente como de ação e de processo, tornam-se nomes abstratos de estado. Tais nomes atualizam o sentido de “resultado” da ação ou do processo do verbo de origem.

Semelhantemente ao que foi feito anteriormente, apresentamos aqui outras quatro matrizes subcategoriais:

(6) Va → Naa < Nae

Alguns nomes abstratos de ação vão além da nominalização dos respectivos verbos de ação que lhe são base e assumem o sentido derivado de “resultado” da ação desses verbos. Isso acontece com 33 palavras (2,75%) do corpus com que temos trabalhado, sendo que:

- 16 dessas palavras terminam com o sufixo –ção₁, representando 2,68% das palavras com esse sufixo:

<i>aditação</i>	<i>afrontação</i>	<i>apreciação</i>	<i>endeusação</i>	<i>exaltação</i>	<i>prosternação</i>
<i>adoração</i>	<i>alheação</i>	<i>cavalgação</i>	<i>enfuriação</i>	<i>negação</i>	<i>relevação</i>
<i>afirmação</i>	<i>apelação</i>	<i>devotação</i>	<i>entoação</i>		

- 17 trazem o sufixo –mento₁, ou seja, 2,84% das palavras com esse sufixo:

<i>aditamento</i>	<i>afrontamento</i>	<i>comportamento</i>	<i>enfuriamento</i>	<i>exaltamento</i>	<i>Prosternamento</i>
<i>adoramento</i>	<i>alheamento</i>	<i>devotamento</i>	<i>ensimesmamento</i>	<i>namoramento</i>	<i>Relevamento</i>
<i>afirmamento</i>	<i>arbitramento</i>	<i>endeusamento</i>	<i>entoamento</i>	<i>negamento</i>	

(7) Vap → Naa < Nae

Dos nomes de ação construídos sobre bases verbais de ação-processo, 139 passam à subcategoria de abstrato de estado por sofrerem processo derivativo que os leva a atualizar o sentido de “resultado”, representando 11,61% das palavras resultantes da RCP₁, sendo:

- 70 palavras com o sufixo –ção₁, representando 11,71% das palavras com esse sufixo:

<i>abandalhação</i>	<i>aplicação</i>	<i>crucificação</i>	<i>desflorestação</i>	<i>estrangulação</i>	<i>logração</i>
<i>abreviação</i>	<i>aquietação</i>	<i>danificação</i>	<i>desolação</i>	<i>exaurição</i>	<i>lubrificação</i>
<i>acalmiação</i>	<i>arqueação</i>	<i>deixação</i>	<i>desorientação</i>	<i>excitação</i>	<i>obrigação</i>
<i>acocoração</i>	<i>assanhação</i>	<i>deleitação</i>	<i>elevação</i>	<i>faturação</i>	<i>ordenação</i>
<i>acomodação</i>	<i>atormentação</i>	<i>desafinação</i>	<i>embaralhação</i>	<i>graduação</i>	<i>queimação</i>
<i>acondição</i>	<i>avacalhação</i>	<i>desautorização</i>	<i>empalação</i>	<i>iluminação</i>	<i>salvação</i>
<i>acuiação</i>	<i>aviltiação</i>	<i>desbociação</i>	<i>empolgação</i>	<i>impedição</i>	<i>tentação</i>
<i>afeitação</i>	<i>carregação</i>	<i>desemburração</i>	<i>encabulação</i>	<i>ingurgitação</i>	<i>torvação</i>
<i>afinação</i>	<i>cavação</i>	<i>desempolgação</i>	<i>encalistração</i>	<i>insulação</i>	<i>turvação</i>
<i>agarração</i>	<i>consolação</i>	<i>desencanação</i>	<i>encravação</i>	<i>isolação</i>	<i>vereação</i>
<i>ampliação</i>	<i>cordeação</i>	<i>desentoação</i>	<i>ensinação</i>	<i>ligação</i>	<i>viciação</i>
<i>aperreação</i>	<i>cotação</i>	<i>desfiguração</i>	<i>esquentação</i>		

- 69 trazem o sufixo –mento₁, ou seja, 11,52% das palavras com esse sufixo:

<i>abafamento</i>	<i>aplicamento</i>	<i>danifcamento</i>	<i>desligamento</i>	<i>estrangulamento</i>	<i>obrigamento</i>
<i>abandalhamento</i>	<i>aproveitamento</i>	<i>deleitamento</i>	<i>desolamento</i>	<i>exaurimento</i>	<i>puxamento</i>
<i>abreviamento</i>	<i>assanhamento</i>	<i>desafinamento</i>	<i>desorientamento</i>	<i>excitamento</i>	<i>quebrantamento</i>
<i>acalmamento</i>	<i>assinalamento</i>	<i>desautoramento</i>	<i>elevamento</i>	<i>faturamento</i>	<i>refinamento</i>
<i>acocoramento</i>	<i>atormentamento</i>	<i>desemburramento</i>	<i>empalamento</i>	<i>firmamento</i>	<i>regulamento</i>
<i>acomodamento</i>	<i>avacalhamento</i>	<i>desemburramento</i>	<i>encabulamento</i>	<i>graduamento</i>	<i>rendimento</i>
<i>acondição</i>	<i>averbamento</i>	<i>desempolgamento</i>	<i>encalstramento</i>	<i>impedimento</i>	<i>torvamento</i>
<i>afeitamento</i>	<i>aviltamento</i>	<i>desencanamento</i>	<i>encantamento</i>	<i>ingurgitamento</i>	<i>transportamento</i>
<i>agarramento</i>	<i>beneficiamento</i>	<i>desencrespamento</i>	<i>encravamento</i>	<i>insulamento</i>	<i>turbamento</i>
<i>alumiamto</i>	<i>cavamento</i>	<i>desentoamento</i>	<i>ensinamento</i>	<i>isolamento</i>	<i>vereamto</i>
<i>apartamento₁</i>	<i>cotamento</i>	<i>desfiguramento</i>	<i>entrosamento</i>	<i>lubrificamento</i>	<i>viciamento</i>
<i>aperreamto</i>	<i>crucificamento</i>	<i>desflorestamento</i>			

(8) Vap → Nap < Nae

No corpus observado foram encontradas 49 palavras que, tendo sido construídas com o sentido de nomes de processo, como nominalizações de verbos de ação-processo, tornaram-se nomes abstratos de estado, designando o resultado daquele processo. Essas 49 palavras representam 4,09% do total reconhecido como produto da RCP₁ coletado, distribuindo-se em:

- 20 palavras com o sufixo –ção₁, representando 3,34% das palavras com esse sufixo:

<i>Curtição</i>	<i>dessegregação</i>	<i>encanação</i>	<i>envergonhação</i>	<i>inebriação</i>	<i>ressecação</i>
<i>delineação</i>	<i>deterioração</i>	<i>enfição</i>	<i>enxameação₁</i>	<i>maceração</i>	<i>sufocação</i>
<i>desenrugação</i>	<i>distanciação</i>	<i>enlevação</i>	<i>estonteação</i>	<i>ondulação</i>	<i>turvação</i>
<i>desentediação</i>	<i>encadeação</i>				

- 29 palavras que trazem o sufixo –mento₁, ou seja, 4,84% das palavras com esse sufixo:

<i>abonamento</i>	<i>congelamento</i>	<i>distanciamento</i>	<i>envergonhamento</i>	<i>nivelamento</i>	<i>retardamento</i>
<i>agrupamento</i>	<i>delineamento</i>	<i>encadeamento</i>	<i>enxameamento1</i>	<i>ondulamento</i>	<i>sufocamento</i>
<i>aniquilamento</i>	<i>desenrugamento</i>	<i>enervamento₁</i>	<i>esquentamento</i>	<i>ordenamento</i>	<i>traspassamento</i>
<i>aplacamento</i>	<i>desentediamento</i>	<i>enfiamento</i>	<i>estonteamento</i>	<i>relaxamento</i>	<i>turvamento</i>
<i>arrebentamento</i>	<i>dessegregamento</i>	<i>enlevamento</i>	<i>inebriamento</i>	<i>ressecamento</i>	

(9) Vp → Nap < Nae

São apenas 13 os casos registrados em que um nome abstrato de processo, construído sobre um verbo de processo, sofre derivação semântica resultativa, o que representa 1,09% do total de palavras construídas pela RCP₁ coletadas no NDA e no DEH, das quais:

- seis trazem o sufixo –ção₁, representando apenas 1% das palavras com esse sufixo:

<i>aculturação</i>	<i>defloração</i>	<i>desfloração</i>	<i>desmemoriação</i>	<i>duração</i>	<i>encalhação</i>
--------------------	-------------------	--------------------	----------------------	----------------	-------------------

- sete trazem o sufixo –mento₁, ou seja, 1,17% das 599 palavras com esse sufixo:

<i>aculturamento</i>	<i>desenevoamento</i>	<i>desfloramento</i>	<i>desmemoriamento</i>	<i>duramento</i>	<i>encalhamento</i>
<i>defloramento</i>					

Como já foi anunciado no capítulo de Metodologia do trabalho, identificamos ainda uma outra matriz que também mostra a alteração da subcategoria do verbo de base decorrente de processo semântico derivativo resultativo sobre um nome construído como abstrato de processo. Apresentamos, então, a décima matriz subcategorial:

(10) Vap < Vpp → Nap < Nae

É bem verdade que as 39 palavras que exemplificam essa matriz (3,26% das palavras coletadas construídas pela RCP₁) poderiam ser mencionadas quando abordamos a oitava matriz subcategorial. A questão é que, neste caso especificamente, além da derivação semântica nominal, vemos também que a base verbal sofre derivação subcategorial: é aplicado o processo semântico derivativo desativativo (CHAFE, 1979) sobre um verbo de ação-processo, mas que, em lugar de passar a ser simplesmente um verbo de processo, tem seu aspecto ativo ainda presente na estrutura sintática na forma pronominal. É esse verbo de processo pronominal que serve de base para a construção do nome abstrato com o sentido predizível de processo, mas que passa à subcategoria de estado em virtude da aplicação de uma RSM. Dessas 39 palavras:

- 20 trazem o sufixo –ção₁, sendo 3,34% das palavras com esse sufixo:

<i>acanhamento</i>	<i>afobamento</i>	<i>atabalhoamento</i>	<i>desnorreamento</i>	<i>entrevamento</i>	<i>irritamento</i>
<i>acavalamento</i>	<i>alucinamento</i>	<i>avexamento</i>	<i>encordoamento</i>	<i>fadigamento</i>	<i>obumbramento</i>
<i>acoplamento</i>	<i>aporrinhamento</i>	<i>descaramento</i>	<i>enfaturamento</i>		
<i>afervoramento</i>	<i>aposentamento</i>				

- 19 são atestadas com o sufixo –mento₁ (3,17% das palavras com esse sufixo):

<i>acanhamento</i>	<i>afobamento</i>	<i>atabalhoamento</i>	<i>desnorreamento</i>	<i>entrevamento</i>	<i>irritamento</i>
<i>acavalamento</i>	<i>alucinamento</i>	<i>avexamento</i>	<i>encordoamento</i>	<i>fadigamento</i>	<i>obumbramento</i>
<i>acoplamento</i>	<i>aporrinhamento</i>	<i>descaramento</i>	<i>enfaturamento</i>		
<i>afervoramento</i>	<i>aposentamento</i>				

As matrizes subcategoriais de 06 a 10 apresentadas registram 273 nomes abstratos de estado decorrentes da aplicação de uma RSM sobre uma parte das palavras construídas pela RCP₁ (22,80% do total de 1.197 palavras consideradas aqui), sendo 132 palavras construídas com –ção₁ (o que representa 22,07% das palavras com esse sufixo) e 141 palavras com –mento₁ (23,54% das palavras coletadas com –mento₁). A tabela a seguir mostra um resumo dos dados relativos à construção de nomes de estado, considerando as cinco matrizes de alteração da subcategoria dos respectivos verbos de base por derivação semântica resultativa:

matrizes subcategoriais	palavras construídas com –ção₁		palavras construídas com –mento₁		palavras construídas pela RCP₁	
(6) Va → Naa < Nae	16	2,68%	17	2,84%	33	2,75%
(7) Vap → Naa < Nae	70	11,71%	69	11,52%	139	11,61%
(8) Vap → Nap < Nae	20	3,34%	29	4,84%	49	4,09%
(9) Vp → Nap < Nae	6	1%	7	1,17%	13	1,09%
(10) Vap < Vpp → Nap < Nae	20	3,34%	19	3,17%	39	3,26%
Total	132	22,07%	141	23,54%	273	22,80%

Tabela 05 – Classificação das palavras construídas pela RCP₁ conforme as matrizes de alteração da subcategoria da base por processo semântico derivativo resultativo

Observamos que a maioria destes nomes de estado é derivado de nomes abstratos de ação (matrizes 6 e 7): 172 palavras, ou seja, 14,37% das palavras da RCP₁ consideradas, sendo 86 com o sufixo –ção₁ e, coincidentemente, outras 86 palavras com –mento₁. Dos nomes abstratos de processo (matrizes 8, 9 e 10), 101 tornam-se de estado (8,44% das palavras da RCP₁), sendo 46 com –ção₁ e 55 com –mento₁. A quantidade maior de casos encontrada entre os Naa deve-se especialmente ao fato de que é maior o número de nomes de ação encontrado nesta pesquisa do que o número de nomes de processo.

Salientamos que a operação de processo semântico derivativo sobre as palavras construídas por uma regra dada é associada à aplicação de uma RSM que é vinculada àquela

RCP. Identificaremos essa regra menor de caráter semântico, aplicada às palavras no Componente Convencional do léxico, como RSM₁, que, em virtude da atuação de um processo resultativo sobre uma parte das palavras construídas, atualiza-lhes o sentido, acrescentando-lhes a noção de “resultado”, como disposto no Quadro 27:

RCP₁ / RSM₁: “resultado da ação ou do processo de V”

Quadro 27 – RSM₁ associada à RCP₁

Resta-nos, ainda, apresentarmos o último grupo de matrizes relativas a palavras construídas cuja subcategorização nominal difere da subcategorização do seu verbo de origem. Falemos, agora, dos casos em que os nomes construídos têm um sentido derivado daquele sentido predizível pela RCP₁ por serem objeto da operação de concretização. Um nome abstrato passa à condição de concreto à medida que se associa a um referente no mundo dos objetos. As condições lingüísticas para tal alteração de sentido são dadas por regras menores de caráter semântico que atuam no Componente Convencional do léxico.

Dentre as 1.197 palavras com –ção₁ e com –mento₁ coletadas, encontramos apenas 70 palavras (5,85%) que sofrem a operação de concretização, as quais podem ser distribuídas em cinco matrizes subcategoriais, identificadas aqui como matrizes de 11 a 15, apresentadas a seguir:

(11) Va → Naa < Nc

Somente quatro palavras (0,33% do total) são identificadas como nomes concretos construídos por derivação de palavras que nominalizam verbos de ação, sendo:

- duas com –ção₁, representando apenas 0,33% das palavras com esse sufixo:

atestação₁

escalação

- duas com –mento₁, que não passam de 0,33% das palavras coletadas com –mento₁:

corrimento

xingamento

(12) Vap → Naa < Nc

A maioria dos casos de concretização encontrados está entre os verbos de ação-processo que são nominalizados como “ação de V” e, a partir daí, passam a nomear o “produto”

concreto dessa ação, ou o “instrumento” utilizado para que a ação seja executada, ou ainda o “local” em que se dá a ação: são 53 palavras (4,43% do total de palavras coletadas construídas pela RCP₁), sendo:

- 24 palavras terminadas com –ção₁ (4,01% das palavras com –ção₁ coletadas):

<i>abonação</i>	<i>arrendação</i>	<i>cerração</i>	<i>engradção</i>	<i>mastreção</i>	<i>quitação</i>
<i>armação</i>	<i>assombração</i>	<i>cravação</i>	<i>entralhação</i>	<i>pichação</i>	<i>rasgação</i>
<i>arranchação</i>	<i>averbação</i>	<i>doi(u)ração</i>	<i>forração</i>	<i>povoação</i>	<i>repartição</i>
<i>arrecadação</i>	<i>bifurcação</i>	<i>embarcação</i>	<i>fuzilação</i>	<i>preparação</i>	<i>viração</i>

- 29 palavras com –mento₁ (4,84% do total):

<i>abotoamento</i>	<i>arranchamento</i>	<i>barramento₁</i>	<i>equipamento</i>	<i>ligamento</i>	<i>rasgamento</i>
<i>aforamento</i>	<i>arreamento</i>	<i>bifurcamento</i>	<i>escoamento</i>	<i>nutrimento</i>	<i>repartimento</i>
<i>alojamento</i>	<i>arrecadamento</i>	<i>cravamento</i>	<i>estaqueamento</i>	<i>pichamento</i>	<i>salvamento</i>
<i>amontoamento</i>	<i>arrendamento</i>	<i>enervamento₂</i>	<i>iluminamento</i>	<i>posteamamento</i>	<i>tapamento</i>
<i>ampliamamento</i>	<i>aviamento</i>	<i>engradamento</i>	<i>levamento</i>	<i>quitamento</i>	

(13) Vap → Nap < Nc

Dentre os nomes abstratos de processo construídos sobre bases verbais de ação-processo, apenas treze sofrem operação de concretização, o que significa 1,09% das palavras da RCP₁, sendo:

- cinco palavras terminadas por –ção₁ (0,84% das palavras com esse sufixo):

<i>arrebentação</i>	<i>congelção</i>	<i>desmembração</i>	<i>empalhação</i>	<i>inchação</i>
---------------------	------------------	---------------------	-------------------	-----------------

- oito palavras com –mento₁ (1,34% das palavras com esse sufixo):

<i>alagamento</i>	<i>dobramento</i>	<i>inchamento</i>	<i>lenimento</i>	<i>prolongamento</i>	<i>sombreamento</i>
<i>desmembramento</i>	<i>encanamento</i>				

(14) Vp → Nap < Nc

Consideramos, nesta pesquisa, a possibilidade de nomes abstratos de processo construídos sobre verbos de processo darem origem a nomes concretos; entretanto, nenhum caso foi encontrado entre as 1.197 palavras construídas pela RCP₁.

(15) Ve → Nae < Nc

Essa última matriz subcategorial foi elaborada por entendermos ser possível que um nome construído cujo sentido intrínseco da sua base é de estado possa ser, ele mesmo, base

para a atualização de sentido com outra subcategoria. Como no caso da matriz anterior, também aqui não encontramos exemplo que validasse tal possibilidade sobre algumas das cinco palavras identificadas pela matriz de número 5.

Os dados referentes às matrizes de alteração subcategorial devido à operação de concretização aplicada sobre nomes abstratos revelam que 31 dos 70 nomes concretos encontrados entre as palavras construídas pela RCP₁ têm o sufixo -ção₁ (sendo 5,18% dos nomes com -ção₁ coletados) e 39 são construídos com -mento₁ (representando 6,51% dos nomes com esse sufixo). A Tabela 7 mostra a quantidade e o percentual das palavras associadas a cada uma dessas últimas cinco matrizes apresentadas:

matrizes subcategoriais	palavras construídas com -ção ₁		palavras construídas com -mento ₁		palavras construídas pela RCP ₁	
(11) Va → Naa < Nc	2	0,33%	2	0,33%	4	0,33%
(12) Vap → Naa < Nc	24	4,01%	29	4,84%	53	4,43%
(13) Vap → Nap < Nc	5	0,84%	8	1,34%	13	1,09%
(14) Vp → Nap < Nc	0	0%	0	0%	0	0%
(15) Ve → Nae < Nc	0	0%	0	0%	0	0%
Total	31	5,18 %	39	6,51%	70	5,85%

Tabela 06 – Classificação das palavras construídas pela RCP₁ conforme as matrizes de alteração da subcategoria da base por operação de concretização

Assim como vimos quanto à atuação do processo semântico derivativo resultativo (matrizes de 6 a 10), também a operação de concretização (matrizes de 11 a 15) é associada à aplicação de uma regra menor, aqui identificada como RSM₂. Observamos, na tabela abaixo, que 43 dos 70 nomes resultantes dessa regra semântica assumem o sentido de “produto” da ação do verbo de origem, o que acontece com 61,29% dos 31 nomes concretos atestados com -ção₁ (19 palavras) e com 68,57% dos 39 nomes com -mento₁ (24 nomes). Vemos ainda 27 casos em que os nomes tornados concretos pela aplicação da RSM₂ podem trazer as noções de “instrumento” ou de “local”.

noções semânticas atualizadas pela RSM ₂	nomes concretos construídos com -ção ₁		nomes concretos construídos com -mento ₁		nomes concretos construídos pela RCP ₁	
“produto”	19	(= 61,29%)	24	(= 68,57%)	43	3,59%
“instrumento”	9	(= 29,03%)	9	(= 25,71%)	18	1,50%
“local”	3	(= 9,68%)	6	(= 17,14%)	9	0,75%
Total	31	(100%) 5,18%	39	(100%) 6,51%	70	5,84%

Tabela 07 – Noções semânticas atualizadas nos Nc construídos pela RCP₁ a partir da aplicação da RSM₂

Como os nomes concretos já foram apresentados quando da relação de ocorrências de palavras de cada uma das matrizes, e considerando que a maioria deles assume a noção de “produto da ação de V”, identificaremos a seguir apenas os 18 exemplos encontrados que atualizam o sentido de “instrumento” e os nove casos significando “local”:

- nove nomes concretos construídos com $-ção_1$ que atualizam o sentido de “instrumento da ação de V”:

abonação *apelação* *arrendação* *atestação* *averbação* *embarcação*
engradiação *forração* *quitação*

- nove nomes concretos construídos com $-mento_1$ que atualizam o sentido de “instrumento da ação de V”:

aforamento *arrendamento* *assinalamento* *aviamento* *equipamento* *lenimento*
ligamento *nutrimento* *regulamento*

- três nomes concretos construídos com $-ção_1$ que atualizam a noção de “local da ação de V”:

arrançamento *arrebentação* *bifurcação*

- seis nomes concretos construídos com $-mento_1$ que atualizam o sentido de “local da ação de V”:

alojamento *arranchamento* *bifurcamento* *escoamento* *firmamento* *salvamento*

As ocorrências relativas às três noções de sentido expressas na Tabela 8 revelam a necessidade de um estudo mais aprofundado da questão semântica envolvida na aplicação da RSM₂, cabendo, então, a discussão quanto ao elemento desencadeador dessa regra: se por um traço *ad hoc* atribuído a algumas palavras específicas ou se pelo contexto, considerando-se as propriedades das bases e das OMs empregadas¹³³. Do que temos constatado a partir das palavras observadas na presente pesquisa, consideramos as noções de “produto”, “instrumento” e “local” sob a abrangência do sentido atualizado pela RSM₂, como disposto no Quadro 25:

RCP₁/RSM₂: “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V”

Quadro 28 – RSM₂ associada à RCP₁

¹³³ No Capítulo 2, seção 2.2.2.2, desta dissertação, abordamos a posição de Corbin (1987) quanto às regras menores, considerando os respectivos elementos desencadeadores. Apresentamos os exemplos trazidos pela autora de regra acionada por traço *ad hoc* e, da mesma forma, de regra semântica acionada pelo contexto.

A aplicação das matrizes de alteração da subcategoria da base sobre as palavras com –ção₁ e com –mento₁, construídas com um “sentido predizível” pela RCP₁, revela-nos que menos que um terço das palavras coletadas sofre derivação semântica, assumindo um “sentido convencional”, seja tornando-se nome abstrato de estado (pela RSM₁), seja tornando-se nome concreto (pela RSM₂). Tais dados ratificam a característica das regras menores que, sendo posteriores e subordinadas às RCPs¹³⁴, atingem apenas um conjunto finito dentre as infinitas palavras construídas pelas regras maiores.

A tabela abaixo mostra o total de palavras que adotam o sentido predizível pela RCP₁ e aquelas que são atestadas com um sentido convencional em decorrência da atuação das regras menores RSM₁ e RSM₂, considerando a subcategoria inicial das palavras construídas.

	nomes construídos com -ção ₁		nomes construídos com -mento ₁		nomes construídos pela RCP ₁	
Naa com “sentido predizível”	340	56,86%	299	49,92%	639	53,38%
RSM ₁ sobre Naa (Naa < Nae)	86	14,38%	86	14,36%	172	14,37%
RSM ₂ sobre Naa (Naa < Nc)	26	4,35%	31	5,17%	57	4,76%
Total Naa c/ “sent. convencional”	112	18,73%	117	19,53%	229	19,13%
Total de Naa construídos	452	75,59%	416	69,45%	868	72,51%
Nap com “sentido predizível”	92	15,38%	118	19,70%	210	17,54%
RSM ₁ sobre Nap (Nap < Nae)	46	7,69%	55	9,18%	101	8,44%
RSM ₂ sobre Nap (Nap < Nc)	5	0,84%	8	1,34%	13	1,09%
Total Nap c/ “sent. convencional”	51	8,53%	63	10,52%	114	9,53%
Total de Nap construídos	143	23,91%	181	30,22%	324	27,07%
Nae com “sentido predizível”	3	0,50%	2	0,33%	5	0,42%
Total Nae c/ “sent. convencional”	0		0		0	
Total de Nae construídos	3	0,50%	2	0,33%	5	0,42%
N c/ “sentido predizível”	435	72,74%	419	69,95%	854	71,35%
N c/ “sent. convencional”	163	27,26%	180	30,05%	343	28,65%
Total de nomes construídos	598	100%	599	100%	1.197	100%

Tabela 08 – Sentido predizível e sentido convencional dos nomes construídos pela RCP₁, conforme a subcategoria nominal inicial

Após abordarmos a relação entre as categorias maiores envolvidas na RCP₁ (RC) e o aspecto semântico dessa regra, seja no tocante à identificação da sua respectiva OS, seja no que se refere ao reconhecimento das regras menores RSM₁ e RSM₂ que respondem pela derivação

¹³⁴ Conforme Corbin, “*les règles lexicales ‘mineures’ sont postérieures et subordonnées aux règles ‘majeures’.*” (CORBIN, 1987, p. 283)

de sentido de algumas palavras construídas com $-ção_1$ e com $-mento_1$, passaremos a considerar as operações que integram o paradigma morfológico da RCP em questão.

- Operações morfológicas da RCP₁:

A consulta aos verbetes dessas 1.197 palavras coletadas no NDA e no DEH, em especial no que se refere às remissões a outras palavras construídas sobre as respectivas bases verbais, leva-nos ao reconhecimento de outras OMs concorrentes, pertencentes ao mesmo paradigma morfológico da RCP₁, juntamente com os dois sufixos estudados aqui¹³⁵. Além dos sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$, cuja elevada produtividade é ratificada pela quantidade de palavras encontradas, o corpus trabalhado revela outros sufixos associados à RCP₁, como $-dura$, $-gem$, $-da$, etc. e, com não poucas ocorrências, o processo morfológico de derivação regressiva.

A tabela a seguir traz o quantitativo de remissões a outras OMs observadas no corpus dessa dissertação com o respectivo percentual encontrado seja nos verbetes de palavras construídas com $-ção_1$, seja nos verbetes das palavras com $-mento_1$:

remissões a outras OMs	em verbetes de palavras construídas com $-ção_1$		em verbetes de palavras construídas com $-mento_1$		nos verbetes das palavras coletadas no NDA e no DEH	
$-ção_1$	-	-	458	76,46 %	458	38,26%
$-mento_1$	431	72,07 %	-	-	431	36%
deriv. regr.	67	11,20 %	62	10,35 %	129	10,77%
$-dura$	22	3,68 %	27	4,51 %	49	4,09%
$-gem$	21	3,51 %	22	3,67 %	43	3,59%
$-da$	4	0,67 %	10	1,67 %	14	1,17%
$-dela$	6	1,00 %	3	0,50 %	09	0,75%
$-ncia$	2	0,33 %	4	0,67 %	06	0,50%
$-do$	1	0,17 %	3	0,50 %	04	0,33%
$-eza$	1	0,17 %	1	0,17 %	02	0,17%
$-doria$	1	0,17 %	1	0,17 %	02	0,17%
$-ão$	1	0,17 %	1	0,17 %	02	0,17%
$-tivo/a$	1	0,17 %	1	0,17 %	02	0,17%
$-ria$	1	0,17 %	-	-	01	0,08%

Tabela 09 – Remissões a outras OMs constantes nos verbetes de palavras construídas com $-ção_1$ e com $-mento_1$ recolhidas no NDA e no DEH

¹³⁵ Os Anexos B e C desta dissertação, relativos às palavras coletadas com $-ção$ e com $-mento$, respectivamente, trazem cada uma das OMs mencionadas como remissivas nos verbetes das palavras do nosso corpus.

A Tabela 09 foi organizada considerando a ordem de frequência de remissões a operações morfológicas de mesma base aparente encontradas nos verbetes das palavras construídas com $-ção_1$ e com $-mento_1$ coletadas para esta dissertação. Vemos que das 599 palavras com $-mento_1$ recolhidas, 458 remetem à palavra com $-ção_1$ adjungido à respectiva base, o que corresponde a 76,47% das palavras com $-mento_1$ e 38,26% das 1.197 palavras consideradas. Próximo a isso, das 598 palavras com $-ção_1$ coletadas, 431 remetem às palavras de mesma base com $-mento_1$, sendo 72,07% das palavras com $-ção_1$ e 36% do total das palavras construídas pela RCP₁.

Logo após esses sufixos, segue-se a operação de derivação regressiva, que é mencionada em 129 dos verbetes observados, ou seja, 10,77% das palavras pesquisadas remetem ao verbe de palavra construída por derivação regressiva com o respectivo item verbal de base. As formas sufixais $-dura$, $-gem$ e $-da$ são mencionadas logo em seguida, registradas respectivamente em 4,09%, 3,59% e 1,17% dos verbetes de palavras com $-ção_1$ e $-mento_1$, o que comprova a presença dessas três OMs no paradigma morfológico da regra em questão.

Por outro lado, foram observadas também remissões a palavras terminadas com $-dela$, $-ncia$, $-do$, $-eza$, $-doria$, $-ão$, $-tivo/a$ e $-ria$, porém em um pequeno número de casos, que não chegam a representar 1% do total de palavras construídas pela RCP₁ coletadas. Em razão disso, entendemos que os dados são insuficientes para nos levar a alguma conclusão acerca da inclusão desses elementos no paradigma morfológico da regra mencionada, requerendo, para tanto, um estudo mais aprofundado de tais formantes.

4.1.2.4 Quanto aos traços diacríticos

Além da marca categorial, de informações quanto à sua representação fonológica e da referência à RCP a que se associam, os itens afixais trazem também, desde sua inclusão no Componente de Base do léxico, informações acerca dos seus traços diacríticos.

Já salientamos no Capítulo 2, seção 2.2.3.2, a importância dos traços diacríticos à identidade dos sufixos, pois respondem por informações próprias a cada item afixal, tais como disponibilidade, referência a regras formais menores, gênero e subcategorização.

Consideraremos os dois sufixos com que temos trabalhado à luz de cada um desses quatro tipos de informações diacríticas:

- Disponibilidade na língua:

Conforme Corbin (1987, p. 451), a disponibilidade de um afixo pode ser associada à possibilidade de sua utilização na construção de palavras ainda não atestadas na língua. A autora diz, ainda, que “c’est l’intuition linguistique du morphologue, appliqué à la reconstruction et confortée par les productions “néologiques” éventuelles des locuteurs, qui sert de critère de différenciation entre la disponibilité et la non-disponibilité” (CORBIN, 1987, p. 177).

Nesse sentido, voltamo-nos às considerações acerca de –ção e de –mento trazidas por gramáticos e lingüistas (Capítulo 2, seções 2.1.1 e 2.1.2) e pelos verbetes desses sufixos no NDA e no DEH (Capítulo 1, seção 1.3.2). Vimos que há unanimidade entre os estudiosos da língua com relação à produtividade/disponibilidade dos dois sufixos que temos estudado.

Vale salientar aqui que mesmo palavras com –ção₁ e com –mento₁ ainda não atestadas nos dois dicionários vernaculares consultados são reconhecidas como possíveis na língua. Isso pode ser verificado tanto em situações reais de comunicação, como pelo registro de palavras em outras obras lexicográficas. De fato, na comunicação entre os usuários da língua eventualmente surgem situações de dúvida por parte do locutor quanto ao sufixo a ser empregado com uma ou outra base, ou mesmo situações de utilização de palavras com o sufixo concorrente àquele que é atestado com determinado verbo de base. Mencionamos, na seção 3.1.1 desta dissertação, que a Apresentação do NDA registra, entre as razões pelas quais uma pessoa consulta um dicionário, questionamentos quanto à construção das palavras, como: “o correto é *congelamento* ou *congelação*?”.

Ora, uma pergunta assim apresentada revela que, embora uma dessas palavras não seja considerada “correta” pelo usuário (entendendo-se, então, como não-atestada nos registros lexicográficos), ela é perfeitamente possível na língua. Constatamos, então, que os sufixos –ção₁ e –mento₁ são disponíveis na língua, o que lhes confere o traço [+D] como informação que lhes é própria já no primeiro nível do Componente Lexical.

- Traços relativos a regras formais menores:

Ao abordarmos alguns pressupostos teóricos da Morfologia Construcional, salientamos que a aplicação de regras menores de caráter formal depende de traços diacríticos dos elementos afixais, os quais se constituem em desencadeadores desse processo (seção 2.2.2.2). São os traços ativos dos afixos que, ao encontrarem os respectivos traços passivos nas bases, propiciam a realização de alterações formais na base.

Por outro lado, na construção de novas palavras pode acontecer também que traços passivos dos sufixos sejam acionados por traços ativos, da base ou de outro sufixo a ser empregado, levando a alterações sufixais. As regras formais menores podem responder por situações de Alomorfia, a partir do traço [A+] (ativo) em contato com um traço passivo [+A], e situações de Truncamento, devido ao contato dos traços [T+] e [+T].

É bem verdade que a ênfase desta dissertação centra-se no aspecto semântico-categorial dos sufixos e das palavras por eles construídas, sem que tenhamos nos retido numa pesquisa referente às questões formais. Entretanto, não podemos ignorar a elevação vocálica sofrida pela vogal temática /e/ dos verbos da segunda conjugação quando da nominalização desses através da construção de palavras com $-\text{ção}_1$ e com $-\text{mento}_1$.

Em casos como *batimento*, construído sobre o verbo *bater*, e *perdição*, que tem por base o verbo *perder*, vemos que o /e/ do tema dá lugar ao /i/ que antecede o sufixo na construção do nome. Isso não acontece quando esses mesmos itens lexicais de base verbal participam da construção de nomes agentivos com o sufixo $-dor$, por exemplo, pois temos *batedor* e *perdedor* como palavras atestadas na língua, em que é mantida a vogal do tema verbal.

Uma vez que a elevação vocálica não acontece simplesmente com uma palavra isolada, em caráter excepcional e idiossincrático, mas é presenciado sobre um conjunto de palavras construídas pela RCP_1 , as quais testificam o mesmo contexto lingüístico, preenchendo assim as características de regra menor, reconhecemos aí um processo alomórfico assim explicado:

- as bases verbais de segunda conjugação têm, desde sua inclusão como entradas lexicais de base, o traço diacrítico passivo para a elevação vocálica da vogal temática, traço aqui identificado como [+EV];

- os sufixos $-\text{ção}_1$ e $-\text{mento}_1$ têm, desde sua inclusão como entradas lexicais de base, no Componente de Base, o traço diacrítico ativo para a elevação vocálica da vogal temática, aqui identificado como traço [EV+];

- a construção do nome da ação ou do processo desses verbos de segunda conjugação mediante a adjunção dos sufixos $-\text{ção}_1$ ou $-\text{mento}_1$ sobre a base verbal faz com que o traço ativo [EV+] do sufixo acione o traço passivo [+EV] da base, produzindo a alteração alomórfica da base.

Não podemos deixar de registrar aqui que no DUP, dicionário de usos apresentado no Capítulo 1 (seção 1.3.1.2), além da palavra *batimento*, há registro da entrada lexicográfica *bateção*, cujo verbete traz classificação, definição e inclusive abonação (BORBA, 2002, p. 196). Diferente disso, no NDA e no DEH constam apenas as entradas *batição* e *batimento*. Consideramos, então, a hipótese de que há uma tendência, no léxico atual, de perda do traço diacrítico de elevação vocálica por pelo menos uma das partes: ou a base verbal perde o traço passivo [+EV], ou, por outro lado, o sufixo perde o respectivo traço ativo [EV+], justificando o registro lexicográfico de “*bateção*” encontrado no DUP¹³⁶.

Na perspectiva da Morfologia Construcional, o fenômeno pode ser explicado da seguinte forma: algumas palavras construídas no Componente Derivacional a partir da RCP₁, com a OM $-\text{ção}_1$ adjungida a bases verbais de segunda conjugação, são passíveis de inserção lexical sem sofrerem filtros no Componente Convencional do léxico, em decorrência de não atenderem à condição desencadeadora da aplicação de regra menor, ou seja, o contato entre respectivos traços ativo e passivo para alteração alomórfica.

Ainda quanto às regras menores de caráter formal, salientamos que o tratamento dado pela Morfologia Construcional ao fenômeno de Truncamento segue o mesmo padrão da Alomorfia: um traço ativo [T+] do afixo, em contato com uma base contendo o traço passivo [+T], desencadeia o Truncamento de um segmento da base. Fazemos constar aqui que nas palavras coletadas no NDA e no DEH para a presente dissertação não foi identificado nenhum caso de Truncamento. A ausência de Truncamento no corpus trabalhado é explicada pela opção de recolha das palavras nos dois dicionários: foram consideradas unicamente as palavras em que $-\text{ção}$ e $-\text{mento}$ foram atestados sobre a mesma base aparente. Assim, uma palavra com base truncada somente constaria no corpus analisado aqui se tal fenômeno fosse desencadeado tanto por $-\text{ção}_1$ como por $-\text{mento}_1$, ou seja, se esses dois sufixos tivessem o traço ativo [T+], o

¹³⁶ A confirmação ou não de tal hipótese depende de estudos futuros, indo além do proposto nesta dissertação.

que não foi verificado. Uma conclusão sobre a possibilidade de um ou outro dos dois sufixos estudados trazerem o traço diacrítico de Truncamento depende, então, de uma pesquisa mais específica das questões formais, considerando-se um corpus mais abrangente¹³⁷.

- Gênero a ser atribuído à palavra construída:

Dentre os traços trazidos pelos sufixos desde o Componente de Base está seu gênero gramatical ([*masc*] ou [*fem*]). A importância desse traço deve-se especialmente ao fato de que, com a aplicação de RCP, o gênero do sufixo será estendido à totalidade da palavra construída. Considerando, pois, os sufixos estudados, observamos que eles têm gênero diferentes: enquanto *-mento*₁ é atestado em palavras de gênero masculino, *-ção*₁ é empregado na construção de substantivos deverbais de gênero feminino. Vemos, a partir dos dados desta dissertação, que não há registro de exceção quanto ao gênero desses nomes. Fica claro, então, que *-ção*₁ tem o traço diacrítico [*fem*] e que *-mento*₁ tem o traço [*masc*].

- Subcategorização afixal:

Entendemos por subcategorização afixal a referência ao tipo de afixo que caracteriza cada formante, o que, em última instância, repercute no tipo de operação de estrutura morfológica correspondente à regra em que o afixo atua.

De acordo com a Morfologia Construcional, há três possibilidades de estrutura morfológica das RCPs: (1) por prefixação; (2) por sufixação; (3) por conversão (CORBIN, 1987, p. 481). Na prefixação, a palavra a ser construída assume a estrutura [(afixo) + [base]]; na sufixação, a estrutura morfológica se faz em [[base] + (afixo)]; na operação de conversão, porém, a estrutura da nova palavra continua a mesma da sua base, sem adjunção de afixo, aqui representada como [[base]].

¹³⁷ Embora nesta pesquisa não tenhamos encontrado palavras construídas com bases truncadas, pode acontecer que apenas um desses sufixos seja desencadeador de Truncamento e o outro não. Um estudo mais detalhado da questão poderá analisar casos como *abstração/abstraimento*, *atração/atraimento* (que não fizeram parte do corpus coletado para esta dissertação), no sentido de concluir se essas palavras com *-ção* são: (a) construídas pela RCP₁, em que *-ção*₁ destrava o truncamento do *-i-* da base verbal (*abstrair* e *atrair*) por trazer o traço ativo [T+] (traço esse não encontrado em *-mento*₁); ou (b) palavras não-construídas em português, mas vindas diretamente do latim, em que temos, não o sufixo, mas a terminação *-ção*₃.

Considerando que os afixos podem participar somente das duas primeiras estruturas morfológicas mencionadas e que a posição assumida por cada item afixal não é aleatória, mas condizente com suas propriedades idiossincráticas, é visto que cada item afixal traz desde o início a informação quanto à sua posição na estrutura morfológica da nova palavra. Identificamos aí a subcategorização dos itens de marca categorial [af] em prefixos ([pref]) ou sufixos ([suf]), de acordo com a sua localização na palavra construída.

Assim, fazemos constar aqui que $-ção_1$ e $-mento_1$, além das demais informações que lhe são pertinentes, trazem o traço [suf] que responde pela sua localização após a base verbal das palavras construídas pela RCP₁.

4.1.2.5 Quanto às restrições particulares

Juntamente com as informações dos itens afixais que pontuamos até então, e em especial dos traços diacríticos de cada afixo, o conteúdo das entradas afixais no Componente de Base inclui também as restrições particulares que têm influência sobre a aplicação de cada afixo na construção das palavras na língua (CORBIN, 1987, p. 444).

Entram aí as restrições e as preferências de uso de um afixo em relação a traços encontrados na eventual base da palavra a ser construída. No Capítulo 2, seção 2.1.3, tratamos das propriedades divergentes dos sufixos $-ção$ e $-mento$ à luz do que é disposto na literatura especializada. Salientamos, na ocasião, que essas propriedades têm por mérito o fato de relativizarem a arbitrariedade quanto ao emprego de um e de outro sufixo concorrente. É importante lembrarmos ainda que as restrições e preferências particulares de um afixo são de natureza contextual, decorrentes de restrições morfológicas e/ou fonológicas.

Retomamos aqui as características particulares dos sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$ com que temos trabalhado, as quais foram apresentadas, respectivamente, no Quadro 05 (seção 2.1.3.1) e no Quadro 06 (seção 2.1.3.2). Essas características resumem-se em restrições e em preferências quanto ao uso dos sufixos junto a bases verbais registradas com as seguintes terminações: $-ecer$, $-cionar$, $-mentar$ e $-izar$. Tal estudo aqui não é fechado, pois dado o dinamismo da língua e a possibilidade de construção de palavras ainda não atestadas, outras terminações podem vir a ser acrescentadas nessa lista ou mesmo excluídas dela. Consideremos, então, as propriedades particulares de cada um dos dois sufixos estudados:

- Propriedades particulares quanto ao emprego de –ção₁:

Conforme abordamos na seção 2.1.3.1, os gramáticos e estudiosos da língua apontam a situações contextuais de restrição de uso do sufixo –ção₁ sobre bases verbais em –ecer e em –cionar. Sandmann (1996, p. 162) explica tratar-se de questões de eufonia que caracterizam, então, restrições de ordem fonológica.

Não entraremos aqui numa discussão mais pormenorizada sobre a natureza desses segmentos, isto é, se estamos diante de um sufixo –ecer (como em *anoitecer*, palavra construída sobre a base nominal *noite*) ou diante de uma terminação verbal –ecer (como em *acontecer*, palavra não-construída na língua); ou, no outro caso, se estamos diante de um verbo construído sobre um nome com o sufixo –ção₁ (como em *educacionar*, construído sobre *educação*, de [*educar*_V + (-*ção*₁)_{af}]) ou diante de um verbo construído sobre um nome com a terminação –ção₃ (como em *emocionar*, cuja base nominal é *emoção*, palavra não-construída na língua). Fato é que qualquer classificação de tais formantes depende de um estudo específico que foge da abrangência da presente pesquisa.

O que precisamos destacar é que as restrições de uso do sufixo –ção₁ com determinados tipos de base são informadas já na entrada desse item afixal no Componente de Base. Assim, a restrição do emprego do sufixo –ção₁ sobre base verbal em –ecer é representada por [- [-ecer]_V —] e, semelhantemente, a restrição de uso desse sufixo sobre verbos em –cionar é representada por [- [-cionar]_V —], sendo que tais informações, se comprovadas, devem fazer parte do conteúdo da entrada de –ção₁, no primeiro nível da estratificação do Componente Lexical.

Por outro lado, na mesma seção sobre as propriedades do sufixo –ção apresentadas por gramáticos e lingüistas (seção 2.1.3.1), verificamos que, em comparação com outras OMs concorrentes, esse sufixo tem a preferência no emprego sobre itens lexicais de base terminados por –mentar (como em *alimentação*) e também sobre bases sufixadas por –izar (como em *dolarização*). Na entrada de –ção₁ no Componente de Base constam, então, as informações relativas a essas duas situações específicas a esse sufixo, registrando-se ali as informações [+ [-mentar]_V —] e também [+ (-izar)_{af} —]¹³⁸.

¹³⁸ Lembremos que há verbos que terminam em –izar sem que tenhamos aí o sufixo mencionado, mas uma parte da raiz verbal (como em *enraizar*, com base em *raiz*), sem que haja, então, a preferência do uso de –ção₁ (como

Salientamos que a verificação de ocorrências de restrições e preferências de uso do sufixo no corpus coletado não foi explorada nesta dissertação por termos nos disposto a trabalhar com palavras atestadas que tivessem –ção e –mento adjungidos à mesma base aparente. Ainda assim, considerando as 611 palavras construídas por –ção₁ coletadas, temos a declarar o que segue:

a) Não encontramos palavras em que esse sufixo acompanhe bases verbais em –ecer, o que nos leva a concordarmos com a restrição mencionada pela literatura especializada.

b) Encontramos três palavras, atestadas nos dois dicionários consultados, em que –ção₁ é utilizado com bases terminadas por –cionar: *acondicionação*, *colecinação* e *desproporcionação*. O registro lexicográfico dessas palavras inibe o reconhecimento da restrição de uso de –ção₁ em tal contexto como informação que acompanhe esse item afixal desde o Componente de Base do léxico. Um estudo mais específico sobre as bases sufixadas, considerando-se um corpus maior, poderá revelar se inexistente essa restrição (se forem encontradas outras palavras terminadas por –cinação) ou se a restrição se confirma (nesse caso, os três exemplos citados são construídos de forma idiossincrática¹³⁹).

c) Dentre as 611 palavras com –ção recolhidas no NDA e no DEH encontramos apenas uma construída sobre base verbal em –mentar: *atormentação*. Isso é explicado pelo fato de que coletamos, nesses dicionários, palavras construídas com –ção e com –mento sobre mesmas bases aparentes e, conforme a literatura especializada, há restrição do uso de –mento₁ com bases em –mentar (seção 2.1.3.2). Embora o corpus desta dissertação não nos permita confirmar a preferência do sufixo –ção₁ com a totalidade das bases de verbos em –mentar, também não nos leva a negá-la, pois enquanto a palavra *atormentação* é atestada nos dois dicionários consultados, com definição em conformidade com a RCP₁, *atormentamento* consta apenas no DEH e, ainda assim, com verbete que traz unicamente a remissiva (do tipo m.q.) à *atormentação*.

d) Situação semelhante acontece com relação à preferência de uso de –ção₁ em bases verbais com o sufixo –izar: no corpus coletado foram detectadas 12 palavras assim construídas, devido à ocorrência da mesma base com o sufixo concorrente –mento₁. A maioria dessas palavras com –mento₁, atestadas apenas no DEH, traz remissiva (do tipo m.q.) à respectiva base com –ção₁. Não podemos negar, assim, que este parece ser, de fato, o sufixo preferido

em *enraizamento*), exemplo comentado na seção 2.1.3.1. Em razão disso, no registro dessa propriedade particular de –ção₁, o sufixo da base consta entre parêntese, sendo subscrita a categoria [af].

¹³⁹ Um dos filtros constantes no Componente Convencional é o Aplicador de Idiossincrasias (A.I.), que, individual e aleatoriamente, afeta algumas palavras construídas antes de sua inserção lexical.

quando com verbos em –izar. As 12 palavras encontradas com –ção₁ sobre o sufixo verbal –izar são¹⁴⁰:

<i>arcaização</i>	<i>bolchevização</i>	<i>desautorização</i>	<i>despoetização</i>	<i>escandalização</i>	<i>niponização</i>
<i>atemorização</i>	<i>canonização</i>	<i>desbatização</i>	<i>entronização</i>	<i>japonização</i>	<i>temporização</i>

Observaremos, a seguir, que essas propriedades contextuais de –ção₁ têm reflexo também no que se refere às restrições próprias do uso do sufixo –mento₁.

- Propriedades particulares quanto ao emprego de –mento₁:

Na seção 2.1.3.2 do Capítulo 2, tratando das características particulares de –mento à luz da literatura especializada, observamos também algumas propriedades contextuais acerca do emprego desse sufixo. Identificamos que motivos eufônicos levam à restrição da aplicação do sufixo –mento₁ sobre verbos terminados em –mentar (como em *alimentar*)¹⁴¹. Uma vez que a restrição contextual apresentada aqui é peculiar a esse sufixo, a mesma deve ser incluída no conteúdo da entrada afixal no Componente de Base do léxico, podendo ser registrada por [- [-mentar]_v —].

Vimos ainda, naquele terceiro capítulo da dissertação, que a preferência do sufixo –ção₁ na construção de palavras com bases verbais em –izar, não nos faz concluir sobre a restrição do uso de –mento₁ com tais bases. É verdade que Sandmann (1996) não encontrou, em sua pesquisa, casos de formações nominais com –mento₁ sobre bases em –izar (a não ser *enraizamento*). Porém, ao considerarmos nesta dissertação as palavras com –ção₁ e com –mento₁ sobre a mesma base aparente, verificamos a ocorrência de palavras atestadas no NDA e no DEH que se enquadram nessa situação, sendo:

- duas palavras em que o segmento –iz– faz parte da base do verbo (coincidindo com o caso de *enraizamento*): *desbalizamento* e *matizamento*;

¹⁴⁰ Encontramos, no corpus coletado, outras duas palavras com –ização (*desbalização* e *matização*), as quais não se enquadram nesta propriedade de preferência de uso de –ção₁ por não trazerem bases verbais com o sufixo –izar. Nesses dois casos, temos que o segmento final do verbo de base é [-iz + -ar], em que o segmento –iz– já faz parte da raiz do verbo, construído sobre as palavras *baliza* e *matiz*, respectivamente. Não há impedimento, então, para a construção das formas concorrentes *desbalizamento* e *matizamento* (à semelhança de *enraizamento*, exemplo comentado na seção 2.1.3.1).

¹⁴¹ Convém lembrarmos que a RCP₁ pode construir palavras com –mento₃ por uma OM de derivação regressiva (como em *experimento*, construída a partir da base verbal *experimental*), caracterizando, então, não um sufixo da língua, mas simplesmente uma terminação de palavras.

- doze palavras construídas na língua em que o sufixo –mento₁ une-se a bases verbais com o sufixo –izar:

arcaizamento bolchevizamento desautorizamento despoetizamento escandalizamento niponizamento
atemorizamento canonizamento desbatizamento entronizamento japonizamento temporizamento

Entendemos que essas doze palavras constituem-se em argumento suficiente para a não-restrição do emprego de –mento₁ em bases verbais que são palavras construídas com o sufixo –izar.

O sufixo –mento₁ tem ainda outras características relativas ao seu contexto de uso. Referimo-nos aqui (como já foi feito na seção 2.1.3.2) à tendência de que essa seja a OM mais utilizada na construção de palavras sobre as bases verbais em –ecer (conforme Basílio, 2004) e em –cionar (conforme Sandmann, 1996) – justamente os casos que são apontados pela restrição por parte de –ção₁. Não é difícil concluir, então, que a entrada desse sufixo como item afixal da língua deve conter informações específicas, registradas como [+ [-ecer]_V —] e [+ [-cionar]_V —].

Observando as 614 palavras coletadas com –mento, temos a considerar sobre as propriedades contextuais de –mento₁:

a) encontramos uma única palavra com –mento₁ construída sobre base verbal em –mentar (*atormentamento*), registrada somente no DEH e cujo verbete apresenta apenas a remissiva (do tipo m.q.) a *atormentação*. Um único registro é insuficiente para fundamentar a anulação da restrição de uso apontada por gramáticos e lingüistas, pois pode ser um caso idiossincrático na língua, explicado pela atuação de operadores no Componente Convencional do léxico. É preferível, então, que seja devidamente considerada a restrição contextual de –mento₁, com o registro aqui da atestação desse caso de exceção;

b) quanto ao emprego de –mento₁ sobre bases verbais em –izar, nada há que seja registrado como característica do sufixo nominal em questão, pois nem bem há restrição quanto ao seu uso (com doze palavras atestadas no corpus trabalhado) e, definitivamente, não é esse o sufixo preferível para a nominalização de tais verbos;

c) o corpus coletado não registra casos de palavras construídas sobre bases verbais em –ecer, o que é justificado pela restrição do sufixo –ção₁ com tais bases, pois trabalhamos apenas com palavras atestadas em que a mesma base aparente constrói palavras tanto com –ção quanto com –mento. É importante fazer constar que a inexistência aqui de palavras com –mento₁ sobre

bases em *-ecer* não significa a negação da preferência de uso mencionada na literatura especializada;

d) estudiosos da língua apontam à preferência do emprego de *-mento*₁ sobre bases verbais em *-cionar*. No recorte das palavras com *-ção* e com *-mento* que nos valeu como corpus desta pesquisa, porém, encontramos apenas três palavras terminadas por *-cionamento*: *acondicionamento*, *colecionamento* e *desproporcionamento*. O fato de termos apenas esses três exemplos dentre as 614 palavras coletadas com *-mento* não nos permite negar a particularidade contextual registrada na literatura especializada, pois a condição para a recolha das palavras nos dois dicionários consultados era a construção com *-ção* sobre a mesma base, o que, no caso de verbos em *-cionar*, vimos que é discutível. Como o questionamento quanto à restrição de uso de *-ção*₁ não implica a negação de preferência de *-mento*₁, entendemos que é possível o registro dessa preferência contextual como propriedade particular de *-mento*₁.

Apresentamos abaixo um resumo das informações que constam junto aos sufixos *-ção*₁ e *-mento*₁, quando esses são inventariados no primeiro nível da estratificação do léxico, conforme foram consideradas aqui:

<i>-ção</i>₁	[+ af]	<i>-mento</i>₁	[+ af]
	/sãw/		/mentu/
	[suf]		[suf]
	[+ D]		[+ D]
	[EV+]		[EV+]
	[fem]		[masc]
	[- [-ecer]_v —]		[- [-mentar]_v —]
	[+ [-mentar]_v —]		[+ [-ecer]_v —]
	[+ (-izar)_{af} —]		[+ [-cionar]_v —]
	RCP₁		RCP₁

Quadro 29 – Informações lexicais afixais de *-ção*₁ e de *-mento*₁

Uma vez identificadas as informações afixais de *-ção*₁ e de *-mento*₁, as quais são associadas a esses sufixos desde a sua entrada no Componente de Base do léxico, passaremos à próxima seção, quando trataremos da análise dos dados desta pesquisa com vistas à contribuição lexicográfica no que toca aos dois sufixos estudados.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Na seção anterior, apresentamos a fundamentação da análise a que nos propomos agora. Na ocasião, reconhecemos os sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$ dentre outras formas homônimas atestadas na língua e identificamos as informações e características dos mesmos, em conformidade com os pressupostos teóricos apresentados no Capítulo 2. Uma vez que o objetivo maior desta dissertação é trazer uma contribuição ao fazer lexicográfico relativo aos itens afixais, estaremos ocupados, nesta seção, com a análise dos verbetes desses dois sufixos nos dicionários vernaculares com que temos trabalhado. Nesse sentido, convém lembrarmos que, no Capítulo 1, abordamos as definições de $-ção$ e de $-mento$ em verbetes dicionarísticos, trazendo, no caso dos dicionários vernaculares, os referidos verbetes no NDA e no DEH.

Na presente seção, voltaremos a esses verbetes, a fim de identificarmos se de fato eles se referem aos sufixos nominalizadores $-ção_1$ e $-mento_1$ e, então, observarmos o tratamento dado a cada uma das informações afixais e às restrições particulares desses sufixos, citadas na seção 4.1. Cada um dos itens enumerados na seção anterior será aqui analisado de forma paralela, considerando um e outro dicionário. Acrescentaremos, ainda, as constatações que os dados desta pesquisa evidenciaram, as quais já foram apresentadas no final da seção anterior (Quadro 29).

Dividiremos esta seção em duas partes: primeiramente trabalharemos com os verbetes relativos à $-ção_1$ do NDA e do DEH (seção 4.2.1), incluindo aí as informações encontradas nos verbetes de $-ão$, conforme abordado no Capítulo 1; e, em seguida, consideraremos as informações apresentadas nos verbetes de $-mento_1$ nesses dicionários (seção 4.2.2).

4.2.1 Análise dos verbetes de $-ção_1$ no NDA e no DEH

A análise dos dados referentes a $-ção_1$ se fará a partir da análise dos verbetes de $-ção$ nos dicionários vernaculares apresentados no primeiro Capítulo. Tanto quanto se mostrou necessário naquela ocasião, consideramos também os verbetes de $-ão$. Observaremos o tratamento dado ao item afixal enquanto entrada lexicográfica (seção 4.2.1.1) e, em especial, a forma como as informações lexicais afixais são apresentadas (seção 4.2.1.2).

4.2.1.1 O item afixal –ção₁

Duas questões devem ser colocadas quanto à identificação do sufixo –ção₁ em português: a primeira diz respeito à existência desse sufixo em oposição a –ão; a segunda questão refere-se à sua oposição a outras formas –ção homônimas.

- –ção₁ em oposição a –ão:

Vimos no Capítulo 1 (seção 1.3.2), que o NDA e o DEH registram uma entrada –ção que remete diretamente ao registro lexicográfico de –ão. Se no NDA há uma sinalização de tratar-se de “elemento de composição/sufixo” (devido à anteposição de Δ), no caso do DEH, –ção é claramente identificado como uma “terminação”. Depreende-se daí que, conforme os dicionários vernaculares, –ão, sim, é sufixo na língua, enquanto que –ção é justificado a partir das informações etimológicas que respondem por sua estrutura interna.

Considerando a abordagem de gramáticos e lingüistas (seção 2.1.3.1), vimos que tal compreensão é perpassada também por Borba (2003, p. 106), segundo o qual apenas sincronicamente é possível considerar-se um sufixo –ção. Os demais estudiosos referidos nesta dissertação, porém, não hesitam em atribuir o estatuto de sufixo a –ção.

Dado que o primeiro capítulo desta dissertação leva-nos a concluir acerca da necessidade de fundamentação lingüística aos dicionários vernaculares, apresentamos, no Capítulo 2, alguns pressupostos da Morfologia Construcional, segundo Corbin (1987), em especial o que toca à descrição dos itens sufixais no Componente Lexical. Por essa proposta teórica, consideramos a língua sob uma perspectiva sincrônica, a qual se aplica em todos os níveis em que é estratificado o léxico (seção 2.2.3.1). Assim, no primeiro nível da estratificação do léxico, onde são encontrados os itens lexicais de categoria maior e também os itens lexicais afixais, os sufixos são inventariados conforme sua real existência na língua, sem interferência dos dados etimológicos. Isso é confirmado pelo fato de que questões sobre origem e estrutura interna dos sufixos não são mencionadas entre as informações lexicais afixais (seção 2.2.3.2).

Chegamos, então, à conclusão de que $-ção_1$ é, de fato, sufixo em português, pois é justamente essa a forma que é encontrada disponível na língua, utilizada com elevada frequência na nominalização verbal, em oposição a $-ão$, de emprego modesto. Observamos que dentre as OMs concorrentes citadas como remissivas nos verbetes das 1.197 palavras constantes no corpus desta pesquisa (construídas pela RCP₁, coletadas no NDA e no DEH, em que $-ção$ e $-mento$ são adjungidos à mesma base aparente), foi encontrada apenas uma palavra em $-ão$: *arrepelão*, mencionada tanto nos verbetes de *arrepelação* dos dois dicionários consultados, quanto nos verbetes de *arrepelamento*, e que traz o sentido de “ação ou processo de V”, expresso pela referida regra.

Assim, quanto aos dados observados nesta dissertação, em conformidade com a descrição afixal proposta pelo modelo construcional, temos que a forma $-ção_1$ é um item lexical afixal repertoriado no Componente de Base do léxico e, por essa razão, deve ser devidamente registrado como entrada lexicográfica nos dicionários vernaculares de português.

- $-ção_1$ em oposição a formas homônimas:

Observamos que no registro de $-ção$, no NDA, não são atestados casos de homonímia, mas o único verbete de $-ção$ faz remissão à terceira forma de $-ão$. De fato, são registrados três $-ão$ homônimos, nenhum deles, porém, remetendo ao sentido de “coleção de N” e, ainda, sem qualquer alusão à simples terminação de palavras (seção 1.3.2.1). No NDA, $-ão_1$ é associado a noções de caracterização de “aumentativo”, de “excesso” ou de “hábito”, enquanto que $-ão_2$ atualiza noções de “origem” ou de “profissão”, entre outras. A entrada $-ão_3$, a que nos remete o verbete de $-ção$ nesse dicionário, traz o sentido de “‘ação’ ou ‘resultado da ação’”, responsável pela nominalização do verbo de base e coincidindo, então, com $-ção_1$.

O DEH, semelhantemente, traz uma única entrada $-ção$, identificada como “terminação”. Observamos que o conteúdo do verbete divide-se em quatro diferentes acepções, sempre remetendo a uma das seis acepções da única entrada $-ão$ nesse dicionário. Vemos que $-ção$ recebe um tratamento polissêmico, sem que sejam atestados casos de homonímia. As três primeiras acepções do verbete de $-ção$ remetem, de fato, à terminação de palavras na língua, ora devido à convergência fonética, que pode ser decorrente da adjunção de um sufixo $-ão$ de

sentido aumentativo (*calção*¹⁴² exemplifica a primeira acepção), ora como mera terminação de palavras não-construídas na língua (como em *monção*, na terceira acepção do verbete), coincidindo, assim, com $-ção_3$, atestado em 13 palavras constantes no corpus desta dissertação. Somente na quarta acepção do verbete de $-ção$, que remete a $-ão_1$, é reconhecido o sufixo de nominalização verbal, identificado, nesta dissertação, como $-ção_1$.

Por outro lado, observamos em nosso corpus que, além das 1.197 palavras identificadas como construídas pela RCP₁, o critério de atestação de $-ção$ e de $-mento$ sobre uma mesma base aparente apontou-nos a outras 28 palavras que não são produto da RCP₁. Assim, recolhemos nos dicionários NDA e DEH um total de 1.225 palavras, em que 611 são terminadas em $-ção$ (seção 4.1.1). A classificação dessas palavras a partir da identificação das suas possíveis bases levou-nos ao reconhecimento de três formas homônimas de $-ção$ (uma delas é $-ção_1$), o que justifica o registro de entradas lexicográficas distintas a cada um dos itens afixais identificados¹⁴³.

No corpus desta pesquisa, apenas dois $-ção$ homônimos foram atestados. Temos, assim, o sufixo $-ção_1$, registrado com 598 ocorrências, atuando na construção de substantivos deverbais pela aplicação da RCP₁ e outras 13 ocorrências de palavras não construídas na língua, que trazem a terminação $-ção_3$, neste caso não associada a um sentido específico a ser atribuído à palavra em que participa¹⁴⁴. Homônima a essas duas formas, o corpus observado permite vislumbrar a possibilidade de existência de um sufixo $^o-ção_2$ (em paralelo a $-mento_2$, encontrado em três palavras coletadas), ainda que não atestado no recorte de 611 palavras com $-ção$ coletadas. Participando do paradigma morfológico de uma RCP₂, $-ção_2$ atualizaria, então, o sentido de “coleção de N” na palavra construída possível (Tabela 3).

Apresentamos de forma sucinta, na tabela a seguir, o que foi exposto nesta seção a respeito da identificação do sufixo $-ção_1$, considerando de forma comparativa os dados constantes em cada um dos dicionários vernaculares consultados e o que temos constatado nesta dissertação:

¹⁴² Com base na natureza associativa do modelo construcional, cabe discutir se *calção* é construída por uma RCP de aumentativo (então atualizaria o sentido de “calça grande”), ou é palavra não-construída em português.

¹⁴³ Entendemos que o registro lexicográfico de formas homônimas não inventariadas no Componente de Base do léxico (que não são categorias maiores nem afixos) depende da decisão do lexicógrafo, a ser expressa na Apresentação do dicionário.

¹⁴⁴ Lembremos que $-ção_3$ não é adjungido a um item lexical de base de categoria maior inventariado no Componente de Base, mas sucede um segmento da palavra, caracterizando-se como uma terminação de palavras da língua, e não como um sufixo.

Identificação de -ção ₁	no NDA	no DEH	fundamentação teórica e corpus recolhido
em oposição a -ão	- considerado “elemento de composição/sufixo”; - -ção remete ao sufixo nominal -ão ₃ ;	- -ção é “terminação”; - as acepções de -ção remetem às acepções do sufixo -ão;	- abordagem sincrônica; - -ção ₁ é disponível e frequente na língua; - -ção ₁ é inventariado na língua como um item lexical afixal / “sufixo”;
em oposição a formas homônimas	- há só uma entrada -ção e três entradas -ão homônimas; - -ão ₁ traz, entre outras, a noção de aumentativo; -ão ₂ remete à origem ou profissão; -ão ₃ revela o sentido de “‘ação’ ou ‘resultado da ação’”.	- há só uma entrada -ção, com quatro acepções, e só uma entrada -ão, com seis acepções diferentes; - três acepções de -ção referem-se à terminação de palavras e a última acepção forma “ <i>subst. fem. abstratos (...)</i> oriundos de <i>rad. verbais</i> ”.	- há três formas -ção homônimas em português: o sufixo -ção ₁ (OM da RCP ₁ , construindo nomes deverbais); a terminação -ção ₃ (segmento de palavra não-construída); o possível sufixo °-ção ₂ (OM possível da RCP ₂ , construindo nomes denominais) – não atestado no corpus; - -ção ₁ deve ser registrado como entrada lexicográfica específica.

Tabela 10 – Identificação de -ção₁ no NDA e no DEH versus sua descrição na fundamentação teórica

4.2.1.2 As informações lexicais afixais de -ção₁

Constatamos, na seção anterior, que há um sufixo -ção₁ em português que se distingue de outras formas homônimas na língua e merece ser registrado nas obras lexicográficas vernaculares como uma entrada específica. Isso é justificado pelo fato de que -ção₁ é um item lexical afixal, sendo, então, inventariado no Componente de Base do léxico. Reconhecemos que já nesse primeiro nível de estratificação do Componente Lexical há informações que se associam ao item afixal, caracterizando-o e garantindo, assim, a sua identidade na língua. A partir de nossa análise, concluímos que tais informações devam constar também no verbete dicionarístico do respectivo item afixal.

Sob esse enfoque, analisaremos aqui os verbetes de -ção, do NDA e do DEH, referentes ao sufixo de nominalização verbal. Nosso objetivo é observar se tais verbetes trazem cada uma das informações próprias de -ção₁ e como isso é feito. Apresentaremos, de forma paralela, os dados desses dois dicionários e as características de -ção₁ identificadas no Quadro 29 (final da seção 4.1). No que se refere ao NDA, consideraremos basicamente os dados do verbete de -ão₃, pois no verbete de -ção, como mencionamos já na seção 1.3.2.1, além da informação

etimológica, consta apenas a remissiva àquela entrada lexicográfica. Quanto ao DEH, privilegiaremos as informações trazidas na quarta acepção do verbete de –ção e, na ausência destas, voltamo-nos à primeira acepção constante no verbete de –ão.

Conforme as informações lexicais afixais apresentadas na seção sobre os fundamentos para a análise, primeira parte deste capítulo (seção 4.1), consideraremos, nos verbetes relativos a –ção₁, as seguintes informações: (a) sua marca categorial; (b) sua representação fonológica; (c) a referência à RCP em que atua, verificando aí a relação categorial envolvida, a operação semântica associada e o paradigma morfológico da regra; (d) os traços diacríticos que lhe são próprios, como sua disponibilidade, a possibilidade de participação em processos de variações alomórficas, a informação quanto ao gênero da palavra construída e a sua subcategorização; e (e) as restrições particulares quanto ao emprego contextual de –ção₁.

- Quanto à marca categorial de –ção₁:

Sabendo que cada item lexical de base traz uma marca categorial, observamos como essa é registrada nos verbetes de –ção do NDA e do DEH, bem como a partir dos pressupostos do modelo construcional:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
marca categorial	-ão ₃ : Δ / <i>sufixo nominal</i>	<i>terminação</i> 4) <i>ver (...) como <u>suf.</u> de subst. fem. abstratos</i>	[+ af]

Tabela 11 – Marca categorial de –ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

No verbete de –ção do NDA, conforme mencionamos na seção 1.3.2.1, consta apenas o sinal Δ diante da respectiva entrada, identificando tratar-se, nos termos da Apresentação do dicionário, de um “elemento de composição: prefixo, sufixo, infixos”. Ao remeter ao verbete de –ão₃, além do referido sinal, somos informados literalmente de que este é um “sufixo nominal”. No DEH, por outro lado, tanto o verbete de –ção quanto o verbete de –ão informam, inicialmente, que estes são apenas uma terminação na língua, sem que tenham necessariamente o estatuto afixal. Na quarta acepção do verbete de –ção, entretanto, vemos que este é entendido “*como suf. de subst. fem. abstratos*”.

Conforme mencionamos no Capítulo 2, Corbin (1987) é bastante clara ao identificar a marca categorial [af] que acompanha os itens afixais desde sua inscrição no Componente de

Base do léxico. Segundo a autora, é justamente essa marca que responde pelo fato de que tais itens do léxico não são encontrados como formas soltas na língua. A identificação do afixo –ção₁ como sufixo decorre da subcategorização desse item do léxico, como veremos mais adiante.

- Quanto à representação fonológica:

Nenhum dos dois dicionários examinados apresenta a representação fonológica de –ção₁. Ainda que nesta dissertação não tenhamos nos atido com mais vagar em questões de natureza fonológica, reconhecemos que esta é uma informação que acompanha o item afixal já no primeiro nível do Componente Lexical e por essa razão deve constar no respectivo verbete lexicográfico, identificando tal item e dirimindo eventuais dúvidas dos usuários da língua. Assim, a representação fonológica de –ção₁ é apresentada como /sãw/, registrada na tabela a seguir:

Inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
Representação fonológica	-	-	/sãw/

Tabela 12 – Representação fonológica de –ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

- Quanto à referência à RCP/Relação Categorial:

A referência à RCP em que atua é informação indispensável ao item afixal. Nesta dissertação, referimo-nos à regra responsável pela nominalização verbal como RCP₁. Entendemos, porém, que nada acrescenta ao usuário da língua a identificação de um número aleatório a uma regra construcional. Sendo assim, convém que a referência à regra seja feita a partir dos elementos que a compõem: basicamente relação categorial, operação semântica e o paradigma de operações morfológicas possíveis.

A RC envolvida numa regra revela, de um lado, a categoria maior do item lexical que serve de base para a construção da nova palavra e, de outro lado, a categoria maior da palavra construída pela aplicação da RCP. Considerando –ão₃, no NDA, observamos que já de início, quando da apresentação do verbete, foi informado tratar-se aqui de um “*sufixo nominal*”, ou

seja, um sufixo que leva à formação de um nome, um substantivo na língua. Nada consta, porém, com relação à base a que se adjunge o sufixo.

Diferente disso, porém, constatamos que o DEH é mais explícito no que se refere às categorias envolvidas na utilização de *-ção* como sufixo. Nos termos do verbete, como sufixo, *-ção* é empregado em “*subst. fem. abstratos*”, ou seja, em nomes que, conforme a continuidade do texto dicionarístico, são “*oriundos de rad. verbais*”, sendo revelada, então, sua origem deverbal. Temos aí a mesma RC reconhecida pela aplicação do modelo construcional: um item lexical de base da categoria maior de verbo (V) permite a construção de uma nova palavra de categoria maior de nome (N) a partir da relação “*V→N*”. Lembremos que essa relação entre as categorias da base e do produto da regra é compartilhada também pela literatura especializada, como considerado na seção 2.1.2 desta dissertação. A Tabela 13 sintetiza as informações quanto à RC de *-ção*₁:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
RC da RCP ₁	<i>sufixo nominal</i>	<i>“suf. de subst.fem.abstratos, com a flexão de pl., oriundos de rad. verbais”</i>	V → N

Tabela 13 – Referência à RCP/Relação Categórica de *-ção*₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

- Quanto à referência à RCP/Operação Semântica:

O conteúdo de uma RCP, além da RC, traz também a informação de cunho semântico que opera na aplicação da respectiva regra. Sabemos que a existência de uma RCP na língua requer a atuação de uma (e apenas uma) OS. É essa operação sobre os itens lexicais de base que garantirá a identificação do sentido intrínseco das palavras a serem construídas pela regra.

O modelo construcional, ao reconhecer a estratificação do léxico em três níveis, revela que no Componente Convencional podem ser aplicadas regras menores, inclusive de caráter semântico, sobre o *output* predizível do Componente Derivacional. Assim, as RSMs trazem novas nuances de sentido a um grupo de palavras construídas pela RCP.

Considerando as 598 palavras com *-ção*₁ registradas em nosso corpus, classificadas a partir de matrizes subcategoriais, identificamos, na seção 4.1.2.3, a OS da RCP₁ e ainda duas RSMs que atuam sobre subconjuntos dessas palavras. Constatamos que a RCP₁ traz a OS em

que a palavra construída assume o sentido intrínseco de “ação ou processo de V”, sendo V o item lexical verbal inserido como base na estrutura da palavra a ser construída pela regra. Essa OS mostra que os nomes construídos pela RCP₁ são intrinsecamente abstratos, pertencendo às subcategorias de ação ou de processo (Naa ou Nap). Sobre alguns nomes assim construídos, podem ser aplicadas: (a) a RSM₁, que atualiza o sentido de “resultado da ação ou do processo de V” aos nomes abstratos tornados de estado (Nae) por processo semântico derivativo resultativo; ou (b) a RSM₂, que atualiza o sentido de “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” a palavras que sofreram processo semântico de concretização, subcategorizadas, então, como nomes concretos.

Considerando como relevante para o registro lexicográfico de -ção₁ as informações quanto ao sentido a ser associado à palavra construída, observemos, na tabela abaixo, como tais dados são trazidos nos respectivos verbetes dos dois dicionários vernaculares com que temos trabalhado:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
OS da RCP ₁	“= ‘ação’ (...)”	“ <i>suf. tornado formador de subst. de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do v. originador</i> ”	N = “ação ou processo de V”
RSM ₁ associada à RCP ₁	(...) ou ‘ <i>resultado da ação</i> ’”	-	“resultado da ação ou do processo de V”
RSM ₂ associada à RCP ₁		-	“produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V”

Tabela 14 – Referência à RCP/Operação Semântica de -ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

No verbete de -ão₃ do NDA, em uma única acepção, juntamente com o sentido de “ação” (parte da OS da RCP₁), encontramos o sentido de “*resultado da ação*” (próprio da aplicação da RSM₁). Não há referência aí à possibilidade de esse mesmo sufixo participar na nominalização de um processo expresso pelo verbo de base. Salientamos aqui que, embora os Naa representem 75,59% das palavras construídas com -ção₁ encontradas no corpus desta pesquisa, resta ainda o significativo número de 146 palavras, ou seja, 24,41% das palavras coletadas com -ção₁ que não nominalizam a ação do verbo de base.

Com relação ao verbete de –ção do DEH, deparamo-nos com a ausência de informação específica quanto ao sentido a ser assumido pela palavra construída¹⁴⁵. Consta ali remissão à primeira acepção do verbete de –ão neste mesmo dicionário, onde é registrado que o sufixo –ção é “*tornado formador de subst. de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do v. originador*”. Na especificação do substantivo construído com tal formante é possível deprendermos o sentido de “ação” (constante na OS da RCP₁).

Observamos, também, que os nomes construídos com –ção são subcategorizados como abstratos. Vemos, ainda, que o sentido da base (verbo originador) participa na definição do sentido da palavra construída (à semelhança da estrutura da OS). Da mesma forma que no NDA, também no DEH é desconsiderada a possibilidade de nominalização do processo verbal. Além disso, neste dicionário não há alusão a nuances de sentido como “resultado” ou mesmo “produto, instrumento ou local” a serem atribuídas a algumas palavras construídas, em decorrência da aplicação de RSM.

- Quanto à referência à RCP/ Paradigma Morfológico:

O terceiro aspecto a ser considerado acerca da referência à regra de construção em que atua o item lexical afixal diz respeito ao paradigma morfológico em que este participa. Neste caso, é importante observarmos se são mencionados nos verbetes estudados os sufixos que são concorrentes a –ção₁ na língua, ou, de forma mais abrangente, as operações de ordem morfológica (OMs) que levam à construção de palavras pela mesma RCP₁.

Os verbetes de –ção e –ão do NDA, assim como o verbete de –ção do DEH, não abordam a existência de OMs concorrentes. Apenas no verbete de –ão do DEH vamos encontrar “*outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim (como –mento, -ura, -gem etc., além da der. regressiva*”¹⁴⁶. Tais OMs, conforme o verbete, limitam o emprego do formante em questão por concorrerem com este, pois são usados com “*(aproximativamente)*” a mesma finalidade, como consta na tabela a seguir:

¹⁴⁵ A ausência, nos verbetes dos itens afixais, de paráfrase de sentido das palavras construídas foi citada, na seção 1.3.2.2, como um dos aspectos de diferenciação do DEH em relação ao NDA.

¹⁴⁶ No texto do verbete de –ão no DEH, o parêntese aberto antes de “*como –mento*” não é fechado após “*etc.*”.

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
Paradigma Morfológico da RCP ₁	-	<i>“a form. de subst. verbais sofre a influência de vários outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim (como -mento, -ura, -gem etc, além da der. regressiva”</i>	-mento ₁ , -dura, -gem, -da, deriv.regr., etc.

Tabela 15 – Referência à RCP/Paradigma Morfológico de –ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

As OMs citadas no referido verbete do DEH tendem a coincidir com aquelas encontradas com mais frequência nas remissivas das palavras construídas com –ção₁, coletadas para esta pesquisa. A diferença é que nesta dissertação preferimos a forma –dura (com início consonantal), à semelhança do registro dos demais formantes citados¹⁴⁷. Incluímos, também, a OM –da no paradigma morfológico da RCP₁, em virtude de termos encontrado essa forma em 14 ocorrências entre as remissivas das palavras com –ção₁ consideradas. Ainda outras OMs foram verificadas no nosso corpus, porém com poucas ocorrências, o que requer um estudo mais específico antes que se conclua sobre sua inclusão no paradigma da RCP₁, que permanece aberto (por isso a forma “etc.”), como consta na quarta coluna da Tabela 15.

- Quanto aos traços diacríticos:

Entre as informações trazidas pelos itens afixais desde sua inserção no Componente de Base do léxico estão os traços diacríticos, que revelam características dos afixos. Consideramos, assim, informações quanto aos seguintes aspectos: (a) disponibilidade de cada item afixal; (b) presença de traços ativos ou passivos à aplicação de regras formais menores, como Alomorfia e Truncamento; (c) gênero a ser assumido pela palavra a ser construída; e (d) subcategorização do item afixal.

Na tabela a seguir, apresentamos os traços diacríticos de –ção₁, considerando-os conforme constam nos verbetes de –ão, tanto no NDA quanto no DEH. Ainda que informações como gênero e subcategorização constem também no verbete de –ção do DEH, preferimos trabalhar com o verbete de –ão desse dicionário por verificarmos que ali são apresentadas, também, informações sobre outros traços diacríticos. Seguindo os moldes anteriores, na última coluna trazemos os dados constatados a partir da nossa análise.

¹⁴⁷ Entendemos que a decisão final sobre a forma afixal, se –dura, -tura ou –ura, dependa de um estudo mais específico acerca desse formante, o que foge do objetivo desta dissertação.

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
Disponibilidade	-	“daí depreendendo-se que, por princípio, <u>qualquer v. da 1^a conj.</u> , no tema (isto é, seu rad. geral + a vogal temática -a-), gere seu subst. verb. (isto é, de ação, de abstração da ação) com -ção [...]; daí, a <u>existência potencial ou virtual de um sem-número de subst. verbais</u> (de quaisquer conj.) não dicionarizados, mas cujo valor de intercurso ad hoc é conspícuo entre falante e ouvinte nas situações verbais (orais ou escritas) pertinentes”	[+ D]
Alomorfia	“Equiv.: -ção, -ição, -(s)ão”	“-ção apresenta-se precedido das vogais temáticas -a-, -e-, -i- (da 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a conj., respectivamente), bem como das vogais -o- e -u-; destarte, remete-se para -ação, -eção, -ição, -oção e -ução”	[EV+]
Gênero	-	“de subst. <u>femininos</u> abstratos”	[fem]
Subcategorização	<u>sufixo nominal</u>	“ <u>sufr. tornado formador de subst. ...</u> ”	[suf]

Tabela 16 – Traços diacríticos de -ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

Na seção 4.1.2.4, ao discutirmos sobre cada um desses traços diacríticos, identificamos, a partir das palavras recolhidas no NDA e no DEH, os traços próprios de -ção₁. Constatamos que este é, de fato, um formante disponível na língua para a construção de novas palavras (traço [+D]). Como vemos na Tabela 16, embora o NDA nada registre sobre a disponibilidade do sufixo, o DEH, no verbete de -ão, é bastante claro quanto à possibilidade de existência de inúmeras palavras assim construídas em português, extrapolando o limite do registro lexicográfico. No verbete, a disponibilidade de -ção é considerada, em especial, pelo fato de este poder ser adjungido ao tema dos verbos de primeira conjugação, construindo, então, novas palavras na língua.

Com relação às regras formais menores, em conformidade com o modelo construcional e com as palavras coletadas para esta pesquisa, verificamos que o sufixo -ção₁ é portador de um traço ativo [EV+] que desencadeia a alteração alomórfica de elevação vocálica da vogal média do tema verbal (/e/), tornando-a /i/. Isso só é possível porque a base verbal traz o traço passivo para tal alomorfia ([+EV]).

Vemos que no NDA não há clareza quanto a esse fenômeno, ainda que o mesmo não tenha sido completamente desconsiderado. No verbete de $-\tilde{a}o_3$, a forma $-i\tilde{c}\tilde{a}o$, acompanhada com um exemplo de base verbal de segunda conjugação (*absolvição*), é apresentada como “equivalente” do sufixo $-\tilde{c}\tilde{a}o$. Não é mencionada, porém, a distinção desta em relação à forma $-i\tilde{c}\tilde{a}o$ em que o $-i-$ é simplesmente a vogal do tema verbal de terceira conjugação, como em *partição*, por exemplo. Além disso, a carência de fundamentação lingüística à obra lexicográfica, conforme abordamos no Capítulo 1, faz com que também a terminação $-(s)\tilde{a}o$ seja apresentada como “equivalente” de $-\tilde{c}\tilde{a}o_1$, embora esta não se caracterize como um sufixo disponível para a construção de nomes na língua, pois é encontrada apenas em palavras que entraram no português já como nomes, os quais foram construídos ainda no latim.

Não muito diferente disso, no verbete de $-\tilde{a}o$ do DEH é informado que $-\tilde{c}\tilde{a}o$ pode ser precedido das vogais dos temas de qualquer uma das três conjugações (incluindo $-e-$ da segunda conjugação verbal¹⁴⁸), bem como das vogais $-o-$ e $-u-$. Ao consultarmos as entradas $-o\tilde{c}\tilde{a}o$ e $-u\tilde{c}\tilde{a}o$, nesse dicionário, somos esclarecidos que as palavras com essas “*f. fortes especiais*” (para usarmos os termos constantes nesses verbetes) são de fato geradas no latim¹⁴⁹. No verbete de $-e\tilde{c}\tilde{a}o$, por outro lado, é contemplada a “*tendência regularizadora*” encontrada “*no informal de várias regiões da língua*”, em que a vogal do tema verbal não sofre alteração alomórfica¹⁵⁰. No verbete de $-\tilde{a}o$, entretanto, não é considerado o fato de que $-\tilde{c}\tilde{a}o$ pode ser precedido de $-i-$ também com bases verbais de segunda conjugação.

Dando continuidade às considerações quanto aos traços diacríticos de $-\tilde{c}\tilde{a}o_1$, observamos que o NDA não faz nenhuma menção ao gênero da palavra a ser construída com esse formante. Já o DEH salienta serem femininos os substantivos abstratos construídos com $-\tilde{c}\tilde{a}o$, conferindo, assim, com o que temos verificado nesta dissertação. Quanto ao traço referente à subcategorização do item lexical afixal, as duas obras lexicográficas consultadas concordam tratar-se de um sufixo, ainda que no NDA isso somente seja mencionado no verbete de $-\tilde{a}o$.

¹⁴⁸ No corpus dessa pesquisa não foram incluídas palavras com $-e\tilde{c}\tilde{a}o$ pelo fato de tais palavras não atenderem ao critério adotado na coleta do corpus: palavras atestadas nos dicionários eletrônicos NDA e DEH em que as mesmas formas de bases constroem também palavras com $-\tilde{m}e\tilde{m}o_1$.

¹⁴⁹ Se fôssemos considerá-las palavras construídas em português, deveríamos, num primeiro momento, identificar quais seriam as bases verbais (com $-o-$ e com $-u-$) a que se uniria o sufixo $-\tilde{c}\tilde{a}o_1$.

¹⁵⁰ Na seção 4.1.2.4, apresentamos a explicação da Morfologia Construcional para esse fenômeno, quando mencionamos o registro de *bateção* no DUP (2002): algumas palavras são inseridas no léxico sem sofrerem filtros no Componente Convencional.

- Quanto às restrições particulares:

Já abordamos, na seção 4.1.2.5, as particularidades contextuais de –ção₁, com base no que é apresentado pelos gramáticos e estudiosos da língua (seção 3.1.3.1). Reconhecemos, assim, a restrição de uso de –ção₁ com bases verbais terminadas em –ecer, mas não chegamos a confirmar a restrição desse sufixo nominal com bases em –cionar. A nominalização de verbos com esses segmentos finais é feita, então, a partir de outras OMs disponíveis no paradigma morfológico da RCP₁. A literatura especializada revela, ainda, que há preferência de uso do sufixo –ção₁ junto a bases verbais terminadas por –mentar e pelo sufixo verbal –izar, o que é registrado desde a inserção do sufixo no Componente de Base do léxico.

Assim como fizemos no que se refere aos itens anteriores, apresentamos na tabela a seguir essas particularidades do emprego do –ção₁ e as informações constantes nos respectivos verbetes dos dois dicionários consultados:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	literatura especializada
Restrições particulares	-	<p><i>“potencializam adj. em – cional [...], que, por sua vez, potencializam a constelação mórfica -ismo: -ista: -ístico, bem como (não raro tb. redundantemente) a constelação -izar: -ização: -izante: -izável etc.”</i></p>	<p>[- [-ecer]_v —] [+ [-mentar]_v —] [+ (-izar)_{af} —]</p>

Tabela 17 – Restrições particulares de –ção₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

Observamos que no NDA nada é mencionado acerca de possíveis características de uso de –ção. No DEH também não são mencionadas as restrições particulares quanto ao emprego desse sufixo com determinados tipos de bases, conforme apontadas pelos gramáticos e lingüistas e observadas nesta pesquisa. Por outro lado, esse dicionário aponta à possibilidade de as palavras construídas com –ção servirem, elas mesmas, de base para a construção de novas palavras na língua, a partir de outras RCP.

Conforme o que é informado no verbete do DEH, os substantivos com –ção (não é especificado qual –ção entre os homônimos) podem ser base para a construção de adjetivos a partir de uma das OMs específicas dessa outra regra. No verbete é apresentado o segmento final –cional dos adjetivos a serem construídos, sem que seja esclarecido se estamos diante de

um único sufixo *-cional*, com Truncamento do *-ção* da base, ou se o sufixo *-al* provoca a Alomorfia de *-ção* para *-cion-*. No primeiro caso, para que a base nominal perca o *-ção* final, e entendendo que este seja o sufixo *-ção₁*, temos que *-cional*, como sufixo, tem o traço [T+], ativo para a regra menor de Truncamento, enquanto que o sufixo *-ção₁* tem, desde o Componente de Base, o traço [+T], passivo para Truncamento quando ele próprio for constituinte da base. De modo semelhante, no segundo caso, se o adjetivo a ser construído utilizar-se da OM *-al*, essa deve ser portadora de traço ativo para Alomorfia, aqui representado genericamente como [A+], enquanto *-ção₁* deve ter, então, o respectivo traço passivo [+A].

É visto que a questão levantada por essa informação constante no verbete de *-ção* no DEH carece de um estudo mais específico e detalhado acerca da identidade do sufixo da RCP de construção do adjetivo (*-cional* ou *-al*), a fim de que seja identificado o traço diacrítico do segmento final da base, ou da própria base¹⁵¹ ([+T] ou [+A]). Além disso, embora o modelo construcional explique a possibilidade de palavras construídas tornarem-se bases para novas palavras, não trabalhamos nesta dissertação com palavras construídas a partir do substantivo nominalizador com *-ção₁*. Uma conclusão sobre eventuais traços passivos para a aplicação de regras menores depende de um estudo pormenorizado, com um corpus que inclua os adjetivos construídos, fugindo, assim, do alcance da presente pesquisa.

Tendo já nos ocupado da análise dos verbetes relativos a *-ção₁*, passaremos à seção 4.2.2, destinada à análise dos verbetes de *-mento₁* nos dois dicionários eletrônicos que temos consultado.

4.2.2 Análise dos verbetes de *-mento₁* no NDA e no DEH

Nesta seção, analisaremos os dados referentes a *-mento₁* encontrados nos verbetes dos dicionários vernaculares NDA e DEH, pontuando as constatações a que temos chegado através da fundamentação teórica adotada nesta dissertação. Da mesma forma como fizemos na seção anterior, quanto a *-ção₁*, observaremos aqui o item afixal enquanto entrada lexicográfica (seção 4.2.2.1) e a partir das informações lexicais afixais apresentadas nos respectivos verbetes (seção 4.2.2.2).

¹⁵¹ Por exemplo, se “*emoção*”, que é palavra não-construída em português, for tomada como base para a construção do adjetivo “*emocional*”, o traço diacrítico passivo para a regra menor (seja [+T], seja [+A]) é nitidamente associado ao item lexical de base como um todo e não apenas ao *-ção* final, dado que estamos diante de um *-ção₃*, mera “*terminação*” da palavra (não é sufixo).

4.2.2.1 O item afixal –mento₁

A identificação de –mento₁ deve ser considerada quanto à sua categorização como formante de palavras em português e, semelhantemente a –ção₁, em oposição a formas homônimas na língua.

- quanto à categorização de -mento₁:

Conforme observamos na seção 1.3.2, é consenso entre as duas obras lexicográficas com que temos trabalhado que –mento é um sufixo na língua, sendo que o NDA acrescenta ainda tratar-se de um “sufixo nominal”. Observamos na seção 1.3.2.2, entretanto, que no respectivo verbete do DEH, em que é informado tratar-se de “sufixo”, são apresentados alguns exemplos e dados que não coincidem com tal classificação, em virtude de que os “v. [de origem] *não se representam em port.*” (DEH).

Ao longo desta dissertação verificamos, de fato, a existência de um sufixo nominal –mento₁, inventariado no primeiro nível em que é estratificado o Componente Lexical, dada a sua natureza de item lexical afixal (seção 2.2.1). A possibilidade de construção de novos nomes de ação/processo com esse sufixo mostra a sua disponibilidade na língua e, aliado a isso, a quantidade de palavras atestadas com tal formante, ou mesmo citadas como remissivas de palavras construídas com –ção₁, revelam ser –mento₁ um sufixo bastante freqüente em português (seção 4.1.1).

- –mento₁ em oposição a formas homônimas:

Tanto o NDA quanto o DEH trazem uma única entrada do formante –mento, que é classificado, nessas duas obras, como sufixo. As informações constantes no NDA priorizam o aspecto semântico associado ao sufixo, enquanto que o verbete do DEH é estruturado em função de aspectos etimológicos das palavras com –mento (seção 1.3.2).

No NDA, o verbete do sufixo –mento é constituído por uma única acepção, que traz o sentido de “ação ou resultado da ação” seguido do sentido de “coleção”, os quais são associados a palavras que têm bases de categorias diferentes (seção 1.3.2.1). Na primeira situação, –mento é adjungido a bases verbais, nomeando a ação do verbo. No segundo caso, porém, a base da palavra com –mento é um substantivo, que poderá ser, então, agrupado com outros semelhantes.

O DEH, por sua parte, traz duas acepções no verbete de –mento, considerando a formação das palavras. Num primeiro momento é abordado o emprego de tal sufixo na formação de substantivos deverbais. A segunda acepção apresentada, porém, menciona a participação de –mento em “*subst. conexos com verbos*” (seção 1.3.2.2). Constatamos que, neste caso, não se trata de um sufixo, mas da terminação de palavras que têm em comum o fato de –mento não poder ser separado do segmento que o antecede. Entendemos, então, que é equivocada a inclusão dessa segunda acepção num verbete identificado claramente como de um elemento sufixal.

Sintetizamos, na tabela abaixo, os dados que nos levam à identificação de –mento₁, a partir do que vimos nos dois dicionários e conforme a fundamentação teórica:

Identificação de – mento ₁	no NDA	no DEH	fundamentação teórica e corpus recolhido
quanto à categorização lexical	- -mento é identificado como “sufixo nominal”;	- -mento é identificado como “sufixo”; - alguns exemplos com – mento não evidenciam a natureza sufixal;	- -mento ₁ é inventariado na língua como um item lexical afixal / “sufixo”; - é disponível e freqüente em português;
em oposição a formas homônimas	- por critério semântico; - verbete com uma única acepção, com sentidos diferentes (associados a bases de categorias distintas): “ação ou resultado da ação” (base verbal) e “coleção” (de nomes).	- por critério etimológico; - verbete com duas acepções de –mento: construindo “ <i>substantivos der. de verbos</i> ” (sufixo) e em “ <i>subst. conexos com verbos</i> ” (terminação).	- há três formas –mento homônimas em português: o sufixo –mento ₁ (OM da RCP ₁ , construindo nomes de ação/processo); o sufixo –mento ₂ (OM da RCP ₂ , construindo nomes denominais com sentido de “coleção”); a terminação – mento ₃ (segmento de palavra não-construída); - -mento ₁ deve ser registrado como entrada lexicográfica específica.

Tabela 18 – Identificação de –mento₁ no NDA e no DEH versus sua descrição na fundamentação teórica

No capítulo de fundamentação teórica, observamos que os gramáticos e lingüistas tendem a identificar *-mento*, juntamente com *-ção*, como sufixo aplicado a bases verbais para a formação de substantivos abstratos em português (seção 2.1.2). Há alguns estudiosos, entretanto, que não pactuam com essa conclusão, mostrando que nem todas as palavras com *-mento* podem ser classificadas como “substantivos abstratos” (seção 2.1.3.2). De fato, a noção de “instrumento da ação” e o sentido de “coleção”, mencionados por nomes como Cunha (1999), Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1994), revelam um caráter de concretude assumido por algumas palavras com *-mento*.

São os pressupostos da Morfologia Construcional, considerando-se o aspecto descritivo do modelo (seção 2.2), que nos permitem maior clareza no que se refere à identidade do formante em questão. Ao aplicarmos o modelo às 614 palavras atestadas com *-mento*, recolhidas nos dois dicionários vernaculares (seção 3.1.1), constatamos a existência de três formas homônimas, que merecem ser registradas como entradas lexicográficas distintas.

De fato, identificamos, em 599 palavras do corpus coletado para esta pesquisa, o sufixo *-mento₁*, responsável pela construção de nomes de ação ou de processo, nominalizando o verbo de base a partir da aplicação da RCP₁. Em quantidade infimamente menor, encontramos três palavras que assumem o sentido de “coleção de N”, construídas sob base nominal com a forma sufixal *-mento₂*, constante no paradigma morfológico de uma outra regra, que chamamos de RCP₂. E em outras doze palavras, o segmento final não tem o estatuto de sufixo, sendo identificado, então, como a terminação *-mento₃*, que pode ser encontrada tanto em palavras não-construídas em português, como em palavras construídas pela operação de derivação regressiva. Juntamente com *-ção₁* e *-mento₁*, a operação de derivação regressiva participa do paradigma morfológico da RCP₁.

Ao identificarmos *-mento₁* como um item lexical afixal da língua, dispomo-nos a considerar, na próxima seção, as informações que lhe são próprias, tecendo um paralelo entre o que é trazido nos respectivos verbetes de cada um dos dicionários vernaculares consultados e o que é apresentado pela fundamentação teórica e sustentado pelo corpus desta dissertação.

4.2.2.2 As informações lexicais afixais de *-mento₁*

Assim como na seção 4.2.1.2 analisamos os verbetes de *-ção* nos dois dicionários vernaculares à luz das propostas teóricas consideradas no Capítulo 2, cabe-nos, na presente

seção, apresentarmos uma análise dos verbetes de –mento nesses mesmos dicionários (NDA e DEH). Observaremos se essas obras lexicográficas dão conta das informações afixais que caracterizam o sufixo –mento₁, discriminadas no Quadro 29 (seção 4.1). Vale lembrar que as informações afixais são associadas ao item afixal desde o primeiro nível de estratificação do Componente Lexical, constituindo-se, assim, em dados relevantes ao registro lexicográfico.

Vimos, no Capítulo 1, que o NDA apresenta um verbete suscinto, com prioridade dada ao aspecto semântico do referido formante, enquanto que o verbete do DEH estrutura-se a partir de questões etimológicas, sendo citados muitos exemplos. Analisaremos de forma paralela os verbetes de –mento nessas duas obras, sendo que, no caso do DEH, nossa atenção volta-se à primeira acepção do verbete, associado a –mento₁. Não deixaremos de trazer aqui as constatações a que temos chegado a partir dos pressupostos teóricos adotados nesta dissertação (Capítulo 2), apoiados no corpus de palavras coletadas nos dois dicionários vernaculares (conforme disposto na seção 3.1).

As informações a serem consideradas com relação a –mento₁ são aquelas mesmas observadas ao tratarmos sobre –ção₁: a marca categorial, a representação fonológica, a referência à RCP em que atua (incluindo a relação categorial a operação semântica e o paradigma morfológico), os seus traços diacríticos (disponibilidade, gênero, atuação em regras menores e subcategorização) e as restrições contextuais de uso.

- Quanto à marca categorial de –mento₁:

As duas obras lexicográficas vernaculares observadas são claras ao identificar a natureza sufixal de –mento, indo ao encontro do que é proposto pela Morfologia Construcional. O quadro a seguir sistematiza essa aproximação no que se refere ao registro categorial:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
marca categorial	Δ / <i>sufixo nominal</i>	<i>sufixo</i>	[+ af]

Tabela 19 – Marca categorial de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

O sinal Δ constante diante da entrada do NDA revela tratar-se de um “elemento de composição” que, segundo a Apresentação do referido dicionário, poderá ser um prefixo, um sufixo ou um infixos. Logo no início do verbete é esclarecido tratar-se de um sufixo nominal. Semelhantemente, a primeira informação sobre –mento trazida pelo DEH é de ser este um

sufixo na língua. Conforme Corbin (1987), os afixos são portadores do traço [+af], que identifica que um dado item de base é, de fato, um item afixal.

- Quanto à representação fonológica:

A respectiva representação fonológica é associada a um item do léxico desde o Componente de Base. Por essa razão, mesmo que não tenhamos nos ocupado com as questões de ordem fonológica dos formantes estudados, salientamos aqui a importância do registro lexicográfico de tal informação. Fazemos constar que nenhum dos dois dicionários examinados menciona a representação fonológica de –mento₁, como pode ser visto na tabela a seguir:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
Representação fonológica	-	-	/mentu/

Tabela 20 – Representação fonológica de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

- Quanto à referência à RCP/Relação Categorical:

Se, por um lado, a informação quanto à RCP em que atua é fundamental ao reconhecimento do item afixal, por outro lado, ao usuário da língua interessa o registro da respectiva regra a partir dos elementos que a compõem. Lembrando que cada regra é constituída de uma relação entre duas categorias maiores, a da base e a da palavra a ser construída, temos por indispensável a identificação da RC da RCP que possibilita a construção de palavras com –mento₁. Cumpre esclarecer que não estamos propondo que a regra propriamente dita esteja registrada no verbete, como veremos mais adiante, mas, sim, as variáveis que ela veicula. Em outros termos, estamos propondo que esteja presente a regra “interpretada”.

Analisando os verbetes de –mento nos dicionários NDA e DEH, procuramos destacar como são apresentadas as duas categorias que se relacionam na construção das palavras com esse formante, conforme expresso na tabela a seguir:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
RC da RCP ₁	sufixo <u>nominal</u>	<i>“formador de substantivos der. de verbos”</i>	V → N

Tabela 21 – Referência à RCP/Relação Categorical de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

Da informação apresentada logo no início do verbete do NDA, depreendemos que as palavras construídas com –mento pertencem à categoria nominal. Não há referência, porém, quanto à base a que é adjungido o sufixo. No verbete do DEH, entretanto, consta uma informação mais completa: as palavras com –mento são substantivos que têm origem em bases verbais. Verificamos, assim, a RC da RCP₁, já apresentada na seção 4.1.2.3, Quadro 24: uma base verbal leva à construção de um nome.

- Quanto à referência à RCP/Operação Semântica:

Uma das informações de maior relevância na identificação de uma RCP é a operação da natureza semântica que é envolvida na construção das palavras. Lembremos que há apenas uma OS envolvida na aplicação de uma regra construcional. O sentido expresso por essa OS é associado, de forma predizível, a todas as palavras construídas pela respectiva RCP. Segundo o modelo teórico adotado, as eventuais alterações de sentido das palavras decorrem da aplicação de RSMs, as quais atuam no Componente Convencional do léxico, aplicando-se a apenas um grupo de palavras construídas no Componente Derivacional.

Na primeira parte deste Capítulo, aplicamos as propostas teóricas abordadas no Capítulo 2 às palavras coletadas no NDA e no DEH segundo os critérios especificados nesta dissertação (no Capítulo 3, de Metodologia). Identificamos, então, a OS associada à RCP₁: as palavras construídas com –mento₁ (e com –ção₁) nominalizam o verbo de origem, assumindo o sentido intrínseco de “ação” ou de “processo”, conforme a subcategoria do item lexical tomado por base. Vimos, ainda, que processos semânticos derivativos levam à atualização do sentido de algumas palavras construídas com esse formante em decorrência da aplicação de regras menores: a RSM₁, a partir de uma operação resultativa, atualiza o sentido de “resultado da ação ou do processo de V”; e a RSM₂, pela operação de concretização, pode atualizar o sentido da palavra construída como “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” (seção 4.1.2.3).

Assim considerando, observamos, na tabela abaixo, como os verbetes de –mento do NDA e do DEH apresentam o sentido intrínseco e as possíveis nuances (derivadas) de sentido associadas às palavras construídas com o referido formante:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
OS da RCP ₁	“= ‘ação’ (...)	-	N = “ação ou processo de V”
RSM ₁ associada à RCP ₁	(...) ou ‘resultado da ação’”	-	“resultado da ação ou do processo de V”
RSM ₂ associada à RCP ₁	-	-	“produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V”

Tabela 22 – Referência à RCP/Operação Semântica de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

O NDA traz, em uma única acepção, uma parte da OS da regra em questão (somente o sentido de “ação”) e a correspondente derivação semântica resultativa, relativa ao sentido atualizado pela RSM₁. Não é mencionada a possibilidade de uma palavra com –mento ter o sentido de “processo” do verbo e, conseqüentemente, não é considerada a RSM₁ com a correspondente nuance de sentido. É importante chamarmos atenção ao fato de que considerar apenas o sentido de “ação” significa dar conta apenas de 69,45% das palavras com -mento construídas pela RCP₁ que fazem parte do nosso corpus, as quais são subcategorizadas como Naa. Restam, então, 183 palavras que não são nomes de ação, mas de processo (e em casos específicos, de estado), o que representa 30,55% do corpus analisado – número expressivo, que não pode ser desconsiderado quando se tratando da identificação do sufixo. Destacamos, ainda, que o referido verbete não registra a aplicação da RSM₂ sobre as palavras construídas, ou seja, não se refere à possibilidade de concretização do sentido das palavras com –mento.

Conforme já foi mencionado no Capítulo 1 (seção 1.3.2.1), essa única acepção do verbete de –mento do NDA traz, também, a noção de “coleção”, identificada, na seção 4.1.1. Como o sentido de “coleção” corresponde a uma outra OS e é atribuído a palavras construídas sobre bases nominais, temos aí outra RCP e, conseqüentemente, outro sufixo (–mento₂). Isso justifica não detalharmos esse sentido aqui, pois nos limitamos a tratar do sufixo –mento₁, incluído na RCP₁.

Com relação ao registro no DEH, observamos que embora o verbete de –mento seja maior, contendo mais dados do que aquele do NDA, não é apresentada nenhuma informação quanto ao sentido a ser atribuído às palavras construídas, seja o sentido que lhes é intrínseco (a

OS da regra), seja o sentido alterado por filtros do Componente Convencional (pela aplicação das RSMs).

- Quanto à referência à RCP/ Paradigma Morfológico:

Além da relação entre duas categorias maiores e da operação de sentido a ser atribuído às palavras construídas, uma RCP é constituída, também, por um paradigma de operações de natureza morfológica, que pode abranger prefixação, sufixação, conversão e/ou a derivação regressiva. Assim, entre as OMs de uma regra, estão situados os afixos que se associam à RC e à OS dadas, isto é, que podem ser empregados sobre a mesma categoria de base, construindo palavras de mesma categoria e, especialmente, com o mesmo sentido predizível.

No que se refere ao paradigma morfológico da regra em que atua $-mento_1$ e considerando a posição dos dois dicionários vernaculares consultados nesta dissertação e, paralelamente, o aspecto descritivo da Morfologia Construcional aplicado ao corpus desta pesquisa, chegamos aos dados apresentados na tabela seguinte:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
paradigma morfológico da RCP ₁	-	<p><i>“concorre com outros formadores de subst., como -ção, -dade, -ura, -eza etc., de modo que subst. de tais form. tendem a ser abundantes na língua, por vezes com matizes semânticos diferenciais muito pequenos, na dependência das intenções dos usuários decisores”</i></p>	-ção ₁ , -dura, -gem, -da, deriv.regr., etc.

Tabela 23 – Referência à RCP/Paradigma Morfológico de $-mento_1$ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

Vemos, na tabela, que o verbete de $-mento$ do NDA não faz menção a outras OMs que participam da mesma regra que o formante em questão. Já no respectivo verbete do DEH, são citados outros sufixos com os quais $-mento$ concorre na formação de substantivos. Indo ao encontro dos dados observados neste trabalho, o primeiro sufixo concorrente apresentado no DEH é justamente $-ção$, revelando a aproximação entre esses dois formantes.

Quanto aos demais formadores de substantivos citados, vale ressaltar aqui que nem todos eles participam da RCP₁. É o caso de $-dade$ e de $-eza$, que são adjungidos a bases

adjetivais (e não verbais), levando-nos a uma RC diferente daquela associada à RCP₁, pois um adjetivo é que dará origem a um nome (A → N). Assim, também é outra a OS associada às palavras construídas, pois não nominalizarão um verbo, mas revelarão o nome de uma qualidade. Portanto, –dade e –eza, embora sendo “formadores de substantivos”, não são concorrentes de –mento₁ (e nem de –ção₁): pertencem ao paradigma morfológico de outra RCP da língua.

É interessante registrarmos aqui duas constatações a que chegamos ao observarmos o verbete de –mento no DEH (seção 1.3.2.2 desta dissertação). Primeiramente, referimo-nos ao fato de que, conforme esse dicionário, os diferentes sufixos mencionados respondem por diferentes nuances de sentido a serem atribuídas à palavra construída. Associado a isso, é possível deprendermos do conteúdo do verbete que cabe aos usuários da língua (“na dependência das (suas) intenções”, conforme consta no texto lexicográfico) a decisão por uma ou outra OM a ser empregada na construção das palavras.

Ao fundamentarmos nosso trabalho no aspecto descritivo da Morfologia Construcional, temos que as formas remissivas encontradas nos verbetes das palavras coletadas nos dois dicionários para a realização desta pesquisa revelam-nos outras OMs que participam do mesmo paradigma morfológico da RCP₁, associando-se à mesma RC e à mesma OS de –mento₁ (seção 4.1.2.3). Nessas condições, pontuamos aqui como outras OMs da RCP₁ os sufixos –ção₁, –dura, –gem, –da e a operação de derivação regressiva. Como constatamos, outros sufixos, encontrados com menor frequência no corpus coletado, merecem um estudo mais apurado que conclua sobre sua inclusão nessa regra construcional.

- Quanto aos traços diacríticos:

Semelhantemente à análise dos verbetes de –ção, ao observarmos os verbetes de –mento consideraremos especificamente quatro tipos de traços diacríticos: sua disponibilidade, a possibilidade de aplicação de regras menores de caráter formal, a informação quanto ao gênero da palavra construída e a subcategorização desse afixo.

De antemão, apresentamos as informações constantes nos verbetes dos dois dicionários com que temos trabalhado e as constatações a que chegamos quanto a tais traços na seção de fundamentação da análise.

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	modelo e corpus
Disponibilidade	-	<i>“tornado extremamente fecundo (...) é evidente a fecundidade deste suf.”</i>	[+ D]
Alomorfia	<i>“Equiv.: -imento”</i>	<i>“com as term. -amento em verbos da 1ª conj. e -imento em verbos da 2ª e 3ª conj.”</i>	[EV+]
Gênero	-	-	[masc]
Subcategorização	<i>sufixo nominal</i>	<i>sufixo</i>	[suf]

Tabela 24 – Traços diacríticos de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

A idéia de disponibilidade do sufixo –mento₁ em português, já mencionada na seção 4.1.2.4, está presente no verbete de –mento do DEH através do termo “fecundidade”, permitindo a construção de muitas palavras na língua, dado que se une a bases verbais. Sobre isso, porém, nada é dito no verbete do NDA. O modelo construcional reconhece que o traço [+D] é informação constante junto a esse item afixal já no primeiro nível do Componente Lexical. Vimos, na primeira parte do Capítulo 2, que a literatura especializada é unânime quanto à produtividade desse sufixo, o que é confirmado no levantamento lexicográfico efetuado nesta dissertação, como abordado nos capítulos 3 e 4.

Por outro lado, em referência a outro traço diacrítico, observamos que os dois dicionários mencionam a forma –imento no verbete de –mento. Sabemos que –imento tanto pode ser a terminação própria de palavras construídas cujas bases são verbos de terceira conjugação, quanto ser o resultado da aplicação de uma regra menor de Alomorfia sobre bases verbais de segunda conjugação, em que o –e– torna-se –i–. No NDA, –imento é identificado como “forma equivalente” de –mento, sem que sejam apresentadas explicações quanto a circunstâncias de uso. Já no DEH, –imento é a “terminação” das palavras construídas sobre bases verbais de segunda e de terceira conjugações, assim como –amento é a terminação de bases verbais de primeira conjugação. Vemos, então, a elevação vocálica da vogal do tema dos verbos de segunda conjugação.

Pelos pressupostos da Morfologia Construcional, identificamos que a referida elevação vocálica decorre da aplicação de uma regra menor de caráter formal (Alomorfia), que abrange apenas uma parcela das palavras construídas pela RCP, em que o sufixo tem o traço ativo para tal regra e a base tem o respectivo traço passivo. Assim, constatamos que o sufixo –mento₁ traz, desde sua inserção no Componente de Base do léxico, o traço [EV+], mas apenas os verbos de segunda conjugação têm o respectivo traço [+EV], tornando possível a elevação vocálica da vogal.

O traço de gênero da palavra construída não é registrado nos verbetes de –mento dos dois dicionários vernaculares consultados. Reconhecemos que as palavras construídas com –mento₁ assumem o gênero gramatical masculino. É visto, então, que o referido sufixo tem o traço [masc]. Tratando-se da subcategorização do afixo –mento₁, outro traço diacrítico a ser considerado aqui, vemos que há unanimidade tanto nos dicionários quanto a partir do modelo teórico adotado e, inclusive, no que foi verificado nas palavras analisadas: o item afixal –mento₁ é subcategorizado como sufixo em português, com o traço identificado como [suf].

- Quanto às restrições particulares:

O aspecto descritivo do modelo construcional nos revela que entre as informações lexicais de base de um item afixal encontramos, também, as suas propriedades contextuais. Considerando a necessidade do registro lexicográfico das informações de base, entendemos que os verbetes de entradas afixais deveriam conter tanto os casos de restrição do uso do referido afixo, quanto as situações em que seu emprego na construção de palavras tem preferência frente a outras OMs do paradigma da mesma regra em que atua.

Nesse sentido, analisamos os verbetes de –mento₁ do NDA e do DEH quanto ao que trazem sobre as propriedades de emprego desse formante, incluindo, na tabela abaixo, as constatações a que temos chegado acerca das restrições particulares do sufixo:

inform. lexicais afixais	NDA	DEH	literatura especializada
			[- [-mentar] _v —]
restrições particulares	-	-	[+ [-ecer] _v —]
			[+ [-cionar] _v —]

Tabela 25 – Restrições particulares de –mento₁ no NDA, no DEH e conforme o modelo construcional

Assim, na seção relativa à fundamentação da análise, pontuamos algumas particularidades contextuais de –mento₁ que retomamos aqui. A única restrição de uso que podemos concluir sobre esse sufixo é a sua inadequação com bases verbais terminadas por –mentar. Já vimos que, nesse caso, a melhor opção é a utilização do sufixo –ção₁. Lembramos que foram encontradas, no corpus analisado, doze casos de –mento₁ com bases terminadas por –izar, o que impede que consideremos aí uma restrição contextual. Por outro lado, –mento₁ tem a preferência diante de bases terminadas por –ecer e por –cionar.

Mesmo que a literatura especializada (seção 2.1.3.2) e o corpus coletado no NDA e no DEH para esta dissertação (seção 4.1.2.5) apontem tais particularidades de $-\text{mento}_1$, vemos, na tabela acima, que os referidos verbetes dos dois dicionários vernaculares consultados nada mencionam sobre as restrições de uso ou sobre as preferências de emprego desse sufixo na construção de palavras.

Tendo já identificado as características próprias dos sufixos nominalizadores $-\text{ção}_1$ e $-\text{mento}_1$ (seção 4.1) e analisado os respectivos verbetes em duas obras lexicográficas do português (seção 4.2), constatamos que muitas informações relevantes e necessárias à identificação dos referidos sufixos não são apresentadas nos registros dicionarísticos ou, como observamos em algumas situações, não são apresentadas de forma completa. É com essa clareza que passaremos, então, à terceira parte desse capítulo, em que apresentaremos nossa proposta de verbete para os sufixos $-\text{ção}_1$ e $-\text{mento}_1$.

4.3 PROPOSIÇÃO DOS VERBETES DE $-\text{ÇÃO}_1$ E DE $-\text{MENTO}_1$

Desde a Introdução, temos anunciado que nosso objetivo, nesta dissertação, é de natureza metalexigráfica: trazer uma contribuição à prática lexicográfica no que concerne ao registro dicionarístico de itens afixais da língua. Para tanto, discorreremos sobre dois sufixos responsáveis pela nominalização em português (Capítulo 1), preocupamo-nos em apresentar a fundamentação teórica sobre o assunto (Capítulo 2), expusemos a metodologia adotada nessa pesquisa (Capítulo 3) e ocupamo-nos com a análise dos verbetes desses sufixos atestados em dois dicionários vernaculares (Capítulo 4). O trabalho desenvolvido até aqui capacitou-nos a apresentar, agora, uma proposição de verbetes de itens afixais, o que é não só o objetivo desta seção 4.3, mas também da própria dissertação.

Trabalhando com o registro lexicográfico de $-\text{ção}$ e de $-\text{mento}$ à luz da Morfologia Construcional, especificamente do seu aspecto descritivo (CORBIN, 1987), considerando o que tem sido defendido por gramáticos e linguistas e ancorando-nos, ainda, na subcategorização das bases e das palavras construídas (BORBA, 1996 e 2003 e CHAFE 1979), apresentaremos, primeiramente, a proposta de verbete de $-\text{ção}_1$ (seção 4.3.1) e, num segundo momento, a proposta de verbete de $-\text{mento}_1$ (seção 4.3.2).

4.3.1 Proposta de verbete de –ção₁

Como informações que caracterizam o sufixo –ção₁ e que devem constar no respectivo registro lexicográfico temos destacado: a marca categorial afixal, a representação fonológica, a referência à RCP₁, os traços diacríticos e as propriedades contextuais de emprego de –ção₁. Além desses dados, temos ressaltado a existência de pelo menos uma forma que lhe é homônima na língua: a terminação –ção₃¹⁵².

Na proposta de verbete de –ção₁ que apresentamos nesta dissertação, sugerimos que a informação quanto à representação fonológica relativa a cada entrada dicionarística seja expressa logo no início do respectivo verbete. Assim, no caso específico do formante tratado aqui, no seu registro lexicográfico deve constar a informação /sãw/.

Visto que um dos traços diacríticos a ser registrado no verbete desse formante é a subcategorização do item afixal como sufixo ([suf]), e considerando a necessidade de economia que é própria das obras dicionarísticas, dada a sua extensão, entendemos como dispensável a redundância de informações no que se refere à marca categorial de –ção₁. É bem verdade que no Componente de Base do léxico consta tratar-se de um afixo, portador, então, da marca categorial [af], mas essa informação é clara ao usuário da língua quando se especifica que –ção₁ é um sufixo. Propomos, assim, que a primeira informação a constar no verbete após sua representação fonológica seja não a sua marca categorial, mas a subcategorização desse item afixal: **[sufixo]**.

Salientamos que a referência à RCP em que atua é informação indispensável à identificação do item afixal. Nesta dissertação, referimo-nos à regra responsável pela nominalização verbal como RCP₁. Entendemos, porém, que nada acrescenta ao usuário da língua a identificação de um número aleatório a uma regra construcional. Sendo assim, convém que a referência à regra a ser apresentada no respectivo verbete seja feita a partir dos elementos que a compõem, ou seja, pelo registro: (a) da RC estabelecida entre o item de base e a palavra construída; (b) da OS que possibilita a atribuição de um sentido à palavra construída; e (c) do paradigma morfológico que contém as OMs associadas à regra.

A relação entre as categorias maiores envolvidas na regra (a da base e a da palavra construída) pode ser referida logo no início do verbete pela simples informação de que o sufixo

¹⁵² Lembremos que não podemos concluir acerca da existência de um sufixo °–ção₂, da RCP₂, responsável pela construção de nomes denominais (N→ N) com sentido de “coleção de N” (seção 4.1.1), por não termos encontrado, no corpus analisado, palavras assim construídas.

“constrói nomes a partir de verbos” ou mesmo pela sinalização da RC como ($V \rightarrow N$), que é de fácil compreensão.

Quanto ao sentido a ser atribuído à palavra construída com $-ção_1$, é importante lembrarmos que a OS da RCP_1 , aplicada de forma predizível a todas as palavras construídas pela regra no Componente Derivacional, é definida como **“ação ou processo de V”** e corresponde ao sentido intrínseco dessas palavras. Conforme constatamos na seção 4.1.2.3, o sentido de “ação de V” ou de “processo de V” é definido a partir da subcategorização do verbo de base. Assim, a palavra construída nomeará uma ação (Naa) se o verbo de origem for um verbo de ação (matriz $Va \rightarrow Naa$) ou se atualizar o aspecto agentivo de um verbo de ação-processo ($Vap \rightarrow Naa$). Por outro lado, a palavra construída nomeará um processo (Nap) se atualizar o sentido processual de um verbo de ação-processo ($Vap \rightarrow Nap$), ou se tiver por base um verbo de processo ($Vp \rightarrow Nap$)¹⁵³.

Vimos ainda que no Componente Convencional, terceiro nível de estratificação do léxico, algumas palavras construídas pela RCP_1 podem sofrer processos de derivação semântica a partir da atuação de regras menores, levando a novas nuances de sentido. As palavras recolhidas no NDA e no DEH para a realização desta pesquisa permitiram-nos o reconhecimento de duas RSMs. A aplicação da RSM_1 leva-nos ao sentido derivado de **“resultado da ação ou do processo de V”**. Novamente salientamos que, dependendo da subcategorização da base e, conseqüentemente, da subcategorização da palavra construída com sentido predizível, no Componente Derivacional do léxico, teremos o sentido convencional de “resultado da ação do V” (matrizes $Va \rightarrow Naa < Nae$ e $Vap \rightarrow Naa < Nae$) ou o sentido convencional de “resultado do processo de V” ($Vap \rightarrow Nap < Nae$, $Vp \rightarrow Nap < Nae$ e $Vap < Vpp \rightarrow Nap < Nae$). A RSM_2 , de sua parte, aponta ao sentido de **“produto, instrumento ou local da ação de V”**¹⁵⁴ a palavras construídas com $-ção_1$ que sofreram operação de concretização, subcategorizadas, então, como nomes concretos (Nc), e representadas pela matriz $Vap \rightarrow Naa < Nc$ ¹⁵⁵.

¹⁵³ Convém lembrarmos que, conforme mencionamos na seção 4.1.2.3, o corpus desta dissertação não nos permite concluir acerca do emprego dos sufixos estudados em casos representados pela matriz de número (5), relativa aos nomes abstratos de estado (Nae) construídos sobre verbos de estado (Ve): $Ve \rightarrow Nae$.

¹⁵⁴ Como foram encontradas apenas cinco palavras com $-ção_1$ possíveis de assumirem o sentido de “produto, instrumento ou local do processo de V” (matriz $Vap \rightarrow Nap < Nc$), representando menos de 1% das palavras recolhidas com $-ção_1$, preferimos não incluir a noção processual na acepção referente à aplicação da RSM_2 .

¹⁵⁵ No corpus desta dissertação, encontramos apenas duas palavras construídas com verbo de ação (Va) e o sufixo $-ção_1$ que sofreram derivação semântica de concretização, representando apenas 0,33% das palavras com $-ção_1$ trabalhadas. Por essa razão, e considerando a necessidade de análise de um número maior de palavras, não incluímos a matriz $Va \rightarrow Naa < Nc$ ao abordarmos a aplicação da RSM_2 .

Salientamos que os sentidos possíveis a serem assumidos pelas palavras construídas com $-ção_1$, tanto o sentido intrínseco (próprio da OS da RCP₁), quanto os sentidos derivados (resultantes da aplicação das RSMs) correspondem, no registro lexicográfico do item afixal, às acepções a serem pontuadas no respectivo verbete. Indiscutivelmente, a primeira acepção a ser apresentada deve ser aquela relativa à OS da regra, seguida, então, das acepções relativas à aplicação das regras menores.

O paradigma morfológico a que pertence o sufixo pode ser apresentado, no verbete, tanto após o registro das acepções de sentido, como antes da enumeração dessas acepções, isto é, imediatamente após a RC, ou mesmo ao final do verbete. Na primeira situação, sugerimos informar-se que **o uso de $-ção_1$ na construção de palavras concorre com o emprego de outros sufixos da língua (como $-mento_1$, $-dura$, $-gem$, $-da$, etc.), além da construção por derivação regressiva**, de forma semelhante ao que é expresso nos verbetes do DEH analisados na seção 4.2. A segunda opção, que depende de esclarecimento prévio na Apresentação da obra lexicográfica, pode ser mais econômica, pontuando-se, entre parênteses, as OMs concorrentes do sufixo em questão, da seguinte forma: **(concorre com $-mento_1$, $-dura$, $-gem$, $-da$, deriv. regr., etc.)**. A terceira possibilidade, ou seja, incluir a informação quanto ao paradigma morfológico da regra somente no final do verbete, parece-nos mais adequada, uma vez que tal dado pode ser entendido como remissão aos formantes concorrentes, os quais deverão constituir-se, eles próprios, em novas entradas atestadas nesse mesmo dicionário¹⁵⁶. Ressaltamos que a escolha por uma ou outra forma de registro do paradigma morfológico da RCP₁ decorre de uma decisão do lexicógrafo.

Com relação aos traços diacríticos de $-ção_1$, lembramos que já abordamos a sua subcategorização no início do respectivo verbete, dado que optamos por substituir o registro da marca categorial [af] pela subcategoria afixal [suf], evitando, assim, a redundância de informações. Cabe-nos agora, então, referir-nos aos demais traços diacríticos identificados como próprios desse formante (seção 4.2.1.2) e que devem constar no seu registro lexicográfico.

Entendemos que também o gênero da palavra construída possa ser apresentado logo no início do verbete, especialmente se a decisão do lexicógrafo for por registros mais sintéticos, sem prejuízo de informações sobre os itens a serem atestados. Nesse caso, e em conformidade

¹⁵⁶ Evidentemente, a derivação regressiva não constitui uma nova entrada no dicionário, pois não é um item constante no inventário lexical do Componente de Base, primeiro nível de estratificação do léxico. Por outro lado, deve ser citada como pertencente ao paradigma morfológico da RCP₁ por tratar-se, de fato, de uma operação de natureza morfológica (OM) muito utilizada na língua, como verificamos na seção 4.1.2.3 (Tabela 09).

com a Apresentação do dicionário, o traço **[fem]**, relativo à construção de palavras de gênero feminino, pode vir imediatamente após a informação quanto à subcategorização do item afixal. Outra opção é apresentar tal dado após as acepções de sentido possíveis de serem atribuídas às palavras construídas com $-ção_1$. Para tanto, é necessário dizer-se claramente que o formante **constrói palavras de gênero feminino**. Numa terceira possibilidade de registro do gênero das palavras com $-ção_1$, propomos que seja incluída a informação “**feminino**” quando é apresentada a RC da regra de atuação desse formante. O registro, assim, traz maior clareza ao consulente do que a simples inclusão do traço entre colchetes, sem prejuízo à necessidade de economia da obra lexicográfica.

A disponibilidade desse sufixo na língua pode ser informada pela representação do traço **[+D]** (ou simplesmente **[D]**) no início do verbete, o que requer uma explicação na Apresentação da obra lexicográfica que garanta a compreensão por parte dos usuários. Outra forma de registro dessa informação, nos moldes do que foi feito no verbete de $-ão$ do DEH, constitui-se na informação, após as acepções das RSMs, de que o sufixo **pode ser amplamente empregado sobre bases verbais**, sem restringir-se sua aplicação às palavras já dicionarizadas.

O verbete de $-ção_1$ deve informar, também, que esse formante traz o traço diacrítico desencadeador de alomorfia na base verbal **[EV+]**, responsável pela elevação da vogal temática da segunda conjugação, em que tais bases têm, então, o respectivo traço passivo **[+EV]** a essa alteração alomórfica. Uma vez que o consulente do dicionário não precisa ser conhecedor da linguagem especializada própria dos fenômenos lingüísticos, sugerimos que o traço referente ao acionamento dessa regra menor seja expresso no verbete de forma mais simples, como, por exemplo: **com verbos de segunda conjugação, em geral constrói palavras terminadas por $-ição$** . Entendemos ser necessário relativizar a informação através da expressão “em geral” pelo fato de que já tem sido presenciada a existência, na língua, de palavras sem elevação vocálica, como *bateção*, atestada no DUP (seção 4.1.2.4), o que é explicado, no verbete de $-eção$ do DEH, como uma “tendência regularizadora” em português (seção 4.2.1.2).

Conforme temos visto ao longo desta dissertação, os verbetes afixais devem conter, também, informações quanto às propriedades particulares de emprego dos respectivos afixos. Assim, o verbete de $-ção_1$ deve informar ao usuário da língua que **este sufixo não é empregado com verbos terminados em $-ecer$ e, por outro lado, é o sufixo mais utilizado com verbos terminados por $-mentar$ e em verbos com o sufixo $-izar$** .

Além das informações que acompanham $-ção_1$ desde o primeiro nível do léxico, seu verbete pode ainda apresentar dados adicionais ao consulente do dicionário. Nesse sentido,

entendemos que seja interessante mencionar, no verbete em questão, a existência de uma **forma homônima na língua, a terminação –ção₃**. Considerando-se que –ção₃, por tratar-se de uma mera terminação de palavras na língua e não de um item afixal, não é inventariado no Componente de Base do léxico, a sua inclusão como entrada lexicográfica é mais uma decisão do lexicógrafo do que uma necessidade da língua.

É certo que outras informações poderão ser incorporadas ao verbete de um item afixal, mas vão além do limite desta dissertação. Do que temos trabalhado até então, chegamos à seguinte proposta do verbete de –ção₁:

–ção₁ /sãw/ Sufixo. Constrói nomes femininos a partir de verbos (V → N) com sentido de: 1. “ação ou processo de V” (N abstrato de ação ou N abstrato de processo): *afiação, demolição, igualação, pipocação*; Sentidos Derivados: 2. “resultado da ação ou do processo de V” (N abstrato de estado): *adoração, empolgação, curtição, duração, irritação*; 3. “produto, instrumento ou local da ação de V” (N concreto): *pichação, forração, arrebenção*. Pode ser amplamente empregado sobre bases verbais, sendo que, com verbos de segunda conjugação, em geral constrói palavras terminadas por –ição: *absolvição, rendição*. Não é empregado com verbos terminados em –ecer; por outro lado, é o sufixo mais utilizado com verbos terminados por –mentar e com verbos com o sufixo –izar: *fragmentação, japonização*. Na construção de palavras, concorre com outros sufixos, como –mento₁, –dura, –gem, –da, etc., e com a nominalização por derivação regressiva. [Forma homônima: terminação –ção₃].

Quadro 30 – Proposta do verbete de –ção₁

Na próxima seção, apresentaremos uma proposta de verbete de –mento₁.

4.3.2 Proposta de verbete de –mento₁

Assim como na seção anterior apresentamos uma proposta de verbete de –ção₁, nosso objetivo nesta seção é propor um verbete para –mento₁. Para isso, pontuaremos as informações que devem constar no registro dicionarístico desse formante, já consideradas anteriormente: a

marca categorial, a representação fonológica, a referência à RCP₁, os traços diacríticos e as particularidades contextuais de –mento₁.

Na proposta de verbete que apresentaremos aqui, seguiremos a ordem das informações a serem veiculadas em conformidade com o que foi proposto na seção anterior. Assim, sugerimos que conste, logo no início do verbete, a informação quanto à representação fonológica de –mento₁ (/mentu/), seguida, então, da informação categorial. Da mesma forma que mencionado anteriormente, propomos que a referência à marca categorial [af] seja substituída pela subcategorização do item afixal como [sufixo], garantindo, assim, maior economia ao registro lexicográfico e, conseqüentemente, à própria obra dicionarística. Outra informação que pode ser expressa imediatamente é a referência ao gênero a ser assumido pela palavra construída, que, no caso de –mento₁, é [masculino].

Como o sufixo em questão participa da mesma RCP₁ de –ção₁, já referida no verbete proposto (seção 4.3.1), não é difícil concluirmos aqui como podem ser expressos cada um dos constituintes da regra: a RC envolvida na construção de palavras, a OS atribuída à nova palavra e as OMs concorrentes, pertencentes ao mesmo paradigma. As constatações a que chegamos a partir da observação das palavras recolhidas no NDA e no DEH (seção 4.2.2.2) devem ser consideradas na referência à regra no verbete de –mento₁.

Assim, é importante que o verbete informe que esse sufixo **constrói nomes deverbais**, sendo apresentada, dessa forma, a RC estabelecida entre base e palavra construída na aplicação da RCP₁ (V → N). Quanto à referência ao paradigma morfológico da regra, ratificamos aqui nossa sugestão de apresentar as OMs que concorrem com –mento₁ ao final do verbete, como remissivas às entradas lexicográficas de cada um dos itens sufixais no mesmo dicionário. Deve constar, então, que –mento₁ **concorre com –ção₁, –dura, –gem, –da, etc. e com a construção por derivação regressiva.**

As acepções a serem apresentadas no verbete de –mento₁ devem estar relacionadas com as nuances de sentido próprias da RCP₁, merecendo destaque o sentido predizível pela aplicação de tal regra no Componente Derivacional do léxico. A primeira acepção a ser apresentada no verbete é, pois, referente à OS que atribui o sentido de “**ação ou processo de V**” às palavras construídas. Como vimos na seção 4.1.2.3, a distinção entre as noções de “ação” e de “processo” depende da subcategorização do verbo de base: a nominalização da ação se dá pela construção da palavra a partir de um verbo de ação ou de ação-processo com atualização agentiva (abrangendo as matrizes Va→Naa e Vap→Naa); a nominalização de um processo, por sua parte, se dá pela construção de um nome abstrato de processo, que pode ter

por base um verbo de ação-processo (em que é atualizada a noção processual) ou um verbo de processo (matrizes $V_{ap} \rightarrow N_{ap}$ e $V_p \rightarrow N_{ap}$, respectivamente).

O verbete de $-\text{mento}_1$ deve trazer, também, os sentidos derivados daquele que é predizível às palavras construídas pela RCP_1 . Temos aí a aplicação de regras menores, no Componente Convencional do léxico, que se traduzem em uma acepção específica com o sentido atualizado pela RSM_1 e uma outra com o sentido da RSM_2 . A segunda acepção do verbete deve apresentar, então, o sentido da RSM_1 , de **“resultado da ação ou do processo de V”**, abrangendo as matrizes $V_a \rightarrow N_{aa} < N_{ae}$ e $V_{ap} \rightarrow N_{aa} < N_{ae}$, para o “resultado da ação”, e $V_{ap} \rightarrow N_{ap} < N_{ae}$, $V_p \rightarrow N_{ap} < N_{ae}$ e $V_{ap} < V_{pp} \rightarrow N_{ap} < N_{ae}$, com sentido de “resultado do processo de V”.

A acepção relativa à aplicação da RSM_2 sobre as palavras construídas com $-\text{mento}_1$ apresentará o sentido de **“produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V”**. Observamos, a partir do conjunto das palavras recolhidas para esta pesquisa, que, neste caso, não é a subcategorização do verbo de origem, mas a subcategorização da palavra construída no Componente Derivacional que responde pela distinção atribuída entre as noções de “ação” (matriz $V_{ap} \rightarrow N_{aa} < N_c$) e de “processo” (matrizes $V_{ap} \rightarrow N_{ap} < N_c$)¹⁵⁷.

Quanto ao registro dos traços diacríticos de $-\text{mento}_1$ e considerando que já mencionamos a subcategorização afixal e o gênero da palavra construída, resta-nos ressaltar a disponibilidade desse formante na língua (traço [+D]). À semelhança do que foi proposto na seção anterior acerca de $-\text{ção}_1$, sugerimos que conste, também no verbete de $-\text{mento}_1$, a informação de que **esse sufixo pode ser amplamente empregado na construção de palavras sobre bases verbais em português**. Ainda no que se refere aos traços diacríticos do item afixal, convém lembrarmos que, assim como $-\text{ção}_1$, o sufixo em questão também tem o traço [EV+] que desencadeia alomorfa nas bases verbais de segunda conjugação, portadoras do respectivo traço passivo [+EV]. Por essa razão, o verbete de $-\text{mento}_1$ deve informar que **com verbos de segunda conjugação, o sufixo constrói palavras terminadas por $-\text{ição}$** .

Resta citarmos, ainda, entre as informações afixais próprias do sufixo em questão e, por essa razão, necessárias ao seu registro lexicográfico, as suas características contextuais, abrangendo aí tanto a restrição ao seu emprego, quanto as situações em que é reconhecida a preferência por esse formante na construção de palavras. Ao consultar o verbete de $-\text{mento}_1$, o

¹⁵⁷ Conforme consta na seção 4.1.2.3, dentre as palavras com $-\text{mento}_1$ recolhidas encontramos apenas duas identificadas como resultantes da operação semântica de concretização sobre o produto da nominalização de verbos de ação (matriz $V_a \rightarrow N_{aa} < N_c$) e nenhum caso de concretização com origem em verbos de processo ($V_p \rightarrow N_{ap} < N_c$). Por essa razão, limitamo-nos aqui ao registro das matrizes relativas aos verbos de ação-processo.

usuário da língua deve ser informado que esse sufixo **não é empregado com verbos terminados por –mentar**, mas ele é **o preferido (o mais usado) na construção de palavras cujas bases são verbos terminados em –ecer e, também, em –cionar**.

Como uma última observação, lembramos que é interessante informar que há **formas homônimas desse sufixo na língua: o sufixo –mento₂ e a terminação –mento₃**. A partir dessas considerações sobre os dados que devem constar no registro de –mento₁, poderemos apresentar, agora, nossa proposta de verbete desse formante:

–mento₁ /mentu/ Sufixo. [masc.] Constrói nomes deverbiais (V → N) com sentido de: 1. “ação ou processo de V” (N abstrato de ação ou de processo): *proferimento, esmagamento, agravamento, bombeamento*; Sentidos Derivados: 2. “resultado da ação ou do processo de V” (N abstrato de estado): *endeusamento, isolamento, relaxamento, desmemoriamiento, afobamento*; 3. “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” (N concreto): *posteamiento, equipamento, alojamento*. É amplamente empregado na construção de palavras sobre bases verbais em português, sendo que, com verbos de segunda conjugação, constrói palavras terminadas por –ição: *rendimento, corrimento*. Não é empregado com verbos terminados em –mentar; por outro lado, é o sufixo mais utilizado com verbos terminados por –ecer e com verbos com –cionar: *esquecimento, acondicionamento*. Na construção de palavras, concorre com outros sufixos, como –ção₁, –dura, –gem, –da, etc., e com a nominalização por derivação regressiva. [Formas homônimas: sufixo –mento₂; terminação –mento₃].

Quadro 31 – Proposição do verbete de –mento₁

Com a proposição dos verbetes de –ção₁ e de –mento₁ alcançamos o objetivo desta seção, fechando assim o Capítulo destinado à análise dos dados. Apresentaremos, a seguir, um breve resumo desse Capítulo.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste Capítulo de análise dos dados da dissertação, ocupamo-nos com a aplicação das propostas teóricas apresentadas no Capítulo 2 sobre os verbetes de –ção e de –mento constantes no NDA e no DEH e, conforme detalhado no Capítulo 3, da Metodologia, sobre as palavras

com esses formantes recolhidas nos dois dicionários vernaculares citados. Nosso objetivo não se limitou à análise dos verbetes: pretendíamos, a partir daí, contribuir com a prática lexicográfica, propondo a construção de novos verbetes para esses sufixos. Para tanto, o presente Capítulo foi dividido em três partes: a fundamentação teórica para a análise; a análise propriamente dita; e a proposição dos verbetes de $-ção_1$ e de $-mento_1$.

Na primeira parte do Capítulo, retomamos as constatações a que chegamos a partir da discussão teórica proposta anteriormente, considerando tanto o posicionamento dos gramáticos e estudiosos da língua sobre $-ção$ e $-mento$, como o aspecto descritivo do modelo construcional e a subcategorização dos verbos e dos nomes apresentada (seção 4.1). Verificamos, então, a aplicação dessas três frentes teóricas sobre as 1.225 palavras recolhidas.

A primeira conclusão a que chegamos foi acerca da existência de segmentos homônimos na língua. Como a equação da regra construcional aponta a uma única RC e uma única OS por regra, ao classificarmos as palavras coletadas a partir de suas bases, identificamos aí duas RCPs diferentes, além de um grupo de palavras não-construídas. Como cada OM pertence a uma só regra, constatamos, então, que há formas homônimas de cada um dos formantes trabalhados: os sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$, que atuam na RCP₁; os sufixos $^o-ção_2$ e $-mento_2$, de uma RCP₂; e as terminações $-ção_3$ e $-mento_3$, que pertencem a palavras não-construídas em português. Desse momento em diante, nossa atenção centrou-se nos dois sufixos que participam do paradigma morfológico da RCP₁, responsável pela nominalização dos verbos da língua. Separamos, então, as 38 palavras recolhidas que não são construídas pela RCP₁ e seguimos trabalhando com 1.197 palavras, das quais 598 trazem $-ção_1$ e 599 trazem $-mento_1$ (seção 4.1.1).

Com o objetivo de fundamentarmos a análise dos verbetes de $-ção_1$ e de $-mento_1$, buscamos na Morfologia Construcional (CORBIN, 1987) as informações que acompanham as entradas afixais desde o primeiro nível de estratificação do léxico e observamos tais características nas palavras do corpus coletado (seção 4.1.2).

Como itens afixais, identificamos que esses dois formantes têm a marca categorial [af] (seção 4.1.2.1), tendo, cada um, a sua respectiva representação fonológica na língua (seção 4.1.2.2). Os dois afixos trazem a referência à RCP₁ (seção 4.1.2.3), cuja RC [V → N] revela que de uma base verbal é construída uma palavra de categoria nominal. A identificação da OS da regra a que $-ção_1$ e $-mento_1$ se associam foi possível a partir da classificação das palavras recolhidas em matrizes subcategoriais, em conformidade com Borba (1996 e 2003) e Chafe (1979). Reconhecemos, então, que a aplicação da RCP₁ leva à atribuição do sentido de “ação

ou processo de V” às palavras construídas, sendo que algumas delas são passíveis de sofrerem processos semânticos derivativos devido à aplicação de regras menores no Componente Convencional do léxico. Vemos que a RSM₁ atribui o sentido de “resultado da ação ou do processo de V” a palavras que assumem a subcategoria de abstratas de estado (Nae) e que, pela RSM₂, as palavras que sofrem a operação de concretização podem assumir o sentido de “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V”. As demais OMs pertencentes ao paradigma morfológico da RCP₁ foram reconhecidas por observarmos as remissões feitas nos verbetes das palavras recolhidas.

Observando os traços diacríticos que caracterizam cada um dos afixos desde o Componente de Base do léxico (seção 4.1.2.4), verificamos que –ção₁ e –mento₁ são subcategorizados como sufixos em português, portadores, então, do traço [suf], estão disponíveis para a construção de novas palavras na língua (com o traço [+D]) e, no que toca à sua participação em regras menores de caráter formal, são portadores do traço ativo [EV+], que leva à alteração alomórfica de elevação vocálica do tema dos verbos de segunda conjugação, que têm o respectivo traço passivo [+EV]. Por outro lado, os dois sufixos distinguem-se claramente quanto ao traço de gênero a ser atribuído às palavras construídas, pois –ção₁ tem o traço [fem] e –mento₁ tem o traço [masc].

Analisamos as palavras do nosso corpus também com relação às particularidades contextuais apresentadas pelos gramáticos e lingüistas, as quais são relevantes na caracterização dos afixos (seção 4.1.2.5). A observação das palavras sufixadas por –ção₁ levou-nos a constatar que, de fato, esse sufixo não é usado com verbos terminados em –ecer, mas não foi possível verificarmos se a sua restrição com verbos em –cionar se confirma. Por outro lado, mesmo que a incidência de palavras com –ção₁ sobre verbos em –mentar e em –izar tenha sido pequena, não podemos negar que há uma preferência por essa OM na nominalização de tais verbos.

Quanto a –mento₁, salientamos que as palavras coletadas com esse sufixo não permitiram maiores reflexões sobre as suas particularidades contextuais, levando-nos a registrar as características apresentadas pelos gramáticos e lingüistas, tanto no que se refere à restrição de uso com verbos em –mentar, como a possível preferência pelo emprego desse sufixo na nominalização de verbos em –ecer e –cionar. Somente com relação a bases verbais em –izar é que podemos concluir pela negação do que encontramos na literatura especializada: a existência de doze palavras em –izamento num universo de 614 palavras com –mento não nos permite concordar com a restrição de –mento₁ com tais verbos.

Cada uma dessas informações afixais descortinadas foi considerada ao analisarmos os verbetes de *-ção* e de *-mento*. Os dados de análise foram apresentados de forma paralela: as informações do NDA, as informações do DEH e, então, as constatações a que chegamos a partir dos aspectos teóricos estudados e do corpus coletado nesses dois dicionários vernaculares (seção 4.2).

A análise dos verbetes de *-ção*₁ (seção 4.2.1) mostrou-nos que tanto o NDA quanto o DEH apontam *-ão* como sufixo, entretanto o modelo teórico de caráter sincrônico leva-nos a reconhecer que *-ção*₁ tem, de fato, estatuto afixal e que se opõe a outros segmentos homônimos na língua (seção 4.2.1.1). Vimos, ainda, que nem todas as informações entendidas como necessárias à identificação afixal constam nos verbetes dos dicionários vernaculares consultados ou são apresentadas com pouca clareza, como no caso da referência às acepções de sentido atualizadas nas palavras construídas (seção 4.2.1.2).

A análise dos verbetes de *-mento*₁ leva-nos a constatações semelhantes (seção 4.2.2). Há segmentos homônimos na língua que não são revelados de forma clara e suficiente nos dicionários consultados: juntando as informações de um e de outro dicionário, temos que enquanto o NDA considera a atualização do sentido próprio de outra regra (outro sufixo), o DEH faz menção à terminação de palavras não-construídas na língua (seção 4.2.2.1). Também no que diz respeito à regra em que *-mento*₁ atua precisamos juntar os dados apresentados por esses dois dicionários: o NDA apresenta informações relativas ao sentido atribuído às palavras construídas com esse sufixo, mas não cita nenhuma OM do mesmo paradigma; por outro lado, o DEH silencia quanto ao aspecto semântico envolvido, mas menciona outros sufixos como concorrentes. Verificamos, também, que as características contextuais e a representação fonológica não são consideradas nos verbetes analisados (seção 4.2.2.2).

Reconhecidas as informações necessárias à identificação dos itens afixais e cientes de que elas deveriam constar no registro lexicográfico dos respectivos afixos, apresentamos, na terceira parte do Capítulo, a proposição dos verbetes dos sufixos que foram trabalhados ao longo da dissertação (seção 4.3). Ao propormos o registro de *-ção*₁ (seção 4.3.1), consideramos cada um dos itens discutidos procurando dar-lhes um ordenamento e expressando-os de forma mais coloquial, a fim de facilitar a compreensão por parte dos consulentes. Entre as sugestões propostas, que dependem da decisão do lexicógrafo, chamamos atenção a três situações: (a) preferimos substituir a informação da marca categorial pela subcategorização afixal, a fim de evitar redundância no registro; (b) enumeramos o sentido intrínseco associado à RCP₁ e as nuances de sentido decorrentes da aplicação de RSMs como as acepções do verbe, ainda que

digam respeito ao sentido a ser atribuído às palavras construídas com o referido sufixo; e (c) listamos as OMs do paradigma morfológico da RCP₁ ao final do verbete, reconhecendo-as como remissivas a outras entradas no mesmo dicionário.

No verbete de *-mento*₁ que propomos (seção 4.3.2), seguimos as mesmas decisões já mencionadas. Entre as diferenças quanto aos dados apresentados, além da representação fonológica, dos traços diacríticos e das particularidades contextuais do sufixo, salientamos que a terceira acepção citada, relativa à concretização dos nomes por RSM, tem agora a possibilidade de ser atribuída também a bases verbais que denotam processo (no caso de *-ção*₁, a concretização só foi verificada com verbos de ação).

Ao apresentarmos, no final do Capítulo, as propostas de verbetes de *-ção*₁ e de *-mento*₁, entendemos, assim, termos alcançado o objetivo metalexigráfico desta dissertação: trazer uma contribuição ao registro lexicográfico relativo aos itens afíxais da língua. Passemos, então, às considerações finais desta dissertação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior deste trabalho de investigação, anunciado já no primeiro Capítulo, é trazer uma contribuição ao fazer lexicográfico, de forma especial, no que se refere ao registro dos afixos. É revelado aí o caráter metalexigráfico assumido na presente dissertação. A metalexigrafia é entendida aqui como o aspecto reflexivo e crítico da prática lexicográfica e do produto dessa prática, o dicionário. Defendemos uma metalexigrafia construtiva, voltada ao aprimoramento da obra dicionarística. A teoria e a prática aproximam-se, descortinando a necessidade de fundamentação teórica que sustente as decisões a serem tomadas pelo lexicógrafo e, por outro lado, remetendo a possibilidades de solução a eventuais problemas ou inadequações encontradas no seu objeto.

De fato, a necessidade de embasamento teórico à prática lexicográfica ecoou em cada capítulo e seção do nosso trabalho: desde a identificação do lugar da metalexigrafia nas ciências do léxico à observação dos verbetes afixais (Capítulo 1); da discussão teórica à recolha e análise dos dados (Capítulos 2, 3 e 4); da formulação de hipóteses até a proposição de alternativas de solução (Introdução e Capítulo 4).

Ao trabalharmos com itens afixais, focalizamos nosso estudo nos sufixos *-ção* e *-mento*, tomando-os enquanto nominalizadores do conteúdo verbal (Capítulo 2, seção 2.1.1). Sendo semanticamente próximos, esses formantes tanto são reconhecidos como concorrentes, como possibilitam a construção de palavras identificadas como “formas duplas” na língua. Dedicando-nos à observação do registro dicionarístico de *-ção* e de *-mento*, vimos que é justamente devido à fundamentação lingüística que os afixos não são apresentados como entradas lexicográficas nos dicionários teóricos (Capítulo 1, seção 1.3.1). De outra parte,

problemas relacionados às entradas afixais nos dicionários vernaculares remetem à carência de sustentação teórica verificada (Capítulo 1, seção 1.3.2).

Já num primeiro momento em que consideramos os verbetes de *-ção* e de *-mento*, percebemos lacunas relativas à identificação e à definição desses dois sufixos e insuficiência de critérios no que toca a algumas informações apresentadas. A título de ilustração, lembramos aqui que o DEH não traz acepções de sentido nos verbetes afixais consultados (seção 1.3.2.2), enquanto que o NDA menciona *-ição* como forma equivalente de *-ção*, mas não cita *-ação*, por exemplo, que também revela a vogal do tema verbal (seção 1.3.2.1).

Verificamos, então, que para darmos seguimento à pesquisa e podermos trazer alguma contribuição aos estudos lingüísticos, deveríamos partir da discussão teórica sobre os dois formantes (Capítulo 2). As constatações a que chegamos no desenvolvimento do trabalho e as considerações que trazemos aqui somente se tornaram possíveis porque foram fundadas em três aportes teóricos específicos: a posição dos gramáticos e lingüistas sobre *-ção* e sobre *-mento* (seção 2.1); o aspecto descritivo da Morfologia Construcional (seção 2.2); e a classificação semântico-categorial dos verbos e dos nomes (seção 2.3).

A essas propostas teóricas juntamos a observação e a análise de um conjunto de palavras terminadas por *-ção* e por *-mento*, atestadas nos dois dicionários vernaculares citados. Priorizamos, neste caso, as formas duplas na língua, em que encontramos tais segmentos com as mesmas bases aparentes (Capítulo 3). É bem verdade que tais palavras são apenas parte de um conjunto aberto que constitui o léxico atual, até porque não podemos desconsiderar que há um incontável número de palavras possíveis que, embora não-atestadas, podem ser empregadas pelos usuários da língua, tendo forma e sentido previsíveis em função da regra de construção (Capítulo 2, seção 2.2.2).

Das três frentes teóricas adotadas, convém destacarmos a especial contribuição que a Morfologia Construcional trouxe à presente pesquisa, pois tornou-se base de aspectos importantes no conhecimento dos itens afixais, como sua identidade, sua definição e suas propriedades. No que diz respeito ao registro lexicográfico, o modelo fundamenta decisões a serem tomadas tanto com relação à identificação das entradas quanto ao conteúdo dos verbetes.

Quanto à definição das entradas lexicográficas, pelo menos duas conclusões podem ser depreendidas da proposta teórica apresentada: a identificação de *-ção* como um sufixo na língua, dado o caráter sincrônico da Morfologia Construcional; e o reconhecimento das formas homônimas *-ção*₁, um possível ^o*-ção*₂ e *-ção*₃ e, semelhantemente, *-mento*₁, *-mento*₂ e –

mento₃, a partir da noção de homonímia. Cada um dos sufixos homônimos merece ser apresentado como entrada independente no dicionário, pois são “itens lexicais afixais”, ou seja, são inventariados no primeiro nível de estratificação do Componente Lexical da língua. Como os segmentos que são meras terminações não são repertoriados no Componente de Base do léxico, a sua inclusão como entrada lexicográfica fica a critério do lexicógrafo, em conformidade com a Apresentação do dicionário.

No que toca ao conteúdo dos verbetes afixais, a proposta construcional responde a alguns questionamentos lançados ainda na Introdução desta dissertação. Se partimos da hipótese da existência de informações de caráter específico dos elementos afixais, e de que há traços formais e/ou semânticos responsáveis pela caracterização dos sufixos, vemos que a teoria adotada confirma tais hipóteses. São reconhecidas “informações lexicais afixais”, que acompanham o respectivo afixo desde o Componente de Base do léxico e que, por essa razão, devem ser apresentadas no registro lexicográfico do item afixal. São informações afixais: a marca categorial, a representação fonológica, a referência à regra a que participa, traços diacríticos e propriedades contextuais que regem o emprego do afixo.

No início da dissertação, questionamos se os aspectos que identificam os sufixos estudados encontram-se nas bases ou nos próprios afixos. A Morfologia Construcional revela-nos que nem todos os traços de caracterização dos afixos (ao que nos interessa aqui, dos sufixos) são informados pelos próprios elementos afixais. Por exemplo, o “sentido” não é uma característica própria dos itens afixais: os afixos atualizam um sentido nas palavras por eles construídas porque trazem em si a referência à regra em que atuam. A regra, sim, é que traz uma OS específica e que constrói o sentido da nova palavra incluindo o sentido da base a ser empregada.

A base assume, então, papel relevante na construção de palavras e não pode deixar de ser considerada no estudo dos afixos. A importância das bases pode ser vista também na terceira perspectiva teórica abordada na presente dissertação: a subcategorização dos verbos e dos nomes. Temos aí, respectivamente, a subcategorização das bases e a subcategorização das palavras construídas. As matrizes formuladas para fundamentar a análise dos dados revelam que a classificação semântico-categorial das novas palavras está associada à classificação da sua respectiva base. Em razão disso, vemos que a base desempenha importante papel na atribuição do sentido intrínseco à palavra construída, pois, como já foi mencionado, ela sempre está presente na composição da OS de uma RCP. Assim, a RCP₁, que tem –ção₁ e –mento₁ no seu paradigma morfológico, tem como OS única que as palavras construídas por essa regra

assumem o sentido de “ação ou processo de V”, em que a opção pela atualização do sentido de “ação” ou do sentido de “processo” depende, não do sufixo, mas da subcategoria do verbo de base.

Ainda que não tenhamos aprofundado estudo acerca da aplicação de Regras Menores de cunho formal (Alomorfia e Truncamento), também aí a atuação dos itens afixais portadores de traços diacríticos específicos está associada à existência dos respectivos traços nos elementos de base. A partir do corpus recolhido no NDA e no DEH, reconhecemos que tanto $-ção_1$ quanto $-mento_1$ são portadores de traço ativo, desencadeador de elevação vocálica em bases verbais de segunda conjugação, portadoras do respectivo traço passivo. Em bases sem o traço passivo para regra menor, a alteração alomórfica não se aplica na palavra construída.

Convém salientarmos, ainda, que a relevância do estudo das bases é verificada, também, na possibilidade de atualização de um sentido convencional à palavra construída, derivado daquele sentido que lhe é predizível pela OS da regra. O sentido convencional da nova palavra decorre de processos semânticos derivativos dados pela aplicação de regras menores de natureza semântica. No desenvolvimento da nossa pesquisa, identificamos duas RSMs que podem ser aplicadas no Componente Convencional do léxico sobre palavras construídas pela RCP_1 no Componente Derivacional. A RSM_1 atualiza o sentido de “resultado da ação ou do processo de V” a partir da operação de um processo semântico derivativo resultativo que transforma um nome abstrato de ação e/ou de processo em um nome abstrato de estado. A RSM_2 , de sua parte, atualiza o sentido de “produto, instrumento ou local da ação (ou do processo) de V” devido à concretização de um nome abstrato construído pela RCP_1 .

No caso de RSM o afixo não tem atuação direta na atribuição do sentido convencional (derivado) da palavra construída, mas é importante que no verbete do item afixal sejam apresentadas todas as nuances de sentido que possam ser atualizadas nas palavras construídas com o respectivo afixo, tanto o sentido predizível como os eventuais sentidos derivados. Por essa razão, ao apresentarmos nossa proposição de verbetes sufixais de $-ção_1$ e de $-mento_1$, incluímos as três acepções de sentido mencionadas acima, ressaltando que são atribuídas à palavra construída.

Destacamos, ainda, que os dados dessa dissertação revelaram diferenças entre os dois sufixos estudados quanto ao sentido que pode ser atualizado pela RSM_2 . Uma vez que não chegou a 1% o número de palavras com $-ção_1$ que assumiram o sentido de “produto, instrumento ou local do processo de V”, entendemos que para a inclusão desse sentido derivado no verbete do sufixo seria necessário um estudo mais aprofundado da questão, com

um corpus maior. Assim, a terceira acepção de sentido do referido verbete diz respeito à derivação semântica de concretização aplicada unicamente a nomes de ação, ou seja, “produto, instrumento ou local da ação de V”. Tal restrição não se faz necessária no verbete de $-\text{mento}_1$.

Vemos aí que os sufixos concorrentes $-\text{ção}_1$ e $-\text{mento}_1$ diferem quanto às nuances de sentido que atualizam nas palavras construídas. Uma outra distinção entre esses dois sufixos pode ser depreendida da observação comparativa entre o número de ocorrências das subcategorias dos nomes construídos com um e com outro sufixo: enquanto 52,07% dos 868 nomes de ação construídos pela RCP₁ (452 palavras) têm o sufixo $-\text{ção}_1$, com o sufixo $-\text{mento}_1$ temos 47,93% nomes de ação (416 palavras). Por outro lado, são 44,14% dos 324 nomes de processo que são construídos com o sufixo $-\text{ção}_1$ (143 palavras), para 55,86% (181 palavras) construídos com $-\text{mento}_1$. Os percentuais revelam que a maior parte dos nomes de ação são construídos por $-\text{ção}_1$, enquanto que a maior parte dos nomes de processo são construídos por $-\text{mento}_1$. Tais dados parecem sugerir uma tendência de o sufixo $-\text{mento}_1$ ter um caráter mais processual do que o seu concorrente $-\text{ção}_1$. Entretanto, qualquer consideração neste sentido requer um estudo mais detalhado, com um corpus maior, apontando, assim, à necessidade de pesquisa futura a partir de tal hipótese.

Fato é que tivemos condições de alcançar o que nos propomos aqui, uma vez que apresentamos, na terceira parte do Capítulo de análise dos dados, propostas de verbetes dos dois sufixos estudados: $-\text{ção}_1$ e $-\text{mento}_1$. Esses verbetes contemplam as informações reconhecidas como suficientes e necessárias à identificação e à definição dos sufixos, abrangendo também as particularidades contextuais de cada um, referidas pelos estudiosos da língua. Esperamos ter deixado nossa contribuição à metalexigrafia e, igualmente, ao registro lexicográfico desejável para esses itens afíxais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculas**. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: LCTE Livraria Ciência e Tecnologia Editora Ltda, 1994.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro et alii. **Manual de Lingüística**. São Paulo: Global Editora, 1986. 2ª ed. p. 81-125.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENOIT, Emilie & LERAY, Cédric. **Le DECFC et le DiCo: des formalismes de la théorie Sens-texte**, 2001 Disponível em: <http://www.u-grenoble3.fr/idl/cursus/enseignants/tutin/DEC.htm>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & KRIEGER, Maria da Graça, org. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, pp. 185-200.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura lingüística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CORBIN, Danielle. **Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique**. Tubinga: Max Niemeyer Verlag, 1987.

_____. **Entre les mots possibles et les mots existants**: les unités lexicales à faible probabilité d'actualisation. In: CORBIN, Danielle, Bernard FRADIN, Benoît HABERT, Françoise KERLEROUX & Marc PLÉNAT (eds.), 1997, pp.79-89.

CORREIA, Margarita. **Denominação e construção de palavras**: o caso dos nomes de qualidade em português. Lisboa: Colibri, 2004.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, (1982) 1999. 2ª edição.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jean et.alii. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. La lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, Antonia María Medina (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**, versão 5.0, edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo Informática Ltda, 2004.

HERNÁNDEZ, M. Chantal Pérez. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. **Estudios de Lingüística Española (ELiEs)**. v. 18, 2002. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies18/cap33.html>

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, versão 1.0.7, Editora Objetiva Ltda, setembro de 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o lingüístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & KRIEGER, Maria da Graça, org. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, pp. 327-339.

LARA, Luís Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & KRIEGER, Maria da Graça, org. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, pp. 133-152.

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & KRIEGER, Maria da Graça (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, p. 19-30.

MARTÍNEZ, Silvia Montero. Estructuración conceptual y formalización terminográfica de frasemas en el subdominio de la oncología. . **Estudios de Lingüística Española (ELiEs)**. v. 19, 2003. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies19/cap13.htm>

MEL'ČUK, Igor Aleksandrovic et al. **Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain. Recherches lexico-sémantiques**, vol. I, II, III, IV. Montreal: Les Presses de l'Université de Montreal, 1984, 1988, 1992, 1999.

_____. **Vers une linguistique sens-texte**. Leçon inaugurale. Paris. Collège de France. Chaire internationale, 1997. Disponível em: <http://www.ling.unmontreal.ca/olst/Fr/DECFC.html>

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.

NIKLAS-SALMINEN, Aïno. **La lexicologie**. Paris: Armand Colin Éditeurs, 1997.

QUESADA, Mercedes García. Estructura definicional terminográfica en el subdominio de la oncología clínica. **Estudios de Lingüística Española (ELiEs)**. v. 14, 2001. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies14.cap141.htm>

RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Porto: Porto Editora, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas Morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

ANEXOS

ANEXO A – Verbetes relativos a –ção e a –mento (no NDA e no DEH)

ANEXO B – Palavras com –ção recolhidas no NDA e no DEH

ANEXO C – Palavras com –mento recolhidas no NDA e no DEH

ANEXO A –VERBETES RELATIVOS A –ÇÃO E A –MENTO

Novo Dicionário Aurélio (2004, versão 5.0) e Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2004, versão 1.0.7)

1. No Novo Dicionário Aurélio (2004, versão 5.0):

-ão3 [Do lat. *-io#ne* (do acus. do lat. *-io, o#nis*).] Sufixo nominal 1. = ‘ação’ ou ‘resultado da ação’: *arranhão, puxão*. [Equiv.: *-ção, -ição, -(s)são*: *nomeação* (< lat.); *absolvição; extensão* (< lat.), *agressão* (< lat.).]

-ção [Do lat. *-tione* (do acus. do lat. *-tio, Dnis* < *-t-*, do part. pass., ou supino, + lat. *-io, Dnis*.)] 1. V. *-ão*³.

-ição [De *-i-* + *-ção*.] 1. V. *-ão*³.

-imento 1.Equiv. de *-mento*.

-mento [Do lat. *-mBntum, i*.] Sufixo nominal 1.= ‘ação ou resultado da ação’; ‘coleção’: *ferimento; fardamento*. [Equiv.: *-imento*: *aparecimento, corrimento, crescimento*.]

-(s)são [Do lat. *-(s)sione*.] 1. V. *-ão*³.

2. No Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2004, versão 1.0.7)

-ação ■ elemento de composição pospositivo, composto da vogal -a- temática da 1ª conj. + -ção, por sua vez oriundo do -t- do rad. do supn. dos v. da 1ª conj. (*amatum, cantatum, datum, placatum*), seguido do suf. lat. *-io, -ionis*, formador de subst. verbais de ação provindos do rad. do supn., extremamente fecundo em lat.cl. e continuando-o no lat.vulg. sob a f. *-ione(m)*, que dá o port.arc. -om, mod. -ão, no caso vertente -çom > -ção; em princípio, qualquer v. port. da 1ª conj. tem um subst. nessas condições, mesmo que para uso *ad hoc* por parte do decisor, mas quase sistematicamente aceito pelo ouvinte ou legente; seria, assim, ocioso dar exemplificação com os mais de dez mil v. da 1ª conj.; impõe-se, porém, levar em conta que o subst. corrente pode ser outro, com outro suf. de igual fim (*casamento* em face de *casação*, *passamento* em face de *passação*, *beliscadela* em face de *beliscação*, além de coexistências semanticamente distintas, como *chupação:chupadela:chupamento* etc.); ver -ão (1)

-ão ■ terminação segundo os padrões são ('sadio') < lat. *sanu-*, *can (cam, cã)* ('canino') < lat. *cane-* e *leçon (leçom)* < lat. *lectione-*, tornados todos *são/cão/lição*, enquanto seus pl. basicamente se mantiveram - *sãos* < lat. *sanos*, *cães* < lat. *canes* e *leções/lições* < lat. *lectiones*; até antes do sXVI, havia em port. term. outras, que convergiram foneticamente para -ão no curso desse século; na atualidade, as pal. em -ão podem ser grupadas em cinco classes: **1)** -ão *substantivo verbal* trata-se de subst. femininos abstratos, com a só fl. de pl., de rad. verbais, na quase totalidade do supn.; oriundos de *-io, -ionis* clássico, lat.vulg. - *ione-* > -om (-on, -õ), pl. -iones > -ões, no curso do sXVI o sing. converge foneticamente para a term. geral nasal nominal -ão, mantendo a fl. de pl. original -ões: ocorre com a term. -ção, a rigor formada do -t- final do supn. + o suf. -ione-, que evolui para -çom/-ções > -ção/-ções; essa evolução faz com que, nos v. da nossa 1ª conj. (quase todos provindos da 1ª conj. lat.), o rad. do supn. se confunda com o rad. verb. geral (pois se trata, na imensa maioria dos casos, de v. regulares), daí depreendendo-se que, por princípio, qualquer v. da 1ª conj., no tema (isto é, seu rad. geral + a vogal temática -a-), gere seu subst. verb. (isto é, de ação, de abstração da ação) com -ção; o princípio só não é realmente de todos os v., porque a form. de subst. verbais sofre a influência de vários outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim (como -mento, -ura, -gem etc., além da der. regressiva e da presença de -ão como suf. agente e paciente ou instrumental, ver [3]; daí, a existência potencial ou virtual de um sem-número de subst. verbais (de quaisquer conj.) não dicionarizados, mas cujo valor de intercurso *ad hoc* é conspícuo entre falante e ouvinte nas situações verbais (orais ou escritas) pertinentes; eis um exemplário (em que se omite o suf.): (1ª conj.) *abalroa-*, *abana-*, *abdica-*, *abespinha-*, *abjura-*, *abranda-*, *abriga-*, *abrilhanta-*, *acalenta-*, *acarea-*, *aceita-*, *aclima-*, *aclimata-*, *açoita-/açouta-*, *açula-*, *aderna-*, *adestra-*, *adia-*, *administra-*, *admira-*, *adorna-*, *afivela-*, *afoba-*, *afunila-*, *agarra-*, *agrega-*, *ajeita-*, *ajuiza-*, *alicerça-*, *aligeira-*, *alterca-*, *alucina-*, *alveja-*, *ama-*, *amansa-*, *amarga-*, *ameiga-*, *amiga-*, *amolda-*, *apalavra-*, *aparelha-*, *aparta-*, *aplaca-*, *arenga-*, *arma-*, *arquiteta-*, *arranha-*, *arriba-*, *atesta-*, *atiça-*, *ativa-*, *atocha-*, *atraca-*, *atrassa-*, *beija-*, *belisca-*, *cala-*, *calibra-*, *canta-*, *capa-*, *capacita-*, *capta-*, *carimba-*, *cassa-*, *castra-*, *ceifa-*, *celebra-*, *centra-*, *cessa-*, *compensa-*, *concatena-*, *condensa-*, *confina-*, *congraga-*, *consola-*, *consolida-*, *contempla-*, *contrasta-*, *conversa-*, *crema-*, *croma-*, *dança-*, *decepa-*, *decifra-*, *deforma-*, *defrauda-*, *defronta-*, *demarca-*, *depaupera-*, *depreca-*, *descasca-*, *desdoira-/desdoura-*, *deserda-*, *desintegra-*, *despenca-*, *diagrama-*, *diferencia-*, *dobra-*, *eleva-*, *embeleza-*, *embrenha-*, *emperra-*, *encena-*, *enclaustra-*, *encrespa-*, *enfeixa-*, *enferma-*, *enfrenta-*, *engarfa-*, *engendra-*, *enseba-*, *entronca-*, *enxuga-*, *equaciona-*, *equivoca-*, *escoima-*, *espatifa-*, *exacerba-*, *execra-*, *ficha-*, *filtra-*, *firma-*, *fixa-*, *formiga-*, *gaba-*, *grasna-*, *idolatra-*, *impregna-*, *improvisa-*, *indexa-*, *infecta-*, *instaura-*, *intercepta-*, *jibóia-*, *lacta-*, *ladrilha-*, *luta-*, *mama-*,

manja-, marca-, marcha-, materializa-, mescla-, obriga-, observa-, obsta-, oscila-, palpa-, perpetra-, plissa-, prepara-, queima-, rasga-, recicla-, reina-, relaxa-, retesa-, salta-, sangra-, sonda-, sussurra-, transmigra-, unta-, veda-, verga-, vibra-, zarpa-; (2ª conj.) *absolvi-, mordi-;* (3ª conj.) *abri-, adi-, argüi-, carpi-, contribui-, degluti-, ebuli-, entupi-, fundi-, guarni-, inquiri-, medi-, muni-, parti-, preteri-, proferi-, proibi-, repeti-, zurzi-* etc.; o fato é que suf. tornado formador de subst. de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do v. originador, -ção apresenta-se precedido das vogais temáticas -a-, -e-, -i- (da 1ª, 2ª e 3ª conj., respectivamente), bem como das vogais -o- e -u-; destarte, remete-se para -ação, -eção, -ição, -oção e -ução; **2) -ão nominal** trata-se de subst. e/ou adj. quase todos provindos do suf. masc. lat. -anu- > -ão, fem. -ana- > -ã, pl. masc. -anos/-anus > -ãos, pl. fem. -anas > -ãs; esse estado de coisas, regular, foi cedo, nesta área nominal, tumultuado pela convergência fonética de nomes provindos do lat. masc. e fem. -ane- > -ã, pl. -anes > -ães, e do lat. masc. e fem. -one- > -õ, pl. -ones > -ões (-ã e -õ tornados, quando masc., -ão, no curso do sXVI), bem como de fem. em -ona > -õa > -oa (*bona-* > *bõa* > *boa*), fem. em -ona, esse que, por força da expressividade nasal desta constelação de suf. conexos, se manteve tb. em -ona mesmo; destarte, enquanto -ão *subst. verbal* (ver [1] tem como características: **a)** ser de subst. femininos exclusivamente, **b)** ter plural sistemático em -ões e **c)** ser sempre de rad. verbais (quase sempre do supn. ou do part.pas.); o -ão *nominal* tem como características: **a)** ser oriundo de nomes, isto é, de substantivos, ou adjetivos, ou subst. e/ou adj., **b)** ter fl. fem. em -ã ou -oa ou -ona, ou as três ou duas dessas f., **c)** ter pl. masc. em -ãos, -ães ou -ões (ou os três ou dois deles) e fem. em -ãs, -oas ou -onas (ou os três ou dois deles) e **d)** apresentar uma rica matização de funções semânticas ou categoriais (aumentativos dimensivos, afetivos, subst. instrumentais de ação etc.); duas dessas diversas funções estão tratadas à parte, por sua extensão ou especificidade, em -ão *aumentativo* (ver [5] e -ão *nominal verbal* (ver [3]; **3) -ão nominal verbal** convém a leitura prévia de -ão *nominal*, que dá as razões deste; trata-se, neste, de nomes masc. em -ão, flexionáveis em gênero (-ã, -oa, -ona) e número (masc. -ãos, -ães, -ões, fem. -ãs, -oas, -onas): **a)** nomes adj. e/ou subst. de orig. gentílica ou locativa: *aldeão, baião, beirão, braganção, bretão, capelão, catalão, castelão, cidadão, comarcão, cortesão, ermitão, frisão, gascão, lapão, letão, parmesão, patagão, valão, vilão, romão, ruão;* **b)** nomes adj. e/ou subst. de orig. verb. com valor agente: *babão, bailão, cavão, cevão, choutão, chupão, corrão, escrivão, fujão, fungão, furão, ganhão, gingão, intrujão, lambuzão, logrão, mandão, mandrião, matão, meão, mijão, pagão 'pagante', papão, paparrotão, parlapatão, pedinchão, pidão, poupão, ralhão, rascão, rebelão, rebordão, regatão, relinchão, relvão, remanchão, remendão, repontão, resmungão, respingão, respondão, retardão, retoricão, revendão, rezingão, saltão, tombão, trinchão, tropeção, trotão, turrão, zangão;* **c)** nomes adj. e/ou subst. de orig. não verb., como se verb., com valor agente, como os anteriores: *chambão, cirurgião, guardião, lambão, mofatrão, risão, sabichão, uchão, ximão;* **d)** nomes de orig. verb. como resultado ou objeto de ação (por isso mesmo sem fl. de gênero): *abanão, abusão, adulão, aguilhão, aleijão, apalpão, apertão, arrastão, arremessão, arrepelão, arrojoão, beliscão, besuntão, bicão, borbotão, bulhão, burlão, carregão, catucão, chorrão, chupão, cotovelão, cutucão, desgarrão, empurrão, empuxão, encontrão, encostão, esbarrão, escaldão, escorregão, esgarrão, espetão, esticão, estirão, estorcegão, farfalhão, fartão, forção, formão, galopão, golpeão, gorgolão, machucão, mergulhão, mexicão, papão, pegão, pifão, pingão, pinicão, pissão, puxão, rasgão, raspão, remelão, repelão, repuxão, requentão, respigão, revirão, sacão, socavão, sofrenão, talhão, tirão, travão, tropeção, tropicão, varejão;* **e)** nomes de orig. não verb., como se verb., de resultado de ação (quase todos sem fl. de fem.): *morsegão, pintão, redomão, saculão, safanão, sotrancão, temporão, torcilhão;* **f)** nomes de instrumentos (sem fl. de fem., por conseguinte), com orig. verb. ou sem ela: *boticão, picão, pilão, pisão, podão, rescão, rocedão, segão, sementão;* **g)** nomes conexos com números: *milhão/milião, bilhão/bilião, trilhão/trilião, quatrilhão/quatrilião, quintilhão/ quintilião, sextilhão/sextilião, se(p)tilhão/se(p)tilião, octilhão/octilião, nonilhão/nonilião, decilhão/decilião, undecilhão/undecilião, dodecilhão/dodecilião, tredecilhão/tredecilião, quatuordecilhão/quatuordecilião, quindecilhão/quindecilião, sedecilhão/sedecilião, septendecilhão/septendecilião, octodecilhão/octodecilião, novendecilhão*

novendecilhão, vigintilhão/vigintilião, trigintilhão/trigintilião, quadringintilhão/quadringintilião, quingentilhão/ quingentilião, sexgentilhão/ sexgentilião, septingentilhão/septingentilião, octingentilhão/ octingentilião, noningentilhão/noningentilião (só com pl. em -ões); *cinquentão, vintão, trintão, quarentão, sessentão, setentão, oitentão, noventão, centão* (com fl. de fem. -ona e de pl. -ões e -onas); *oitavão, quadrão, quadrarão, quartão, quarterão* (todos com fl. de gênero e número); *duzentão, trezentão, quatrocentão, quinhentão, seiscentão, setecentão, oitocentão, novecentão* (com fl. de gênero e número) etc.; **h**) nomes de ventos: *aguilhão, aquilhão, furacão, monção, soão, suão, sulão* (em que certa noção de aumentativo - sem grau normal - é perceptível); **4**) *-ão empréstimo* há um número apreciável de pal. que provindas por emprt. de várias línguas, das orig. do port. até a atualidade, assumem, por convergência fonética, a term. -ão; em função de suas orig., grupam-se as principais a seguir: **a**) de orig. lat., gr. ou greco-latina (lat.cien.): *abegão, alcião, aleijão, anão, anficião, anfitrião, antão, antemão, arção, artemão, avejão, barão, barrão, basilicão, bastão, bisão, bordão, botrião, bubão, camarão, cachão, camaleão/cameleão, campeão, canção, cantochão, cão, capão, carvão, centurião, chão, colofão, comichão, cronicão, crotão, decurião, diapasão, diaquilão, dragão, engonatório, então, escorpião, escansão, esturjão, faisão, falcão, feijão, flegmão, fleimão, freimão, furão, glutão, grão, histrião, hortelão, irmão, ladrão, lobecão/lobicão, ludião, magdaleão, malsão, manchão, mansão, mão, meão, mexilhão, mijicão/mijacão, não, odeão, oitão/outão, opinião, padrão, paixão, pão, patrão, pavão, peão, pregão, pulmão, quão, quinhão, quitão, rebelião, rechão, salmão, sarampão, serão, sermão, talião, tão, tavão, telamão, tendão, timão, timpanão, titão, tritão, trovão, turião, verão, vão, varão; b) de orig. ár. ou através do ár.: *açafrão, alazão, alcatrão, alcorão, algodão, almeirão, cordovão, islão, lazão, limão, marrão, monção, natrão, rabadão, ramadão, saguão/xaguão, soldão/sultão, sulimão/solimão, surrão, tufão, turgimão/trugimão, zarcão, zircão; c) de orig. esp.: *ademão, alão, balandrão, caimão, calão* (cigano), *chilindrão, chimarrão, churrião, cinchão, eslabão, fanfarrão, faralhão, frontão, furacão, galardão, garrão, guapetão, guardião, limalão, mancarrão, maracotão, marrão, mirão, morrião, munhão, peão, pendão, persevão, porrão, rabcão, refilão, rincão, rinhão, salpicão; d) de orig. fr.: *acordeão, ancião, armão, arpão, avião, balão, balção/balsão* (provç.), *baldão, barbilhão, betão, biberão, bilhão/bilião, bordão, botão, brandão* (cat.), *brasão, bujão, cabochão, caminhão/camião, cantão, capão, carrilhão, cotão, cotilhão, edredão, embrião, escantilhão, espião, fabordão, filão, furgão, galão, garanção, garção, gazão, girão, gonfalo, gorgorão, guião, guidão, jargão, lornhão, maçã, mamelão, natrão, orfeão, panteão, papuleão, pavilhão, pelotão, percherão, pistão, plantão, plastrão, refrão, rifão, rigodão, roldão, rondão, rufião, terciário, tordião, tostão, truão, vagão, vibrão; e) de orig. it.: *artesão, balcão, bastião, batalhão, bufão, canhão* (tb. em esp.), *capitão, castão, charlatão, copião, ducatório, festão, florão, gabão, gabião, lampião, maçapão, macarrão, melão, modilhão, paragão, poltrão, postilhão, tacão; f) de orig. tupi: *barbatimão, canjirão/ canjerão, capão, caperão, curumatão, jacatirão, manduricão, mapão, matrinção, muquirão/ mutirão, pacumão, pirão, ponxirão/punxirão/putirão/puxirão, sanharão, tinhorão, tucão; g) de vária orig.: *boão* (mal.), *charão* (chn.), *durião* (mal.-jav.), *gamelão* (mal.-jav.), *guingão* (mal.), *jalão* (concani), *jamelão/jambolão* (concani), *lagão* (birmano), *mangostão* (mal.), *queimão/ quimão* (jap.), *reimão* (mal.), *tifão* (chn.); **h**) de orig. onomatopaica: *balalão, canção, chanchão, chororão, pimpão* 'arma de fogo', *ramerrão, tarampantão, tentilhão; i) de nomes próprios: *adão, bastião, bulcão/vulcão, catão, nagão* (nome comercial), *plutão, saimão/salmão/salomão/sanselimão; 5) *-ão aumentativo* quer provindo este suf. de *-ão < -anu-*, quer de *-ão < -on (-om, -õe) < -one-* (fem. *-oa/-ona < -ona-*), quer sob a ação conjunta dessas duas term., o fato é que muito cedo a língua acusa f. própria de aumentativo, já dimensivo, já afetivo: trata-se do sistema (flexional ou derivacional - questão, sobretudo, conceptual) pelo qual os subst. - ou adj. substantivados - de referentes concretos têm seus referentes aumentados dimensivamente (em relação à normalidade de sua apresentação física [*mesão/mesona:mesa*]), os referentes abstratos têm analogicamente seus referentes intensificados (*alegria/alegriona:alegrião*), os adj. substantiváveis ou substantivados têm seus referentes intensificados (*fortão/fortona:forte*); trata-se de aumentativos que morfologicamente não apenas se podem apresentar acrescidos de *-ão/-ona*, mas tb. de f.********

sufixais encorpadas, como se verá na exemplificação a seguir; importa ter sempre presente que os aumentativos deste tipo representam, não raro, outra coisa, isto é, outro referente (quase sempre, mas não necessariamente, conexo com o sentido atual do primitivo), por isso mesmo passível de um aumentativo real (*porta:portão:portãozão*); por se tratar de área morfológica fortemente impregnada de afetividade, revelando, assim, tb., forte poder de improvisação (razão por que a averbação lexicográfica fica sempre muito aquém da prática oral) e, concomitantemente, um forte índice de uso inercial (caso este que em geral é registrado em dicionários mais copiosos e aqui de preferência exemplificados); eis os grupos possíveis: **a)** -ão como mero suf. dimensivo de outra coisa: *abelhão, abertão, agulhão, alão, albardão, almofadão, alqueirão, andorinhão, anelão, aranhão, arcão, argentão, argolão, armolão, artesão, azeitão, azulão, badalão, baixadão, baixão, bandão, barracão, barricão, barrocão, barrogão, batatão, batelão, bezerrão, bichão, bichocão, blusão, bobinão, bocelão, bochechão, bodegão, bofetão, boiadão, bolão, bolhão, bombardão, boqueirão, borbulhão, borrão, botijão, brechão, brejão, bridão, bundão, buracão, bursão, cabrão, cacimbão, cadeião, cafrestão, caixão, caixotão, calção, caldeirão, calorão, camisaão, camisolão, canastrão, canetão, cangalhão, canhadão, capoeirão, carão, carapetão, carrão, carrascão, carretão, cartão, casacão, casão, cascão, cavalão, cedrão, cerradão, cestão, chanfalhão, chapadão, chapelão, chavão, chavelhão, cidrão, cifrão, cilhão, cinturão, clarão, cobrão, coirão/courão, colchão, cordão, corixão, correão, correntão, corujão, costão, covão, coxilhão, cubatão, cuitilão, culatrão, cutilão, dedão, dentão, dobrão, doiradão/ douradão, endrão, enxadão, enxergão, escalão, escurão, espadão, espaldão, espigão, espingardão, esporão, esquadrão, estadão, esteirão, estevão, estolão, estradão, facão, falhadão, fardão, farpão, fazendão, febrão, feirão, ferrão, festão, filhotão, fivelão, fogão, folhão, formigão, fraldão, frangão, frestão, frutão, fundão, fuscão, gadão, gafanhotão, gaivotão, galeão, galerão, gametão, gangão, garrafão, gatão, gavetão, gigantão, gordão, gorilão, gramão, grandão, gravatão, grilhão, grotão, homão, jaquetão, jarrão, jipão, lajão, lanchão, lebrão, leirão, leitão, lingão, listão, listrão, macacão, maçaricão, malotão, mamão, mamilão, manilhão, mantelão, marão, marcelão, marrecão, martelão, marzão, mascarão, medalhão, melrão, merlão, minhocão, moitão, montão, morcegão, mosquetão, moitão/ moutão, narcejão, narigão, narilhão, narizão, navalhão, orelhão, palhetão, papelão, paredão, passarão, passarinhão, pastelão, percevejoão, pimentão, pistolão, pontão, portão, pranchão, pulgão, quentão, rabão, rabecão, rachão, ranchão, ratão, rendão, restingão, robalão, rolão, salão, salsichão, samarrão, sancão, sapatão, sarjão, sarrafão, serpentão, silhão, silvão, sovelão, tabuão, tabulão, taipão, talão, talhão, tamancão, telão, telhão, tesoirão/tesourão, torreão, travessão, urtigão, valão, varão, varjão, vergão, vermelhão, verrumão, vespão, viborão, vinhão, violão, virotão, volumão; **b)** -ão como suf. moral ou ético de típico valor afetivo: *alegrão, animalão, bagualão, bambão, barbatão, beatão, bichão, bochechão, bonitoão, bonzão, borrachão, brancoão, brigão, bundão, burrão, cabrão, cabrochão, caladão, camelão, cavalão, chefão, choramingão, companheirão, curingão, despachadão, dinheirão, doudão/ doidão, durão, espantalhão, esquisitão, estudantão, feichão, felizão, festão, figurão, filhotão, folgazão, gorilão, gostosão, homão, ignorantão, jantarão, jeitão, machão, maganão, maricão, materialão, matungão, mauzão, mediocrão, mestrão, militarão, molecão, molengão, mulherão, mundão, negocião, negrão, originalão, palavrão, pancadão, partidão, paspalhão, patifão, pedinchão, pelintrão, pesadão, políticoão, rabulão, rapagão, relapsão, santão, sapatão, sargentão, simplão, sensaborão, sentimentalão, servilão, soberbão, solteirão, tafulão, talentão, tamanhão, tempão, tipão, trabalhão, trambolhão, viajão, vidão, vinhão; **c)** -lhão como suf. encorpado de valor dimensivo ou de outra coisa: *bagalhão, bagralhão, curvilhão, escovilhão, facalhão, fardalhão, grandalhão, pontilhão, rabilhão, rodilhão, saquilhão, tendilhão, vagalhão, vergalhão; **d)** -lhão como suf. moral ou ético de valor afetivo: *amigalhão, bandalhão, benzilhão, bestalhão, bobalhão, brigalhão, brincalhão, dramalhão, espertalhão, farsalhão, farsilhão, feialhão, fracalhão, fradalhão, frescalhão, gangalhão, gordalhão, grandalhão, gritalhão, mexelhão, moçalhão, negralhão, parvalhão, politicalhão, porcalhão, pretalhão, vendelhão, vendilhão (revendilhão), zangaralhão; **e)** -eirão como suf. encorpado de valor dimensivo ou de outra coisa: *capeirão, chaveirão, chuvairão, espadeirão, flaqueirão, grosseirão, largueirão, malheirão, manguieirão, palheirão,*****

ribeirão, vozeirão; f) -eirão como suf. encorpado de valor afetivo: *asneirão, bonacheirão, fraqueirão, grosseirão, ligüeirão, madraceirão, molangueirão/molengueirão, moleirão, parvoeirão, simplacheirão, toleirão, zombeirão; g)* -rrão como suf. encorpado de valor dimensivo ou de outra coisa: *barbarrão, canzarrão, caparrão, cascarrão, gatarrão, homenzarrão, insetarrão, laçarrão, pratarrão, saparrão, sitarrão; h)* -rrão como suf. encorpado de valor afetivo: *beberrão, brancarrão, difalgarrão, doudarrão/doidarrão, estupidarrão, feiarrão, homenzarrão, macharrão, madurarrão, mansarrão, negociarrão, quietarrão, santarrão, secarrão; i)* suf. encorpados em -ão, dimensivos ou afetivos, de fraca ocorrência: *-chão (bonachão), -gão (espadação, latação, portação, selação), -strão (falastrão), -tão (borratão, mocetão, pobretão), -jão (vareção <vara), -rão (brancarão, casarão, laçarão, lambarão, laparão); 6)* cumpre, por fim, ter presente o fenômeno da duplicação mórfica do pl. de palavras com esta term., mas com o sentido de um pl. apenas (o que tb. ocorre com outras term.): *calçõezinhos, coraçõezinhos, leõezinhos, pãezinhos* etc.

-ção ■ terminação **1)** ocorre em aumentativos por mera convergência fonética [ver *-ão* (5) em raros casos como *calção, maçã*]; **2)** em pal. substantivas e/ou adjetivas por mera convergência fonética [ver *-ão* (2) em casos como *brabanção, cação* etc.]; **3)** em palavras como *braganção, forçação, monção*; ver *-ão* (3); **4)** ver, por fim, em *-ão* (1), como suf. de subst. fem. abstratos, com a flexão de pl., oriundos de rad. verbais, quase todos do supn., as séries (1) e os indicados em *-ção* da série (2); os subst.fem. abstratos referidos em (4) *supra*, quer da série (1), quer da série (2), potencializam adj. em *-cional* (ainda que redundantes - tipo *educação: educativo: educacional, retenção: retentivo: retencional*), que, por sua vez, potencializam a constelação mórfica *-ismo: -ista: -ístico*, bem como (não raro tb. redundantemente) a constelação *-izar: -ização: -izante: -izável* etc.; p.ex.: *educação: educacional: *educacionalismo: *educacionalista: *educacionalístico*, bem como **educacionalizar: *educacionalização: *educacionalizante: *educacionalizável* (por sua vez, fonte de **educacionalizabilidade...*); *retenção:retencional: retencionalismo: retencionalista: retencionalístico*; tais constelações não proscrevem, potencialmente, f. mais contractas, p.ex.: *educação: educacionismo: educacionista: educacionístico, educacionar: educacionação: educacionante: educacionável* etc., *educacionizar: educacionização: educacionizante: educacionizável* etc.; para a form. de subst. der. de verbos, ver o que se diz em *-ação*

-eção ■ elemento de composição pospositivo, aparece em subst. femininos de ação der. de rad. verbais do supn., tal como explicado em *-ação*, nestes casos, entretanto, trata-se de supinos com rad. diferente tanto do *infectum* quanto do *perfectum*; no informal de várias regiões da língua, desenvolve-se a possibilidade de formações do tipo *amar: amação:: dever: deveção* (isto é, v. da 1ª conj. potencializa subst. verbal em *-ação*, assim como v. da 2ª conj. potencializa subst. verbal em *-eção*): *bateção, bebeção, benzeção, cozeção, desfazeção, fazeção, ferveção, gemeção, lambeção, moeção, quereção, remoeção, roeção, torceção, tremeção, varreção*; em certos casos, o fato gráfico pode não coincidir com o fato morfológico (tipo *moeção: moição*, este considerado canônico); mas a tendência regularizadora é sensível

-ição ■ elemento de composição pospositivo, como em *-ação* (*mutatis mutandis*), ver, trata-se, neste caso, da vogal *-i-* temática da 3ª conj. port. + *-ção*, por sua vez oriundo do *-t-* do rad. do supn. dos v. da 4ª conj. lat. (*nutritum, tritum, nescitum*), seguido do suf.lat. *-io, ónis*,

formador de subst. verb. de ação provindos do rad. do supn., suf. esse extremamente fecundo em lat.cl. e vulg., neste caso sob a f. *-ione(m)*, que dá o port. *-om*, mod. *-ão*, no caso vertente-*com* > *-ção*, seja, *-içom* > *-ição*; em princípio, qualquer v. da 3ª conj. port. tem subst. deste tipo, o que depende em parte do decisor, quase sistematicamente aceito pelo ouvinte ou legente, que, no inusitado ocasional, percebe certa matização de intenções; mas importa considerar que a língua port. desenvolveu com certa coerência a relação morfológica da 1ª conj. de inf. em *-ar* com substantivos em *-ação*, bem como a 3ª conj. em *-ir* com substantivos em *-içom*, não o fazendo, porém, para com a 2ª conj., em *-er*, que não desenvolveu tal tipo de conexão quase necessária, pelo fato de ter tb. agregado ao seu paradigma um grande número de v. da 3ª conj. lat., alguns dos quais tb. se incorporaram à 4ª conj. lat., tornada 3ª conj. port.; dessa situação, não poucos subst. de verbos da 2ª conj. port. se fazem em *-içom* (mas ver o tendencial popular, pelo menos no Brasil, a tal respeito, *in fine* das considerações sobre *-eção*); seguem-se exemplos de form. regular de verbos da 3ª conj. port. com subst. em *-içom*, em meio aos quais - devidamente ressaltados - subst. tb. em *-içom* de v. da 2ª conj., cumprindo ter sempre presente que há o verbo em *-ir* (3ª) ou *-er* (2ª), ainda quando de baixa frequência de uso: *abolição*, *absolvição* (2ª), *adição*, *adquirição*, *aferição*, *afluição*, *aluição*, *arguição*, *atribuição*, *batuição* (2ª), *bipartição*, *cobrição*, *coibição*, *cominuição*, *competição*, *conferição*, *constituição*, *consumição*, *contribuição*, *curtição*, *desnutrição*, *destituição*, *diluição*, *diminuição*, *discutição*, *ebulição*, *eluição*, *embebição* (2ª), *engolição*, *erudição*, *exibição*, *exinanição*, *expedição*, *expoliação*, *fruição*, *fugição*, *fundição*, *impedição*, *inanição*, *influição*, *inibição*, *inquirição*, *instituição*, *intuição*, *lambição* (2ª), *malparição*, *medição*, *molição*, *multipartição*, *munição*, *nutrição*, *partição*, *parturição*, *perdição* (2ª), *perquirição*, *perseguição*, *persuadição*, *poluição*, *predefinição*, *preferição*, *premunição*, *preterição*, *proibição*, *prosseguição*, *prostituição*, *punição*, *quadripartição*, *reconstituição*, *redefinição*, *redibição*, *reexpedição*, *refundição*, *reinstituição*, *remedição*, *remição*, *rendição* (2ª), *repartição*, *repetição*, *resilição*, *restituição*, *retribuição*, *revendição* (2ª), *substituição*, *sumição*, *traição* (*treição*), *transição*, *varrição* (2ª), *vendição* (2ª); há uma série de subst. que têm form. semelhante, com a circunstância de que o elo verb. originador ou só existe em lat. (p.ex., *audição*: lat. *audire*; *ambição*: lat. *ambire*), ou é como se existisse: *aglutinação*, *dentição*, *desambição*, *futurição*, *igniçom*, *metiçom*, *petiçom*, *premoniçom*, *tuiçom*, *voliçom*, *vomiçom*

-mento ■ sufixo **1)** de orig. lat. vulgar *-mentu*, formador de substantivos der. de verbos, tornado extremamente fecundo, com as term. *-amento* em verbos da 1ª conj. e *-imento* em verbos da 2ª e 3ª conj. (exemplificados, não exaustivamente, a seguir, em a, b e c): **a)** *abafamento*, *amontoamento*, *aporrinhamento*, *arejamento*, *armazenamento*, *assentamento*, *bronzamento*, *cancelamento*, *comportamento*, *contentamento*, *desajustamento*, *desdobramento*, *embalsamento*, *encerramento*, *entesouramento/entesouramento*, *estacionamento*, *faturamento*, *filamento*, *incitamento*, *inspeccionamento*, *juízo*, *licenciamento*, *medicamento*, *norteamento*, *orçamento*, *parlamento*, *pensamento*, *razoamento*, *refinamento*, *rolamento*, *salvamento*, *taludamento*, *traçamento*, *vazamento*, *vigamento*, *xingamento*, *zoneamento*; **b)** *abastecimento*, *adoecimento*, *batimento*, *concebimento*, *corregimento*, *deperecimento*, *desaparecimento*, *embebecimento*, *entendimento*, *falecimento*, *favorecimento*, *intumescimento*, *mantimento*, *procedimento*, *rendimento*, *requerimento*, *sofrimento*, *tolhimento*, *vencimento*; **c)** *abstraimento*, *afligimento*, *brandimento*, *cobrimento*, *deferimento*, *descobrimento*, *falimento*, *ferimento*, *impedimento*, *investimento*, *luzimento*, *polimento*, *pungimento*, *ressarcimento*, *revestimento*, *sortimento*, *urdimento*, *zunimento*; é evidente a fecundidade deste suf., que, ademais, concorre com outros formadores de subst., como *-ção*, *-dade*, *-ura*, *-eza* etc., de modo que subst. de tais form. tendem a ser abundantes na língua, por vezes com matizes semânticos diferenciais muito pequenos, na dependência das intenções dos usuários decisores; **2)** com semelhante tipo de form. - isto é, subst. conexos com verbos, há uns quantos como puros cultismos, isto

é, latinismos cujos v. não se representam em port. (ou se representam por outros cog.): *adimplemento* (*ad* + *im* + *pleo,es,évi,plétum,plère* 'encher' + *-mentum*), *alimento* (*alo,is,ù,i,alítum* ou *altum,alère* 'crescer, nutrir, alimentar'), *argumento* (*argù,o,is,ù,i,úrum* ou *úrum,arguère* 'acometer, acusar, censurar'), *armento* (contr. de *arimentum*, do v. *aràre* 'arar'), *atramento* (de *ater,atra,um* 'negro'), *aumento* (*augè,o,es,auxi,auctum,augére* 'produzir, aumentar'), *cemento/cimento* (lat. *caementum*, do v. *caedère* 'fazer cair'), *coagmento* (*coagmentüre* 'juntar, reunir'), *comento* (lat. *commentum*, de *comminisci* 'idear, imaginar'), *complemento* (como *adimplemento*, já citado), *condimento* (lat. *condimentum*, do v. *condère* 'confeioar, condimentar, temperar, realçar'), *decremento* (*decrecere* 'descrescer, declinar'), *detrimento* (lat. *detrimentum*, de *detèro,is,trúi,trítum,deterère* 'gastar, consumir'), *dissepimento* (lat. *dissepimentum*, de *dissepìo,is,dissepsi,disseptum,dissepíre* 'separar, dividir, estremar'), *documento* (*docè,o,es,docù,i,doctum,ére* 'ensinar, instruir, mostrar, indicar'), *elemento* (do lat. *elementa,órum*, conexo com *alimento*, supra citado), *experimento* (lat. *experimentum*, de *expenor,éris,expertus sum,experíri* 'ensaiar, experimentar, tentar, suportar'), *excremento* (*excerno,is,excrévi,excrétum,excernère* 'separar, apartar, evacuar'), *fermento* (*fervè,o,és,ferbù,i* ou *ferù,i,fervére* 'ferver, estar fervendo, arder, fermentar'), *fomento* (*fovè,o,es,fóvi,fótum,fovére* 'aquecer, aquestar, fomentar, nutrir, proteger'), *fragmento* (*frango,is,frégi,fractum,frangère* 'quebrar, espedaçar, fraturar'), *frumento* (**frugimentum*, de *fruor,èris,frúitus* ou *fructus sum,frui* 'usar, consumir, fruir'), *incremento* (ver *excremento*, antes), *indumento* (*indù,o,is,uxi,indúrum,induère* 'vestir, revestir, enroupar, cobrir'), *instrumento* (*instrù,o,is,uxi,instructum,ère* 'erguer, levantar, construir, ensinar, instruir'), *jumento* (**jugumentum*, de *jungo,is,junxi,junctum,jungère* 'meter no mesmo jugo, jungir, ajoujar'), *lamento* (de *lamenta,órum*, de *lamentor,áris,átus sum,ári* 'lamentar-se'), *lomento* (do lat. *lótus*, de *lavo,is,lavi,lautum* ou *lótum,laváre* 'lavar, limpar'), *moimento* (do lat. *monimentum/monumentum*), *monumento* (*monè,o,es,ù,i,ítum,ére* 'advertir, lembrar, avisar'), *pigmento* (*pingo,is,pixi,pictum,pingère* 'pintar, ornar, colorir, figurar'), *revimento* (lat. *revimentum* 'franja, guarnição', de *revinctus*, do v. *revincò* 'atar com força'), *rudimento* (do lat. *rudis* 'rude, tosco' sob influxo de *erudìo,is,úui,ítum,erudíre* 'ensinar, instruir, adestrar, amestrar'), *sedimento* (*sedè,o,es,sedi,sesum,sedère* 'estar sentado, assentar, estar, estacionar, parar, ficar'), *segmento* (*seco,as,ávi,sectum,secáre* 'cortar, separar cortando, segar'), *tegumento/tegmento* (*tego,is,texi,tectum,tegère* 'calçar uma estrada, cerrar os olhos, cobrir, revestir, enterrar'); são puros latinismos, ainda, *memento* ('lembrete', imperativo do v. *meminisse*), *omento*, *sarmento*, *tomento* e *tormento*; *escarmento* é de étimo controverso

-oção ■ elemento de composição pospositivo, aparece em substantivos fem. de ação der. de rad. verbais do supn., tal como explicado em *-ação* (ver); nestes casos, entretanto, trata-se de supinos com rad. diferentes tanto do *infectum* quanto do *perfectum*, o que gera em lat. e depois nas línguas român. f. fortes especiais; ver *-moção*, *-noção*, *-oção* e *-voção*

-ução ■ elemento de composição pospositivo, aparece em subst. femininos de ação der. de rad. verbais do supn., tal como explicado em *-ação* (ver); nestes casos, entretanto, trata-se de supn. com rad. diferentes tanto do *infectum* quanto do *perfectum*, o que gera, tanto em lat. como, depois, nas línguas român., f. fortes especiais; ver *-dução*, *-strução*, *-solução*, *-locação*, *-volução*, *-sucção*, *-secução*

**ANEXO B – PALAVRAS COM –ÇÃO
RECOLHIDAS NO NDA E NO DEH**

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
abafação	2	abafar	Vap→Naa		-mento
abalroação	2	abalroar	Vap→Nap	m.q.: abalroamento	-mento
abanação1	2	abandar	Vap→Naa		
abanação2	H		ção3		
abandalhação	2	abandalhar	Vap→Naa<Nae		-mento
abarbetação	H	abarbetar	Vap→Naa	m.q.: abarbetamento	-mento
abarticulação	2		ção3		
abjuração	2	abjurar	Va→Naa		-mento
abolição	2	abolir	Vap→Naa		
abonação	2	abonar	Vap→Naa<Nc		-mento, der.regr.
abortação	H	abortar	Vap→Naa	m.q.: abortamento	-mento
abotoação	2	abotoar	Vap→Naa		
abreviação	2	abreviar	Vap→Naa<Nae		-dura
ab-rogação	2	ab-rogar	Vap→Naa		-mento
absolvição	2	absolver	Vap→Naa		-mento
abundância	H	abundar	Ve→Nae	m.q.: Abundância	-ncia
acalmação	2	acalmar	Vap→Naa<Nae		-mento
acamação	H	acamar	Vap→Naa		
açambarcação	2	açambarcar	Va→Naa	m.q.: açambarcamento	-mento
acanhação	2	acanhhar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: acanhamento	-mento
acareação	2	acarear	Va→Naa		-mento
acaroação	H	acaroar	Va→Naa		-mento
acasalação	2	acasalar	Va→Naa	m.q.: acasalamento	-mento
acavalação	H	acavalar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: acavalamento	-mento
aceiração	2	aceirar	Vap→Naa		-mento
aceitação	2	aceitar	Va→Naa		
aceleração	2	acelerar	Vap→Nap		-mento
aceração	2	acerar	Vap→Naa	m.q.: aceragem	-gem
achincalhação	2	achincalhar	Va→Naa		-mento, der.regr.
aclaração	2	aclarar	Vap→Naa		-mento
aclimação	2	aclimar	Vap→Nap		
acobreação	H	acobrear	Vap→Naa		-mento
acocoração	H	acocorar	Vap→Naa<Nae	m.q.: acocoramento	-mento
acomodação	2	acomodar	Vap→Naa<Nae		-mento
acompadração	2	acompadrar	Vap→Nap	m.q.: acompadramento	-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
condicionação	2	condicionar	Vap→Naa<Nae	m.q.: condicionamento	-mento
acoplação	2	acoplar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: acoplamento	-mento
acordação	1	acordar	Va→Naa		der.regr.
acuação	2	acuar	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr.
aculturação	2	aculturar	Vp→Nap<Nae		-mento
acusação	2	acusar	Va→Naa		-mento
adernação	H	adernar	Vap→Naa		-mento
adestração	2	adestrar	Vap→Naa	m.q.: adestramento	-mento
adicionação	2	adicionar	Vap→Naa		-mento
aditação	H	aditar	Va→Naa<Nae	m.q.: aditamento	-mento
adivinhação	2	adivinhar	Va→Naa		
adje(c)tivação	2	adjetivar	Vap→Naa		
adoração	2	adorar	Va→Naa<Nae		
adquirição	2	adquirir	Vap→Naa		
adubação	2	adubar	Vap→Naa		-mento, -gem
adunação	2	adunar	Vap→Naa		-mento
afeitação	H	afeitar	Vap→Naa<Nae		
aferição	2	aferir	Va→Naa		-mento
aferventação	H	aferventar	Vap→Nap		
afervoração	H	afervorar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: afervoramento	-mento
afiação	2	afiar	Va→Naa		-mento
afilação	H	afilar	Va→Naa		-mento, -dura
afilhação	H	afilhar	Vap→Naa		
afinação	2	afinar	Vap→Naa<Nae		-mento
afirmação	2	afirmar	Va→Naa<Nae		
afloração	2	aflorar	Vp→Nap		-mento
afobação	2	afobar	Vap<Vpp→Nae		-mento
afogação	H	afogar	Vap→Nap		-mento
aforação	2	aforar	Vap→Naa	m.q.: aforamento	-mento
afrontação	2	afrontar	Va→Naa<Nae		-mento
agarração	2	agarrar	Vap→Naa<Nae	m.q.: agarramento	-mento
agenciação	2	agenciar	Vap→Naa		
agitação	2	agitar	Vap→Naa		-mento
aglutinação	2	aglutinar	Vap→Naa		-mento
agravação	2	agravar	Vp→Nap		-mento
agrupação	2	agrupar	Vap→Naa		-mento
ajeitação	2	ajeitar	Vap→Naa		-mento
alagação	2	alagar	Vap→Nap		-mento
alç(e)ação	2	alç(e)ar	Vap→Naa		-mento
aleitação	2	aleitar	Va→Naa	m.q.: aleitamento	-mento
alfabetação	2	alfabetar	Vap→Naa		-mento
alheação	2	alhear	Va→Naa<Nae	m.q.: alheamento	-mento
aliciação	2	aliciar	Va→Naa		
alienação	2	alienar	Vap→Naa		-mento
alijação	2	alijar	Vap→Naa	m.q.: alijamento	-mento
alimpação	2	alimpar	Vap→Naa	m.q.: limpeza	
aliteração	2	aliterar	Vap→Nap		-mento
aliviação	2	aliviar	Vap→Nap	m.q.: alívio	-mento, der.regr.
alojação	2	alojar	Vap→Naa		-mento
alteação	H	altear	Vap→Naa		-mento
alucinação	2	alucinar	Vap<Vpp→Nae		-mento
alugação	2	alugar	Vap→Naa		-mento
aluição	2	aluir	Vap→Naa		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
aluminação	2	alumiar	Vap→Naa		-mento
alvidração	2	alvidrar	Vap→Naa		-mento
amalgamação	H	amalgamar	Vap→Nap		-mento
amoedação	2	amoedar	Vap→Naa		-mento
amolgação	2	amolgar	Vap→Naa	m.q.: amolgadura	-dura
amontoação	2	amontoar	Vap→Naa		-mento
amostração	H	amostrar	Vap→Naa		der.regr.
amotinação	2	amotinar	Vap→Naa		-mento
ampliação	2	ampliar	Vap→Naa<Nae		-mento
andação	H	andar	Vap→Naa		
anelação1	2	anelar1	Ve→Nae		
angariação	2	angariar	Vap→Naa		-mento
aniilação	H	aniilar	Vap→Naa		-mento
aniquilação	2	aniquilar	Vap→Naa		-mento
anulação	2	anular	Vap→Naa		-mento
apalpação	2	apalpar	Va→Naa		-mento, der.regr.
apanhação	2	apanhar	Vap→Naa	m.q.: apanha	der.regr.
apartação	2	apartar	Vap→Naa		-mento
apassivação	2	apassivar	Vap→Nap		-mento
apegação1	2	apegar-se1	Vap→Nap		-mento
apegação2	H	apegar2	Vap→Naa		
apelação	2	apelar	Va→Naa<Nae		
apensação	2	apensar	Vap→Naa		
apepinação	H	apepinar	Vap→Naa		-mento
aperreação	2	aperrear	Vap→Naa<Nae		-mento
aplacação	2	aplacar	Vap→Nap		
aplanação	2	aplanar	Vap→Naa		-mento
aplicação	2	aplicar	Vap→Naa<Nae		
apoderação	H	apoderar	Va→Naa		-mento
aporrinhação	2	aporrinhar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: apoquentação	
aposentação	2	aposentar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: aposentadoria	-(do)ria
apreciação	2	apreciar	Va→Naa<Nae		
aprimoração	H	aprimorar	Vap→Naa	m.q.: aprimoramento	-mento
aprofundação	H	aprofundar	Vap→Nap	m.q.: aprofundamento	-mento
aprontação	H	aprontar	Vap→Nap	m.q.: aprontamento	-mento
apropriação	2	apropriar	Vap→Naa		
aproveitação	H	aproveitar	Vap→Naa		-mento
apuração	2	apurar	Vap→Naa		
aquietação	2	aquietar	Vap→Naa<Nae		-mento
aquilatação	2	aquilatar	Vap→Naa		-mento
arbitração	2	arbitrar	Va→Naa	m.q.: arbitragem	-gem
arcaização	H	arcaizar	Vap→Nap		-mento
armação	2	armar	Vap→Naa<Nc		
arpoação	2	arpoar	Vap→Naa		-mento, -dela
arqueação	2	arquear	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr. , -dura
arquivação	H	arquivar	Vap→Naa		-mento
arranchação	2	arranchar	Vap→Naa<Nc		
arrazoação	H	arrazoar	Va→Naa	m.q.: arrazoamento	-mento
arreação	2	arrear	Vap→Naa		
arrebentação	2	arrebentar	Vap→Nap<Nc		
arrecadação	2	arrecadar	Vap→Naa<Nc		-mento
arrendação	2	arrendar	Vap→Naa<Nc	m.q.: arrendamento	-mento
arrepelação	2	arrepelar	Va→Naa		-ão

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
arriação	2	arriar	Vap→Nap		-mento
arrobção	2	arrobar	Vap→Naa	m.q.: arrobamento	-mento
arroteação	H	arrotear	Vap→Naa	m.q.: arroteamento	-mento
arruação	2	arruar	Vap→Naa	m.q.: arruamento	-mento
arruinação	2	arruinar	Vap→Naa	m.q.: arruinamento	-mento
arrumação	2	arrumar	Vap→Naa		
assanhação	H	assanhar	Vap→Naa<Nae	m.q.: assanhamento	-mento
asseguração	2	assegurar	Vap→Naa		-mento
assinalação	2	assinalar	Vap→Naa		-mento
assolação	2	assolar	Vap→Naa		-mento
assombração	2	assombrar	Vap→Naa<Nc		
atabalhoação	H	atabalhoar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: atabalhoamento	-mento
atarantação	2	atarantar	Vap→Nap		
atemorização	H	atemorizar	Vap→Nap		
atempação	H	atempar	Vap→Naa		-mento
atestação 1	2	atestar 1	Va→Naa<Nc		
atição	H	atiçar	Vap→Naa	m.q.: atiçamento	-mento
atormentação	2	atormentar	Vap→Naa<Nae		-mento
atracação	H	atracar	Vap→Naa		
atropelação	2	atropelar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
autuação	2	autuar	Vap→Naa		
avacalhação	2	avacalhar	Vap→Naa<Nae		-mento
averbação	2	averbar	Vap→Naa<Nc		
avexação	2	avexar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: vexação	
aviação	2		ção ³		
aviltação	2	aviltar	Vap→Naa<Nae	m.q.: aviltamento	-mento
avizinhação	2	avizinhar	Vap→Naa		
avocação	2	avocar	Vap→Naa		
balbuciação	2	balbuciar	Va→Naa		-mento, der.regr.
barração	2	barrar	Vap→Naa		
batição	2	bater	Vap→Naa	m.q.: moponga	
beneficiação	2	beneficiar	Vap→Naa		-mento
bifurcação	2	bifurcar	Vap→Naa<Nc		-mento
bolchevização	H	bolchevizar	Vap→Naa		
bombeação	2	bombear	Vap→Nap		
botação	H	botar	Vap→Naa		-mento
branqueação	2	branquear	Vap→Naa		-mento
brotação	2	brotar	Vp→Nap	m.q.: brotamento	-mento, der.regr.
calafetação	2	calafetar	Vap→Naa		-mento, -gem
caldeação	2	caldear	Vap→Nap	m.q.: caldeamento	-mento
canonização	2	canonizar	Vap→Naa		-mento
captação	2	captar	Vap→Naa		-mento, -gem
carenação	H	carenar	Vap→Naa	m.q.: carenagem	-gem
carpição	2	carpir	Vap→Naa	m.q.: capina	
carregação	2	carregar	Vap→Naa<Nae		
castração	2	castrar	Vap→Naa		
cavação	H	cavar	Vap→Naa<Nae		-mento
cavalgação	2	cavalgar	Va→Naa<Nae		-mento
centrifugação	2	centrifugar	Vap→Nap		-mento
cerração	2	cerrar	Vap→Naa<Nc		-mento
certificação	2	certificar	Vap→Naa		-mento
cessação	2	cessar	Va→Naa		-mento
chacoalhação	H	chacoalhar	Vap→Naa		

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
clareação	2	clarear	Vap→Nap		-mento
cobreação	2	cobrear	Va→Naa		-mento, -gem
cobrição	2	cobrir	Vap→Naa		-mento
colecinação	2	coleccionar	Vap→Naa		-mento
compartição	H	compartir	Vap→Naa		
comportação	2	comportar	Va→Naa		-mento
concatenação	2	concatenar	Vap→Nap		-mento
confrontação	2	confrontar	Vap→Naa		-mento
congelação	2	congelar	Vap→Nap<Nc		-mento
consolação	2	consolar	Vap→Naa<Nae		der.regr.
cordeação	2	cordear	Vap→Naa<Nae		
coroação	2	coroar	Vap→Naa		
corrição1	A	correr	Va→Naa		
corrição2	H		ção3		
cotação	2	cotar	Vap→Naa<Nae		
cravação	2	cravar	Vap→Naa<Nc		-mento, -dura
credenciação	2	credenciar	Vap→Naa	m.q.: credenciamento	-mento
crispação	2	crispar	Vap→Nap		-mento, -dura
crucificação	2	crucificar	Vap→Naa<Nae		
curtição	2	curtir	Vap→Nap<Nae		-mento, -dura
danificação	2	danificar	Vap→Naa<Nae		-mento
dealbação	2	dealbar	Vp→Nap		-mento, der.regr.
dealvação	H	dealvar	Vp→Nap	m.q.: dealbação	
debagação	H	debagar	Vap→Naa	m.q.: debaga	der.regr.
debilitação	2	debilitar	Vap→Nap		-mento
debruação	H	debruar	Vap→Naa		-mento
decifração	2	decifrar	Vap→Naa		-mento
decretação	2	decretar	Vap→Naa		-mento
dedilhação	2	dedilhar	Vap→Naa		-mento
definhação	H	definhar	Vap→Nap	m.q.: definhamento	-mento
defloração	2	deflorar	Vp→Nap<Nae		-mento
defraudação	2	defraudar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
defrontação	2	defrontar	Va→Naa		-mento
degolação	2	degolar	Vap→Naa		-mento, der.regr. , -dura
degradação	2	degradar	Vap→Nap		-mento
deixação	2	deixar	Vap→Naa<Nae		der.regr.
deleitação	2	deleitar	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr.
delineação	2	delinear	Vap→Nap<Nae	m.q.: delineamento	-mento
deliração	H	delirar	Ve→Nae	m.q.: deliramento	-mento
demolição	2	demolir	Vap→Naa		-mento
denunciação	2	denunciar	Vap→Naa	m.q.: denúncia	der.regr.
departição	2	departir	Vap→Naa	m.q.: departamento	-mento
depauperação	2	depauperar	Vap→Nap	m.q.: depauperamento	-mento
derramação	H	derramar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
derrogação	2	derrogar	Vap→Naa		-mento
desafinação	2	desafinar	Vap→Naa<Nae		
desaleitação	H	desaleitar	Vap→Nap		
desalgemação	H	desalgemar	Vap→Naa	m.q.: desalgemamento	-mento
desamodorração	H	desamodorrar	Vap→Naa		
desamolgação	H	desamolgar	Vap→Naa		
desamontoação	H	desamontoar	Vap→Naa		
desanuviação	H	desanuviar	Vap→Naa	m.q.: desanuviamento	-mento
desapropriação	2	desapropriar	Vap→Naa		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
desautorização	2	desautorizar	Vap→Naa<Nae		
desbalização	H	desbalizar	Vap→Naa		-mento
desbastação	H	desbastar	Vap→Naa	m.q.: desbaste	der.regr.
desbatização	H	desbatizar	Vap→Naa		-mento
desbocação	H	desbocar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desbocamento	-mento
descaração	H	descarar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: descaramento	-mento
descascação	2	descascar	Vap→Naa	m.q.: descascamento	-mento
descaudação	H	descaudar	Vap→Nap	m.q.: descaudamento	-mento
descimbração	H	descimbrar	Vap→Nap	m.q.: descimbramento	-mento
descoagulação	2	descoagular	Vap→Nap		-mento
descoivaração	H	descoivarar	Vap→Naa		-mento
descongelção	2	descongelar	Vap→Naa		-mento
desconjunção	A	desconjuntar	Vap→Naa	m.q.: desconjuntamento	-mento
desembaulação	H	desembaular	Vap→Naa		-mento
desembolação	H	desembolar	Vap→Naa		-mento
desembrenhação	H	desembrenhar	Vap→Naa		-mento
desembruscação	H	desembruscar	Vap→Naa		-mento
desembruxação	H	desembruxar	Vap→Naa		-mento
desemburração	H	desemburrar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desemburramento	-mento
desemburricação	H	desemburricar	Vap→Naa		-mento
desemolduração	H	desemoldurar	Vap→Naa		-mento
desempacação	H	desempacar	Vap→Naa		-mento
desempalhação	H	desempalhar	Vap→Naa		-mento
desempoleiração	H	desempoleirar	Vap→Naa		-mento
desempolgação	H	desempolgar	Vap→Naa<Nae		-mento, -dura
desemprenhação	H	desemprenhar	Vap→Naa		-mento
desempunhação	H	desempunhar	Vap→Naa		-mento
desenamoração	H	desenamorar	Vap→Nap		-mento
desencabação	H	desencabar	Vap→Nap		-mento
desencabulação	H	desencabular	Vap→Nap		-mento
desencadeação	H	desencadear	Vap→Nap	m.q.: desencadeamento	-mento
desencaiporação	H	desencaiporar	Vap→Naa		-mento
desencaixilhação	H	desencaixilhar	Vap→Naa	m.q.: desencaixilhamento	-mento
desencambação	H	desencambar	Vap→Naa		
desencanação	H	desencanar	Vap→Naa<Nae		-mento
desencantação	2	desencantar	Vap→Naa	m.q.: desencantamento	-mento
desencantoação	H	desencantoar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
desencapação	H	desencapar	Vap→Naa		-mento
desencaracolação	H	desencaracolar	Vap→Naa		-mento
desencarranção	H	desencarrancar	Vap→Nap	m.q.: desencarrancamento	-mento
desencasacação	H	desencasacar	Vap→Naa		-mento
desencascação1	H	desencascar1	Vap→Naa		-mento
desencascação2	H	desencascar2	Vap→Naa		-mento
desencavacação	H	desencavacar	Vap→Naa		-mento
desencavilhação	H	desencavilhar	Vap→Naa		-mento
desenclavinhação	H	desenclavilhar	Vap→Naa		-mento
desencoifação	H	desencoifar	Vap→Naa		-mento
desencomendação	H	desencomendar	Va→Naa		-mento
desenconchação	H	desenconchar	Vap→Naa		-mento
desencordoação	H	desencordoar	Vap→Naa		-mento
desencouração	H	desencourar	Vap→Naa		-mento
desencravação	H	desencravar	Vap→Naa		-mento
desencrespação	H	desencrespar	Vap→Naa	m.q.: desencrespamento	-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
desencurvação	H	desencurvar	Vap→Naa		-mento
desenevoação	H	desenevoar	Vp→Nap	m.q.: desenevoamento	-mento
desenfartação	H	desenfartar	Vap→Nap	m.q.: desenfartamento	-mento
desenfiação	H	desenfiar	Vp→Nap	m.q.: desenfiamento	-mento
desenfloração	H	desenflorar	Vap→Naa		-mento
desenfronhação	H	desenfronhar	Vap→Naa		-mento
desenfurnação	H	desenfurnar	Vap→Naa		-mento
desenfuscação	H	desenfuscar	Vap→Nap		-mento
desenrugação	H	desenrugar	Vap→Nap<Nae	m.q.: desenrugamento	-mento
desentediação	H	desentediado	Vap→Nap<Nae	m.q.: desentediamento	-mento
desentoação	2	desentoar	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr.
deserdação	2	deserdar	Vap→Naa		-mento
desfeiteação	H	desfeitear	Vap→Naa		-mento
desfiguração	2	desfigurar	Vap→Naa<Nae		-mento
desfloração	2	desflorar	Vp→Nap<Nae		-mento
desflorestação	H	desflorestar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desflorestamento	-mento
desfolhação	2	desfolhar	Vap→Naa		-mento
desleixação	2	desleixar	Vap→Naa	m.q.: desleixamento	-mento, der.regr.
desligação	H	desligar	Vap→Naa	m.q.: desligadura	-dura
deslindação	2	deslindar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
desmamação	H	desmamar	Vap→Nap	m.q.: desmama	der.regr.
desmembração	2	desmembrar	Vap→Nap<Nc		-mento
desmemoriação	H	desmemoriar	Vp→Nap<Nae	m.q.: desmemoriamento	-mento
desmoronação	H	desmoronar	Vap→Nap	m.q.: desmoronamento	-mento
desnorтеação	H	desnorтеar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: desnorтеamento	-mento
desnudação	H	desnudar	Vap→Naa	m.q.: desnudamento	-mento
desobumbração	H	desobumbrar	Vp→Nap	m.q.: desobumbramento	-mento
desolação	2	desolar	Vap→Naa<Nae		
desordenação	H	desordenar	Vap→Naa		-mento
desorientação	2	desorientar	Vap→Naa<Nae		-mento
desovação	H	desovar	Vap→Naa	m.q.: desova	der.regr.
despiolhação	H	despiolhar	Vap→Naa	m.q.: despiolhamento	-mento
despoetização	2	despoetizar	Vap→Naa		-mento
despovoação	2	despovoar	Vap→Nap		-mento
desprateação	H	despratear	Vap→Nap	m.q.: desprateamento	-mento
desproporcionação	2	desproporcionar	Vp→Nap	m.q.: desproporcionamento	-mento
dessacração	H	dessacrar	Vap→Naa	m.q.: dessacramento	-mento
dessalgação	2	dessalgar	Vap→Naa		
dessecação	2	dessecar	Vap→Naa		-mento
dessegregação	H	dessegregar	Vap→Nap<Nae		-mento
destronação	H	destronar	Vap→Naa	m.q.: destronamento	-mento
desvirtuação	2	desvirtuar	Vap→Nap	m.q.: desvirtuamento	-mento
deterioração	2	deteriorar	Vap→Nap<Nae		
detrição	2		ção3		
devotação	2	devotar	Va→Naa<Nae	m.q.: devotamento	-mento
dilaceração	2	dilacerar	Vap→Nap		-mento
dilatação	2	dilatar	Vap→Naa		-mento
dilucidação	2	dilucidar	Vap→Naa		-mento
diluição	2	diluir	Vap→Naa		-mento
distanciação	H	distanciar	Vap→Nap<Nae	m.q.: distanciamento	-mento
dobração	2	dobrar	Vap→Naa		-mento, -dura, -gem
doi(u)ração	2	do(i/u)rar	Vap→Naa<Nc		-dura, -do
doutrinação	2	doutrinar	Vap→Naa		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
duração	2	durar	Vp→Nap<Nae		
elevação	2	elevar	Vap→Naa<Nae		
embalsamação	2	embalsamar	Vap→Naa	m.q.: embalsamamento	-mento
embaralhação	H	embaralhar	Vap→Naa<Nae		
embarcação	2	embarcar	Vap→Naa<Nc		der.regr.
embebição	2	embeber	Vp→Nap		
embruxação	H	embruxar	Vap→Naa		
empalação	2	empalar	Vap→Naa<Nae		-mento
empalhação	2	empalhar	Vap→Nap<Nc		-mento
emplast(r)ação	2	emplast(r)ar	Vap→Naa		-mento
empolgação	H	empolgar	Vap→Naa<Nae		
encabulação	2	encabular	Vap→Naa<Nae		-mento
encadeação	2	encadear	Vap→Nap<Nae	m.q.: encadeamento	-mento
encalhação	2	encalhar	Vp→Nap<Nae	m.q.: encalhe	der.regr.
encalistração	2	encalstrar	Vap→Naa<Nae		-mento
encanação	2	encanar	Vap→Naa<Nae		-mento
encantação	2	encantar	Vap→Naa		-mento
encaracolação	H	encaracolar	Vap→Naa		-mento
encarceração	A	encarcerar	Vap→Naa	m.q.: encarceramento	-mento
encartação	2	encartar	Vap→Naa		-mento
encastoação	H	encastoar	Vap→Naa	m.q.: encastoamento	-mento
encavacação	H	encavacar	Vap→Naa		-mento
encoivaração	2	encoivarar	Vap→Naa	m.q.: encoivaramento	-mento
encordoação	H	encordoar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: encordoamento	-mento
encravação	2	encravar	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr.
encrespação	2	encrespar	Vap→Naa		
encurvação	2	encurvar	Vap→Nap	m.q.: encurvamento	-mento
endeusação	2	endeusar	Va→Naa<Nae	m.q.: endeusamento	-mento
enervação1	2	enervar1	Vap→Nap		-mento, -ncia
enervação2	2	enervar2	Vap→Naa		-mento
enfartação	2	enfartar	Vp→Nap	m.q.: enfarte/infarto	der.regr.
enfaturação	2	enfaturar	Vap<Vpp→Nae		-mento
enfiação	2	enfiar	Vap→Nap<Nae	m.q.: enfiamento	-mento
enfolhação	H	enfolhar	Vp→Nap		-mento
enfuriação	H	enfuriar	Va→Naa<Nae		-mento
engendração	H	engendrar	Vap→Nap		-mento, der.regr.
engradação	2	engradar	Vap→Naa<Nc	m.q.: engradamento	-mento
enlevação	2	enlevar	Vap→Nap<Nae		-mento, der.regr.
enquadração	H	enquadrar	Vap→Naa		-mento
enramação	2	enramar	Vap→Naa		-mento
enrugação	H	enrugar	Vap→Naa		-mento
ensecação	H	ensecar	Vap→Naa		-mento, -dura
ensimesmação	H	ensimesmar-se	Va→Naa		-mento
ensinação	2	ensinar	Vap→Naa<Nae	m.q.: ensinamento	-mento
enterração	H	enterrar	Vap→Naa		-mento, -da
entoação	2	entoar	Va→Naa<Nae		-mento
entralhação	H	entralhar	Vap→Naa<Nc		-mento
entrevação	2	entrevar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: entrevamento	-mento
entronização	2	entronizar	Vap→Naa		-mento, -gem
entrosação	H	entrosar	Vap→Naa		
envasilhação	H	envasilhar	Vap→Naa	m.q.: envasilhamento	-mento
envergonhação	H	envergonhar	Vap→Nap<Nae	m.q.: envergonhamento	-mento
enxameação1	H	enxamear1	Vap→Nap<Nae	m.q.: enxameamento1	-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
enxameação ²	2	enxamear ²	Vap→Naa		-mento
equipação	H	equipar	Vap→Naa		-mento, -gem
escalação	2	escalar	Va→Naa<Nc		
escalpação	2	escalpar	Vap→Naa	m.q.: escalpamento	-mento
escandalização	2	escandalizar	Vap→Naa		-mento
escoação	2	escoar	Vap→Naa		-mento
esfervilhação	2	esfervilhar	Va→Naa		-mento
					-mento, der.regr., -dura, -dela
esfregação	2	esfregar	Vap→Naa		
esmagação	2	esmagar	Vap→Naa	m.q.: esmagamento	-mento
esmeril(h)ação	2	esmerilar	Vap→Naa		
espanholação	H	espanholar	Vp→Nap	m.q.: espanholamento	-mento
espelhação	2	espelhar	Vap→Naa	m.q.: espelhamento	-mento
espiração	2	espirar	Vp→Nap		
espulgação	2	espulgar	Vap→Naa		-mento
esquentação	2	esquentar	Vap→Naa<Nae		-mento
esquipação	2	esquipar	Vap→Naa		-mento
estancação	H	estancar	Vap→Nap	m.q.: estancamento	-mento
estaqueação	2	estaquear	Vap→Naa	m.q.: estaqueamento	-mento
estilação	H	estilar	Vp→Nap		-mento
estonteação	H	estontear	Vap→Nap<Nae	m.q.: estonteamamento	-mento
estrangulação	2	estrangular	Vap→Naa<Nae		-mento
estriação	H	estriar	Vap→Nap	m.q.: estriamento	-mento
estruturação	2	estruturar	Vap→Naa		-mento
evaginação	2	evaginar	Vap→Naa		
evitação	2	evitar	Vap→Naa		
exalcação	H	exalçar	Va→Naa	m.q.: exalçamento	-mento
exaltação	2	exaltar	Va→Naa<Nae		-mento
exaurição	H	exaurir	Vap→Naa<Nae		-mento
excitação	2	excitar	Vap→Naa<Nae		
excreção	2		ção ³		
exercitação	2	exercitar	Vap→Naa		-mento
expatriação	2	expatriar	Va→Naa		
extravasação	H	extravasar	Vap→Nap	m.q.: extravasamento	-mento
fadigação	H	fadigar	Vap→Nap		der.regr.
faturação	2	faturar	Vap→Naa<Nae	m.q.: faturamento	-mento
fechação	2	fechar	Vap→Naa		-mento, -da, -dura
filtração	2	filtrar	Vap→Naa		-mento, -gem
finação	A		ção ³		
firmação	2	firmar	Vap→Naa		
fissuração	2	fissurar	Vap<Vpp→Nae		der.regr.
forção	H	forçar	Vap→Naa		
forração	2	forrar	Vap→Naa<Nc		-mento
frenação	2	frenar	Vap→Naa		-gem
fundação	2		ção ³		
fuzilação	2	fuzilar	Vap→Naa<Nc		-mento
gabação	2	gabar	Va→Naa		-mento, der.regr., -dela
graduação	2	graduar	Vap→Naa<Nae		
grampeação	2	grampear	Vap→Naa	m.q.: grampeamento	-mento
grimpação	H	grimpar	Vap→Naa	m.q.: grimpagem	-gem
hebetação	2	hebetar	Vap<Vpp→Nae		-mento
herniação	2	herniar*	Vp→Nap		-mento
igualação	2	igualar	Vap→Nap		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
iluminação	2	iluminar	Vap→Naa<Nae		-mento, -dura
impedição	2	impedir	Vap→Naa<Nae	m.q.: impedimento	-mento
incensação	2	incensar	Va→Naa		-mento, -dela
inchação	2	inchar	Vap→Nap<Nc		-mento
incitação	2	incitar	Va→Naa		-mento
increpação	2	increpar	Va→Naa		-mento
indiciação	2	indiciar	Va→Naa		-mento
indigitação	2	indigitar	Va→Naa		-mento
inebriação	H	inebriar	Vap→Nap<Nae		
infiltração	2	infiltrar	Vap→Naa		-mento
ingurgitação	2	ingurgitar	Vap→Naa<Nae		-mento
inquinação	2	inquinar	Vap→Naa		-mento
inquirição	2	inquirir	Va→Naa		
instrução	2		ção ³		
insulação	2	insular	Vap→Naa<Nae	m.q.: insulamento	-mento
internação	2	internar	Vap→Naa		-mento
inundação	2	inundar	Vap→Nap		
invitação	2	invitar	Va→Naa	m.q.: invitamento	-mento
irritação	2	irritar	Vap<Vpp→Nae		
isolação	2	isolar	Vap→Naa<Nae		-mento
japonização	H	japonizar	Vp→Nap		
lastração	2	lastrar	Vap→Naa		-mento, -gem
lavação	2	lavar	Vap→Naa		-gem
lavração	H	lavrar	Vap→Naa		
lealdação	2	lealdar	Vap→Naa		-mento
lenição	A	lenir	Vap→Nap		
levação	H		ção ³		
liação	2	liar	Vap→Naa		
licencição	2	licenciar	Vap→Naa	m.q.: licenciamento	-mento
ligação	2	ligar	Vap→Naa<Nae		-mento, -dura
limpação	2	limpar	Vap→Naa		-mento, der.regr. , -eza
lixção	2	lixar	Vap→Naa		-mento
locupletação	2	locupletar	Vp→Nap		-mento
logração	2	lograr	Vap→Naa<Nae		der.regr.
louvação	2	louvar	Va→Naa		-mento
lubrificação	2	lubrificar	Vap→Naa<Nae		-mento
maceração	2	macerar	Vap→Nap<Nae		-mento
machucação	2	machucar	Vap→Naa		der.regr. , -dura
manuseação	2	manusear	Va→Naa	m.q.: manuseio	der.regr.
martelação	2	martelar	Vap→Naa	m.q.: martelagem	-gem
mastreação	2	mastrear	Vap→Naa<Nc		-mento
matização	2	matizar	Vap→Naa		-mento
medicação ¹	2	medicar	Vap→Naa		
monitoração	2	monitorar	Vap→Naa		-mento, -gem
mudação	H	mudar	Vap→Naa	m.q.: mudança	
namoração	2	namorar	Va→Naa		der.regr.
narcisação	2	narcisar-se	Vap→Nap	m.q.: narcisamento	-mento
negação	2	negar	Va→Naa<Nae		-mento, der.regr.
negociação	2	negociar	Vap→Naa		
niponização	H	niponizar	Vap→Nap	m.q.: japonização	
nivelação	2	nivelar	Vap→Naa		-mento
norteação	H	nortear	Vap→Naa	m.q.: norteamento	-mento
nutrição	2	nutrir	Vap→Naa		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
obrigação	2	obrigar	Vap→Naa<Nae		
obumbração	2	obumbrar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: obumbramento	-mento
ofuscação	2	ofuscar	Vap→Nap		-mento
ondulação	2	ondular	Vap→Nap<Nae		
ordenação	2	ordenar	Vap→Naa<Nae		-mento
partição	2	partir	Vap→Naa		
patenteação	2	patentear	Vap→Naa		-mento
pegação	2	pegar	Vap→Naa		
peneiração	2	peneirar	Vap→Naa		-mento, -da
perdição	2	perder	Vap<Vpp→Nae		der.regr.
perfilhação	2	perfilhar	Vap→Naa		-mento
perpetuação	2	perpetuar	Vap→Nap		-mento
persuasão	2	persuadir	Vap→Nap	m.q.: persuasão	
pichação	2	pichar	Vap→Naa<Nc		-mento
pipocação	H	pipocar	Vp→Nap	m.q.: pipocamento	-mento
piscação	2	piscar	Vap→Naa		-dela
polvilhação	2	polvilhar	Vap→Naa		-mento
posteação	2	postear	Vap→Naa	m.q.: posteamento	-mento
postergação	2	postergar	Vap→Naa		-mento
povoação	2	povoar	Vap→Naa<Nc		-mento
predicação	2	predicar	Va→Naa		
preparação	2	preparar	Vap→Naa<Nc		-mento, der.regr. , -tivo
prestação	2	prestar	Vap→Naa		
proferição	2	proferir	Va→Naa		-mento
prolongação	2	prolongar	Vap→Nap		-mento, der.regr.
pronúnciação	2	pronunciar	Va→Naa		-mento
prossecução	2	prosseguir	Va→Naa	m.q.: prosseguimento	-mento
prosternação	2	prosternar	Va→Naa<Nae		-mento
pululação	2	pulular	Vp→Nap		-mento
puxação	2	puxar	Vap→Naa		-mento, -da
quebrantação	H	quebrantar	Vap→Naa		der.regr.
queimação	2	queimar	Vap→Naa<Nae		-mento, der.regr. , -dura
quitação	2	quitar	Vap→Naa<Nc		-mento, der.regr.
raciocinação	2	raciocinar	Va→Naa		der.regr.
rasgação	A	rasgar	Vap→Naa<Nc	m.q.: rasgamento	-mento
rateação	2	ratear	Vap→Nap	m.q.: rateio	der.regr.
rebrotação	2	rebrotar	Vp→Nap		-mento
recapeação	H	recapear	Vap→Naa	m.q.: recapeamento	-mento
recontação	H	recontar	Va→Naa	m.q.: recontagem	-gem
redomoneação	2	redomonear	Vap→Naa		-mento
refinação	2	refinar	Vap→Naa		der.regr. , -dura
reflorestação	H	reflorestar	Vap→Naa	m.q.: reflorestamento	-mento
regulação	2	regular	Vap→Naa		
regurgitação	2	regurgitar	Vp→Nap		-mento
relaxação	2	relaxar	Vap→Nap		-mento, der.regr.
relevação	H	relevar	Va→Naa<Nae	m.q.: relevamento	-mento
religação	2	religar	Vap→Naa		-mento
remodelação	2	remodelar	Vap→Naa		-mento, -dura
rendição	2	render	Vap→Naa		
renegação	2	renegar	Va→Naa		-mento
renovação	2	renovar	Vap→Naa		-mento
renúnciação	2	renunciar	Va→Naa	m.q.: renúncia	der.regr.
reordenação	2	reordenar	Vap→Naa		-mento

palavras com -ção	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
repartição	2	repartir	Vap→Naa<Nc		der.regr.
repleção	2		ção3		
reportação	2	reportar	Va→Naa		-mento
repristinação	2	repristinar	Vap→Naa		
respiração	2	respirar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
ressecação	2	ressecar	Vap→Nap<Nae	m.q.: ressecamento	-mento
ressuscitação	2	ressuscitar	Vap→Naa		-mento
retardação	2	retardar	Vap→Nap		
revibração	H	revibrar	Vap→Naa		-mento
salgação	2	salgar	Vap→Naa		der.regr.
salvação	2	salvar	Vap→Naa<Nae		
sedição	H		ção3		
segregação	2	segregar	Vap→Naa		-mento
serração	2	serrar	Vap→Naa		-mento, -dura, -gem, -dela
sessação	2	sessar	Vap→Naa	m.q.: sessamento	-mento
sombreação	2	sombrear	Vap→Nap		-mento
sonegação	2	sonegar	Vap→Naa		der.regr.
soterração	2	soterrar	Vap→Nap		-mento
subornação	2	subornar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
sufocação	2	sufocar	Vap→Nap<Nae		
suplicação	2	suplicar	Va→Naa		der.regr.
tapação	2	tapar	Vap→Naa		-mento, der.regr. , -dura
temporização	2	temporizar	Vap→Naa		-mento
tentação	2	tentar	Vap→Naa<Nae		
tiração	2	tirar	Vap→Naa		
titilação	2	titilar	Vap→Naa		-mento
titubeação	2	titubear	Va→Naa		-mento, der.regr.
torção	2		ção3		
torvação	2	torvar	Vap→Naa<Nae		-mento
tra(n)spassação	2	tra(n)spassar	Vap→Naa		
traição	2	trair	Vap→Naa		
transfiguração	2	transfigurar	Vap→Nap		
transmutação	2	transmudar	Vap→Nap		-mento
transportação	2	transportar	Vap→Naa		der.regr.
travação	2	travar	Vap→Naa		-mento, der.regr. , -gem
trituração	2	triturar	Vap→Naa		-mento, der.regr.
trucidação	2	trucidar	Vap→Naa		-mento
turbação	2	turbar	Vap→Naa<Nae		-mento
turvação	2	turvar	Vap→Nap<Nae		-mento
vagação	H	vagar	Vp→Nap		-mento
validação	2	validar	Vap→Naa		-mento
vereação	2	verear	Vap→Naa<Nae		
viciação	2	viciar	Vap→Naa<Nae		-mento
vingação	H	vingar	Vap→Naa	m.q.: vingança	
viração	2	virar	Vap→Naa<Nc		
xingação	2	xingar	Va→Naa		-mento, der.regr. , -ria
zingração	2	zingrar	Va→Naa		

**ANEXO C – PALAVRAS COM –MENTO
RECOLHIDAS NO NDA E NO DEH**

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
abafamento	2	abafar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr. , dura
abalroamento	2	abalroar	Vap→Nap		-ção, da
abanamento	2	abanar	Vap→Naa		-dura
abandalhamento	2	abandalhar	Vap→Naa<Nae	m.q.: abandalhação	-ção
abarbetamento	H	abarbetar	Vap→Naa		-ção
abarticulamento	H	abarticulação	mento3		
abjuramento	2	abjurar	Va→Naa	m.q.: abjuração	-ção
abolimento	2	abolir	Vap→Naa	m.q.: abolição	-ção
abonamento	2	abonar	Vap→Nap<Nae		-ção
abortamento	2	abortar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
abotoamento	2	abotoar	Vap→Naa<Nc		-dura
abreviamento	2	abreviar	Vap→Naa<Nae	m.q.: abreviação	-ção
ab-rogamento	2	ab-rogar	Vap→Naa	m.q.: ab-rogação	-ção
absolvimento	H	absolver	Vap→Naa	m.q.: absolvição	-ção
abundamento	H	abundar	Ve→Nae	m.q.: abundância	-ncia
acalmamento	H	acalmar	Vap→Naa<Nae	m.q.: acalmação	-ção
acamamento	2	acamar	Vap→Nap		
açambarcamento	2	açambarcar	Va→Naa		-ção, der.regr. , -gem
acanhamento	2	acanhara	Vap<Vpp→Nae		-ção
acareamento	2	acarear	Va→Naa	m.q.: acareação	
acaroamento	H	acaroar	Va→Naa		
acasalamento	2	acasalar	Va→Naa		-ção
acavalamento	2	acavalara	Vap<Vpp→Nae		-ção
aceiramento	2	aceirar	Vap→Naa		-ção
aceitamento	A	aceitar	Va→Naa	m.q.: aceitação	
aceleramento	2	acelerar	Vap→Nap		-ção
aceramento	2	acerar	Vap→Naa	m.q.: aceragem	-gem
achincalhamento	2	achincalhar	Va→Naa	m.q.: achincalhação	-ção
aclaramento	2	aclarar	Vap→Naa	m.q.: aclaração	-ção
aclimamento	2	aclimar	Vap→Nap	m.q.: aclimação	-ção
acobreamento	H	acobrear	Vap→Naa	m.q.: acobreação	-ção
acocoramento	2	acocorar	Vap→Naa<Nae		
acomodamento	2	acomodar	Vap→Naa<Nae	m.q.: acomodação	-ção
acompadramento	H	acompadrar	Vap→Nap		
acondicionamento	2	acondicionar	Vap→Naa<Nae		-ção
acoplamento	2	acoplar	Vap<Vpp→Nae		-ção, -gem

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
acordamento	2	acordar2	Vap→Nap		
acuação	2	acuar	Vap→Naa		-ção
acultramento	H	aculturar	Vp→Nap<Nae	m.q.: aculturação	-ção
acusamento	2	acusar	Va→Naa	m.q.: acusação	-ção
adernamento	2	adernar	Vap→Nap		-ção
adestramento	2	adestrar	Vap→Naa		-ção
adição	2	adicionar	Vap→Naa	m.q.: adição	-ção
aditamento	2	aditar	Va→Naa<Nae		
adivinhamento	H	adivinhar	Va→Naa		-ção
adje(c)tivamento	2	adjetivar	Vap→Naa	m.q.: adjetivação	-ção
adoramento	H	adorar	Va→Naa<Nae	m.q.: adoração	-ção
adquirimento	H	adquirir	Vap→Naa		
adubamento	H	adubar	Vap→Naa	m.q.: adubação	-ção
adunamento	2	adunar	Vap→Naa	m.q.: adunação	
afeitamento	H	afeitar	Vap→Naa<Nae	m.q.: afeitamento	-ção
aferimento	2	aferir	Va→Naa	m.q.: aferição	-ção
aferventamento	H	aferventar	Vap→Nap	m.q.: aferventação	-ção
afervoramento	H	afervorar	Vap<Vpp→Nae		-ção
afiamento	2	afiar	Va→Naa	m.q.: afiação	-ção
afilamento	2	afilar	Va→Naa		-ção
afilhamento	H	afilhar	Vap→Naa		-ção
afinamento	2	afinar	Vap→Nap		-ção
afirmamento	H	afirmar	Va→Naa<Nae	m.q.: afirmação	-ção
afloramento	2	aflorar	Vp→Nap		-ção
afobamento	2	afobar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: afobação	-ção
afogamento	2	afogar	Vap→Nap		der.regr.
aforamento	2	aforar	Vap→Naa<Nc		
afrontamento	2	afrontar	Va→Naa<Nae		der.regr.
agarramento	2	agarrar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr.
agenciamento	2	agenciar	Vap→Naa		
agitamento	2	agitar	Vap→Nap	m.q.: agitação	-ção
aglutinamento	2	aglutinar	Vap→Nap	m.q.: aglutinação	-ção
agravamento	2	agravar	Vp→Nap		-ção
agrupamento	2	agrupar	Vap→Nap<Nae		-ção
ajeitamento	2	ajeitar	Vap→Nap		-ção
alagamento	2	alagar	Vap→Nap<Nc		-ção
alç(e)amento1	2	alç(e)ar1	Vap→Nap		-ção
alç(e)amento2	2	alç(e)ar2	Vap→Naa		
aleitamento1	2	aleitar1	Va→Naa		-ção
aleitamento2	2	aleitar2	Vap→Naa		
alfabetamento	2	alfabetar	Vap→Naa	m.q.: alfabetação	-ção
alheamento	2	alhear	Va→Naa<Nae		-ção
aliciamento	2	aliciar	Va→Naa		-ção
alienamento	H	alienar	Vap→Naa	m.q.: alienação	-ção
alijamento	2	alijar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
alimpamento	2	alimpar	Vap→Naa	m.q.: limpamento	
aliteramento	2	aliterar	Vap→Nap	m.q.: aliteração	-ção
aliviamento	2	aliviar	Vap→Nap	m.q.: alívio / parto	-ção, der.regr.
alojamento	2	alojar	Vap→Naa<Nc		-ção
alteamento	2	altear	Vap→Naa		-ção
alucinamento	2	alucinar	Vap<Vpp→Nae		
alugamento	2	alugar	Vap→Naa		-ção
aluiramento	2	aluir	Vap→Nap		-ção
alumiamento	2	alumiar	Vap→Naa<Nae		-ção
alvidramento	2	alvidrar	Vap→Naa	m.q.: alvidração	-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
amalgamamento	H	amalgamar	Vap→Nap	m.q.: amalgamação	-ção
amoedamento	H	amoedar	Vap→Naa		
amolgação	H	amolgar	Vap→Naa	m.q.: amolgadura	-dura
amontoamento	2	amontoar	Vap→Naa<Nc		-ção
amostramento	H	amostrar	Vap→Nap	m.q.: amostra	der.regr.
amotinamento	H	amotinar	Vap→Naa	m.q.: amotinação	
ampliamiento	H	ampliar	Vap→Naa<Nc	m.q.: ampliação	-ção
andamento	2	andar	Vap→Nap		-da , -dura
anelamento	H	anelar2	Vap→Naa		-dura
angariamento	2	angariar	Vap→Naa	m.q.: angariação	-ção
aniilamento	H	aniilar	Vap→Naa	m.q.: aniilação	-ção
aniquilamento	2	aniquilar	Vap→Nap<Nae		-ção
anulamento	H	anular	Vap→Naa	m.q.: anulação	-ção
apalpamento	2	apalpar	Va→Naa	m.q.: apalpação	-ção
apanhamento	2	apanhar	Vap→Naa	m.q.: apanha	der.regr.
apartamento1	2	apartar	Vap→Naa<Nae		-ção
apartamento2	2	apart*	mento3		
apassivamento	2	apassivar	Vap→Nap	m.q.: apassivação	-ção
apegamento	2	apegar-sel	Vap→Nap		-ção
apelamento	2	apelar	Va→Naa		-ção, der.regr.
apensamento	2	apensar	Vap→Naa		-ção
apepinamento	H	apepinar	Vap→Naa	m.q.: apepinação	-ção
aperreamento	2	aperrear	Vap→Naa<Nae	m.q.: aperreação	-ção
aplacamento	H	aplacar	Vap→Nap<Nae		
aplanamento	2	aplanar	Vap→Naa		-ção
aplicamento	H	aplicar	Vap→Naa<Nae	m.q.: aplicação	-ção
apoderamento	H	apoderar	Va→Naa	m.q.: apoderação	-ção
aporrinhamento	2	aporrinhar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: apoquentação	
aposentamento	2	aposentar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: aposentadoria	-(do)ria
apreciamento	H	apreciar	Va→Naa		-ção
aprimoramento	2	aprimorar	Vap→Naa		
aprofundamento	2	aprofundar	Vap→Nap		-ção
aprontamento	2	aprontar	Vap→Nap		-ção
apropriamento	H	apropriar	Vap→Naa	m.q.: apropriação	
aproveitamento	2	aproveitar	Vap→Naa<Nae		
apuramento	2	apurar	Vap→Naa	m.q.: apuração	-ção
aquietamento	H	aquietar	Vap→Nap		-ção
aquilatamento	2	aquilatar	Vap→Naa	m.q.: aquilatação	-ção
arbitramento	2	arbitrar	Va→Naa<Nae	m.q.: arbitragem	-gem
arcaizamento	H	arcaizar	Vap→Nap	m.q.: arcaização	-ção
armamento1	2	armar	Vap→Naa		-ção
armamento2	2	armas	mento2		
arpoamento	H	arpoar	Vap→Naa	m.q.: arpoação	-ção
arqueamento	2	arquear	Vap→Nap		-ção
arquivamento	2	arquivar	Vap→Naa		-ção
arranchamento	2	arranchar	Vap→Naa<Nc		
arrazoamento	2	arrazoar	Va→Naa		-ção, -do
arreamento	2	arrear	Vap→Naa<Nc		
arrebentamento	2	arrebentar	Vap→Nap<Nae		
arrecadamento	2	arrecadar	Vap→Naa<Nc	m.q.: arrecadação	-ção
arrendamento	2	arrender	Vap→Naa<Nc		-ção
arrepelamento	2	arrepelar	Va→Naa	m.q.: arrepelão	-ão
arriamento	H	arriar	Vap→Nap	m.q.: arriação	-ção
arrobamento	2	arrobar	Vap→Naa		-gem
arroteamento	2	arrotear	Vap→Naa		-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
arruamento	2	arruar	Vap→Naa		-ção, -do
arruinamento	2	arruinar	Vap→Naa		-ção
arrumamento	H	arrumar	Vap→Naa	m.q.: arrumação	-ção
assanhamento	2	assanhar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr.
asseguramento	2	assegurar	Vap→Naa	m.q.: asseguaração	-ção
assinalamento	2	assinalar	Vap→Naa<Nae		-ção
assolamento	2	assolar	Vap→Naa	m.q.: assolação	-ção
assombramento	2	assombrar	Vap→Nap		
atabalhoamento	2	atabalhoar	Vap<Vpp→Nae		-ção
atarantamento	H	atarantar	Vap→Nap	m.q.: atarantação	-ção
atemorizamento	H	atemorizar	Vap→Nap		
atempamento	H	atempar	Vap→Naa	m.q.: atempação	-ção
atestamento	H	atestar2	Vap→Naa		
atiçamento	2	atiçar	Vap→Naa		-ção
atormentamento	H	atormentar	Vap→Naa<Nae	m.q.: atormentação	-ção
atracamento	2	atracar	Vap→Naa		
atropelamento	2	atropelar	Vap→Nap		der.regr.
autuamento	H	autuar	Vap→Naa	m.q.: autuação	-ção
avacalhamento	2	avacalhar	Vap→Naa<Nae	m.q.: avacalhação	-ção
averbamento	2	averbar	Vap→Naa<Nae		-ção
avexamento	H	avexar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: vexame	
aviamento	2	aviar	Vap→Naa<Nc		der.regr.
aviltamento	2	aviltar	Vap→Naa<Nae		
avizinhamto	H	avizinhar	Vap→Naa		-ção
avocamento	H	avocar	Vap→Naa	m.q.: avocação	-ção
balbuciamto	H	balbuciar	Va→Naa	m.q.: balbuciação	-ção
barramento1	2	barrar	Vap→Naa<Nc		
barramento2	2	barras	mento2		
batimento	2	bater	Vap→Nap		der.regr. , -da
beneficiamento	2	beneficiar	Vap→Naa<Nae		-ção
bifurcamento	H	bifurcar	Vap→Naa<Nc	m.q.: bifurcação	-ção
bolchevizamento	H	bolchevizar	Vap→Naa		
bombeamento	2	bombear	Vap→Nap		
botamento	H	botar	Vap→Naa		-ção
branqueamento	2	branquear	Vap→Nap		
brotamento	2	brotar	Vp→Nap		-ção, -dura
calafetamento	2	calafetar	Vap→Naa		-ção
caldeamento	2	caldear	Vap→Nap		-ção
canonizamento	H	canonizar	Vap→Naa	m.q.: canonização	-ção
captamento	H	captar	Vap→Naa	m.q.: captação	-ção
carenamento	H	carenar	Vap→Naa	m.q.: carenagem	
carpimento	2	carpir	Vap→Naa		-dura
carregamento	2	carregar	Vap→Naa		
castramento	H	castrar	Vap→Naa		-ção
cavalgamento	2	cavalgar	Va→Naa		
cavamento	H	cavar	Vap→Naa<Nae	m.q.: cavação	-ção
centrifugamento	H	centrifugar	Vap→Nap	m.q.: centrifugação	-ção
cerramento	2	cerrar	Vap→Naa		-ção, -dura
certificamento	H	certificar	Vap→Naa	m.q.: certificação	-ção
cessamento	2	cessar	Va→Naa	m.q.: cessação	-ção
chacoalhamento	H	chacoalhar	Vap→Nap	m.q.: chacoalhação	-ção
clareamento	2	clarear	Vap→Nap		-ção
cobreamento	H	cobrear	Va→Naa	m.q.: cobreação	-ção
cobrimento	2	cobrir	Vap→Naa		-ção
coleccionamento	2	coleccionar	Vap→Naa	m.q.: colecionação	-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
compartimento	2	compartir	mento3		
comportamento	2	comportar	Va→Naa<Nae		
concatenamento	2	concatenar	Vap→Nap	m.q.: concatenação	-ção
confrontamento	A	confrontar	Vap→Naa	m.q.: confrontação	-ção
congelamento	2	congelar	Vap→Nap<Nae		
consolamento	H	consolar	Vap→Nap		-ção
cordeamento	2	cordear	Vap→Naa		-ção
coroamento	2	coroar	Vap→Naa		-ção
corrimento	2	correr	Va→Naa<Nc		
cotamento	2	cotar	Vap→Naa<Nae		-ção
cravamento	2	cravar	Vap→Naa<Nc		-ção
credenciamento	2	credenciar	Vap→Naa		-ção
crispamento	2	crispar	Vap→Nap	m.q.: crispação	-ção
crucifamento	2	crucificar	Vap→Naa<Nae	m.q.: crucificação	-ção
curtimento	2	curtir	Vap→Naa		-ção, -dura
danifamento	2	danificar	Vap→Naa<Nae	m.q.: danificação	-ção
dealbamento	H	dealbar	Vp→Nap	m.q.: dealbação	-ção
dealvamento	H	dealvar	Vp→Nap	m.q.: dealbamento	
debagamento	H	debagar	Vap→Naa	m.q.: debaga	der.regr.
debilitamento	2	debilitar	Vap→Nap	m.q.: debilitação	-ção
debruamento	H	debruar	Vap→Naa		-ção
deciframento	2	decifrar	Vap→Naa	m.q.: decifração	-ção
decretamento	H	decretar	Vap→Naa	m.q.: decretação	-ção
dedilhamento	2	dedilhar	Vap→Naa		-ção, -do
definhamento	2	definhar	Vap→Nap		-ção
defloramento	2	deflorar	Vp→Nap<Nae	m.q.: defloração	-ção
defraudamento	2	defraudar	Vap→Naa	m.q.: defraudação	-ção
defrontamento	A	defrontar	Va→Naa	m.q.: defrontação	-ção
degolamento	2	degolar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
degradamento	H	degradar	Vap→Nap	m.q.: degradação	-ção
deixamento	2	deixar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
deleitamento	2	deleitar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr.
delineamento	2	delinear	Vap→Nap<Nae		-ção
deliramento	2	delirar	Ve→Nae		der.regr.
demolimento	H	demolir	Vap→Naa	m.q.: demolição	-ção
denunciamento	H	denunciar	Vap→Naa	m.q.: denúncia	der.regr.
departimento	2	departir	Vap→Naa		-ção
depauperamento	2	depauperar	Vap→Nap		-ção
derramamento	2	derramar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
derrogamento	2	derrogar	Vap→Naa	m.q.: derrogação	-ção
desafinamento	2	desafinar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desafinação	
desaleitamento	H	desaleitar	Vap→Nap		
desalgemamento	H	desalgemar	Vap→Naa		-ção, -gem
desamodorramento	H	desamodorrar	Vap→Naa		
desamolgamento	H	desamolgar	Vap→Naa		
desamontoamento	H	desamontoar	Vap→Naa		
desanuviamiento	H	desanuviar	Vap→Naa		-ção
desapropriamento	H	desapropriar	Vap→Naa	m.q.: desapropriação	-ção
desautorizamento	H	desautorizar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desautorização	-ção
desbalizamento	H	desbalizar	Vap→Naa		-ção
desbastamento	H	desbastar	Vap→Naa	m.q.: desbaste	der.regr.
desbatizamento	H	desbatizar	Vap→Naa		-ção
desbocamento	H	desbocar	Vap→Naa<Nae		
descaramento	H	descarar	Vap<Vpp→Nae		-ção, der.regr.
descascamento	2	descascar	Vap→Naa		-ção, der.regr. , -dura

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
descaudamento	H	descaudar	Vap→Nap		-ção
descimbramento	2	descimbrar	Vap→Nap		-ção
descoagulamento	2	descoagular	Vap→Nap		
descoivamento	H	descoivar	Vap→Naa	m.q.: descoivaração	-ção
descongelamento	2	descongelar	Vap→Naa		-ção
desconjuntamento	2	desconjuntar	Vap→Naa		-ção
desembaulamento	H	desembaular	Vap→Naa	m.q.: desembaulação	-ção
desembolamento	H	desembolar	Vap→Naa		-ção
desembrenhamento	H	desembrenhar	Vap→Naa		-ção
desembruscamento	H	desembruscar	Vap→Naa		-ção
desembruxamento	H	desembruxar	Vap→Naa		-ção
desemburramento	H	desemburrar	Vap→Naa<Nae		-ção
desemburricamento	H	desemburricar	Vap→Naa		-ção
desemolduramento	H	desemoldurar	Vap→Naa		-ção
desempacamento	H	desempacar	Vap→Naa		-ção
desempalhamento	H	desempalhar	Vap→Naa	m.q.: desempalhação	-ção
desempoleiramento	H	desempoleirar	Vap→Naa	m.q.: desempoleiração	-ção
desempolgamento	H	desempolgar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desempolgação	-ção
desemprenhamento	H	desemprenhar	Vap→Naa	m.q.: desemprenhação	-ção
desempunhamento	H	desempunhar	Vap→Naa		-ção
desenamramento	H	desenamorar	Vap→Nap		-ção
desencabamento	H	desencabar	Vap→Nap		-ção
desencabulamento	H	desencabular	Vap→Nap		-ção
desencadeamento	2	desencadear	Vap→Nap		-ção, der.regr.
desencaipramento	H	desencaiporar	Vap→Naa		-ção
desencaixilhamento	H	desencaixilhar	Vap→Naa		
desencambamento	H	desencambar	Vap→Naa		
desencanamento	H	desencanar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desencanação	-ção
desencantamento	2	desencantar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
desencantoamento	H	desencantoar	Vap→Naa		-ção
desencapamento	2	desencapar	Vap→Naa		-ção
desencaracolamento	H	desencaracolar	Vap→Naa		-ção
desencarrancamento	H	desencarrancar	Vap→Nap		-ção
desencasacamento	H	desencasacar	Vap→Naa		-ção
desencascamento1	H	desencascar1	Vap→Naa		-ção
desencascamento2	H	desencascar2	Vap→Naa		-ção
desencavacamento	H	desencavacar	Vap→Naa		-ção
desencavilhamento	H	desencavilhar	Vap→Naa		-ção
desenclavinamento	H	desenclavinhar	Vap→Naa		-ção
desencoifamento	H	desencoifar	Vap→Naa		-ção
desencomendamento	H	desencomendar	Va→Naa		-ção
desenconchamento	H	desenconchar	Vap→Naa	m.q.: desenconchação	-ção
desencordoamento	H	desencordoar	Vap→Naa		-ção
desencouramento	H	desencourar	Vap→Naa		-ção
desencravamento	H	desencravar	Vap→Naa		
desencrespamento	H	desencrespar	Vap→Naa<Nae		-ção
desencurvamento	H	desencurvar	Vap→Naa		-ção
desenevoamento	H	desenevoar	Vp→Nap<Nae		
desenfartamento	H	desenfartar	Vap→Nap		-ção
desenfiamento	H	desenfiar	Vp→Nap		-ção
desenfloramento	H	desenflorar	Vap→Naa	m.q.: desenfloração	-ção
desenfronhamento	H	desenfronhar	Vap→Naa	m.q.: desenfronhação	-ção
desenfurnamento	H	desenfurnar	Vap→Naa		-ção
desenfuscamento	H	desenfuscar	Vap→Nap		-ção
desenrugamento	H	desenrugar	Vap→Nap<Nae		-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
desentediamento	H	desentedi	Vap→Nap<Nae		-ção
desentoamento	2	desentoar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desentoação	-ção
deserdamento	2	deserdar	Vap→Naa	m.q.: deserdação	-ção
desfeiteamento	H	desfeitear	Vap→Naa	m.q.: desfeiteação	-ção
desfiguramento	H	desfigurar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desfiguração	-ção
desfloramento	2	desflorar	Vp→Nap<Nae	m.q.: desfloração	-ção
desflorestamento	2	desflorestar	Vap→Naa<Nae		-ção
desfolhamento	2	desfolhar	Vap→Naa	m.q.: desfolhação	-ção
desleixamento	2	desleixar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
desligamento	2	desligar	Vap→Naa<Nae		
deslindamento	2	deslindar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
desmamamento	H	desmamar	Vap→Nap	m.q.: desmama	der.regr.
desmembramento	2	desmembrar	Vap→Nap<Nc		-ção
desmemoriamento	H	desmemoriar	Vp→Nap<Nae		-ção
desmoronamento	2	desmoronar	Vap→Nap		-ção
desnorreamento	2	desnorrear	Vap<Vpp→Nae		-ção, der.regr.
desnudamento	2	desnudar	Vap→Naa		
desobumbramento	H	desobumbrar	Vp→Nap		-ção
desolamento	2	desolar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desolação	-ção
desordenamento	H	desordenar	Vap→Naa	m.q.: desordenação	-ção
desorientamento	2	desorientar	Vap→Naa<Nae	m.q.: desorientação	-ção
desovamento	2	desovar	Vap→Naa	m.q.: desova	der.regr.
despiolhamento	H	despiolhar	Vap→Naa		-ção
despoetizamento	H	despoetizar	Vap→Naa	m.q.: despoetização	-ção
despovoamento	2	despovoar	Vap→Nap	m.q.: despovoação	-ção
desprateamento	H	despratear	Vap→Nap		-ção, -dura
desproporcionamento	2	desproporcionar	Vp→Nap		-ção
dessacramento	H	dessacrar	Vap→Naa		-ção
dessalgamento	2	dessalgar	Vap→Naa		-ção
dessecamento	2	dessecar	Vap→Naa	m.q.: dessecação	-ção
dessegregamento	H	dessegregar	Vap→Nap<Nae	m.q.: dessegregação	-ção
destronamento	2	destronar	Vap→Naa		
desvirtuamento	2	desvirtuar	Vap→Nap		-ção
deterioramento	H	deteriorar	Vap→Nap		-ção
detrimento	2	detr*	mento3		
devotamento	2	devotar	Va→Naa<Nae		-ção
dilaceramento	2	dilacerar	Vap→Nap	m.q.: dilaceração	-ção
dilatamento	H	dilatar	Vap→Naa	m.q.: dilatação	-ção
dilucidamento	2	dilucidar	Vap→Naa	m.q.: dilucidação	-ção
diluímento	2	diluir	Vap→Naa	m.q.: diluição	-ção
distanciamento	2	distanciar	Vap→Nap<Nae		
dobramento	2	dobrar	Vap→Nap<Nc		-ção, -dura , -gem
doi(u)ramento	2	do(i/u)rar	Vap→Naa		-ção, -dura
doutrinamento	2	doutrinar	Vap→Naa	m.q.: doutrinação	-ção
duramento	H	durar	Vp→Nap<Nae	m.q.: duração	-ção
elevamento	2	elevar	Vap→Naa<Nae	m.q.: elevação	-ção
embalsamamento	2	embalsamar	Vap→Naa		-ção
embaralhamento	H	embaralhar	Vap→Nap		
embarcamento	2	embarcar	Vap→Naa	m.q.: embarque	der.regr.
embebimento	A	embeber	Vp→Nap		
embruxamento	H	embruxar	Vap→Naa		
empalamento	H	empalar	Vap→Naa<Nae	m.q.: empalação	-ção
empalhamento	2	empalhar	Vap→Nap		-ção
emplast(r)amento	2	emplast(r)ar	Vap→Naa	m.q.: emplastração	-ção
empolgamento	H	empolgar	Vap→Naa		-da

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
encabulamento	2	encabular	Vap→Naa<Nae		-ção
encadeamento	2	encadear	Vap→Nap<Nae		-ção
encalhamento	2	encalhar	Vp→Nap<Nae	m.q.: encalhe	der.regr.
encalistramento	2	encalstrar	Vap→Naa<Nae		-ção
encanamento	2	encanar	Vap→Nap<Nc		
encantamento	2	encantar	Vap→Naa<Nae		
encaracolamento	H	encaracolar	Vap→Naa		-ção
encarceramento	2	encarcerar	Vap→Naa		-ção
encartamento	2	encartar	Vap→Naa	m.q.: encartação	-ção
encastoamento	H	encastoar	Vap→Naa		-ção
encavacamento	H	encavacar	Vap→Naa	m.q.: encavacação	-ção
encoivamento	2	encoivarar	Vap→Naa		-ção
encordoamento	2	encordoar	Vap<Vpp→Nae		-ção
encravamento	2	encravar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr.
encrespamento	2	encrespar	Vap→Nap		
encurvamento	2	encurvar	Vap→Nap		-ção, -dura
endeusamento	2	endeusar	Va→Naa<Nae		
enervamento1	2	enervar1	Vap→Nap<Nae		-ção, -ncia
enervamento2	2	enervar2	Vap→Naa<Nc		-ção
enfartamento	2	enfartar	Vp→Nap	m.q.: enfarte/infarto	der.regr.
enfatuamento	2	enfatuar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: enfatuação	-ção
enfiamento	2	enfiar	Vap→Nap<Nae		-ção, -dura
enfolhamento	2	enfolhar	Vp→Nap		-ção
enfuriamento	H	enfuriar	Va→Naa<Nae		-ção
engendramento	H	engendrar	Vap→Nap		-ção, der.regr.
engradamento	2	engradar	Vap→Naa<Nc		-ção, -gem
enlevamento	2	enlevar	Vap→Nap<Nae		-ção, der.regr.
enquadramento	2	enquadrar	Vap→Naa		-ção
enramamento	2	enramar	Vap→Naa		-ção
enrugamento	2	enrugar	Vap→Naa		-ção
ensecamento	H	ensecar	Vap→Naa		-ção, -dura
ensimesmamento	2	ensimesmar-se	Va→Naa<Nae		-ção
ensinamento	2	ensinar	Vap→Naa<Nae		-ção, der.regr. , -nça
enterramento	2	enterrar	Vap→Naa		-ção, der.regr. , -da
entoamento	2	entoar	Va→Naa<Nae		-ção
entralhamento	H	entralhar	Vap→Naa	m.q.: entralhação	-ção
entrevaramento	H	entrevar	Vap<Vpp→Nae		-ção
entronizamento	H	entronizar	Vap→Naa	m.q.: entronização	-ção
entrosamento	2	entrosar	Vap→Naa<Nae		-ção, -gem
envasilhamento	2	envasilhar	Vap→Naa		-ção, -gem
envergonhamento	H	envergonhar	Vap→Nap<Nae		-ção
enxameamento1	2	enxamear1	Vap→Nap<Nae		
enxameamento2	2	enxamear2	Vap→Naa	m.q.: enxameação2	-ção
equipamento	2	equipar	Vap→Naa<Nc		-ção
escalamento	2	escalar	Va→Naa		-ção, -da
escalpamento	2	escalpar	Vap→Naa		-ção
escandalizamento	2	escandalizar	Vap→Naa	m.q.: escandalização	-ção
escoamento	2	escoar	Vap→Naa<Nc		-ção, -dura
esfervilhamento	2	esfervilhar	Va→Naa	m.q.: esfervilhação	-ção
esfregamento	H	esfregar	Vap→Naa	m.q.: esfregação	-ção
esmagamento	2	esmagar	Vap→Naa		-ção, -dura
esmeril(h)amento	2	esmerilar	Vap→Naa	m.q.: esmerilação	-ção
espanholamento	H	espanholar	Vp→Nap		
espelhamento	2	espelhar	Vap→Naa		-ção
espiramento	H	espirar	Vp→Nap		

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
espulgamento	2	espulgar	Vap→Naa	m.q.: espulgação	-ção
esquentamento	2	esquentar	Vap→Nap<Nae		
esquipamento	2	equipar	Vap→Naa	m.q.: esquiapação	-ção
estancamento	2	estancar	Vap→Nap		-ção, der.regr.,-da,-gem
estaqueamento	2	estaquear	Vap→Naa<Nc		-ção, der.regr.
estilamento	H	estilar	Vp→Nap		-ção
estontamento	2	estontear	Vap→Nap<Nae		
estrangulamento	2	estrangular	Vap→Naa<Nae	m.q.: estrangulação	-ção
estriamento	2	estriar	Vap→Nap		
estruturamento	H	estruturar	Vap→Nap	m.q.: estruturação	-ção
evaginamento	H	evaginar	Vap→Naa	m.q.: evaginação	-ção
evitamento	H	evitar	Vap→Naa	m.q.: evitação	-ção
exalçamento	2	exalçar	Va→Naa		-ção
exaltamento	H	exaltar	Va→Naa<Nae	m.q.: exaltação	-ção
exaurimento	H	exaurir	Vap→Naa<Nae	m.q.: exaurição	-ção
excitamento	2	excitar	Vap→Naa<Nae	m.q.: excitação	-ção
excremento	2	excretar	mento3		
exercitamento	H	exercitar	Vap→Naa	m.q.: exercitação	-ção
expatriamento	H	expatriar	Va→Naa	m.q.: expatiação	-ção
extravasamento	2	extravasar	Vap→Nap		-ção
fadigamento	H	fadigar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: fadiga	der.regr.
faturamento	2	faturar	Vap→Naa<Nae		-ção
fechamento	2	fechar	Vap→Naa		-ção, -da, -dura
filtramento	2	filtrar	Vap→Naa	m.q.: filtração	-ção
finamento	2	finar	Vp→Nap		
firmamento	2	firmar	Vap→Naa<Nae		
fissuramento	2	fissurar	Vap→Nap		
forçamento	2	forçar	Vap→Naa		
forramento	2	forrar	Vap→Naa		-ção
frenamento	2	frenar	Vap→Naa	m.q.: frenagem	-gem
fundamento	2	fund	mento3		
fuzilamento	2	fuzilar	Vap→Naa		-ção
gabamento	2	gabar	Va→Naa	m.q.: gabação	-ção
graduamento	2	graduar	Vap→Naa<Nae	m.q.: graduação	-ção
grampeamento	2	grampear	Vap→Naa		
grimpamento	H	grimpar	Vap→Naa	m.q.: grimpagem	-gem
hebetamento	2	hebetar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: hebetação	-ção
herniamento	2	herniar*	Vp→Nap	m.q.: herniação	-ção
igualamento	2	igualar	Vap→Nap		-ção
iluminamento	2	iluminar	Vap→Naa<Nc		-ção, -ncia
impedimento	2	impedir	Vap→Naa<Nae		-ção
incensamento	2	incensar	Va→Naa	m.q.: incensação	-ção
inchamento	2	inchar	Vap→Nap<Nc	m.q.: inchação	-ção
incitamento	2	incitar	Va→Naa	m.q.: inceitação	-ção
increpamento	2	increpar	Va→Naa	m.q.: increpação	-ção
indiciamento	2	indiciar	Va→Naa	m.q.: indiciação	-ção
indigitamento	2	indigitar	Va→Naa		-ção
inebriamento	H	inebriar	Vap→Nap<Nae	m.q.: inebriação	-ção
infiltramento	2	infiltrar	Vap→Naa		-ção
ingurgitamento	2	ingurgitar	Vap→Naa<Nae	m.q.: ingurgitação	-ção
inquinamento	2	inquinar	Vap→Naa	m.q.: inquinação	-ção
inquirimento	2	inquirir	Va→Naa	m.q.: inquirição	-ção
instrumento	2	instrumentar	mento3		
insulamento	2	insular	Vap→Naa<Nae		-ção
internamento	2	internar	Vap→Naa	m.q.: internação	-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
inundamento	2	inundar	Vap→Nap	m.q.: inundaçã	-çã
invitamento	2	invitar	Va→Naa		-çã
irritamento	2	irritar	Vap<Vpp→Nae	m.q.: irritaçã	-çã
isolamento	2	isolar	Vap→Naa<Nae		-çã
japonizamento	H	japonizar	Vp→Nap	m.q.: japonizaçã	-çã
lastramento	2	lastrar	Vap→Naa		-çã, -gem
lavamento	2	lavar	Vap→Naa		-dura, -gem
lavramento	2	lavar	Vap→Naa		-gem
lealdamento	2	lealdar	Vap→Naa	m.q.: lealdaçã	-çã
lenimento	2	lenir	Vap→Nap<Nc		
levamento	2	levar	Vap→Naa<Nc		
liamento	H	liar	Vap→Naa	m.q.: ligamento	
licenciamento	2	licenciar	Vap→Naa		-dura
ligamento	2	ligar	Vap→Naa<Nc		
limpamento	2	limpar	Vap→Naa		-çã, der.regr., -eza
lixamento	2	lixar	Vap→Naa	m.q.: lixaçã	-çã
locupletamento	2	locupletar	Vp→Nap	m.q.: locupletaçã	-çã
logramento	2	lograr	Vap→Nap		-çã, der.regr.
louvamento	2	louvar	Va→Naa	m.q.: louvaçã	-çã
lubrificamento	H	lubrificar	Vap→Naa<Nae	m.q.: lubrificaçã	-çã
maceramento	2	macerar	Vap→Nap		-çã
machucamento	H	machucar	Vap→Naa	m.q.: machucadura	-dura
manuseamento	2	manusear	Va→Naa	m.q.: manuseio	der.regr.
martelamento	2	martelar	Vap→Naa	m.q.: martelagem	-gem
mastreamento	H	mastrear	Vap→Naa		-çã
matizamento	H	matizar	Vap→Naa	m.q.: matizaçã	-çã
medicamento	2	medicar	mento3		
monitoramento	2	monitorar	Vap→Naa	m.q.: monitoraçã	-çã
mudamento	H	mudar	Vap→Naa	m.q.: mudançã	
namoramento	H	namorar	Va→Naa<Nae		-çã, der.regr.
narcisamento	2	narcisar-se	Vap→Nap		-çã
negamento	2	negar	Va→Naa<Nae	m.q.: negaçã	-çã
negociamento	H	negociar	Vap→Naa	m.q.: negociaçã	-çã
niponizamento	H	niponizar	Vap→Nap	m.q.: japonizaçã	
nivelamento	2	nivelar	Vap→Nap<Nae		-çã
norteamamento	2	nortear	Vap→Naa		-çã, der.regr.
nutrimento	2	nutrir	Vap→Naa<Nc		-çã
obrigamento	H	obrigar	Vap→Naa<Nae	m.q.: obrigaçã	-çã
obumbramento	2	obumbrar	Vap<Vpp→Nae		
ofuscamento	2	ofuscar	Vap→Nap	m.q.: ofuscaçã	-çã
ondulamento	H	ondular	Vap→Nap<Nae	m.q.: ondulaçã	-çã
ordenamento	2	ordenar	Vap→Nap<Nae		-çã
partimento	2	partir	Vap→Naa		-da
patenteamento	2	patentear	Vap→Naa		-çã
pegamento	H	pegar	Vap→Nap		
peneiramento	2	peneirar	Vap→Naa		-çã
perdimento	2	perder	Vap→Nap		-çã
perfilhamento	2	perfilhar	Vap→Nap		-çã
perpetuamento	2	perpetuar	Vap→Nap	m.q.: perpetuaçã	-çã
persuadimento	2	persuadir	Vap→Nap	m.q.: persuasã	
pichamento	2	pichar	Vap→Naa<Nc	m.q.: pichaçã	-çã
pipocamento	2	pipocar	Vp→Nap		-çã
piscamento	2	piscar	Vap→Naa	m.q.: piscadela	-dela
polvilhamento	2	polvilhar	Vap→Naa	m.q.: polvilhaçã	-çã
posteamamento	2	postear	Vap→Naa<Nc		

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
postergamento	2	postergar	Vap→Naa	m.q.: postergação	-ção
povoamento	2	povoar	Vap→Naa		-ção
predicamento	2	predicar*	mento3		
preparamento	2	preparar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
prestamento	2	prestar	Vap→Naa		-ção
proferimento	2	proferir	Va→Naa		-ção
prolongamento	2	prolongar	Vap→Nap<Nc		-ção
pronunciamento	2	pronunciar	Va→Naa		-ção
prosseguimento	2	prosseguir	Va→Naa		
prosternamento	2	prosternar	Va→Naa<Nae	m.q.: prosternação	-ção
pululamento	2	pulular	Vp→Nap	m.q.: pululação	-ção
puxamento	2	puxar	Vap→Naa<Nae		-ção
quebrantamento	2	quebrantar	Vap→Naa<Nae		der.regr.
queimamento	2	queimar	Vap→Naa		-ção, der.regr., -dura
quitamento	H	quitar	Vap→Naa<Nc		-ção
raciocinamento	2	raciocinar	Va→Naa		der.regr. , -dura
rasgamento	2	rasgar	Vap→Naa<Nc		
rateamento	2	ratear	Vap→Nap	m.q.: rateio	der.regr.
rebrotamento	H	rebrotar	Vp→Nap		-ção
recapeamento	2	recapear	Vap→Naa		-ção
recontamento	H	recontar	Va→Naa	m.q.: recontagem	-gem
redomoneamento	H	redomonear	Vap→Naa		-ção
refinamento	2	refinar	Vap→Naa<Nae		-ção
reflorestamento	2	reflorestar	Vap→Naa		-ção
regulamento	2	regular	Vap→Naa<Nae		
regurgitamento	2	regurgitar	Vp→Nap	m.q.: regurgitação	-ção
relaxamento	2	relaxar	Vap→Nap<Nae		-ção, der.regr.
relevamento	2	relevar	Va→Naa<Nae		-ção, der.regr.
religamento	H	religar	Vap→Naa	m.q.: religação	-ção
remodelamento	2	remodelar	Vap→Naa	m.q.: remodelação	-ção
rendimento	2	render	Vap→Naa<Nae		
renegamento	2	renegar	Va→Naa	m.q.: renegação	-ção
renovamento	2	renovar	Vap→Nap	m.q.: renovação	-ção
renunciamento	2	renunciar	Va→Naa	m.q.: renúncia	der.regr.
reordenamento	2	reordenar	Vap→Nap	m.q.: reordenação	-ção
repartimento	2	repartir	Vap→Naa<Nc		-ção
replemento	2	repler*	mento3		
reportamento	2	reportar	Va→Naa	m.q.: reportagem	-ção
repristinamento	H	repristinar	Vap→Naa	m.q.: repristinação	-ção
respiramento	2	respirar	Vap→Naa	m.q.: respiração	-ção
ressecamento	2	ressecar	Vap→Nap<Nae		-ção
ressuscitamento	2	ressuscitar	Vap→Nap		-ção
retardamento	2	retardar	Vap→Nap<Nae		-ção, der.regr.
revibramento	H	revibrar	Vap→Naa	m.q.: revibração	-ção
salgamento	2	salgar	Vap→Nap		
salvamento	2	salvar	Vap→Naa<Nc		-ção
sedimento	H	sed***	mento3		
segregamento	H	segregar	Vap→Naa	m.q.: segregação	-ção
serramento	2	serrar	Vap→Naa	m.q.: serração	-ção
sessamento	2	sessar	Vap→Naa		-ção
sombreamento	2	sombrear	Vap→Nap<Nc		-ção
sonejamento	2	sonegar	Vap→Naa	m.q.: sonegação	-ção
soterramento	2	soterrar	Vap→Nap		-ção
subornamento	2	subornar	Vap→Naa		-ção, der.regr.
sufocamento	2	sufocar	Vap→Nap<Nae	m.q.: sufocação	-ção

palavras com -mento	dic.	base provável	matriz	remissivas (V. / m.q.)	OM concorrentes
suplicamento	H	suplicar	Va→Naa		-ção, der.regr.
tapamento	2	tapar	Vap→Naa<Nc		-ção, der.regr.,-dura,-gem
temporizamento	2	temporizar	Vap→Naa	m.q.: temporização	-ção
tentamento	2	tentar	Vap→Naa		-ção, -tiva
tiramento	2	tirar	Vap→Naa		-da , -dura
titilamento	2	titilar	Vap→Naa	m.q.: titilação	-ção
titubeamento	A	titubear	Va→Naa	m.q.: titubeação	-ção
tormento	2	tor*	mento3		
torvamento	2	torvar	Vap→Naa<Nae	m.q.: torvação	-ção
traimento	2	trair	Vap→Naa		-ção
transfiguramento	A	transfigurar	Vap→Nap	m.q.: transfiguração	-ção
transmudamento	2	transmudar	Vap→Nap	m.q.: transmutação	-ção
transportamento	2	transportar	Vap→Naa<Nae		der.regr.
traspassamento	2	tra(n)spassar	Vap→Nap<Nae		
travamento1	2	travar	Vap→Nap		-ção, -gem
travamento2	H	travas	mento2		
tritramento	2	triturar	Vap→Naa	m.q.: trituração	-ção
trucidamento	2	trucidar	Vap→Naa		-ção
turbamento	2	turbar	Vap→Naa<Nae		-ção
turvamento	2	turvar	Vap→Nap<Nae		-ção
vagamento	H	vagar	Vp→Nap		-ção
validamento	2	validar	Vap→Naa		-ção
verramento	2	verear	Vap→Naa<Nae		-ção
viciamento	2	viciar	Vap→Naa<Nae	m.q.: viciação	-ção
vingamento	H	vingar	Vap→Naa		
viramento	2	virar	Vap→Naa		-dela
xingamento	2	xingar	Va→Naa<Nc		-ção, der.regr. , -dela
zingramento	H	zingrar	Va→Naa	m.q.: zingração	-ção